

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

CARINA MERSONI

**ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO NO RETRATO:
As fontes populares nas fotografias do Diário Gaúcho**

São Leopoldo

2014

CARINA MERSONI

ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO NO RETRATO:

As fontes populares nas fotografias do Diário Gaúcho

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof^a Dr^a Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo

2014

M574e Mersoni, Carina
Enquadramento jornalístico no retrato: as fontes populares nas fotografias do Diário Gaúcho / Carina Mersoni. – 2014.

289 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.

“Orientadora: Profª Drª Beatriz Alcaraz Marocco”.

1.Fotojornalismo. 2.Jornalismo popular. 3.Jornalismo – Aspectos sociais. I.Título.

CDU 77.044

Catlogação na fonte:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

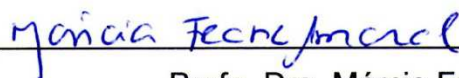
CARINA MERSONI

“ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO NO RETRATO: AS FONTES POPULARES
NAS FOTOGRAFIAS DO DIÁRIO GAÚCHO”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 01 de abril de 2014

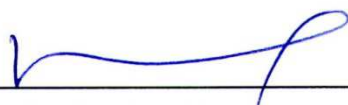
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Márcia Franz Amaral – UFSM



Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras – UFRGS



Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco – UNISINOS

Aos meus pais, Roque e Otilia, alicerces fundamentais em minha vida, por serem meu maior exemplo e meu porto seguro.

À Cris, pela companhia e parceria desde a infância, pelo amor, cumplicidade, amizade.

Ao Marcelo, por todos momentos vividos e por todos que ainda viveremos.

Vocês são fontes de luz permanentes na fotografia de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de aprendizado, de crescimento pessoal e profissional, de amadurecimento, de construção de conhecimentos. Mas também de desafios, angústias, dúvidas. Dois anos intensos, em que muitas vezes parei para refletir sobre o que realmente vale a pena nesta vida, onde o tempo passa tão depressa. Mas não estive sozinha nesta caminhada. Por isso, agradeço de coração a quem foi essencial...

A Deus, pela fé, por me guiar nos caminhos da vida e pelos desafios que me fortaleceram;

Aos meus pais, Roque e Otilia, por todo amor e carinho que sempre uniu nossa família. Pelos ensinamentos. Por apoiarem minhas decisões, especialmente a de abdicar de meu trabalho para dedicar-me exclusivamente aos estudos na reta final desta pesquisa, e, desta forma, permitirem que eu construa meu próprio caminho. Vocês são meu maior exemplo de vida. Meu amor por vocês é infindável;

À minha irmã, Cris, por estar sempre por perto, especialmente nos momentos mais críticos, me encorajando a seguir adiante. Pelos momentos de desabafos e de conversas, por acreditar no meu potencial e por me incentivar sempre;

Ao meu namorado Marcelo, com quem compartilhei todos os momentos do Mestrado, pela compreensão, carinho e amor nesses quase cinco anos de companheirismo. Por ser um grande incentivador, por acreditar em mim, pelo dom de me acalmar. Pela disposição para sempre me ajudar e, inclusive, por ter sido meu motorista durante a realização da etnografia;

Aos meus amigos, que foram fundamentais neste período, pelos momentos de conversa, alegria e diversão, que foram meu combustível para seguir em frente. Pela amizade verdadeira que nos une;

À professora Beatriz Marocco, pela orientação, atenção e acompanhamento constante;

Aos professores Christa Berger e Eduardo Veras, pelas importantes contribuições na banca de qualificação;

Aos mestres do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, pelo conhecimento que me proporcionaram, em especial ao professor Ronaldo Henn, da linha de pesquisa, e aos professores Jiani Bonin, José Luiz Braga, Fabrício Silveira e Alberto Efendy Maldonado;

À professora e amiga Beatriz Sallet, que me inseriu no meio científico e fez despertar em mim a paixão pela fotografia, pelas conversas e trocas de ideias, pelo alto astral, pela disposição em sempre ajudar e pelo incentivo constante. Também pelo acompanhamento no estágio docência;

Aos colegas do Mestrado, pela convivência enriquecedora, em especial ao colega Pedro Barbosa, pelo compartilhamento constante de ideias, pelos cafés e pela companhia virtual nas madrugadas em que o silêncio nos permitia desenvolver nossas pesquisas;

Ao editor-chefe do Diário Gaúcho, Alexandre Bach, por permitir a realização da etnografia, fundamental para esta pesquisa;

À equipe de Fotografia do Diário Gaúcho, em especial ao editor, André Feltes, pela acolhida e por compartilhar conhecimentos. Aos fotógrafos Lívia Stumpf, Luiz Armando Vaz, Marcelo Oliveira e Mateus Bruxel, pelas grandes contribuições durante as conversas e observações;

À equipe do Diário Gaúcho, em especial ao então editor-executivo Claiton Magalhães, à editora de produção Luciane Bemfica, à editora de Opinião Rozanne Adamy, ao então editor de Dia a dia Felipe Bortolanza e às repórteres Roberta Schuler e Aline Custódio, que contribuíram diretamente com a pesquisa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa integral, que permitiu a realização desta pesquisa.

A unicidade de um olhar, de um rosto especial que nos sensibiliza, não se pode traduzir em palavras. A unicidade deste olhar só pode ser apreendida como imagem. Imagens que povoam o pensamento dos homens, mas que também encontram lugar num retângulo silencioso chamado fotografia.

Luiz Eduardo Robinson Achutti

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como são construídos os retratos de fontes populares no Diário Gaúcho, jornal popular lançado em 2000 pelo Grupo RBS no Rio Grande do Sul. A partir de pesquisa bibliográfica e exploratória, realizamos etnografia, acompanhando o trabalho de editores, fotógrafos e repórteres pelo período de cinco dias, em atividades internas e externas. No relato de observações e conversas com os profissionais da redação, junto às fotografias que registram o trabalho da equipe, são analisados retratos que tiveram acompanhamento na produção e edição. A partir destas informações, elaboramos categorias nas quais dispomos nossas apropriações e tensionamentos: o ambiente, o sujeito, a pauta, a história, os problemas sociais, e o espaço gráfico e a busca pela visibilidade. Os apontamentos permitiram identificar o enquadramento jornalístico no retrato, pensando desta forma o quadro fotográfico como espaço de produção de sentidos. Identificamos que as fontes populares estão frequentemente relacionadas a pautas que tratam de problemas sociais e as imagens evidenciam os dramas vividos, forma que o jornal encontra para sensibilizar a sociedade e buscar soluções. O jornal mantém um relacionamento muito próximo com suas fontes e preocupa-se em construir uma imagem positiva desses sujeitos, valorizando, desta forma, os gestos espontâneos. Mostrar o ambiente onde estão essas fontes também é uma meta constante, apesar de os espaços do projeto gráfico destinados à fotografia, muitas vezes, serem reduzidos. Nas matérias de serviços, esses sujeitos ainda são transformados em instrumentos de instrução aos leitores, servido de exemplo para as questões explicativas, especialmente nas imagens, já que o jornalismo popular aposta nos recursos visuais para se comunicar com seu público.

Palavras-chaves: Jornalismo popular. Fotojornalismo. Retrato. Enquadramento fotográfico. Enquadramento jornalístico.

ABSTRACT

This research aims to investigate how portraits of popular sources on the *Diário Gaúcho* are made, a popular newspaper launched in 2000 by RBS Group in Rio Grande do Sul. From bibliographic and exploratory research we conducted ethnography, watching the work of editors, photographers and reporters for five days in indoor and outdoor activities. In the account of observations and conversations with professionals in the newsroom, along with photographs that record the team's work, pictures that were followed in the production and editing are analyzed. From this information, we developed categories in which we have our appropriations and tensions allocated: the environment, the subject, the agenda, history, social problems, graphic space and the quest for visibility. The notes allowed the identification of the journalistic framing in the picture, thinking this way the photographic picture as a space for production of senses. We found that the popular sources are often related to agendas that deal with social problems and the images show the lived dramas, a way that the paper finds to touch society and seek solutions. The newspaper maintains a very close relationship with its sources and worries about building a positive image of those subjects, enhancing thus the spontaneous gestures. Showing the environment where these sources are located is also a constant target, although the spaces of graphic design destined for photography are often reduced. In articles of service, those subjects are still transformed into instruments of instruction to readers, serving as an example to explaining matters, especially in the images, since the popular journalism believes in visual resources to communicate with its audience.

Keywords: Popular journalism. Photojournalism. Portrait. photographic framework. Journalistic framework.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Espaço da editoria de Fotografia, com Mateus Bruxel (à esquerda), André Feltes e Lívia Stumpf	94
Fotografia 2 - Fotógrafo Mateus Bruxel edita imagens; em segundo plano, está o fotógrafo Marcelo Oliveira	96
Fotografia 3 - Equipe debate sobre fotografia para a manchete de capa.....	98
Fotografia 4 - Editores Alexandre Bach, Felipe Bortolanza, Claiton Magalhães e André Feltes reúnem-se com diagramador Luiz Py para compor a capa.....	104
Fotografia 5 - Editora de Produção, Luciane Bemfica	113
Fotografia 6 - Repórter da editoria de Dia a dia, Aline Custódio	123
Fotografia 7 - Editora de Opinião, Rozanne Adamy	131
Fotografia 8 - Redação do Diário Gaúcho às 11h05min e às 16h30min do dia 1º/10/2013	136
Fotografia 9 - Fotógrafo Luiz Armando Vaz edita fotografias	137
Fotografia 10 - Fotógrafa Lívia Stumpf edita fotografias	138
Fotografia 11 - Editor de Fotografia André Feltes acompanha a edição de imagens feita pelo fotógrafo Mateus Bruxel.....	139
Fotografia 12 - Fotógrafo Marcelo Oliveira passa informações para a repórter Roberta Schuler e em seguida faz a conferência de imagens com o editor André Feltes	154
Fotografia 13 - Repórter Roberta Schuler e fotógrafa Lívia Stumpf dirigem-se à sede do Movimento por uma Infância Melhor (MIM), no bairro Bom Jesus	168
Fotografia 14 - Fotógrafa Lívia Stumpf acompanha a entrevista de Roberta Schuler e em determinados momentos circula pelo espaço	170
Fotografia 15 - Fotógrafa Lívia Stumpf registra a entrevistada Marlene junto às crianças.....	172
Fotografia 16 - Repórter Roberta Schuler entrevista trabalhadores da Bienal na sala da Assessoria de Imprensa, junto ao fotógrafo Mateus Bruxel	181
Fotografia 17 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra visita de trabalhadores da Bienal às obras	182
Fotografia 18 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra reações espontâneas, mas também dirige o grupo	184

Fotografia 19 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra entrevistados com suas obras favoritas.....	185
Fotografia 20 - Ao longo da reportagem, fontes ficam espontâneas e fotógrafo Mateus Bruxel busca registrar esses momentos.....	187
Fotografia 21 - Editor-executivo, Claiton Magalhães.....	195
Fotografia 22 - Editor de Dia a dia Felipe Bortolanza acompanha o trabalho da diagramadora Betine de Paris	205

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa do Diário Gaúcho de 24/09/2013	89
Imagem 2 - Página 3 do Diário Gaúcho de 24/09/2013	89
Imagem 3 - Capa do Diário Gaúcho de 30/09/2013	101
Imagem 4 - Página 3 do Diário Gaúcho de 30/09/2013	103
Imagem 5 - Capa do Diário Gaúcho de 1º/10/2013.....	105
Imagem 6 - Página 4 do Diário Gaúcho de 1º/10/2013	106
Imagem 7 - Página 5 do Diário Gaúcho de 1º/10/2013	108
Imagem 8 - Página 3 do Diário Gaúcho de 1º/10/2013	110
Imagem 9 - Capa do Diário Gaúcho de 02/10/2013	143
Imagem 10 - Página 3 do Diário Gaúcho de 02/10/2013	145
Imagem 11 - Página 8 do Diário Gaúcho de 02/10/2013	149
Imagem 12 - Página 34 do Diário Gaúcho de 03/10/2013	155
Imagem 13 - Capa do Diário Gaúcho de 03/10/2013.....	159
Imagem 14 - Página 3 do Diário Gaúcho de 03/10/2013	160
Imagem 15 - Página 6 do Diário Gaúcho de 03/10/2013	161
Imagem 16 - Capa do Diário Gaúcho de 04/10/2013.....	178
Imagem 17 - Página 4 do Diário Gaúcho de 04/10/2013	179
Imagem 18 - Página 38 do Diário Gaúcho de 04/10/2013	180
Imagem 19 - Página 5 do Diário Gaúcho de 04/10/2013	201
Imagem 20 - Capa do Diário Gaúcho de 05/10/2013 e 06/10/2013	207
Imagem 21 - Página 6 do Diário Gaúcho de 05/10/2013 e 06/10/2013.....	208
Imagem 22 - Página 3 do Diário Gaúcho de 05/10/2013 e 06/10/2013.....	212
Imagem 23 - Capa do Diário Gaúcho de 07/10/2013.....	214
Imagem 24 - Página 3 do Diário Gaúcho de 07/10/2013	215
Imagem 25 - Capa do Diário Gaúcho de 08/10/2013.....	216
Imagem 26 - Página 3 do Diário Gaúcho de 08/10/2013	218

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Gêneros Fotojornalísticos	24
Quadro 2 - Pauta do Diário Gaúcho de 1º de outubro de 2013.....	111
Quadro 3 - Os dez mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho	130
Quadro 4 - Pauta do Diário Gaúcho de 2 de outubro de 2013	147
Quadro 5 - Pauta do Diário Gaúcho de 3 de outubro de 2013	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os maiores jornais do Brasil de circulação paga de 2012.....	37
Tabela 2 - Circulação média diária por ano do Diário Gaúcho	40
Tabela 3 - Os sujeitos e os retratos.....	81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 RETRATOS: A REPRESENTAÇÃO E O FOTOJORNALISMO	20
2.1 Fotografia	20
2.2 O Retrato no Jornalismo	26
3 DIÁRIO GAÚCHO NO CONTEXTO DO JORNALISMO POPULAR	29
3.1 Jornalismo Popular: Do sensacionalismo ao <i>conceito errante</i>	30
3.2 Jornais Populares <i>de Qualidade</i>	35
3.3 Diário Gaúcho e o Mundo do Leitor	38
3.4 Notícia Construída para o Público	45
3.5 A Fonte Popular no Jornalismo	48
3.6 Fotografia na Imprensa Popular	53
4 METODOLOGIA DE PESQUISA	59
4.1 Etnografia	61
4.2 Análise do Discurso Fotográfico	64
4.2.1 Enquadramento Fotográfico	65
4.2.2 Elementos da Linguagem Fotográfica	68
4.3 Enquadramento Jornalístico	70
4.4 Enquadramento Jornalístico no Retrato	73
5 OS RETRATOS NO JORNAL DIÁRIO GAÚCHO	76
5.1 Primeira Aproximação: descrições e inferências	77
5.2 Cinco Dias na Produção do Jornal Diário Gaúcho	83
5.2.1 Conhecendo o Campo Empírico	86
5.2.2 Segunda-feira, 30 de setembro de 2013	93
5.2.3 Terça-feira, 1º de outubro de 2013	104
5.2.4 Quarta-feira, 2 de outubro de 2013	142
5.2.5 Quinta-feira, 3 de outubro de 2013	158
5.2.6 Sexta-feira, 4 de outubro de 2013	177
5.2.7 Edições Posteriores	206
5.3 Apontamentos	220
5.3.1 O Ambiente	222
5.3.2 O Sujeito	228
5.3.3 A Pauta	234

5.3.4 A História.....	237
5.3.5 Os Problemas Sociais	241
5.3.6 O Espaço Gráfico e a Busca pela Visibilidade	245
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	248
REFERÊNCIAS.....	256
ANEXO A – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 24/09/2013	264
ANEXO B – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 24/09/2013.....	265
ANEXO C – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 30/09/2013	266
ANEXO D – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 30/09/2013.....	267
ANEXO E – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013	268
ANEXO F – PÁGINA 4 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013.....	269
ANEXO G – PÁGINA 5 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013	270
ANEXO H – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013	271
ANEXO I – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 02/10/2013.....	272
ANEXO J – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 02/10/2013	273
ANEXO K – PÁGINA 8 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 02/10/2013.....	274
ANEXO L – PÁGINA 34 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 03/10/2013.....	275
ANEXO M – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 03/10/2013.....	276
ANEXO N – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 03/10/2013.....	277
ANEXO O – PÁGINA 6 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 03/10/2013	278
ANEXO P – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013.....	279
ANEXO Q – PÁGINA 4 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013	280
ANEXO R – PÁGINA 38 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013.....	281
ANEXO S – PÁGINA 5 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013.....	282
ANEXO T – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 05/10/2013 E 06/10/2013	283
ANEXO U – PÁGINA 6 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 05/10/2013 E 06/10/2013	284
ANEXO V – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 05/10/2013 E 06/10/2013.....	285
ANEXO W – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 07/10/2013.....	286
ANEXO X – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 07/10/2013.....	287
ANEXO Y – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 08/10/2013.....	288
ANEXO Z – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 08/10/2013.....	289

1 INTRODUÇÃO

O retrato sempre me fascinou. Nas minhas primeiras experiências práticas de fotojornalismo, em um jornal do interior gaúcho, aprendi que a fotografia no jornalismo precisa ter pessoas. Sem pessoas, os espaços se tornam sem vida. O elemento humano na fotografia faz com que o observador se sinta implicado com a presença do outro, o que o situa em relação ao espaço e aos fatos.

Dos álbuns de família às imagens de jornal, olhar para os retratos é buscar neles um instante da vida que perdurará enquanto o suporte resistir. Há, neles, marcas de um passado, memórias de um corpo que, assim como o espaço, se transforma com o tempo. Mais do que isto, existe uma representação do homem, feita para o homem.

Como fotógrafa de jornais impressos, vejo no retrato um desafio, talvez o maior enquanto registro fotojornalístico. Incluir o elemento humano na fotografia concede ao repórter fotográfico um leque maior de alternativas na construção da informação em pauta. Porque, além de enquadrar o espaço, ele poderá empregar gestos e olhares para transmitir de forma eficiente uma mensagem. Na maioria das vezes, uma das primeiras barreiras a serem vencidas pelo fotógrafo é a de obter uma entrega por parte do fotografado, especialmente em relação às suas expressões faciais. No caso de um sorriso, que não seja o de defesa, aquele que todos facilmente lançam quando veem uma câmera, mas o verdadeiro e espontâneo, o que só é possível quando há uma interação entre fotógrafo e retratado. No caso de uma expressão séria, que seja autêntica.

O fotógrafo precisa perceber isto no próprio ato fotográfico para registrar o retratado de forma a comunicar uma mensagem noticiosa, mas jornalisticamente também deve obedecer a critérios de verdade e precisão. Desta ação, não resulta apenas o retrato, mas a representação do retratado por meio da qual determinado sentido será apreendido pelos observadores.

Desde a aproximação com o Diário Gaúcho durante meu Trabalho de Conclusão no curso de Jornalismo, os retratos no jornalismo popular chamam minha atenção. Eles estão em diversas partes do jornal, ganham destaque na capa e contam histórias à parte. São rostos de pessoas que ganham nomes e histórias nos textos jornalísticos, onde expõem situações diversas de vida. Por vezes, suas próprias histórias de vida fundamentam a pauta jornalística, mesmo que essas

histórias não sejam tão excepcionais, embora, é importante citar, são sempre singulares, como todas as histórias de vida. Partindo da premissa de que o público ao qual é direcionada uma imagem afeta a construção da mesma, questionamos: de que forma são construídos os retratos das fontes populares no Diário Gaúcho?

Ao observar as fotografias e buscar no próprio veículo uma resposta à visibilidade dada às fontes populares, destaca-se um aspecto que ajuda a moldar a fórmula do jornalismo popular: o jornal busca mostrar as pessoas que identificam ser de classes populares, onde está o público-alvo do veículo. Esta foi uma das características identificadas na primeira pesquisa, que colocou frente a frente o fotojornalismo popular e o tradicional, e que motivou meu ingresso no Mestrado.

A história da sociedade é mais do que a história registrada pelos veículos de comunicação de referência, voltados às classes socioeconômicas mais altas. Por isso acredito na comunicação popular como uma alternativa à hegemonia; ainda que editado por uma empresa que concentra um monopólio da comunicação no Rio Grande do Sul, contempla fatos e fotografias que complementam o registro diário da história de um povo que não é registrada com frequência no jornalismo tradicional.

Neste diferenciado formato de jornalismo popular que acompanhamos na última década, e que atinge milhares de pessoas em todo o país, as práticas jornalísticas foram reconfiguradas. Apesar de se distanciar do velho conceito “espreme que sai sangue”, esse “novo” jornalismo popular ainda é visto com preconceito, inclusive por jornalistas. Porém, um jornalismo que alcança lugar entre as maiores tiragens do país merece um olhar científico, para que seja cada vez mais qualificado.

Busquei desenvolver nesta pesquisa um olhar sensível não somente às fotografias do Diário Gaúcho, mas ao processo de produção que configura essas imagens do modo como chegam aos leitores. O intuito é perceber como são construídos os retratos de fontes populares utilizados como recurso visual das matérias jornalísticas. Interessa a este estudo identificar o que estes retratos revelam acerca da imagem das fontes neles inseridos, entendimento que buscamos por meio do produto e também dos processos geradores.

Para compreender esta representação, relacionamos as análises de enquadramento fotográfico e jornalístico, o que chamaremos de *enquadramento jornalístico no retrato*. Por meio desta associação, queremos perceber como, ao

delimitar as cenas onde estão inseridos os retratados, o jornal enquadra jornalisticamente esses sujeitos, construindo suas imagens.

Este estudo tem como objetivo geral: Investigar os retratos no jornal Diário Gaúcho, buscando compreender, a partir do enquadramento e elementos do discurso fotográfico, o enquadramento jornalístico das fontes populares. São nossos objetivos específicos:

- Compreender a linha histórica do jornalismo popular, desde o velho conceito de “sensacionalismo” até os novos formatos de jornais populares que surgiram na última década;
- Identificar as fotografias de fontes populares, alvo desta pesquisa;
- Perceber os diferentes tipos de retratos em que estão inseridas as fontes populares;
- Analisar o discurso fotográfico destes retratos a partir dos planos de enquadramento, considerando outros elementos desta linguagem;
- Acompanhar e documentar o processo de produção do jornal Diário Gaúcho, a fim de relacionar o produto à prática fotojornalística;
- Verificar, de acordo com os elementos da linguagem fotográfica, dos textos e dos contextos de obtenção e inserção das fotografias, o enquadramento jornalístico;
- Contribuir com as teorias que tratam das novas práticas de jornalismo popular, especialmente em relação ao fotojornalismo.

Iniciamos o trabalho pelo capítulo de introdução, imprescindível para a explanação do ponto de partida para a pesquisa e dos objetivos propostos. No segundo capítulo, tratamos sobre o fotojornalismo e, mais especificamente, o retrato como forma de representação, e trazemos autores como Dubois (2011), Sousa (2002), Kossoy (2002) e Guran (2002) a fim de situar o espaço em que se desenvolve a pesquisa.

No terceiro capítulo, ingressamos na linha histórica do jornalismo popular para compreender os primórdios e identificar as mudanças ocorridas no segmento nas últimas décadas, texto embasado principalmente em Angrimani (1995), Marcondes Filho (1986), Goldenstein (1987) e Amaral (2005). Neste contexto, situamos o jornal Diário Gaúcho, com a caracterização do veículo, partindo, posteriormente, para o entendimento da construção da notícia para o público, característica forte dos jornais populares, que buscam construir seus discursos pelas demandas que chegam dos

leitores. Na sequência, debatemos sobre o espaço que a fonte popular ocupa no jornalismo e sobre o fotojornalismo na imprensa popular, alcançando, desta forma, a essência de nosso objeto de estudo.

No quarto capítulo, explanamos a metodologia aplicada à pesquisa, que iniciou com a investigação bibliográfica para, posteriormente, partir para a observação de exemplares do jornal. Com este embasamento teórico e prático, ingressamos na redação do Diário Gaúcho, onde realizamos acompanhamento etnográfico por cinco dias, inclusive acompanhando fotógrafos na execução de pautas. Por último, realizamos a análise do discurso fotográfico de retratos de fontes populares acompanhados na produção e edição. Nesta análise, direcionamos nosso olhar aos elementos da linguagem fotográfica, mas principalmente ao enquadramento fotográfico, corte que define a composição das cenas e, portanto, é essencial para a compreensão da imagem das pessoas nele incluídas. Com base nestas percepções, partimos para o enquadramento jornalístico no retrato.

No quinto capítulo, trazemos as informações obtidas na pesquisa exploratória que nos serviu de base para a entrada no campo empírico. Na sequência, apresentamos um relato de nossas observações e conversas dentro e fora da redação do Diário Gaúcho, texto diretamente relacionado à análise do discurso fotográfico de retratos. As questões que identificamos como pertinentes de serem problematizadas, de acordo com nosso objeto de pesquisa, são tensionadas nos apontamentos.

A fim de organizar o trabalho de interpretação dos dados obtidos durante a pesquisa etnográfica e a análise do discurso fotográfico, situamos as considerações em categorias: o ambiente, o sujeito, a pauta, a história, os problemas sociais, e o espaço gráfico e a busca pela visibilidade. Cada uma delas diz respeito a um aspecto em específico, porém há interpretações que atravessam mais de uma categoria.

Por fim, no sexto capítulo, apresentamos as considerações finais, elaboradas com base em nossas apropriações. Nos anexos, são reproduzidas as páginas de onde foram extraídos os retratos de fontes populares para a análise, a fim de disponibilizar as matérias para leitura.

2 RETRATOS: A REPRESENTAÇÃO E O FOTOJORNALISMO

O retrato sempre foi muito reverenciado. Nos primórdios, quando serviu os mais abastados e acompanhou a ascensão de classes sociais, a fotografia comunicava principalmente um *status* social. A representação das pessoas em imagens construía valores de respeito e admiração, porque o contexto da época as colocava em posição de destaque. Ser fotografado era, assim, uma forma de se afirmar positivamente, de modo a construir uma imagem que transmitisse uma posição de prestígio na sociedade.

Atualmente, mesmo com a fotografia tão disseminada, o elemento humano continua sendo primordial. Dos tradicionais álbuns de família às redes sociais, percebe-se a importância dos retratos, mesmo que as imagens de paisagens também tenham se tornado frequentes. No jornalismo, continua sendo relevante a fotografia de lugares onde haja pessoas, o que humaniza a imagem e a torna mais próxima do observador.

Neste capítulo, ingressamos no campo do fotojornalismo para identificar o espaço ocupado pelo retrato. A fim de compreender os aspectos que envolvem a representação humana nas fotografias, trazemos as particularidades do retrato, desde os primórdios da fotografia, alcançando sua adoção pelo jornalismo. Trilhamos, assim, um caminho que consideramos de grande relevância para o entendimento do campo onde está situada esta pesquisa.

2.1 Fotojornalismo

Elemento visual nos jornais impressos, a fotografia tem o poder de atrair o olhar do leitor para o assunto em questão. Embora uma imagem seja passível de inúmeras leituras, ela continua sendo o elemento que mais rapidamente irá gerar no observador um significado e, por isso, é usada como estratégia comunicacional. Na fotografia, percebe-se um sentido informativo e um caráter documental, enquanto objeto que pode ser considerado histórico.

[...] o fotojornalismo se caracteriza por um tipo de relação peculiar com os acontecimentos, na medida mesma em que estes últimos são concebidos enquanto encarnações mais exteriorizadas de uma temporalidade própria ao histórico. (PICADO, 2011, p. 160).

As histórias contadas por meio de fotografias remetem diretamente a um real transformado em passado e por isso elas carregam consigo o poder de provocar sensações no receptor. Neste sentido, o instante capturado pela câmera adquire uma temporalidade ao mesmo tempo pontual e de continuidade, uma vez que remete a um fato que se prolongou no tempo. Há na fotografia jornalística uma dimensão acontecimental que liga o discurso visual com a dimensão temporal dos fatos. (PICADO, 2011).

Para Dubois (2011, p. 66, grifo do autor), “Se quisermos compreender o que constitui a originalidade da imagem fotográfica, devemos obrigatoriamente *ver o processo* bem mais do que o produto e isso num sentido extensivo [...]”. Uma análise mais aprofundada incluiria especialmente a ligação da imagem com seu referente, uma ideia que propõe pensar o momento da tomada da fotografia e o da recepção. Ou seja, também as reflexões específicas sobre a fotografia consideram a imagem que o produtor da notícia tem de seu público, o que interfere na construção imagética. Ao idealizar o perfil ao qual acredita ser direcionada a imagem, o fotógrafo modelará seu trabalho em virtude deste.

De acordo com seu repertório cultural, cada observador terá um comportamento próprio diante da fotografia. Esta, por sua vez, tem um papel determinante diante do olhar do contemplador: dela emanam sentidos que provocam estímulos, por meio dos quais ocorre uma interação entre o observador e a imagem. Neste processo, estão implicadas experiências novas ou já conhecidas. (KOSSOY, 2002). Podemos considerar, assim, que todo processo de interação com a imagem é capaz de despertar sentidos que já fazem parte do repertório cultural, mas também incluir neste as novas experiências e sensações. O contato com as imagens, portanto, alimenta este repertório, ao mesmo tempo em que este serve de modelo para a criação da imagem, em um movimento contínuo nestes dois sentidos. Mas não se trata de um circuito fechado, uma vez que interferências externas, ligadas à cultura onde essas pessoas estão inseridas, também integram este processo.

Conhecer o público para o qual uma fotografia é destinada pode garantir a transmissão da informação, objetivo de toda a imagem jornalística, uma vez que isso somente se efetivará com o interesse e compreensão do observador.

[...] para que um observador prossiga na mobilização dos canais sensoriais e continue a prestar atenção a uma fotografia depois de lhe ter lançado um olhar de relance, ou seja, para que um observador se envolva na

comunicação fotográfica, é preciso atender à sua cultura, às suas expectativas, às suas motivações (conscientes ou não), aos seus hábitos e à sua experiência anterior. (SOUSA, 2002, p. 84-85).

Dubois (2011) chama de espaço topológico o espaço de onde o observador contempla a fotografia, ato que também a constitui. É a consciência que cada sujeito tem de sua própria presença no mundo que afeta o modo de ver a realidade e as imagens obtidas a partir dela. Por isso, “[...] qualquer contemplação de uma fotografia situa um sistema de relações entre o espaço fotográfico como tal e o espaço topológico de quem olha” (DUBOIS, 2011, p. 212), mas também “[...] se tira uma foto exatamente como se olha o mundo”. (DUBOIS, 2011, p. 213, grifo do autor). A seleção da realidade, a organização dos elementos e as operações tecnológicas escolhidas afetam a fotografia e constituem a interferência do fotógrafo como um filtro cultural: “[...] seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens [...]”. (KOSSOY, 2001, p. 43).

Para compreender integralmente uma fotografia, torna-se imprescindível admiti-la dentro das circunstâncias que a concebem, uma vez que o ato fotográfico é permeado por produção, recepção e contemplação. Desta forma, “[...] *não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser*”. (DUBOIS, 2011, p. 15, grifo do autor).

As semelhanças entre a fotografia e seu referente, inicialmente, resultaram na ideia de mimese, quando se acreditava em um *espelho do real*. Não demorou a surgir um movimento contrário, que pregou o poder de *transformação do real* da fotografia. Em um terceiro momento, um novo conceito a concebeu como *traço de um real*, admitindo a inevitável relação entre a imagem e o referente que permitiu sua existência, concebendo-a como índice da realidade. (DUBOIS, 2011).

O vínculo da imagem com a realidade é destacado por Barthes (2009, p. 87, grifo do autor), que denomina “[...] ‘referente fotográfico’ não à coisa *facultativamente* real para que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objectiva sem a qual não haveria fotografia”. Desta premissa, ele considera que a essência da fotografia resume-se a *isso foi*, já que nela se unem realidade e passado.

Este caráter indiciário justifica outras propriedades da fotografia, como a de evocar no observador o sentimento de pertencimento. No jornalismo, a imagem assume ainda outras funções, como mostrar, denunciar, opinar, informar e dar

credibilidade ao texto. (SOUSA, 2002). Por considerar que o fotojornalismo reúne uma grande variedade fotográfica, Sousa (2002) diz que, na prática, é possível conceituar a fotografia jornalística como aquela que tem valor jornalístico e transmite informações junto ao texto.

O valor jornalístico, por sua vez, estaria relacionado aos valores-notícia específicos de cada meio de comunicação, conscientes ou inconscientes. Assim como para relatar os fatos em textos, o fotojornalismo exige um conhecimento da situação e dos sujeitos que serão enquadrados pela câmera, além de abarcar também as informações textuais, não apenas as imagens de forma isolada. Quanto ao perfil do fotojornalista, torna-se indispensável a sensibilidade, a curiosidade e a capacidade de construir uma imagem informativa. (SOUSA, 2002).

Ao enquadrar a cena, o fotógrafo deve reconhecer no espaço e nos sujeitos que nela aparecem a mensagem fotojornalística a ser transmitida. Por isso, na tentativa de informar da maneira mais direta – e conseqüentemente mais rápida –, há uma tendência em deixar um tema em destaque. Este tema, traduzido visualmente, será um ponto de destaque, geralmente por onde o observador ingressará na imagem para a leitura do todo.

Na construção da mensagem, cada elemento da linguagem fotográfica é tratado com vistas a atender um objetivo jornalístico. Em primeiro lugar, há o enquadramento, a decisão do que será incluído ou excluído do retângulo da imagem, com a composição, que pode ter uma série de características intencionais. O registro ainda remeterá para determinada relação espaço-tempo, além de poder reunir diversos recursos, conforme veremos adiante na explanação da análise do discurso fotográfico, no campo da metodologia. (SOUSA, 2002).

Sousa (2002) define os *gêneros fotojornalísticos* com a classificação: fotografias de notícias, *features*, desporto, retrato, ilustrações fotográficas, histórias em fotografias ou *picture stories* e outros. Estes gêneros não são estanques e algumas fotografias podem ser classificadas em mais de um deles.

Quadro 1 - Gêneros Fotojornalísticos

GÊNEROS	CARACTERÍSTICAS
Fotografias de notícias	<p>Spot news: as fotografias representam momentos pontuais (<i>hard news</i>) e imprevistos.</p> <p>Fotografias de notícias em geral: as fotografias são programadas, para pautas conhecidas com antecedência.</p>
Features	Fotografia de um momento decisivo, que costuma expressar arte e estilo, e por vezes humor. Podem ser de interesse humano (pessoas representadas), de interesse pictográfico (com força visual, tendem para a arte) e de animais .
Desporto	Imagens de esportes. Podem ser fotografias de ação desportiva (ação durante um jogo) e features de desporto (interesse humano se destaca em relação à ação desportiva).
Retrato	<p>Fotografias de pessoas que aparecem nos textos, podendo ser retrato individual, ou retrato de grupo ou coletivo.</p> <p>Mug shots: São fotografias que mostram a cara e os ombros, podendo enquadrar apenas o rosto (retrato individual e não ambiental). No jargão jornalístico, são chamadas de “bonecos”.</p> <p>Retratos ambientais: O indivíduo é retratado junto a objetos, em um determinado espaço.</p>
Ilustrações fotográficas	São fotografias que ilustram determinados assuntos e muitas vezes sofrem interferências artísticas.
Histórias em fotografias	<p>Série de imagens usada para construir um relato visual.</p> <p>Fotoensaio: história em fotografias que demonstra opinião.</p> <p>Fotorreportagem: serve para mostrar uma situação real.</p>
Outros gêneros	Relacionados à intenção das fotografias. Exemplos: fotografias de paisagens (campestres, florestais, marítimas, urbanas e mistas) e fotografias da vida selvagem .

Fonte: Adaptado de Sousa (2002).

Nas pautas jornalísticas, o objetivo é reunir as informações importantes em uma única imagem. Conforme Guran (2002), esta é a foto-síntese, que remete à ideia do *instante decisivo* lançada por Henri Cartier-Bresson. A fotografia deve estar muito bem atrelada às informações de destaque da matéria, o que exige um trabalho conjunto entre repórter e fotógrafo.

Cada ato fotográfico constitui-se de dois cortes: espacial e temporal. A cada apertar do botão da câmera, uma fatia do espaço é capturada de um instante do tempo. Neste golpe operado pelo fotógrafo, estão contidas uma interrupção no tempo (inevitavelmente contínuo) e uma reprodução do espaço tal como ele era naquele instante. Em relação ao tempo, há a transposição de um momento contínuo para um registro perpétuo, quando a imagem congelada guardará para sempre um instante no correr das horas. Da mesma forma, o corte espacial, junto ao movimento do corte do tempo, tem o poder de capturar um cenário que poderá jamais repetir-se. (DUBOIS, 2011).

O ato de aplicar um corte no espaço resulta em três consequências: a relação entre a seleção e a exclusão (produção), a composição interna do quadro (mensagem) e a relação com o observador (recepção). Desta forma, “[...] o que uma fotografia não mostra é tão importante quanto o que ela revela. [...] *sabe-se que esse ausente está presente, mas fora de campo*, sabe-se que esteve ali no momento da tomada, mas ao lado”. (DUBOIS, 2011, p. 179-180, grifo do autor).

A partir do momento em que o ato fotográfico opera um recorte na continuidade do espaço referencial, essa porção de espaço levantada, transposta para a película e depois para o papel, começa a organizar-se de maneira autônoma. O recorte forneceu-lhe um quadro, e esse quadro vai se tornar enquadramento, organização interna do campo a partir da referência das bordas do quadro. [...] qualquer recorte fotográfico situa uma articulação entre um *espaço representado* [...] e um *espaço de representação* [...]. (DUBOIS, 2011, p. 209, grifo do autor).

Na fotografia, a narrativa engloba um espaço, um tempo e uma ação, quando há sujeitos. Nela estão as intenções do fotógrafo, de acordo com a ideia que este tem de seu público. O observador, ao interpretar a imagem, entra no jogo da comunicação e segue determinadas regras. “Essas regras são as ‘competências’ do leitor, isto é, o saber acumulado no exercício cotidiano da leitura”. (VILCHES, 1997, p. 84, tradução nossa).

Este jogo é que define a forma como serão apresentados os discursos, e a organização destes interfere na interpretação por parte do observador. Do leitor, são esperadas competências iconográfica, narrativa, estética, enciclopédica, linguístico-comunicativa e modal. “A elaboração das competências próprias do leitor se realiza precisamente através dos processos de ‘compreensão’, de ‘interpretação’ e de ‘estratégia de leitura’”. (VILCHES, 1997, p. 92, tradução nossa).

A compreensão abarca o reconhecimento e a descrição dos elementos dispostos na fotografia. Em um segundo momento, ocorre a interpretação, quando o leitor busca um entendimento por meio de uma organização geral que permita imaginar o todo, incluindo o que está fora do campo da imagem. Por isso, Vilches (1997) defende que só se atribui significados a imagens que já são conhecidas, porque estas são possíveis de representar algo ao observador. Mesmo assim, para compreensão total do sentido, é preciso outras imagens ou um texto escrito. As competências do leitor são imprescindíveis neste processo, que só se completa com a recepção: “[...] todas as fotografias dizem algo a alguém”. (VILCHES, 1997, p. 238).

2.2 O Retrato no Jornalismo

Gênero dedicado à representação de pessoas por meio da fotografia, o retrato, para Sousa (2002), existe no fotojornalismo para atender à expectativa dos leitores que desejam ver os sujeitos que aparecem nas narrativas textuais. Ao fotografar uma pessoa, o fotojornalista tem o desafio de, além de mostrar uma face, revelar aspectos da personalidade e da pauta. Por isso, “A expressão facial é sempre muito importante no retrato, já que é um dos primeiros elementos da comunicação humana”. (SOUSA, 2002, p. 121).

O retrato pode ser individual ou coletivo, ambiental ou não ambiental. Um dos aspectos observados pelos fotojornalistas é a luz, que, preferencialmente, deve ser natural. Quando artificial, esta condição deve ser disfarçada por meio de métodos que tornem a luz do *flash* mais suave. Outra questão relevante a ser observada é a escolha ou não de usar a pose. “Com a pose pode ganhar-se em capacidade de se impor um sentido à imagem e em valor documental o que se perde em naturalidade”. (SOUSA, 2002, p. 122).

Por exemplo, quando o fotógrafo capta a imagem enquanto o sujeito concede uma entrevista ao repórter, esta fotografia pode ser mais espontânea. O ideal, afirma Sousa (2002), é manter o fotografado em seu ambiente, sem modificá-lo, uma vez que retratar da forma mais fiel possível esta realidade leva ao observador, posteriormente, uma ideia mais exata da pessoa representada na imagem. Nas fotografias ambientais, geralmente usa-se uma grande profundidade de campo, de modo a deixar nítidos todos os elementos que compõem a cena. Estes retratos em planos mais abertos, que trazem informações sobre a vida das pessoas, Buitoni (2011) chama de *retratos contextualizados*. Hermes (2009, p. 7) destaca a relação entre as pessoas e outros elementos na fotografia:

Retratos tornam-se mais significativos quando os personagens são incluídos em cenários que traduzam a sua personalidade ou os fatos que estão sendo noticiados. Os gestos, a postura, a espontaneidade ou a intencionalidade, a relação estabelecida entre diferentes personagens (proximidade ou distanciamento) estão entre outros aspectos na apresentação de figuras humanas.

Sousa (2002) ainda cita o gênero *Mug Shots*, que são as fotografias, também chamadas de bonecos, que enquadram apenas rosto e ombros, captadas em planos frontais ou laterais, podendo ter o enquadramento fechado apenas no rosto. O recurso remete às imagens usadas na televisão e busca destacar traços do retratado. Os planos mais fechados, para Buitoni (2011), são os *retratos psicológicos*, por mostrar traços da personalidade do fotografado.

Nas matérias jornalísticas, mostrar os personagens que aparecem nos textos tem função ilustrativa. As legendas geralmente os nomeiam, para que o leitor possa identificá-los, e, dependendo do veículo onde estão inseridos, podem também ter um caráter narrativo, especialmente quando incluem um verbo de ação. (BUITONI, 2011).

Ao retratar o outro – especialmente quando os fotografados pertencem a grupos socioeconômicos ou étnicos diferentes dos quais pertencem os fotógrafos – as imagens costumam revelar mais sobre o olhar que o fotógrafo tem sobre o mundo do que a visão da pessoa que se posiciona diante da lente. (HIGGINS, 2012). Por outro lado, o fotografado, ao saber que está sendo alvo de um registro, também procura construir sua própria imagem, uma vez que será mostrada a outros. A fotografia resultante de cada clique, portanto, guarda consigo estas duas perspectivas, criando uma terceira imagem: esta, por sua vez, assumirá variadas

formas, tantos forem os seus observadores e as perspectivas de onde serão lançados os olhares sobre ela.

As fotografias representam as memórias e a ligação das pessoas com o tempo, por isso são tão valorizadas. Ao mesmo tempo em que os retratos são as imagens mais comuns entre fotógrafos amadores, nem sempre eles cumprem o papel de bem representar as pessoas. Para atingir este patamar, precisam unir aparência e personalidade (BLAIR; STUCKEY; VESILIND, 2011), sendo que o segundo item costuma exigir mais habilidade do fotógrafo. Para isso, antes de capturar a imagem é preciso decidir o que se deseja comunicar sobre o fotografado. “O fotojornalista tem, normalmente, de fixar os gestos e expressões significativas das pessoas fotografadas”. (SOUSA, 2002. p. 12).

A fotografia de pessoas varia conforme a situação que as levam a serem fontes jornalísticas. Se for uma entrevista de notícia, o importante é a imagem que mostra seu rosto, de preferência feita no momento da entrevista. Neste caso, há a função de dar veracidade e testemunho ao que está sendo dito: a pessoa existe e está ali, sendo apresentada ao leitor. (SOJO, 1998).

Nas entrevistas mais aprofundadas, geralmente de perfis, pode haver mais de uma imagem da mesma pessoa, em ângulos e espaços diferenciados. A situação que leva os sujeitos a serem entrevistados por sua própria história é chamada por Sojo (1998) de *entrevista de personalidade*. Nestas imagens, o entorno do indivíduo se torna muito importante, porque também comunicará sobre a pessoa. Além do rosto e do espaço, as roupas que usa e a posição corporal pode revelar aspectos da personalidade. Para captar características psicológicas, se torna necessário esperar o momento certo, em que o fotografado, já acostumado à câmera, passa a comportar-se de forma mais natural.

Após compreender o espaço que o retrato ocupa no campo da fotografia e do jornalismo, partimos para o campo do jornalismo popular. Nesse, buscamos, em um breve resgate histórico, entender o lugar da fonte popular na linha editorial e, conseqüentemente, na representação visual.

3 DIÁRIO GAÚCHO NO CONTEXTO DO JORNALISMO POPULAR

O jornalismo popular deixou de ser associado a fotos sanguinolentas, palavras de baixo calão e histórias inverídicas. Este cenário, que já tem pelo menos quinze anos, ficou para trás, junto ao velho conceito de jornalismo sensacionalista, que por muito tempo foi sinônimo de jornalismo popular.

Neste capítulo, aprofundamos algumas reflexões acerca do jornalismo popular em um contexto histórico. O recorte referencial contempla aspectos das práticas que resultavam em discursos jornalísticos ditos sensacionalistas, conforme Pedroso (2001). Para isso, trazemos alguns veículos que marcaram este modelo de jornalismo, com um retrospecto especialmente aos anos 50 e 60, quando circula no Brasil o jornal *Última Hora*, periódico que marcou a história do jornalismo popular.

Ao mesmo tempo em que Angrimani (1995) nos mostra este cenário que podemos considerar ultrapassado, Amaral (2005) atualiza o conceito de sensacionalismo, termo que não se aplica mais aos novos veículos populares, pelo menos nos moldes como era considerado anteriormente. Abordamos ainda o surgimento dos chamados *jornais populares de qualidade* (SELIGMAN, 2008), o espaço que estes ocupam no cenário nacional e o surgimento do veículo que é alvo deste estudo, o *Diário Gaúcho*.

Seguimos neste capítulo em um eixo histórico, com o objetivo de traçar alguns caminhos percorridos pelo jornalismo popular ao longo da história da imprensa a fim de compreender o contexto atual, os preconceitos que o rodeiam e as perspectivas em torno desta prática. A partir deste cenário amplo, focalizamos o texto nas práticas jornalísticas do *Diário Gaúcho*, que busca deixar em evidência as fontes populares em detrimento das oficiais.

A construção da notícia de acordo com a seleção de fontes jornalísticas é tratada neste capítulo a fim de propor uma reflexão sobre as condutas do jornalismo e suas implicações na sociedade onde está inserido. A fim de aproximar-nos ainda mais do objeto de pesquisa, que é a representação visual das fontes populares, trazemos à tona também aspectos do fotojornalismo na imprensa popular. Com base em Bernardes (2004), seguimos com foco em duas categorias estruturantes da análise da produção do *Diário Gaúcho*, que estão interligadas na pesquisa: representatividade e predomínio da imagem.

3.1 Jornalismo Popular: Do sensacionalismo ao *conceito errante*

No início, o sensacionalismo era a marca do jornalismo popular. O conceito, que reunia diferentes significados (ANGRIMANI, 1995), era usado também em deslizes dos veículos de comunicação, mas principalmente relacionado ao trinômio escândalo-sexo-sangue. (MARCONDES FILHO, 1986).

Pedroso (2001, p. 122-123, grifo do autor) assim descreve o modo sensacionalista de produzir informações jornalísticas:

[...] intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; ambivalência linguístico-semântica, que produz o *efeito de informar* através da não-identificação imediata da mensagem; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; [...] destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos, subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; [...] produção discursiva sempre na perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...].

Em busca das origens do sensacionalismo, Angrimani (1995) percebe que a prática está presente desde os primórdios da imprensa, em diferentes locais, como França e Estados Unidos. Nos periódicos que circulavam nesses países, já se identificava o *fait divers*¹ e os jornais mais procurados estampavam manchetes relacionadas a crimes. Na França, eram características presentes no *Nouvelles Ordinaires* e no *Gazette de France*, lançados entre 1560 e 1631, além dos *canards*, jornais populares de apenas uma página.

O sensacionalismo também é identificado no primeiro jornal americano, *Publick Occurrences*, que teve apenas uma edição em 1690, onde foram relatadas histórias inverídicas. Foi no final do século XIX que surgiram dois jornais que moldaram da maneira como se conhece hoje o termo sensacionalista: *New York World* e *Morning Journal*. O primeiro, editado por Joseph Pulitzer, conseguiu bons lucros com apelos sensacionalistas no ano de 1890. Por trás do *Journal*, estava William Randolph Hearst, que resolveu disputar o mercado com Pulitzer. (ANGRIMANI, 1995).

É neste período que nasce o termo *imprensa amarela*, lançado por um jornalista que criticou a prática sensacionalista ao referir-se a um personagem

¹ O termo *fait divers* foi cunhado por Roland Barthes e diz respeito a notícias inusitadas, exploradas por seu aspecto pitoresco, isoladas de um contexto.

chamado *Yellow Kid* (criança amarela) publicado em histórias dos dois veículos. Em uma época sem televisão, os jornais alcançaram surpreendentes tiragens de até um milhão de exemplares por dia e a *imprensa amarela* sobreviveu de 1890 a 1900. No Brasil, o termo adotado para a prática foi *imprensa marrom*; o nome teria surgido a partir de uma apropriação de *cimarron*, denominação para os escravos que fugiam na metade do século XVII; desta forma, relacionando o termo a uma situação irregular. (ANGRIMANI, 1995).

A linguagem adotada pelos jornais sensacionalistas é assim definida por Angrimani (1995, p. 39-40): “É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação”.

Angrimani (1995) apresenta o case do jornal Notícias Populares, criado em 1963 pela Editora Notícias Populares, em São Paulo. Começou com uma tiragem de 8 mil exemplares diários, que subiu rapidamente. Antes, em 1951, foi fundado no Rio de Janeiro o jornal Última Hora, que se expandiu para outros estados, inclusive São Paulo, e passou a competir com o Notícias Populares. Os dois adotaram modelos semelhantes.

O Última Hora era direcionado especialmente às classes populares, em um movimento de incorporação dessas classes à política, logo após o retorno de Getúlio Vargas à presidência do Brasil. Ambos se mostraram, no início, com características da indústria cultural, porém era a lógica política que os orientava. O Última Hora surgiu com objetivos políticos, favoráveis à Vargas, e comerciais. (GOLDENSTEIN, 1987).

Na contramão do populismo de Vargas, o Notícias Populares surgiu com a mesma receita de notícias do Última Hora, mas deixando de lado a política, com o intuito de desmobilizar a população, que continuaria consumindo a informação no mesmo formato. Em 1965, os dois veículos de São Paulo acabaram integrando o mesmo grupo, o Frias-Caldeiras, da Folha da Manhã, que tinha como carro-chefe o jornal Folha de São Paulo. O Notícias Populares circulou até janeiro de 2001, quando o Grupo Folha decidiu extinguir o periódico.

Angrimani (1995, p. 94) realizou dezenas de entrevistas com leitores do Notícias Populares e concluiu: “O leitor de ‘Notícias Populares’ gosta do jornal por ser fácil de ler, ter fotos em cores e é atraído, principalmente, pela linguagem sensacionalista, que se estabelece a partir da manchete”. O estudo não traz um

enfoque detalhado sobre as fotografias, mas cita a constante presença da violência nas páginas do impresso.

Surpreendeu Angrimani (1995) o fato de que nenhum dos 60 entrevistados criticou o jornal pelas práticas sensacionalistas. Inclusive, em relação às fotografias, um leitor declarou para Angrimani (1995, p. 121) que “[...] é a favor de que o jornal destaque as fotos dos crimes por mais trágicas que sejam, ‘para impressionar o povo’, porque ‘uma figura fala mais do que mil palavras’”. Desta forma, demonstraram gostar do jornal também pelas abordagens sensacionalistas em relação à violência, porque, disseram, passariam a se precaver deste tipo de situação.

Embora o jornalismo popular tenha sofrido profundas mudanças nas últimas décadas, um aspecto parece permanecer quando se compara o estudo do Notícias Populares aos jornais atuais: a necessidade de estar próximo ao mundo do leitor. No velho formato de jornalismo popular, isto se dava por meio do relato de histórias falsas, as quais o leitor reconhecia como inverídicas, mas continuava acompanhando, como quem faz de conta que acredita. Há, entre jornal e leitor, uma convivência. (ANGRIMANI, 1995).

Hoje longe de relatar histórias inverídicas, os jornais populares modificaram suas estratégias de aproximação com os grupos da sociedade que consideram seu público-alvo. Passaram a ser denominados pela indústria de *jornais populares de qualidade* (SELIGMAN, 2008) na tentativa de libertar-se dos velhos conceitos e apostam, entre outras alternativas, na visibilidade das fontes populares.

A pesquisa de Angrimani (1995), por outro lado, identifica uma demanda dos leitores, que, insatisfeitos, almejavam um jornal mais informativo, com mais conteúdo. Considerando o jornalismo popular praticado atualmente, percebe-se que, de fato, esta mudança ocorreu, especialmente em relação a assuntos ligados a serviços, de grande utilidade para a vida em sociedade.

Na época, os jornais sensacionalistas tinham espaço no mercado de impressos, mas não era esta a conduta seguida pelos jornais mais respeitados. Angrimani (1995) arrisca a hipótese de que o jornalismo sensacionalista estaria, naquele tempo, condenado a desaparecer por não atender à demanda do mercado, mas reconhece que a prática sobreviveu a mudanças de costumes e valores. Destinados a um público de menor poder aquisitivo, os jornais populares seguiriam

sobrevivendo a partir da venda em bancas, em empresas que também mantêm jornais de referência.

Marcondes Filho (1986) considera que o sensacionalismo também esteve relacionado ao intuito de vender, de forma que a notícia recebia um tratamento que visava torná-la mais atraente nas bancas.

O que vai diferenciar um jornal dito 'sensacionalista' de outro dito 'sério' é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. (MARCONDES FILHO, 1986, p. 66).

Muitas vezes, os fatos, para se tornarem mais fortes perante o olhar do leitor, eram humanizados de modo a personificar os processos sociais. Desta forma, eram noticiados de forma isolada, sem contextualização. Outro aspecto também teria sustentado o jornalismo sensacionalista: no capitalismo, o trabalhador sofreu para sobreviver em meio a condições de opressão social, e o jornal, como forma de entretenimento e lazer, tornou-se a válvula de escape para a rotina exaustiva. Fatos apresentados de forma superficial formavam o produto ideal em uma sociedade onde ao trabalhador estava reservado o papel de um ser passivo.

Este perfil de jornalismo popular, tanto para Angrimani (1995) como para Goldenstein (1987, p. 29), iniciou nos Estados Unidos, com os periódicos sensacionalistas de Hearst e Pulitzer: “[...] jornais de pouco texto, muitas fotos, manchetes escandalosas”, com pouco espaço para a política. Esta é uma característica que se estendeu ao novo formato de jornais populares conhecido atualmente, onde geralmente os assuntos ligados à política ganham pouco espaço.

Os meios de comunicação que surgiram ligados a movimentos populares nos anos 1970, no Brasil, em formato de jornal tabloide ou revista de oposição, foram chamados de imprensa alternativa (FESTA, 1986, p. 16): “Eram publicações de caráter cultural, político e expressavam interesses da média burguesia, dos trabalhadores e da pequena burguesia”. Esses jornais, como o Pasquim, contaram as verdadeiras histórias das lutas populares dessa década e inseriram as classes sociais nacionalmente.

Com o fim da censura aos meios de comunicação, a partir de 1978 iniciava um novo período. Festa (1986) não considera que a imprensa alternativa tenha desaparecido, mas que tenha mudado seu lugar na sociedade. As publicações

político-partidárias se destacaram no período e “[...] a comunicação popular no Brasil nasce efetivamente a partir dos movimentos sociais, mas sobretudo da emergência do movimento operário e sindical, tanto na cidade como no campo”. (FESTA, 1986, p. 25).

Estudos recentes reconhecem a falta de aportes teóricos para caracterizar a imprensa popular e consideram o sensacionalismo um *conceito errante*: “Suspeitamos do poder explicativo do conceito de sensacionalismo na atualidade. De tão utilizado, tornou-se uma categoria flácida, sem fronteiras e sem vigor”. (AMARAL, 2005, p. 2).

Muitos produtos jornalísticos populares contornam o estilo ‘espreme que sai sangue’, e usam outros recursos para conectarem-se com o público popular como o entretenimento, o assistencialismo, o denunciamento, a prestação de serviços e a superexposição das pessoas comuns e das celebridades. Muitos produtos informativos populares, ao abandonarem as falsas informações e o exagero, passam também a apostar na sua credibilidade, conceito antes considerado privilégio da imprensa de referência. Assim, o sensacionalismo pode ser considerado um *conceito errante*, tanto por suas insuficiências quanto por suas generalizações. Há interessantes conceituações sobre ele, mas o equívoco está em pressupor que um único conceito pode dar conta de todas as estratégias destinadas a gerar sensações. (AMARAL, 2005, p. 5, grifo nosso).

Para explicar esta constatação, Amaral (2005) propõe aprofundar-se nos modos de endereçamento dos jornais populares, forma como eles buscam se relacionar com seus públicos e que está ligada a matrizes culturais. Um destes modos é a mudança no critério de adoção de fontes, em que o veículo dá prioridade para fontes com função de testemunhas, a fim de legitimar um fato ou mesmo gerar sensações. Mas ela defende: todo processo de comunicação pode ser considerado sensacionalista sob o aspecto de que mexe com as sensações do público.

Para quem associa jornalismo popular à distorção dos fatos, Amaral (2005) afirma que, se existe distorção, presume-se que haja uma maneira exata de narrar. Porém, sabe-se que as notícias são construídas com textos e imagens a partir da realidade; portanto, não existe um reflexo exato, mas um ato de criação, que toma por base o público para o qual é destinado. Neste sentido, importa considerar os conhecimentos do leitor, a partir dos quais são construídas as mensagens a fim de que haja interesse e entendimento por parte do público. Afirmar que estes jornais são feitos para o mercado também não justifica as práticas, uma vez que qualquer veículo busca atingir determinado tipo de consumidor.

A fim de mostrar como o conceito sensacionalista é inadequado para rotular os jornais populares, Amaral (2005) aborda alguns dos modos de endereçamento. Entre eles estão as matérias de interesse humano, já que nem todas são de interesse público e nestes jornais costumam ser personalizadas e descontextualizadas. “O interesse do público suplanta o interesse público não somente em função da temática da notícia, mas pela forma como ela é editada, a partir da individualização do problema, o que dá a sensação de que o jornalismo não se realiza”. (AMARAL, 2005, p. 9). Outro modo de endereçamento é a visibilidade às fontes populares em detrimento das fontes oficiais e públicas.

Enfim, os fios puxados para tecer uma rede explicativa para os produtos jornalísticos populares vêm de diferentes modelos, mas se encontram, sobretudo, na ideia de que esse segmento utiliza-se de inúmeros Modos de Endereçamento, baseados em Matrizes Culturais populares que podem ser historicamente localizadas. E cada um dos Modos provoca deslocamentos diversos na prática jornalística, sendo pouco produtivo analiticamente circunscrevê-los num único conceito. (AMARAL, 2005, p. 10-11).

3.2 Jornais Populares de Qualidade

O jornal Última Hora de Porto Alegre foi fechado com o golpe de 1964, quando todos os periódicos da rede foram proibidos de circular por ordem dos militares que tomaram o poder. Ary Carvalho, paulista que foi transferido do Paraná para o Rio Grande do Sul para dirigir o Última Hora gaúcho, tentou comprar o título em Porto Alegre, mas não conseguiu. No mesmo ano, lançou o jornal Zero Hora, periódico que foi vendido depois à Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS) e que circula até hoje em Porto Alegre. A RBS, por sua vez, teve uma ascensão monopolizadora a partir da segunda metade da década de 1950 e a Zero Hora se tornou o jornal de maior venda avulsa, batendo a tiragem do Correio do Povo (RÜDIGER, 2003), até então o preferido pelos leitores.

O próprio jornal Zero Hora pode ser trazido como modelo de jornal sensacionalista, pelo velho padrão do conceito, se considerados os primeiros tempos de sua existência, conforme relata Ricardo Chaves², que compara esse período ao atual vivido pelo Diário Gaúcho. A argumentação é baseada em exemplos de fotografias publicadas no passado e no presente, já que ele acompanhou a trajetória de ambos os jornais.

² Entrevistado pela autora em 2011, quando estava na função de editor de Fotografia de Zero Hora.

A Zero Hora já publicou uma foto da capa uma vez que era uma cabeça em cima de uma passarela, cortada do corpo, na passarela de Canoas. Hoje seria impensável. [...] eventualmente, numa véspera de feriadão, que tu sabes que vão morrer 40 pessoas, a gente coloca um carro detonado, esfaçalhado, para servir de recado, para de alguma forma contribuir e alertar. Tem momentos e momentos. O próprio Diário Gaúcho, que é um jornal mais popular, que poderia andar mais nessa linha, tem um extremo cuidado. Talvez mais do que a Zero Hora. Tem mulher nua, mas tu nunca vai ver um nu frontal. Porque é um jornal barato, para o operário, para o cara classe média baixa, mas depois ele tem que chegar em casa e levar para a família. [...] É para ele conviver. Tem a violência, tem a matéria do crime, mas não é do tipo 'espreme que sai sangue'. O jornal tem muito pudor em lidar com esses assuntos que são populares. Tem uma preocupação bem grande em não derrapar para o vulgar, para o absurdo, sensacionalismo. [...] A Zero Hora já foi um jornal mais espalhafatoso no início, na origem. Porque tinha o 'Correio', que era o 'Estadão' nosso aqui. Hoje, a Zero Hora é o 'Estadão' nosso. [...] é o jornal mais importante, mais sério [...]. (CHAVES apud MERSONI, 2011, p. 124).

Esta mudança nos jornais populares observada por Chaves deu origem ao que Seligman (2008) chama de *jornais populares de qualidade*, que, com base em dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ) e da Associação dos Jornais do Interior (Adjori), são publicações de baixos valores (geralmente centavos de real) e com linguagem chamativa, direcionadas às classes B, C e D. Os jornais populares lançados nas últimas décadas por grandes grupos de comunicação ocupam um lugar significativo no atual cenário brasileiro, inclusive sendo responsáveis pelo aumento nas tiragens de impressos em uma época marcada pelo crescente acesso à informação pela internet.

Após recuo nos anos de 2008 e 2009, a circulação de jornais brasileiros voltou a registrar crescimento, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Em dezembro de 2012, conforme estimativa da ANJ, havia 9,029 milhões de exemplares circulando diariamente em todo o país. (ANJ, 2013).

Um crescimento constante de circulação dos jornais diários brasileiros é percebido a partir de 2003, elevação que se deve especialmente às publicações com preço de capa de até R\$ 0,99, característica dos jornais populares. Um grande avanço destes jornais é verificado em 2011: 10,3%. Consequência deste cenário, já que os populares são comercializados apenas em bancas e nas ruas, as vendas avulsas aumentaram 4,6% no período, enquanto o incremento nas assinaturas foi de 2,4%. (ANJ, 2013).

Em 2012, o segundo lugar no *ranking* dos maiores jornais do Brasil de circulação paga ficou com o jornal popular Super Notícia, de Minas Gerais, conforme dados da ANJ (2013), com 296.799 exemplares por dia. O jornal popular ficou atrás

apenas da Folha de São Paulo, que registrou 297.650 impressos diários. O *ranking* ainda destaca os populares Extra (Rio de Janeiro), Diário Gaúcho (Rio Grande do Sul), Daqui (Goiás), Meia Hora (Rio de Janeiro), Aqui (Minas Gerais, Maranhão, Distrito Federal e Pernambuco), Agora São Paulo (São Paulo) e Dez minutos (Amazonas).

Tabela 1 - Os maiores jornais do Brasil de circulação paga de 2012

Ranking	Título	UF	Média da circulação
01	Folha de São Paulo	SP	297.650
02	Super Notícia	MG	296.799
03	O Globo	RJ	277.876
04	O Estado de S. Paulo	SP	235.217
05	Extra	RJ	209.556
06	Zero Hora	RS	184.674
07	Diário Gaúcho	RS	166.221
08	Daqui	GO	159.022
09	Correio do Povo	RS	149.562
10	Meia Hora	RJ	118.257
11	Aqui (MG, MA, DF e PE)		116.725
12	Agora São Paulo	SP	92.046
13	Dez Minutos	AM	91.498
14	Estado de Minas	MG	83.787
15	Lance!	RJ	80.238

Fonte: ANJ (2013).

O *ranking* mostra que entre os 15 jornais de maior tiragem em 2012, 8 seguem linha editorial popular e são de diversos estados do país, o que mostra que o fenômeno dos impressos com baixos preços de capa não ocorre de forma isolada. Para Seligman (2008), que analisa os crescentes números de veículos deste tipo e o aumento nas tiragens, mais do que uma tendência, este deve ser um novo padrão brasileiro de jornal impresso.

As empresas jornalísticas e a própria ANJ vêem esse crescimento de forma positiva, uma vez que consideram passado o conceito que liga jornalismo popular a jornalismo sem qualidade. Neste novo boom, acreditam que o jornalismo popular tenha se tornado instrumento de inclusão social, formando novos leitores para seus veículos principais. (SELIGMAN, 2008, p. 4).

Pensar o novo formato do jornalismo popular é trazer à tona também as condutas dos profissionais envolvidos na produção destes periódicos: “[...] discute-se

ética jornalística, os valores que determinam as escolhas diárias, e as posturas que repórteres e editores adotam diante de impasses como a atração de leitores, a boa prestação do serviço jornalístico e o exercício digno desta profissão”. (SELIGMAN, 2008, p. 5).

Giner (2003, p. 1, tradução nossa) observou que enquanto jornais tradicionais enfrentavam crise, os populares estavam bem colocados: “Hoje, são o meio de comunicação impresso de mais rápido crescimento em muitos países. Seu segredo? São produtos excelentes, tem redatores e editores brilhantes, e frequentemente são publicados por empresas editoras ‘fora de moda’”.

Estes jornais, distantes da falta de credibilidade, são dignos de serem levados para casa, para a família ler. Com muitas cores, o que os deixam visualmente chamativos, têm uma receita para o sucesso: preço baixo (pelo menos metade do valor praticado pela imprensa tradicional), páginas reduzidas, venda avulsa, publicidade direcionada aos leitores e propaganda do jornal. Além disso, uma questão que pode ter grande influência na aceitação pelo mercado consumidor e ser decisiva para a sobrevivência: o aproveitamento da infraestrutura e da experiência da empresa editora. (GINER, 2003).

Esta foi a fórmula para o Grupo O Globo lançar o Extra (GINER, 2003), adotada por outras grandes empresas de comunicação, inclusive de outros países, que aproveitaram a segmentação do mercado de leitores e investiram em uma publicação popular. Na maioria dos casos, como no do Diário Gaúcho, a estratégia deu certo: jornais tradicionais não perderam leitores com o lançamento dos populares. Para Giner (2003), tem espaço para crescer os jornais que se dispuserem a seguir em uma linha diferenciada e atuar com credibilidade, formando leitores que são leais ao veículo que escolhem para se manterem informados.

Então, o que diferencia, culturalmente, esses jornais é o objetivo determinado de elaborar mensagens *adequadas* que atinjam os interesses do público a que se destinam. Interesses supostamente conhecidos pelos produtores da comunicação de massa. (PEDROSO, 2001, p. 48, grifo do autor).

3.3 Diário Gaúcho e o Mundo do Leitor

Lançado em 17 de abril de 2000 pelo Grupo RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação), o Diário Gaúcho (DG) foi criado com o objetivo de atingir uma

parcela da população que, de acordo com pesquisas, não tinha o hábito de ler jornal. Este público-alvo é estabelecido pela empresa por classes econômicas, atualmente definidas em B e C³. (GRUPO RBS, 2013). O jornal, em formato tablóide, circula na Grande Porto Alegre e principais cidades do interior do Estado, de segunda-feira a sábado (há apenas uma edição no final de semana), com um preço de capa de R\$ 0,90 durante a semana e R\$ 1,00 aos sábados. Em média, tem de 30 a 36 páginas, todas em cores. O DG está entre os oito jornais impressos do Grupo RBS, que atua no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e compartilha a linha editorial popular com o jornal Hora, de Santa Catarina, que circula na Grande Florianópolis.

Com um projeto gráfico bastante característico da linha popular por reunir muitas cores e elementos de arte⁴, o DG busca dar espaço a seus leitores e mantém uma reduzida cobertura política. (AMARAL, 2011). De acordo com Chaves (apud MERSONI, 2011), editor de Fotografia da Zero Hora (ZH), após o lançamento do DG pesquisas apontaram para o fato de que o jornal havia conquistado um novo nicho de leitores, uma vez que a própria ZH e outros jornais de Porto Alegre haviam mantido suas tiragens. Conforme Amaral (2011), as primeiras edições tiveram tiragem média de 95 mil exemplares. Dois meses após o lançamento, a circulação diária passou para 180 mil.

Ao longo dos últimos anos, a tiragem sofreu variações, como é possível perceber na Tabela 2. Em 2012, foram 166.221 exemplares circulando diariamente, um crescimento de 7% em relação ao ano anterior.

³ Conforme dados da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep) de 2013, que leva em conta informações referentes ao Levantamento Sócio Econômico (LSE) 2011, a renda média bruta familiar mensal das classes B e C ficaria entre R\$ 1.147 (Classe C2) e R\$ 5.241 (Classe B1). A divisão da população em classes econômicas é determinada pelo Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) da Abep, que busca estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas. No documento publicado pela entidade com as alterações na aplicação do Critério Brasil a partir de 01/01/2013, inclusive, a Abep destaca estar “abandonando a pretensão de classificar a população em termos de ‘classes sociais’”, por isso define que a divisão de mercado é de “classes econômicas”. O sistema de pontos do Critério Brasil leva em conta a posse de bens e o grau de instrução do chefe da família. As pesquisas abrangem nove regiões metropolitanas do país: Fortaleza, Recife, Salvador, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Distrito Federal.

⁴ “Arte”, no jornalismo, refere-se à utilização de elementos visuais (como linhas e quadros); quando relacionado às fotografias, diz respeito a interferências e apropriações de recortes e manipulações.

Tabela 2 - Circulação média diária por ano do Diário Gaúcho

Ano	Exemplares
2002	125.430
2003	119.221
2004	137.947
2005	152.495
2006	152.149
2007	155.328
2008	166.886
2009	146.885
2010	150.744
2011	155.853
2012	166.221

Fonte: ANJ (2013).

Antes e depois do lançamento, a RBS pesquisou as classes C, D e E. Em junho de 2000, o Ibope constatou que a maioria dos leitores pertencia à classe C, tinha renda de dois a cinco salários mínimos e grau de instrução de Ensino Fundamental completo ou incompleto. “Parte dos consumidores do DG não eram leitores de jornal, e após seu lançamento, em 2000, a região metropolitana de Porto Alegre passou a ser a primeira em índice de leitura de jornais no Brasil”. (AMARAL, 2011, p. 80).

No DG, as editorias *Jogo Total* (Esporte) e *Ronda Policial* (Polícia) têm ampla cobertura, em detrimento dos assuntos de política, que aparecem de forma discreta na página 2, denominada *O que há de novo*, onde também aparecem de maneira tímida os fatos internacionais. Matérias de serviço, como as que auxiliam na busca de qualificação e emprego, são constantes, principalmente na página *Espaço do Trabalhador*. Também têm relevância no jornal as reportagens que denunciam os problemas de infraestrutura, entre elas as de buracos nas ruas, espaços públicos com falta de manutenção, deficiências no atendimento dos setores de saúde pública e obras paradas.

Há ainda outros espaços, como *Caranga e Cia* (assuntos relacionados a veículos), *Presságios* (horóscopo e afins), além de diversos colunistas. Outro aspecto do jornal popular é levar para as páginas impressas alguns conteúdos de entretenimento da televisão. Nas páginas centrais, *Retratos da Fama*, são apresentadas notícias relacionadas a famosos; entre elas, é comum haver o enfoque

para uma mulher, sempre bem valorizada em uma foto com o corpo à mostra, o que também aparece praticamente com frequência diária na capa.

Os leitores são chamados a participar do jornal de diversas formas, especialmente nas páginas intituladas *Com a palavra, o leitor*, onde ficam os quadros *Seu problema é nosso!* (geralmente questões envolvendo a inoperância do setor público), *Pergunte a quem sabe* (questões diversas respondidas por especialistas, como, por exemplo, as relacionadas à saúde ou à área jurídica), *Onde anda você?* (para quem está à procura de amigos e familiares), *Pede-se providência* (problemas relatados em notas curtas), *A social* (fotos sociais) e *Cartas* (comentários diversos).

Sem relação com o conteúdo jornalístico, mas de forte apelo aos leitores, as promoções têm o objetivo de conquistar compradores fieis. Diariamente, o jornal traz na capa, na parte superior, o anúncio de um brinde, geralmente utensílios de cozinha, o que mostra o direcionamento do periódico a famílias. Para ganhar, os consumidores recortam e colam um selo fornecido nas edições, até completar a cartela.

Uma das características marcantes do DG diz respeito às notícias que tratam de histórias humanas e dramas cotidianos. Nestes espaços, pessoas que não pertencem a grupos de autoridades ou especialistas viram fonte principal e geralmente aparecem nas fotografias, o que acontece com menos frequência com as fontes oficiais. “O rosto e a fala do povo têm acesso explícito às páginas dos jornais”. (AMARAL, 2003, p. 7).

Em entrevista, o editor de Fotografia do Diário Gaúcho, André Feltes⁵ (apud MERSONI, 2011, p. 51), afirma:

O nosso foco é sempre as pessoas, as pessoas comuns. Qualquer retrato ou qualquer pessoa ambientada é sempre uma foto importante para o Diário. Porque ele é muito calcado em cima das pessoas, as pessoas que normalmente, no início, não se viam no jornal, não liam o jornal. As pessoas poderem se ver no jornal, isso é uma coisa muito importante e a gente tenta utilizar isso na foto o máximo que der.

Desta forma, ele diz que fotorrepórteres buscam construir suas fotografias sobre os mais variados assuntos pelo viés de um indivíduo, formato também adotado nos textos. Percebe-se, em sua fala, uma forte tendência à

⁵ Entrevistado pela autora em 2011.

supervalorização dessas pessoas que, segundo ele, são atraídas pelos seus retratos.

Em setembro de 2011, o então editor chefe do Diário Gaúcho, Claudio Thomas, apresentou, no 5º Congresso de Jornais Populares, em Cartagena, na Colômbia, o *case A receita de sucesso do Diário Gaúcho: do produto às promoções*. Na exposição, ele destaca que o jornal, que alcançou altos números de circulação desde sua criação no ano de 2000, foi lançado com a missão de “[...] conquistar os leitores das classes C, D e E da Região Metropolitana de Porto Alegre”. (THOMAS, 2011, p. 3).

Thomas (2011, p. 9) entende que

O jornal da maioria deve: ser um jornal popular, jamais popularesco; conter textos simples e didatismo na apresentação das matérias; ser um jornal sensacional, jamais sensacionalista; ter reportagens que mostrem bons exemplos de personagens e de comunidades; e direcionar o foco nos serviços, personagens, entretenimento, participação dos leitores, esportes e polícia.

O editor ainda cita o que considera mantras da redação do DG: “O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O Diário Gaúcho ouve a pessoa comum e conta suas histórias”. (THOMAS, 2011, p. 10). As altas tiragens conquistadas rapidamente, para ele, justificam o *slogan* “O jornal da maioria”.

Identificamos nas falas dos dois profissionais do DG considerações a respeito dos indivíduos que o jornal busca visibilizar em suas fotografias; eles não pertencem ao grupo de especialistas ou autoridades e, segundo o veículo, fazem parte do público-alvo. Esses indivíduos que os profissionais tratam como “pessoa comum” e “personagem”, nesta pesquisa denominamos *sujeitos*.

Entendemos o indivíduo como sujeito porque, sendo um indivíduo no campo da realidade onde ocorrem os fatos, ele é sujeitado pela imprensa ao ser inserido no discurso jornalístico. Neste discurso, ocupa posições pré-determinadas pelo meio de comunicação, que delimita os espaços e a forma a serem tomados pelo indivíduo, em um processo de construção de sua representação. Adiante, veremos que este sujeito, nos espaços do jornal delimitados nesta pesquisa, constituem fontes populares.

A conduta de visibilizar esses sujeitos reflete na publicação de matérias com enfoque neles e nos contextos em que vivem, contemplando os problemas sociais,

mas também os modos de vida, as rotinas e os costumes. Esta, sem dúvida, é uma das estratégias do jornal, que, como todo popular, é vendido apenas em bancas e precisa conquistar seus leitores diariamente. Para isso, o jornal investe em notícias locais, próximas geográfica e culturalmente do leitor, como exemplifica Chaves (apud MERSONI, 2011, p. 117) sobre os leitores do DG: “Para eles, a macro economia não existe. Mas existe a pequena economia, doméstica, de quanto está o preço do leite [...]. São propostas bem precisas”. Fontcuberta (1993, p. 45, tradução nossa) confirma esta percepção: “A proximidade é um dos fatores mais poderosos na hora de eleger uma notícia”.

Neste objetivo constante de aproximar-se do leitor, para Bernardes (2004), importa mais a imagem que os jornalistas fazem de seu público do que propriamente o público que consome a informação. Isso porque os discursos são moldados de acordo com a imagem que os produtores de informação têm dos receptores.

No Diário Gaúcho, a imagem do público é um dos pilares para a constituição da noticiabilidade. A partir dela são definidas as regras internas de constituição de pautas e enfoques, são definidos os assuntos e toda a rotina de apuração do jornal. Mais que isso, os próprios produtores definem seu espaço profissional e suas funções a partir do público que imaginam estar consumindo o jornal. (BERNARDES, 2004, p. 85).

Bernardes (2004), que realizou entrevistas e aplicou questionários com profissionais que atuam no DG, observa que a aproximação resulta em um constante contato dos leitores com o veículo. Esta relação, junto à conduta do jornal, busca construir uma imagem pública de credibilidade e faz com que o veículo tenha mais segurança em relação ao seu público: “Os produtores do *Diário Gaúcho* acreditam que conhecem muito bem o público ao qual se dirigem, algo raro entre jornalistas da imprensa escrita, que geralmente não têm ideia de quem seja o leitor”. (BERNARDES, 2004, p. 115, grifo do autor).

Já nos primeiros anos de existência, o DG contou com pesquisas junto à população para apontar características dos leitores, o que também ajudou a moldar o jornal da forma como se conhece hoje. Como tudo que é veiculado no DG precisa justificar-se pela demanda do leitor, o objetivo principal é que as matérias tenham alguma utilidade. “O contato com o público escolhido entre classes socialmente não privilegiadas parece reforçar nos jornalistas a ideologia que estabelece na proteção dos interesses e na representação dos dominados a função social da profissão”. (BERNARDES, 2004, p. 122).

O DG utiliza-se de diferentes maneiras para representar em suas páginas o público ao qual se destina. Bernardes (2004) aplica neste jornal os eixos conceituais definidos por Sunkel (1985) para investigar a representação das massas populares, que são o *representado* (atores, em certos espaços e relacionados a certos conflitos, interpelados no discurso marxista), o *não representado* (atores, espaços e conflitos não aceitos socialmente) e o *reprimido* (conjunto de atores, espaços e conflitos condenado a permanecer à margem da sociedade), e constata:

Comprovamos que o jornal centra seus relatos nos atores, espaços e conflitos definidos por Sunkel como não-representados, isto é, que constituem categorias sociais que existem e são legitimadas socialmente, mas que não apareciam no discurso marxista de partidos e jornais com ênfase política. (BERNARDES, 2004, p. 129).

Nesta visibilidade a estes setores populares que não aparecem nos jornais de referência, o jornal popular acaba por dar espaço a casos individuais, tratando como privadas as questões que deveriam ser públicas. (BERNARDES, 2004). Se jornalisticamente esta prática se torna questionável, considerando a linha editorial ela parece se justificar: ao centralizar problemas em determinadas pessoas, estas ganham ainda mais visibilidade, cumprindo um dos objetivos do veículo.

Enquanto as fontes oficiais ficam em segundo plano, as fontes populares, que estão na mira do jornal, se constituem como as principais:

[...] toda equipe sabe que os leitores precisam ser muito bem atendidos, pois dali é que saem a maioria das pautas e a boa relação com eles, como já foi citado, amplia a credibilidade da publicação. [...]. Essa proximidade ou informalidade, característica das relações familiares e de amizade desenvolvidas nos bairros e nas comunidades, tão comuns nas classes populares, aproxima os jornalistas dos leitores e contribui para ampliar o sentimento dos produtores em relação à função social do veículo. (BERNARDES, 2004, p. 144).

Amaral (2003, p. 7) observa que o jornal aposta na visibilidade ao universo onde está o leitor, constituindo assim uma de suas principais características: “O público passa a se enxergar individualmente, num processo em que a fruição individual suplanta o interesse público”. Na tentativa de construir uma notícia voltada exclusivamente para seu público, o jornal personifica os fatos, tratando-os de forma isolada, quando na verdade integram um contexto maior.

3.4 Notícia Construída para o Público

Jornalistas são construtores da realidade ao seu redor, que se transforma em realidade pública ao ser narrada e divulgada. (ALSINA, 2009). Nesta perspectiva construtivista, é preciso considerar que cada meio de comunicação molda sua cobertura para atingir determinado público. Embora os veículos se apresentem como transmissores de uma realidade social, por meio da qual a sociedade mantém-se atualizada, as notícias divulgadas não passam de um pequeno fragmento diante do grande e variado número de fatos.

Diariamente, além de selecionar o que merece virar acontecimento midiático, jornalistas também escolhem o tratamento que será dado a cada um; afinal, o discurso jornalístico efetiva-se quando sabe transmitir a informação. Separar produção e consumo, não é possível. Além da interpretação de quem enuncia, também é preciso considerar a decodificação por parte do receptor, o que muitas vezes pode incluir interpretações não previstas pelo criador. O leitor de um jornal, por exemplo, constrói uma realidade própria a partir da realidade que lhe é apresentada pelo meio de comunicação. (ALSINA, 2009).

A construção da mensagem midiática, por sua vez, nasce do real, de onde são retirados fragmentos de acontecimentos, e, posteriormente, é moldada de acordo com aspectos culturais próprios do meio onde está inserida, considerando aqui a produção e a recepção. “A notícia é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”.⁶ (ALSINA, 2009, p. 14). Cada leitor possui um sistema de significantes que atua na leitura de uma mensagem midiática e é pensando neste sistema que o jornalista constrói os discursos. Para alcançar uma comunicação eficaz, é preciso que o comunicador se aproprie dos significantes de seu público-alvo. (ALSINA, 2009).

Embora os meios de comunicação sejam direcionados a um amplo e diversificado segmento de pessoas, cada um deles tem *sua* audiência. Existe certa unidade entre o público que contém dois elementos: em primeiro lugar, certo grau comum de cultura, certa comunidade de

⁶ De acordo com Alsina (2009), o *mundo possível* é construído pelo jornalista ao serem levados em conta o mundo *real* e o mundo de *referência*. Enquanto o *real* seria a apuração dos fatos para chegar o mais próximo possível da verdade, o de *referência* refere-se ao modelo no qual se enquadram os fatos, constituído por construções culturais do próprio jornalista segundo seu repertório de conhecimentos.

costumes, sentimentos, tradições, ideias recebidas, etc. Em segundo, os impulsos vindos precisamente do meio de comunicação, as informações, comentários e sugestões que vêm dele. (FONTCUBERTA, 1993, p. 43, tradução nossa, grifo do autor).

Produção e recepção, desta forma, são aspectos intimamente relacionados, já que precisam estar sintonizados para que haja, de fato, uma comunicação eficaz. “O formato de um meio de comunicação reflete o valor que concede às informações que apresenta, e os receptores interpretam o meio em função das regras que ele mesmo lhes ensina”. (FONTCUBERTA, 1993, p. 65, tradução nossa).

Nesta relação com o jornalista, estabelecida pelo contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido, defende Alsina (2009, p. 47), “O destinatário saberá qual é o intuito da mensagem, como pode ser usada e também os efeitos que pode gerar”. Ao consumir informação de determinado veículo, o receptor subjetivamente reafirma sua confiança na informação recebida e esta imagem de credibilidade é que os veículos buscam construir diariamente.

Com o objetivo de manter e fortalecer o contrato fiduciário, são apresentadas no discurso jornalístico as fontes que prestaram as informações ao veículo, o que dá maior veracidade à notícia. Para compreender a construção social da realidade é preciso, conforme Alsina (2009), entender a relação entre acontecimento, fonte e notícia.

O processo de criação da notícia inicia com um fato, ao qual o sujeito observador confere sentido. (ALSINA, 2009). Para se tornar um acontecimento, um fato deve atender a determinados critérios, que variam conforme o contexto onde está inserido um meio de comunicação; “[...] cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos”. (ALSINA, 2009, p. 115).

Cada jornal, ao noticiar um acontecimento, atua como mediador. Nesta mediação, questões ligadas ao contexto da produção e do produtor moldam a notícia. Consideramos, aqui, os fatos como sendo as ocorrências que se passam na sociedade, as experiências reais que envolvem os indivíduos. Quando este fato é levado para a mídia, e transmitido em forma de notícia, torna-se um acontecimento.

O produtor da notícia pressupõe um envolvimento de seu público no acontecimento, aspecto determinante para um fato transformar-se em notícia. Porém, é necessário considerar que há graus de implicação diferentes para cada pessoa em relação a uma mesma notícia. Nem só o fator geográfico determina o

que é importante; também pode haver envolvimento psicológico e afetivo, o que é o caso das notícias de famosos.

Para entrar no rol de notícias dignas de serem veiculadas no jornal, outras características apontam o grau de relevância do assunto para o veículo (e, teoricamente, para o público-alvo). Uma das regras de seleção dos acontecimentos, segundo Böckelmann (1983 apud ALSINA, 2009, p. 154) é “A referência ao pessoal, ao privado e ao íntimo. Isso se refere às chamadas notícias de interesse humano, onde a gente pode se sentir identificado com os protagonistas”.

Alsina (2009, p. 162-163) observa que “Enquanto temos agentes sociais que têm acesso praticamente imediato aos meios de comunicação (seja para promover informações, ou para conseguir que sejam publicadas as devidas correções), outros agentes sociais quase não conseguem entrar no circuito da informação”. Considerando que as fontes populares ocupam um espaço reduzido no jornalismo de referência, o jornalismo popular, no novo formato em que surgiu na última década, prioriza estas fontes, especialmente por querer conquistar entre elas um nicho de leitores. (AMARAL, 2011).

Alsina (2009) aponta três formas pelas quais se manifestam as estruturas sociais da produção: exigências da produção e edição da notícia (considerando o espaço e a diagramação, por exemplo); controle da redação onde são escolhidos certos temas e descartados outros, além da seleção do jornalista que fará a cobertura e da forma da abordagem do tema; e seleção do pessoal e socialização, que se traduz na revisão por parte dos chefes, críticas, reuniões. Também é preciso considerar que “As representações sociais, mesmo que costumem ter certa continuidade histórica, podem também mudar de acordo com as circunstâncias de cada momento e da perspectiva dos observadores”. (ALSINA, 2009, p. 301).

Ao tratar o jornalismo como gênero discursivo, Benetti (2007, p. 6) comenta que “Todo discurso é norteado pelo que se imagina sobre o outro”. O jornalista, que assume o papel de enunciador, tem uma imagem sobre si mesmo, mas também sobre seu leitor. Ela lembra que há três sujeitos envolvidos em um processo discursivo: o enunciador, o leitor virtual e o leitor real, sendo que apenas o primeiro e o último são indivíduos concretos. O leitor virtual seria o público “modelo” para o qual se dirige um veículo.

A função do jornalismo de organizar o caos diário de fatos e repassar as informações atuais de forma a explicar o que se passa no mundo, com a produção

do acontecimento, também integra a História. (NORA, 1974). “Os acontecimentos jornalísticos ajudam a definir historicamente uma sociedade porque o seu próprio processo de produção está imbuído de valores que circulam nesta mesma sociedade”. (BENETTI, 2010, p. 160). Deles também brotam os sentidos inscritos pelo emissor (MOUILLAUD, 2002), que são construídos não somente a partir de uma notícia individual, mas ao longo do tempo sobre determinadas abordagens.

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejamos a partir do seu próprio campo mental e recolocamos em circulação no ambiente cultural. [...]. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações. (MOUILLAUD, 2002, p. 51).

Rodrigues (1999, p. 31, grifo do autor) observa que “Ao relatar um acontecimento, os *media*, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo”. Além disso, “[...] o discurso dos *media* surge para organizar a experiência do aleatório e lhe conferir racionalidade”. (RODRIGUES, 1999, p. 33, grifo do autor). Essas construções, quando analisadas, podem revelar os processos de produção: “As notícias de jornais são relevantes objetos de pesquisa, pois elas abrigam, sim, uma grande diversidade de modos narrativos”. (RESENDE, 2011, p. 131).

3.5 A Fonte Popular no Jornalismo

As fontes têm importante papel no trabalho jornalístico, que atribui sentido e notoriedade a determinados fatos e ideias. (SOUSA, 1998). Enquanto o jornalismo de referência acompanha atualmente a crescente produção de notícias por assessores de comunicação, que fornecem diversos conteúdos, o jornalismo popular preserva em sua essência a produção própria de notícias, especialmente nas ruas.

A diferença está no tipo de fonte: enquanto os meios de referência mantêm um relacionamento maior com fontes oficiais, empresariais, institucionais e especializadas, que já na sugestão de pautas oferecem grande subsídio de informações, os meios populares buscam nas fontes de setores considerados populares a matéria-prima para seu trabalho. Utilizamos nesta pesquisa a classificação de fontes elaborada por Schmitz (2011), que define a fonte popular como a que

Manifesta-se por si mesmo, geralmente, uma pessoa comum, que não fala por uma organização ou grupo social. Enquanto testemunha, enquadra-se em outro tipo, por não defender uma causa própria. Uma fonte popular aparece notadamente como 'vítima, cidadão reivindicador ou testemunha'. A figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofrido, injustiçado ou pela desgraça do destino. (CHARAUDEAU, 2009). Já o cidadão busca visibilidade para reivindicar seus direitos. Além de testemunhar algum fato, essa fonte também é utilizada para contextualizar uma informação na vida cotidiana. (SCHMITZ, 2011, p. 26-27).

Seguindo as classificações de Schmitz (2011), entendemos que, quanto à *categoria*, a fonte popular é primária, por estar na origem da informação; quanto à *ação*, pode ser ativa, quando entra em contato com o veículo, ou passiva, quando é procurada; quanto ao *crédito*, é geralmente uma fonte identificada. Na *qualificação*, onde são classificadas em confiável, fidedigna ou duvidosa, percebemos que o entendimento muda em cada veículo e a linha editorial pode ser decisiva na leitura que os comunicadores fazem das fontes.

Uma pesquisa realizada com 440 profissionais, entre fontes, assessores de imprensa e jornalistas, verificou que entre os jornalistas brasileiros “[...] as fontes que merecem maior crédito são os especialistas, seguidos pelas fontes de referência, testemunhal, institucional, empresarial, oficial e popular, nessa ordem decrescente”. (SCHMITZ, 2011, p. 33). Sem considerar pesquisas recentes que constatarem a falta de aportes teóricos para caracterizar a imprensa popular e que consideram o sensacionalismo um *conceito errante* (AMARAL, 2005), Schmitz (2011), ao afirmar que as fontes populares são frequentes no jornalismo popular, diz que o segmento é rotulado como sensacionalista.

Com base em Amaral (2006), Schmitz (2011, p. 52) considera que “[...] o jornalismo apropria-se da fala popular nem sempre para explicar o ocorrido, mas ampliar os fatos e empatia ou suposta expectativa do público”. Porém é preciso considerar que fontes e jornalistas têm interesses próprios; no jornalismo popular, podemos dizer que enquanto o interesse dos veículos está em dar voz a esses sujeitos para se comunicarem com sua audiência, as fontes buscam resolver seus problemas – geralmente relacionados à inoperância do poder público – ou ganhar visibilidade para suas histórias de vida. “As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados”. (PINTO, M., 2000, p. 278).

É por meio das fontes que o Diário Gaúcho busca aproximar-se de seu público-alvo. “Grande parte do jornal busca o vínculo com as pessoas do povo. Os leitores são, preferencialmente, das classes B, C e D e constituem-se na fonte principal de informação”. (AMARAL, 2011, p. 38).

Desta forma, os jornais acreditam na visibilidade dada a estes sujeitos como um *modo de endereçamento* a fim de dirigir-se a um determinado público. Na maioria das vezes, os veículos denunciam problemas, que são apresentados de forma personalizada e descontextualizada (AMARAL, 2003), o que direciona o foco da matéria ainda mais para os sujeitos expostos.

Muitas matérias do jornal são redigidas a partir de *cases*. Os cidadãos comuns são elevados à categoria de fonte principal. Às fontes oficiais fica reservado um papel secundário [...] no *DG* há a preferência para falas de cidadãos comuns sobre seus problemas cotidianos [...]. Na maioria das vezes, há uma foto do cidadão, fonte da matéria, e a legenda reforça sua opinião ou seu drama. Mesmo que existam fontes oficiais citadas secundariamente, elas nunca aparecem nas fotos e legendas. (AMARAL, 2003, p. 4, grifo do autor).

Desde a criação do Diário Gaúcho, profissionais que trabalham na redação acreditam conhecer bem o público para o qual direcionam sua produção: a partir de pesquisas, a empresa escolheu, inicialmente, quando do lançamento, como alvo, o trabalhador com renda de até R\$ 1 mil e Ensino Fundamental completo. (BERNARDES, 2004). Esta realidade teria interferência no modo de se comunicar com os leitores, uma vez que o jornal acredita que eles tenham baixa escolaridade.

O fato de necessitarem sobreviver mercadologicamente entre um público de baixa escolaridade e pouco hábito de leitura demanda dos jornais grande aproximação com os leitores. Para isso, são utilizados recursos que provocam um distanciamento gráfico, linguístico e temático da imprensa conhecida como de qualidade ou de referência. (AMARAL, 2011, p. 30).

Este público, com hábitos próprios de seu estilo de vida, influenciados possivelmente pela renda, para o jornal, interessa-se por tudo o que está próximo de seu cotidiano. Por isso esses veículos apostam em conteúdos relacionados ao cotidiano, com destaque para informações de serviços e entretenimento. Este relacionamento próximo com os leitores reflete em intensa aparição deles nos conteúdos publicados.

As pessoas que se manifestam nas matérias são, em sua maioria, provenientes das camadas populares. Posam para fotos que corroboram

com sua denúncia e são mostradas em casas pequenas e humildes ou ruas sem calçamento, tomadas de mato ou de lixo, ou, ainda, acompanhadas de pessoas doentes em condições precárias. (AMARAL, 2011, p. 86).

Pinto (M., 2000) alerta para um risco que parece não existir no jornalismo popular, da forma como ele se apresenta hoje:

Os jornalistas que convivem frequentemente com determinados meios onde a informação se obtém [...] correm o risco de interiorizar excessivamente a lógica das fontes e mesmo de se sentirem identificados com elas, a ponto de perderem de vista o destinatário primeiro da informação que produzem: o público. (BEZUNARTEA, 1998 apud PINTO, M., 2000, p. 284-285).

Isso porque as fontes de informação, no jornal popular, segundo o DG, integram seu grupo de leitores e, portanto, o ideal é que os jornalistas se identifiquem mesmo com elas. “A prática do jornalismo popular é um exercício de empatia porque exige que o jornalista permanentemente se coloque no lugar do leitor”. (AMARAL, 2011, p. 126).

A fim de conceder a visibilidade prometida, o sujeito é acionado pelo jornal a ocupar um espaço já determinado em suas páginas, e a aposta é de que ele se identificará com a proposta. Para Amaral (2003, p.8), o leitor responde a essa solicitação para tentar “[...] exercer sua condição de sujeito social”, mesmo que sua imagem seja modelada pelo impresso. As estratégias do jornal determinam suas posições: “O leitor real que fala ao *DG* pode até se identificar com a publicação, mas é reconstruído pelo jornal. [...]. Portanto, tomamos como base que é o jornal quem recruta o leitor para determinadas posições-de-sujeito”. (AMARAL, 2003, p. 8, grifo do autor).

De fato, é construído um lugar para o representante das camadas populares, que sai da zona de sombra a que é submetido no jornalismo de referência, para enxergar seu vulto nas páginas do jornal popular, mas sua fala normalmente não representa mais do que sintoma dos mal-estares sociais e o jornalismo não se realiza completamente. (AMARAL, 2003, p. 8).

Canclini (1999 apud AMARAL, 2003) observa que com a descrença na política e nas instituições, os jornais populares têm dado, por vezes, mais respostas à sociedade do que a própria democracia. Por outro lado, reconhece que o sujeito aparece no jornal não como pessoa ativa em uma comunidade, mas como consumidor insatisfeito e reivindicador.

Para Sunkel (2001), os espaços concedidos nos jornais populares, embora sejam diversos, criam sempre o mesmo sentido. Isto porque as histórias se assemelham, especialmente quando tratam de dramas vividos por esta fatia da população.

A relação entre fontes e jornalistas é permeada por intenções, de ambas as partes. Entre os objetivos das fontes, estão ter a atenção do veículo e, por meio dele, ganhar visibilidade; buscar apoio a certas ideias; e criar uma imagem positiva perante o público. Já os jornalistas têm a intenção de conseguir informações exclusivas; lançar ideias para o debate público; e legitimar determinadas informações. (PINTO, M., 2000). Mesmo que por um lado as fontes atuem como direcionadoras da informação, por outro não é possível desconsiderar o poder dos jornalistas na seleção de seus informantes.

[...] os jornalistas não são meros intermediários ou observadores; têm ou podem ter um papel activo no material que seleccionam para divulgar, no enquadramento e contextualização das informações que obtêm junto das fontes e no destaque que lhes conferem ao nível da difusão. (PINTO, M., 2000, p. 286).

Sousa (1998), que acredita na diversificação de fontes como o caminho para a democratização da informação e a aproximação com o público, realizou um estudo com os quatro jornais portugueses diários de maior tiragem (Jornal de Notícias, Correio da Manhã, Público e Diário de Notícias) e, verificou, entre outros aspectos dos textos, durante uma análise superficial, a presença de protagonistas *de elite* e *desconhecidos*: “[...] todos os jornais privilegiam as fontes que emanam dos poderes [...], em prejuízo de uma maior polifonia social”, concluiu Sousa (1998, p. 10).

Em análise das capas do Diário Gaúcho em comparação com o jornal popular alemão Bild Hamburg, Nunes (2011) constata, no periódico brasileiro, amplo espaço na capa aos leitores, o que indica uma singularização das notícias. Além disso, ainda verifica que a participação do sujeito está vinculada ao desejo de estar no jornal, já que, ao contrário de uma seção para leitores no jornal da Alemanha, não há remuneração para a publicação de fotos.

Sunkel (1985) também investigou a representação das classes populares nos diários populares de massa chilenos El Siglo, Última Hora, Clarín, Puro Chile e La Tercera, durante o regime democrático, abordando a constituição desses diários por meio de princípios de semelhança e diferenciação. O conceito de diários populares

de massa, para Sunkel (1985), está relacionado a um tipo de imprensa que surgiu com força nas décadas de 1940 e 1950 e passou a enfrentar a concepção liberal-oligárquica, que comandou o meio midiático no século XIX, com um viés político. Neste contexto histórico, o povo passa a constituir a sociedade de massas, que, presente no cenário público, era representada pelos diários populares.

A pesquisa situa-se na problemática da oposição entre cultura popular e cultura de massas. Para Sunkel (1985), duas matrizes culturais estão presentes na cultura popular: racional-iluminista e simbólico-dramática, que determinam o modo de representação do popular na imprensa.

A aparição dos sujeitos no cenário público implica três planos: atores, conflitos e espaços, relacionados a determinadas temáticas, que antes estavam à margem da história. (SUNKEL, 1985). A partir da análise quantitativa de uma amostra selecionada de um período pertinente a sua pesquisa, Sunkel (1985, p. 193, tradução nossa) conclui: “[...] a política de um discurso para imprensa popular de caráter progressista deve assumir, como problema medular, a articulação das matrizes culturais presentes na cultura popular”.

3.6 Fotorjournalismo na Imprensa Popular

A linha editorial de um veículo de comunicação, construída de acordo com o perfil do público-alvo, reflete, também, na produção e edição fotorjournalística. A imprensa, quando constrói a discurso dos acontecimentos com fotografias, busca por imagens que sejam eficientes na transmissão das informações, uma vez que “[...] foto boa é foto eficiente”. (GURAN, 2002, p. 10). Considerando que o processo de interpretação está diretamente relacionado às experiências e conhecimentos de cada observador (KOSSOY, 2001), pensamos aqui a fotografia como resultado de uma série de escolhas que levam em conta as necessidades comunicacionais do grupo de leitores de cada jornal. “O público-alvo de um jornal influencia os conteúdos e formatos do mesmo, os seus comportamentos e atitudes”. (SOUSA, 2004, p. 14).

A visão é considerada o principal sentido do ser humano no processo de aquisição de conhecimentos; quanto à fotografia, induz o observador à imediata associação de ideias e sentimentos. (CHAUÍ, 1988 apud GURAN, 2002). Por isso, para ser eficiente, uma imagem é construída de acordo com o perfil do leitor:

O valor e o alcance dos documentos, bem como sua viável interpretação, estão na razão direta de quem consegue – em função de sua bagagem cultural, sensibilidade, experiência humana e profissional – formular-lhes perguntas adequadas e inteligentes. (KOSSOY, 2001, p. 154).

Trazemos aqui os aspectos relacionados à fotografia que consideramos fundamentais na investigação das imagens publicadas no jornal Diário Gaúcho. Das sete categorias apontadas por Bernardes (2004) como estruturantes da análise da produção do Diário Gaúcho – credibilidade, representatividade, assistencialismo, narratividade, predomínio da imagem, simplificação e busca da dramatização –, podemos dizer que este trabalho centra sua atenção em duas delas: representatividade e predomínio da imagem. Estas categorias interligam-se na fotografia de fontes populares: o jornal que aposta nos recursos visuais para comunicar-se com seus leitores também investe na visibilidade e representação dessas fontes.

A fotografia é uma das formas pelas quais o veículo busca fazer com que o leitor se sinta representado nas páginas do jornal, ou, no mínimo, encontre nela um sentido que o conecte a sua realidade. Conforme Sunkel (2001, p. 153, tradução nossa), “[...] para o leitor popular esta imprensa é relevante na medida em que o conecta fundamentalmente com sua própria realidade. [...]. Porque esta imprensa fala a seus leitores de e sobre eles”.

Nos setores populares, considera-se uma cultura intimamente ligada à oralidade, distante da cultura letrada. Os aspectos gráficos dos jornais populares são influenciados por esta relação com a oralidade e pelo predomínio da televisão nestes setores da sociedade, já que a popularização é considerada um processo próprio da televisão, onde os conteúdos são apresentados de forma a serem facilmente absorvidos pelos telespectadores. Nos jornais populares, as imagens, também relacionadas à dramatização por seu poder de sensibilizar, ganham destaque; entre elas, as fotográficas. “[...] narratividade, predomínio da imagem e busca da dramatização são três categorias que caminham juntas na confecção do gênero jornalístico popular, servindo para relacioná-lo com a matriz simbólico-dramática”. (BERNARDES, 2004, p. 183-184).

A televisão também influenciou a imprensa escrita em termos de imagens, com a intensificação, na América Latina, do uso de fotografias e outros recursos visuais. Este predomínio da imagem, junto à narratividade, também busca a dramatização. (BERNARDES, 2004). Sobre a intensidade de cores e traços

percebidos no Diário Gaúcho, Bernardes (2004) aponta que, entre os produtores de informação, há o consenso de que o aspecto visual é um fator determinante para um público desacostumado à leitura de muitos textos.

Desde os primeiros jornais populares, como os franceses apontados por Angrimani (1995), fala-se em ilustração, o que mostra que esses periódicos sempre valorizaram os aspectos visuais. Entre as características da *imprensa amarela*, estava o “[...] uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas”. (ANGRIMANI, 1995, p. 22). A pesquisa de Louzada (2009, p. 163) aponta o Última Hora como o “[...] primeiro jornal diário brasileiro a explorar plenamente a linguagem fotográfica e a entender a publicação de fotografias como jornalismo”. Ao introduzir o fotojornalismo no periódico, o Última Hora atuou como um educador visual de seu público, que, em sua maioria recém-urbanizado, aprendia a ler as imagens em conjunto com o texto. Nas fotografias, além de temas cotidianos, também era possível identificar apelo visual e exploração de aspectos sensacionais. Na época, ganhava força a publicação de imagens de futebol, com grande destaque ao esporte, característica que também é percebida no novo formato de jornalismo popular. Também nesse período eram publicados bonecos das pessoas sobre as quais falavam os textos.

Nos jornais diários da metade do século passado, o rosto humano foi também a forma mais comum de publicação da fotografia. Os bonecos personificam as notícias em retratos tradicionais, como os usados em documentos, acrescentando pouca ou nenhuma informação além da fisionomia do sujeito. (LOUZADA, 2009, p. 165).

Louzada (2009) traz informações do Censo realizado no Brasil em 1950, quando mais da metade da população brasileira era analfabeta. O jornal, direcionado às camadas populares, semialfabetizadas, investiu em formatos que buscavam preparar o leitor para a interpretação de imagens.

Neste período, ganharam destaque as sequências fotográficas, especialmente no esporte. “Para que o leitor perceba o instantâneo como narrativa, foi preciso construí-lo, passo a passo, através da sequência, esgarçar o tempo fatiado até que o encurtamento do presente possa ser compreendido como verossímil”. (LOUZADA, 2009, p. 183). Assim se naturalizava o instantâneo fotográfico, o recorte no tempo e no espaço, o congelamento de ações que a olho nu

seria impossível perceber. A apreensão do movimento de forma fracionada foi o caminho para chegar à imagem de momento único.

As sequências fotográficas educaram o olhar, habilitando o leitor a reconfigurar mentalmente o desenrolar dos acontecimentos e foram fundamentais para que esse público fosse plenamente capaz de realizar uma leitura visual mais elaborada, decifrando o instantâneo fotográfico e abrindo caminho para uma utilização mais sofisticada e menos literal da imagem, que se daria a partir do final da década. (LOUZADA, 2009, p. 185-186).

Para que os sujeitos ganhem visibilidade nas páginas dos jornais populares, uma estratégia para conquistar leitores, é preciso que as práticas jornalísticas sejam reconfiguradas. No intuito de inserí-los na história contada diariamente pela imprensa, os jornais transformam-os nas principais fontes de informação. Desta forma, posiciona-os na base do trabalho jornalístico de construção da notícia, e, conseqüentemente, da realidade social.

Para Resende (2011), narrar é uma forma de dar vida aos fatos e aos sujeitos e a narrativa deve ser vista como lugar de produção de sentidos e de conhecimentos. “Em função dos respectivos projetos editoriais, da representação que constroem dos seus leitores, ouvintes, telespectadores, os media narrativizam um acontecimento”. (REBELO, 2006, p. 21). Desta forma, discurso e formato estão diretamente ligados: aspectos visuais estão relacionados com o acesso e valorização da informação. (FONTCUBERTA, 1993).

Com as transformações ocorridas no jornalismo popular, também as fotografias passaram a comunicar de novas formas se comparadas aos primórdios. No Diário Gaúcho, há uma tendência em optar por imagens mais objetivas, que transmitam uma mensagem mais direta, em conjunto com textos também diretos e mais curtos. (MERSONI, 2011). Embora se pode relacionar a prática ao fato de que, a princípio, esses leitores não tinham o hábito da leitura, também é preciso observar que o consumidor costuma ler na rua e, por isso, estaria mais propenso a querer uma informação mais direta e breve.

A visibilidade dada a fontes jornalísticas populares (AMARAL, 2011; MERSONI, 2011) vai de encontro a uma estratégia do veículo de comunicação de atrair um grupo de leitores considerado o público-alvo. Isto se justifica pelo fato de a cognição se dar cada vez mais pelo visual, já que diariamente as pessoas estão expostas a um grande volume de informações.

A primeira vista é o censor responsável em separar o que ler daquilo que deve ser ignorado. Dentro desse processo, a fotografia atua, cada vez mais, como ponto de referência na escolha da notícia a ser lida. O leitor precisa ver a notícia para que passe a existir o acontecimento. A realidade está nas imagens, com elas o jornal torna-se claro, o texto fica mais leve, mais 'inteligível', atraindo a atenção do receptor e informando mais facilmente. (PINTO, T., 2007, p. 20).

Desta forma, a visibilidade a esses sujeitos no jornal vai além dos aspectos fotográficos e passa para um âmbito social, onde está em jogo o sentimento de pertencimento a uma história, que é a história diária registrada pela mídia. "Tem um reforço aí de identificação, de autoestima, de contar histórias que não eram contadas". (FELTES apud MERSONI, 2011, p. 141).

As pessoas lêem jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que 'todo mundo fala'. O ato de ler um jornal e de assistir um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo. (AMARAL, 2011, p. 59).

Ver imagens que são próprias de suas rotinas ligam os leitores ao veículo, gerando uma relação de proximidade e entendimento. Porque interessa a eles saber sobre fatos que podem influenciar suas vidas. Ao perceber que um meio de comunicação dá espaço a estes fatos, o leitor fica propenso a compreender que este veículo entende sua rotina, seus problemas, suas alegrias, seu modo de ver a vida.

Eu acho que as pessoas, no geral, tendem a fazer essa identificação de se ver no jornal. É uma coisa que fotograficamente as pessoas têm muito forte, de ver algo que é muito mais próximo da realidade delas, que não tinha nos jornais de uma maneira tão massiva, tão forte, de ver as pessoas comuns a elas. Dessa ligação, se recebe muito retorno. Às vezes, não é daquela foto plástica, que é dizer 'gostei da foto do pôr do sol', é 'gostei da foto da dona Joana com as crianças'. Esse tipo de coisa chama muito nosso público. Então me parece que eles gostam de se ver no jornal, e isso fotograficamente, e eu não falo do objeto fotográfico, falo como objeto de pauta, tem muita importância para eles. Eles gostam e compram quando tem coisas que são muito próximas a eles. É um dos grandes méritos do jornal, o porquê ele deu tão certo. (FELTES apud MERSONI, 2011, p. 126).

A estratégia, na rotina de produção, se faz presente desde a concepção da pauta, que na maioria das vezes é sugerida pelo leitor (AMARAL, 2011), até a edição final do material. Ao interferir no modo de construir as notícias, reconfigura práticas jornalísticas e caracteriza a produção do jornalismo popular. No caso das

imagens, estabelece uma nova forma de construir visualmente as reportagens sobre os mais diversos assuntos.

Sempre vai ter o viés do personagem. Aumentou a alface, a gente não vai 'fazer' simplesmente a alface. A gente vai ou na senhora que comprou alface, ou no vendedor, ou no cara que planta. É comum, boa parte dos jornais faz, mas aqui é muito forte. Tu nunca vais ter uma matéria de Economia com dados, como a Zero Hora pode ter e deve ter, com análises, dados, números. Tu sempre vais procurar outro viés, e para a foto isso favorece. Em Economia, por exemplo, tu pegas os jornais tradicionais e vais ter lá o ministro. Para nós, fotograficamente é melhor fazer uma dona de casa comprando, graficamente tu consegue pensar isso melhor, visualmente é mais interessante. Sem falar que tu voltas a ter a pessoa no jornal, volta a ter o teu público ali dentro. (FELTES apud MERSONI, 2011, p. 133).

Ao mesmo tempo em que enfoca a cobertura jornalística no sujeito que o jornal acredita pertencer às classes populares, alvo da publicação, o Diário Gaúcho evita publicar fotografias de autoridades e especialistas, embora na maioria das vezes apareçam nos textos, mesmo que de forma impessoal – quando é citada a entidade ou empresa, mas não o nome da pessoa a quem o veículo contatou. A explicação, conforme Feltes, é de que uma imagem destas não serve de atrativo para o leitor parar em uma página e ler as informações, objetivo constante do jornal, que é vendido apenas em bancas.

Ao aceitar conceder informações ao jornal e até ser fotografado, o sujeito se torna cúmplice de um modo de narrar a realidade que se mostra próprio da linha editorial popular, embora presente também em meios tradicionais. Porém, as intenções destes sujeitos vão até o limite onde começam as intenções do veículo, que molda o discurso selecionado para publicação de acordo com seus objetivos.

Mais do que um produto, o jornal popular deve ser visto como um meio de fazer circular sentidos e valores, dos quais os leitores podem apropriar-se. Então, nos questionamos: o que significa querer mostrar ao público fotos de seus semelhantes? Como esta posição dos produtores da informação está relacionada às práticas fotojornalísticas? O que esta posição fala sobre suas ações? Buscamos, a partir do arranjo metodológico construído nesta pesquisa, alcançar respostas a estas perguntas, que se somam aos objetivos já traçados.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia aplicada a esta investigação foi construída ao longo da pesquisa, com a escolha de métodos que se mostraram os mais adequados, considerando o objeto alvo do estudo e os objetivos delineados. Entendemos que a combinação destes métodos, reunindo teorias e práticas no campo empírico, é fundamental para construirmos um conhecimento bem fundamentado, visto que eles contemplam diversos aspectos da produção jornalística. Neste capítulo, discorreremos sobre a metodologia utilizada, considerando teorias relevantes para a área e relacionando-as ao problema de pesquisa.

Iniciamos pela pesquisa bibliográfica a fim de situar-nos no contexto do fotojornalismo e ingressarmos no campo do jornalismo popular. Após compreendermos os aspectos que envolvem o retrato, com a representação fotográfica do sujeito, passamos a refletir sobre sua utilização no jornalismo popular, que adotou, na última década, um novo formato. Buscamos sustentação em teorias que tratam da construção da notícia e da fonte popular, a fim de entender os conceitos relacionados ao problema de pesquisa.

No intuito de nos aproximarmos do Diário Gaúcho, realizamos um movimento exploratório que possibilitou delimitarmos o recorte do objeto de pesquisa. Neste movimento, acompanhamos as edições do jornal no período de uma semana, identificando as fotografias que se constituem retratos de fontes populares. A partir desta amostra de imagens, elaboramos observações descritivas e inferências que serviram de base para a sequência do trabalho no campo empírico.

Selecionamos aleatoriamente seis exemplares do jornal Diário Gaúcho no período de 19 a 25 de junho de 2012. As edições correspondem ao período de uma semana, de terça-feira a segunda-feira, sendo que os dias 23 e 24 integram o mesmo exemplar, uma vez que o jornal circula somente aos sábados nos finais de semana. A amostragem contempla o período de uma semana devido ao fato de que algumas seções no jornal são semanais, então entendemos que este período contemplaria todas elas. Ao observar os retratos publicados no jornal, selecionamos as imagens dos sujeitos que identificamos como fontes populares e buscamos identificar características intrínsecas a esta representação fotográfica.

No trabalho de seleção, adotamos critérios que consideramos pertinentes à investigação. Para integrar a amostra, as fotografias deveriam contemplar pessoas.

No caso de retratos ambientados, consideramos as imagens em que essas pessoas têm algum destaque na representação visual em relação a outros elementos. As fotografias de sujeitos isolados, recortados do contexto, também foram consideradas.

Além disso, estes retratos deveriam estar em espaços jornalísticos, excluindo, desta forma, os demais, como as colunas sociais. Estas imagens estariam, assim, inseridas em matérias jornalísticas que envolvem assuntos da vida cotidiana, próximos geográfica e culturalmente do público-alvo, considerando a maior circulação do impresso na região metropolitana de Porto Alegre. Esses sujeitos também não poderiam ser considerados famosos, como personalidades da televisão ou jogadores de futebol, nem autoridades ou especialistas. Para identificar as fontes populares, as informações textuais foram imprescindíveis.

Desta forma, foram excluídas as editorias de esportes (*Jogo Total*) e entretenimento (*Retratos da fama*, *A boa do dia*, entre outros), assim como colunistas, colunas sociais, página 2 (*O que há de novo*, com assuntos sobre política e internacionais). Também foi excluída a editoria de polícia (*Ronda Policial*), onde parte das fotografias é de divulgação da Polícia Civil (geralmente 3x4) e, nas fotos feitas pelo veículo, os sujeitos, por serem geralmente suspeitos, acusados ou vítimas, muitas vezes não são identificados.

Após esta triagem, restaram 21 páginas do Diário Gaúcho, sendo 4 capas e 17 internas. Nestas 21 páginas do jornal eleitas após a observação das seis edições, foi contabilizado um total de 35 retratos de fontes populares.

Ao observarmos estes 35 retratos, mapeamos as fotografias em relação aos gêneros fotojornalísticos e criamos categorias para as situações em que os sujeitos aparecem no jornal, considerando as informações textuais. Após este mapeamento, considerando os elementos da linguagem fotográfica e os aspectos jornalísticos que envolvem a representação destas fontes, partimos para descrições e inferências.

Por considerarmos que a investigação fotojornalística desta pesquisa deve compreender, além do produto, o processo de produção, seguimos para o acompanhamento da produção e edição fotojornalística na redação do jornal Diário Gaúcho. Tivemos a oportunidade de observar as condutas jornalísticas presentes desde a concepção da pauta até a montagem final da página na diagramação, passando pela construção das fotografias nos locais de reportagem, seleção, tratamento e disposição junto a outros elementos informativos do jornal. A partir do

registro de observações e conversas, junto à análise do discurso fotográfico de retratos publicados na semana de realização da etnografia, elaboramos apontamentos sobre o campo pesquisado, que foram tensionados na busca por compreender o enquadramento jornalístico que envolve as fontes populares.

Ao investigarmos as fotografias das edições impressas do Diário Gaúcho e as condutas de profissionais envolvidos diretamente na produção do jornal, optamos por métodos de pesquisa qualitativa. Esta é caracterizada por ser aberta aos conceitos que surgem ao longo da pesquisa e que serão aprimorados com os resultados obtidos a partir dos métodos empregados. (ANGROSINO, 2009).

4.1 Etnografia

Caracterizada pela inserção do pesquisador no ambiente a ser investigado, a observação participante, introduzida pelos antropólogos na pesquisa social, mostrou-se um método adequado aos objetivos desta pesquisa. Ao propormos entrar na redação e na rotina de fotorrepórteres do jornal Diário Gaúcho, buscamos acompanhar os processos de produção e edição fotográficos relacionados às fontes populares. Por se tratar de ações operadas pelos produtores de informação, os enquadramentos fotográfico e jornalístico precisam, em nosso entendimento, ser investigados também no campo onde são concretizados. “A potencialidade da pesquisa participante está precisamente no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade”. (BRANDÃO, 1984, p. 60).

Entendendo a observação participante conforme Angrosino (2009), não como um método de pesquisa em si, mas como um modo por meio do qual o pesquisador realiza a etnografia e adota técnicas de coleta de dados, utilizamos como instrumentos: anotações descritivas de observações e falas (diário de campo), gravação de voz e fotografias.

“O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação”, conforme define Peruzzo (2008, p. 133-134). No campo, o pesquisador atua como observador, tendo esta posição bem definida em relação ao grupo.

Peruzzo (2008) afirma que, em determinadas situações, é possível que o pesquisador se torne um membro efetivo deste grupo. Porém, esta proposta tem

gerado críticas por parte de quem acredita que o pesquisador, mesmo tentando se colocar no lugar de um integrante, jamais perceberá as situações da mesma forma que o outro. Também é característica da observação participante a atuação autônoma do pesquisador, sem que haja participação do grupo na elaboração do projeto, nos dados obtidos ou na interpretação deles. O grupo, por sua vez, poderá saber ou não que está sendo investigado.

No caso da presente pesquisa, optamos por compartilhar os objetivos da investigação e explicar a metodologia a fim de que, compreendendo estas etapas, os investigados pudessem contribuir de modo mais incisivo. Nos inserimos no campo empírico com a devida identificação de pesquisador, e nos propomos a acompanhar o trabalho de modo a não interferir nos processos, limitando nosso acompanhamento, na maior parte do tempo, à observação e à escuta.

No campo da comunicação, o método é bastante utilizado em pesquisas de recepção, mas também é aplicado no âmbito da produção jornalística. Com caráter qualitativo, a observação participante considera o deslocamento do pesquisador ao campo da realidade. Desta forma, busca-se identificar, junto aos produtores de informação, aspectos que auxiliem na interpretação do enquadramento operado pelo jornal.

Compreendemos que a pesquisa etnográfica deve reunir, além da observação, conversas com o grupo investigado e estudo de documento, neste caso, as fotografias publicadas no jornal. Conhecer os comportamentos e, portanto, as práticas fotojornalísticas no jornal Diário Gaúcho, é buscar entender as ideologias que motivam as condutas desses profissionais.

Cientes de que os relatos de nossa inserção no campo pesquisado são resultado da nossa forma particular de percepção, baseada em nossos conhecimentos e experiências, buscamos, em um primeiro momento, registrar descrições detalhadas. Mesmo sabendo que nossa presença já é uma forma de alterar a natureza do campo, buscamos atuar de forma a não interferir na rotina.

Entendemos as conversas com os profissionais do campo como extensões da observação. Angrosino (2009) denomina *entrevista etnográfica*, que considera aberta, para que novas questões que surjam sejam incluídas, e em profundidade, com o objetivo de “[...] sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras [...]”. (ANGROSINO, 2009, p. 62). Desta forma, entendemos que

deveríamos deixar os integrantes do grupo pesquisado falarem espontaneamente, mas questionamos quando julgamos necessário.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou. (BECKER, 1999, p. 47).

Na transcrição das informações obtidas verbalmente com os profissionais do Diário Gaúcho, durante a etnografia, apresentamos em alguns momentos longas citações. Apesar de extensas, elas evidenciam a grande capacidade que eles têm de expressar suas práticas, o que identificamos como “consciência discursiva”. (GIDDENS, 2009 apud MAROCCO, 2012).

O trabalho de editores, repórteres e fotógrafos acompanhados durante a etnografia, na produção do jornal Diário Gaúcho, também foi registrado em fotografia, com um *making of* fotográfico. (SALLET, 2006). Associamos a fotografia à técnica etnográfica, buscando agregar recursos para a interpretação de processos sociais. Essas imagens possibilitam acrescentar informações à pesquisa, uma vez que as fotografias constituem outro discurso. “Um trabalho de documentação fotográfica pressupõe o conhecimento do universo a ser investigado e demanda o respeito pelas determinantes culturais do ‘outro’”. (ACHUTTI, 1997, p. 37).

Nosso objetivo com a realização do *making of* fotográfico é enriquecer o relato de acompanhamento etnográfico, a fim de mostrar os espaços e as pessoas investigados na pesquisa. Acreditamos que esta documentação ainda possibilita uma análise posterior, quando, ao voltarmos para as imagens, ainda poderemos identificar aspectos que interessem ao estudo e que no decorrer dos fatos acompanhados possam ter passado despercebidos. Desta forma, o relato dos momentos acompanhados foi feito juntamente com a visualização das imagens obtidas.

No relatório da observação participante, trazemos também fotografias produzidas e publicadas no período do acompanhamento, que são submetidas à análise do discurso fotográfico. A partir das nossas observações, das falas dos profissionais e da análise das fotografias, realizamos análise descritiva, para identificar temas e recorrências que emergem das informações e, em alguns casos, análise teórica, a fim de buscar explicar essas regularidades. (ANGROSINO, 2009).

A combinação do método de observação participante com a análise do discurso fotográfico para a identificação do enquadramento jornalístico no retrato busca reforçar as considerações conclusivas.

4.2 Análise do Discurso Fotográfico

O discurso fotográfico jornalístico é constituído por uma base de forte valor informativo, de modo a comunicar em conjunto com o texto e o contexto aos quais está associado. Justamente por se tratar de um recurso visual, exige uma leitura específica, por meio dos elementos da linguagem fotográfica. Por compreendermos que o suporte em que está inserida esta linguagem também interfere na decodificação visual, filtramos os aspectos encontrados na bibliografia consultada e incluímos em nossa análise de discurso os elementos que se mostraram pertinentes de serem verificados no fotojornalismo de jornal impresso. De acordo com os gêneros fotojornalísticos (SOUSA, 2002), trabalhamos nesta pesquisa com retratos, que em muitos casos também podem ser enquadrados na categoria de fotografia de notícia, uma vez que estão relacionados a pautas jornalísticas.

A leitura das fotografias é realizada com base na proposta de Sousa (2004), que aponta os aspectos a serem observados na análise qualitativa do discurso fotográfico dos meios jornalísticos impressos. “As fotografias contribuem para informar, para enfatizar matérias e para a atribuição de sentido e enquadramento de um acontecimento, podendo ter igualmente funções estéticas”. (SOUSA, 2004, p. 113). Além disso, deve-se considerar o contexto de obtenção da fotografia, de acordo com a cena registrada pela câmera, e o contexto onde está inserida. Desta forma, a presente pesquisa contempla o acompanhamento do trabalho dos fotógrafos (contexto de obtenção) e as páginas impressas do jornal Diário Gaúcho (contexto de inserção).

Torna-se importante também considerar os textos aos quais estão relacionadas as fotografias, porque há casos em que somente informações textuais podem informar com clareza determinadas mensagens, especialmente no fotojornalismo. Os textos podem assumir diversas funções, entre elas dar destaque para a fotografia, complementar a informação e direcionar a leitura que o observador fará da imagem. “Com o texto pode-se procurar denotar (redução dos significados

possíveis) ou conotar (insuflação de segundos sentidos) a imagem”. (SOUSA, 2004, p. 114).

Além de texto e contexto, elementos da linguagem fotográfica conferem sentidos à imagem. O primeiro elemento citado por Sousa (2004) também é o que consideramos primordial para iniciar a interpretação fotográfica: o plano de enquadramento, ou seja, o espaço em que a fotografia se torna possível. Depois, outros aspectos mostram-se pertinentes à leitura fotojornalística, conforme apresentamos a seguir.

4.2.1 Enquadramento Fotográfico

Mais do que uma técnica, já que é a câmera que determina o formato retangular em que uma imagem é registrada, é a ação do fotógrafo que decide o que deve entrar no campo de seleção do enquadramento. O olhar decisivo detrás da lente, que determina os limites espaciais da fotografia, identifica os elementos considerados indispensáveis ao registro e decide o momento exato de acionar o obturador, congelando assim um instante do tempo no espaço. (KOSSOY, 2001).

O formato retangular, tradicional na fotografia, é predominante em diversos meios. “O retângulo é a forma privilegiada para as imagens fotográficas e para boa parte das construções e objetos utilizados pelo ser humano”. (BUITONI, 2011, p. 86). Não apenas a imagem apresenta esta forma, mas também a página do jornal onde ela está inserida, assim como a tela do computador e outros dispositivos eletrônicos, o que influenciará na comunicação. (GUIMARÃES, 2009).

Diversas variáveis estão envolvidas no ato fotográfico, como a profundidade de campo, determinada pela abertura do diafragma, e a velocidade de captura, que poderá congelar ou dar aparência borrada ao movimento. Nestes ajustes, também é determinada a quantidade de luz que incidirá no registro. Mas todas estas decisões geralmente são tomadas pelo fotógrafo após a escolha principal: o que irá compor a fotografia.

Por isso, Machado (1984, p. 76, grifo do autor) define que qualquer fotografia, independentemente de seu referente, “[...] é sempre um *retângulo que recorta o visível*”. Ou seja: o papel primeiro do registro mecânico da realidade é separar um campo que interessa ao fotógrafo, pelos significados que dele emana, de uma área maior, onde o que resta fora do retângulo é excluído e, desta forma, omitido.

Provoca-se, assim, a partir da organização visual por parte do operador da câmera, uma descontinuidade, onde os traços que compõem o quadro transformam-se em limites definidores e decisivos. “O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta aquilo que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório [...]”. (MACHADO, 1984, p. 76).

Esta seleção não é aleatória. Pelo contrário, resulta de uma intenção. Imbuído de conhecimentos e ideologias – geralmente compartilhados por uma equipe, quando se trata de jornalismo –, o fotógrafo faz uma leitura do cenário para definir o enquadramento. Estes cortes, por vezes, se tornam naturais e, em outras, incômodos, como quando uma pessoa tem uma parte do corpo decepada pelos limites do quadro. Podemos dizer que os mais naturais são os ângulos abertos, já que o corte de detalhes costuma causar estranhamento ao olho humano, justamente por seu ângulo de visão limitado. Em outros casos, há elementos na fotografia que remetem para o que está fora do quadro – o chamado espaço extraquadro –, como quando há um olhar dirigido para fora do retângulo, instigando o observador a imaginar o que estava ali e não foi incluído pelo fotógrafo. (MACHADO, 1984).

Guran (1998, p. 92) ensina que “O ato de fotografar [...] começa pelo reconhecimento do conteúdo de uma cena, ou seja, a seleção do aspecto desta cena que merece registro”. A partir daí, o olhar percorre todos os cantos do campo de visão, a fim de ter a certeza de que sejam incluídos elementos importantes para comunicar a mensagem, evitando tudo o que possa prejudicar este objetivo. “O enquadramento é responsável por boa parte do trabalho de composição plástica de uma fotografia, mas deve ser considerado sobretudo como uma etapa da *organização rigorosa* [...]”. (GURAN, 1998, p. 92, grifo do autor).

Considerando “[...] o fato de ser toda cena uma construção e uma seleção, intencionalmente arquitetadas por um enunciador, em determinadas relações de produção, com vistas a um fim determinado” (MACHADO, 1984, p. 86), podemos pensar o fotojornalismo como a construção de imagens que visam transmitir determinada informação ao público. Desta forma, ao observar imagens jornalísticas, podemos questionar: por que estas cenas foram escolhidas? O que mais havia no espaço em que elas foram captadas e que não é mostrado ao público?

“A imagem fotográfica, sendo sempre parcial, pressupõe a presença de uma exterioridade em seu entorno”, afirma Buitoni (2011, p. 22), para quem a fotografia,

ao circunscrever uma cena, mantém uma presença “virtual” do que ficou fora do quadro, que será imaginado pelo observador.

Planos e ângulos ajudam a compreender de forma técnica o enquadramento. De acordo com Sousa (2002), consideramos o *enquadramento de plano geral* caracterizado por maior abertura e carga informativa, já que permite ao observador ter ampla noção do espaço. Já o *enquadramento de plano médio* é mais fechado do que o geral, onde os elementos passam a ter uma relação mais próxima. Nele está situado o plano de três quartos (plano americano) e o plano próximo, sendo o primeiro um plano médio mais aberto e o segundo, mais fechado. Quando o enquadramento é centrado em uma particularidade do todo, como um rosto, é chamado de *enquadramento de grande plano*¹. Neste caso, transmite informação sobre uma pequena parcela da cena, mas é muito útil quando o fotógrafo busca, por exemplo, mostrar a expressão do olhar.

As tomadas fotográficas também são feitas a partir de ângulos relacionados com a posição da máquina fotográfica em relação à superfície, considerando-se *plano normal* quando a imagem é feita paralelamente à superfície, o que rende uma imagem objetiva sobre a realidade. Nas fotografias feitas de cima para baixo, o que desvaloriza o elemento fotografado, há um *plano picado*. Do contrário, a imagem feita de baixo para cima tende a criar uma valorização, o que se denomina *plano contrapicado*².

A posição do olho do fotógrafo no espaço, em relação ao objeto, além de operar um recorte no todo, determina a organização visual do campo, onde alguns elementos podem ficar em evidência em detrimento de outros, o que faz brotar determinados sentidos. Esta ação orientará boa parte da leitura que o observador fará da fotografia e, por isso, por meio do enquadramento é possível identificar as intenções do fotógrafo.

“Se o enquadramento determina a fixação de um ponto a partir do qual a câmera toma seu objeto, isso por si só já estabelece uma hierarquia de valores dentro do quadro [...]”. (MACHADO, 1984, p. 103). Elementos em pontos privilegiados em relação ao direcionamento da câmera tendem a ser mais valorizados, enquanto outros, mais distantes, poderão compor o fundo da imagem;

¹ O enquadramento definido por Sousa (2002) como “grande plano” é denominado “close” por outros autores.

² Os planos “picado” e “contrapicado” também são conhecidos como plongée e contraplongée.

pela perspectiva, estes se tornarão de menor tamanho proporcionalmente. O ponto de foco também ganha relevância no quadro, já que a nitidez atrairá o olhar do observador.

A posição da câmera petrificada na angulação constitui [...] um poderoso mecanismo gerador de sentido e tanto mais perturbador porque ele opera, na maioria das vezes, sem que os espectadores se dêem conta do seu papel e da sua eficácia. (MACHADO, 1984, p. 103).

Analisando as dimensões da fotografia, Aumont (2012) trata das molduras, que limitam as fronteiras, interrompem a continuidade e criam um formato. Esta nova organização de elementos, com a seleção de um campo que antes integrava o todo, cumpre uma função discursiva. Nas fotografias em que há molduras, geralmente linhas, que variam em espessura, há um maior distanciamento do recurso visual em relação aos textos e demais elementos gráficos. (GUIMARÃES, 2009).

Na composição, há um centro visual, que não necessariamente ocupa o espaço central do retângulo, mas cumpre a função de destaque em relação às demais áreas da imagem. (AUMONT, 2012). Geralmente o olhar inicia a leitura por estes pontos, que geram impactos e são identificados imediatamente pelos observadores. Desta forma, há uma organização visual dos elementos, o que direciona o percurso do olhar na imagem. A ordem de leitura é um recurso que contribui para a construção de sentidos e por isso também merece ser analisada, mesmo tendo-se consciência de que, apesar das intenções do fotógrafo, as leituras são individuais.

4.2.2 Elementos da Linguagem Fotográfica

O enquadramento e o ângulo definem a disposição dos elementos no campo fotográfico, determinando assim a composição. Esta é construída de acordo com as intenções do fotógrafo em transmitir determinada mensagem. Sousa (2004) discorre a respeito dos elementos da linguagem fotográfica que conferem sentidos às imagens e merecem ser identificados e interpretados na análise do discurso fotográfico.

Entre as diversas formas de compor uma imagem, estão duas consideradas clássicas: o motivo centralizado ou em posições definidas por divisões do retângulo. Quando é colocado no centro do retângulo, o motivo tem sua presença destacada e

os demais elementos parecem convergir em direção a ele. Outra forma é colocá-lo em um ponto da divisão harmônica do retângulo, que pode estar cortado pela metade, em quartos ou em terços, o que também permite hierarquizar os elementos. Ambas as composições podem estar com disposições equilibradas ou tendidas para algum lado. (SOUSA, 2004).

Ao dispor os elementos, o fotógrafo tem a intenção de chamar a *atenção* para determinado espaço na fotografia, mas a leitura que se efetivará diante da imagem também será moldada de acordo com os conhecimentos e experiências do observador. Entre as alternativas para destacar determinados aspectos, estão a relação *figura-fundo*, a *forma*, a *distância* entre os elementos, as *semelhanças* e os *contrastos*.

Sousa (2004) ainda cita os elementos morfológicos como conferidores de sentidos à imagem fotográfica. Entre eles, destacamos: os *pontos* que os elementos podem formar sobre o fundo; as *linhas* visíveis, como escadas, muros e ruas, e as imaginárias, como um olhar dirigido a determinado ponto, o que pode conduzir o olhar do observador e ainda gerar sentidos como profundidade, estatismo, movimento e concentração; os *padrões*, com a repetição de elementos; e as *cores*.

Ainda é possível interpretar uma fotografia pela zona de nitidez dos elementos, ao verificar a *profundidade de campo*. Profundidades de campo maiores deixam mais níveis da fotografia bem visíveis; ao contrário, os menores fazem com que boa parte da imagem fique fora de foco, apenas com alguns elementos nítidos, onde deve se concentrar a atenção do observador.

Outro aspecto a ser observado é quando há elementos que se movimentam, porque esses *movimentos* podem estar congelados ou “arrastados”. Também se faz necessário observar a *iluminação* que incide no quadro fotográfico, especialmente em relação à sua intensidade, uniformidade e direção, o que pode provocar sombras. A contraluz, por sua vez, é uma técnica que valoriza a forma, disfarçando o conteúdo. Há ainda aspectos no cenário capturado que transmitem ideias relacionadas ao *tempo*, como elementos que “entram” ou “saem” da imagem, o que produz significados relacionados ao passado ou futuro.

Como esta análise trata especificamente de retratos, é fundamental também considerar aspectos da presença do elemento humano na fotografia. O observador que dirige o olhar a um retrato, mesmo que este seja ambientado, com um plano de enquadramento aberto, é muito provável que sua atenção se concentre

primeiramente na pessoa – ou nas pessoas – fotografadas. O olhar, as expressões faciais e os gestos contribuem na transmissão das informações em pauta, assim como a relação das pessoas com lugares e objetos também contemplados no enquadramento fotográfico.

Os elementos aqui apontados são importantes ferramentas para identificar subjetividades presentes nas fotografias. Porém, não os adotaremos em forma de análise pré-formatada e ordenada. Ao contrário, os acionaremos nas leituras em que julgarmos que convém considerá-los. Acreditamos que o olhar, consciente do valor de cada um destes elementos, mas livre de regras ordenadas, se torna capaz de alcançar níveis mais altos de entendimentos em relação às fotografias. Porque, sem passos pré-definidos de forma rigorosa, a interpretação fica aberta às possibilidades que emanam de cada fotografia, onde a composição e a utilização dos elementos da linguagem fotográfica criam sempre novas ordens e desordens de leitura.

4.3 Enquadramento Jornalístico

A notícia, na forma como chega ao público, é resultado de uma série de escolhas por parte dos produtores da informação. Desde as fontes consultadas até a disposição de textos e fotografias em uma página de jornal, cada ação é permeada por intenções que geralmente vão de encontro aos propósitos da linha editorial. As regras implícitas que moldam as condutas jornalísticas deixam marcas no produto final, um objeto de pesquisa em potencial por conservar traços do processo de produção.

Perceber as notícias como resultado de estratégias é a proposta de Gaye Tuchman na obra *Making News*, de 1978, retomada por Mouillaud (2002). “As pesquisas de campo de Tuchman evidenciam que o status de notícia só é dado às ocorrências que se situam no interior de espaços e tempos supostos legítimos pelos profissionais”. (MOUILLAUD, 2002, p. 55). Tuchman segue na linha da *frame analysis* proposta por Goffman (2006), autor que levou para a sociologia o conceito lançado na psicologia por Gregory Bateson.

Para Mouillaud (2002), todo acontecimento criado a partir de um fato é produto de um enquadramento aplicado sobre a realidade, ação que envolve circunscrição e reconfigurações de sentido e composição.

Aparentemente, a moldura é posterior ao quadro, mas o quadro procede de um enquadramento implícito que o precedeu. A moldura opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização: um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque, interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro. O produto do corte e da focalização institui o que se chamará (dando-lhe amplo sentido) de 'cena'. (MOUILLAUD, 2002, p. 61).

Desta forma, entendemos que a moldura é configurada a partir de variáveis de diferentes naturezas que interferem na ação do recorte, como a linha editorial do veículo de comunicação e o filtro cultural do fotógrafo. O corte isola uma parte do todo e delimita o quadro, onde os elementos de composição ganham novas formas de representação em novas relações de espaço, o que gera novos sentidos.

Ao recortar um fragmento da realidade (um lugar em um instante do tempo) onde está o sujeito, o jornalismo popular cria uma cena onde a fonte popular deixa de ser uma pequena parte do todo e se torna protagonista. Neste espaço, em que a relação com o todo é interrompida pelo corte, os elementos ganham destaque e têm as relações entre si intensificadas.

Assim, há um fragmento isolado, mas inevitavelmente integrante do contexto de onde foi suprimido. O quadro, que é uma seleção do todo, também revela o espaço e o tempo que ocupou na experiência real. Portanto, não deixa de comunicar também sobre o que foi censurado pelo fotógrafo. Pelo ato do recorte, o jornal fixa no campo dos acontecimentos um fato que ficará registrado na história contada diariamente pela imprensa. Já a parte do todo não incluída no enquadramento sofrerá as constantes modificações no espaço e no tempo, em um ciclo ininterrupto. A moldura, portanto, tem o poder de preservar um fragmento que, ao contrário da ação que ficou no campo extraquadro, manterá sua identidade. (MOUILLAUD, 2002).

Para definir este enquadramento, os produtores da notícia seguem parâmetros que regem o novo formato de jornalismo popular. Munidos de uma série de conceitos que os induzem a dar espaço à fonte popular, eles buscam as ações a serem recortadas nos espaços onde estão estes sujeitos, escolhendo assim um instante do tempo. Estas escolhas estão fundamentadas nas estratégias comunicacionais, que são atravessadas por questões culturais relacionadas ao contexto e ao público para o qual o veículo é dirigido. (SÁDABA, 2007).

Assim, uma mesma realidade pode ser vista de diferentes maneiras, dependendo do meio de comunicação que a observa, pois cada um utilizará um esquema específico para entendê-la e transmiti-la ao seu leitor por meio de determinado recorte. Neste contexto, o público-alvo de um meio de comunicação influi no enquadramento jornalístico: “O jornalista define ou enquadra as situações considerando que terá que encontrar um título, uma imagem atrativa, uma fonte solvente, uma ideia que sintetize o acontecido para dar a informação ao seu público”. (SÁDABA, 2007, p. 211-212, tradução nossa). Ao criar novos sentidos para a realidade, as notícias atuam na construção da própria realidade. Esta, portanto, é influenciada pelo enquadramento que a mídia opera sobre os fatos reais, em um processo sem início nem fim, mas em circuito contínuo.

A escolha dos termos, a ordem da sua apresentação, a selecção dos factos expostos pressupõem inevitavelmente a existência de juízos de valor fundamentados em critérios partilhados por uma comunidade de palavra com um conjunto de definições de critérios, algumas equívocas, outras não equívocas, acerca das quais se exige o estabelecimento de um acordo. (RODRIGUES, 1999, p. 32).

As normas que regem o enquadramento deixam marcas nas notícias, que, ao serem submetidas a uma análise, podem revelar aspectos das condutas profissionais dos operadores dos recortes. É justamente na forma de transmissão dos acontecimentos que fica implícito o sistema de valores de um meio de comunicação, que modela as informações de acordo com regras próprias. “A mídia vai enquadrar os acontecimentos e assim ela expressará a valorização do fato. O controle vai pressupor aplicar ao conhecimento um determinado marco”. (ALSINA, 2009, p. 135). Mas não apenas o discurso jornalístico preserva estes sinais, que também podem ser identificados nos produtores, nos receptores e na cultura em que está inserida a mensagem. (ENTMAN apud SÁDABA, 2007).

Sustentamos nesta pesquisa que o jornal Diário Gaúcho opera um enquadramento na cobertura noticiosa que oferece ao seu público, impondo a esta seus princípios comunicacionais. Dos lugares onde podem ser identificado o enquadramento – discurso, produtor, receptor e cultura –, propomos aqui trabalhar de forma direta o discurso e o produtor da notícia, por meio da análise do discurso fotográfico e da observação participante. De modo indireto, inevitavelmente, aspectos relacionados ao público-alvo e à cultura atravessam as análises.

Acreditamos que, no âmbito da produção, a prática jornalística e o produto resultante desta ação têm o poder de revelar o enquadramento que cerca a visibilidade dada aos sujeitos, que são fontes populares. As fotografias selecionadas, assim como as matérias que integram, evidenciam cenas – no sentido amplo da palavra, como fala Mouillaud (2002) – que são produtos de um recorte no espaço e no tempo.

Podemos considerar que os fatos que envolvem as fontes populares são incluídos no Diário Gaúcho por escolhas fundamentadas nos conceitos que regem o novo formato de jornalismo popular, especialmente os que se relacionam à visibilidade que os veículos procuram dar a estas fontes. Por isso, estes acontecimentos ganham o *status* de notícia, uma vez que são considerados prioritários pelos produtores de informação, que manifestam a preferência por inserir fotografias e informações destas fontes nas páginas do impresso. (AMARAL, 2011; MERSONI, 2011). Uma vez compreendendo como se dá a escolha das cenas a serem recortadas da realidade para transmitir informações, buscamos, ainda considerando o conceito de enquadramento, refletir sobre como são feitos estes recortes, o que eles comunicam sobre as fontes e com quais objetivos.

Ao optar por determinadas condutas, o jornal assume uma posição dentro do jornalismo popular que reflete nos discursos oferecidos ao público. Buscamos, no produto e nas práticas, identificar o enquadramento jornalístico que envolve a representação visual das fontes populares.

4.4 Enquadramento Jornalístico no Retrato

Ao tomar emprestado da fotografia e do cinema o conceito de enquadramento a fim de explicar o acontecimento, Mouillaud (2002) utiliza-se de um recurso metafórico. Ele descreve, exatamente como relataria o recorte operado pela câmera fotográfica, a ação que define o fragmento apreendido da realidade para ser comunicado a outras pessoas em forma de notícia. Nesta descrição, Mouillaud (2002) enfatiza a transfiguração sofrida pelos elementos que deixam de fazer parte do todo e passam a integrar o campo menor enquadrado pela moldura aplicada à realidade. Desta forma, destaca o conteúdo no interior destes quadros, onde se estabelecem novas e intensificadas relações entre objetos e indivíduos.

É apropriando-nos deste vínculo entre o enquadramento fotográfico e o enquadramento jornalístico que propomos a combinação destes dois métodos de análise para compreender a representação fotográfica dos sujeitos. Com base nos conceitos já expostos neste capítulo, buscamos na análise do discurso fotográfico, com ênfase no enquadramento fotográfico, mas considerando também os elementos da linguagem fotográfica e os contextos de obtenção e inserção da fotografia, o enquadramento jornalístico no retrato de fontes populares.

A partir da seleção de retratos de fontes populares em edições do Diário Gaúcho correspondentes ao período de uma semana, observamos uma amostra de 35 fotografias em um primeiro movimento exploratório. Na representação fotográfica compreendida dentro das dimensões do retângulo da imagem – ou de outras formas criadas com os recortes de arte –, identificamos como os elementos da linguagem fotográfica atuam na construção de sentidos. Porém, considerando que estes elementos existem em virtude do enquadramento, acreditamos que este se torna recurso primordial de análise.

Ao relacionar estes dois níveis de enquadramento, propomos pensar o recorte fotográfico também como um recorte jornalístico na realidade. Neste sentido, a inserção no campo de produção do Diário Gaúcho possibilita compreender as práticas fotojornalísticas, de modo a perceber como estas afetam o enquadramento. Para complementar a observação participante, trazemos retratos produzidos e publicados durante a etnografia e submetemos à análise do discurso fotográfico, a fim de não apenas fazer uma leitura dessas imagens, mas também relacionar às condutas de fotógrafos, repórteres e editores.

Os sujeitos são o ponto de partida das leituras dos retratos. Desta forma, os objetos que compõem a representação fotográfica são percebidos a partir de suas relações com os sujeitos, para os quais atribuem novos sentidos.

Nos tempos enquadrados fotográfica e jornalisticamente, ainda são analisados três planos que, conforme Sunkel (1985), estão implicados na aparição dos sujeitos: atores, conflitos e espaços. Por meio destes aspectos, que foram adaptados aos objetivos desta pesquisa, procuramos identificar o enquadramento operado pelo Diário Gaúcho na cobertura jornalística que engloba as fontes populares. Ao contrário de Sunkel (1985), não iremos dividir os planos em categorias delimitadas, mas considerá-los por suas amplas possibilidades de leituras.

A análise dos atores justifica-se por tratar de indivíduos, praticantes de ações e, portanto, elementos imprescindíveis do retrato e do discurso jornalístico. Para analisar este plano, consideramos o perfil das pessoas representadas no discurso fotográfico, de acordo com sua situação social e no contexto da matéria jornalística.

Por conflitos, entendemos as situações em que há divergência ou simplesmente um debate sobre determinada ideia; neles estão os assuntos principais das abordagens jornalísticas. Nem sempre a aparição das fontes populares se dá em um conflito propriamente dito; nestes casos, consideramos o tema abordado na matéria.

Já os espaços, entendemos como campos onde estão inseridos estes atores e onde ocorrem estes conflitos. Não somente os espaços físicos, enquadrados nas fotografias, mas também as esferas de ações, no sentido figurado. A partir do arranjo metodológico aqui exposto, partimos, no próximo capítulo, para o campo empírico, onde a análise do discurso fotográfico e a observação participante embasam nossos apontamentos sobre a representação visual das fontes populares.

5 OS RETRATOS NO JORNAL DIÁRIO GAÚCHO

Com o intuito de atingir os objetivos delineados, o percurso metodológico foi traçado no decorrer da pesquisa, que iniciou com um planejamento maleável a fim de que as novas percepções que surgissem pudessem ser incorporadas aos métodos. Inicialmente, a pesquisa bibliográfica, especialmente nos campos do jornalismo popular e do fotojornalismo, foi fundamental para nos inserir no âmbito do estudo.

Partimos¹, então, para a pesquisa exploratória, com o objetivo de identificarmos as fotografias que interessam a esta pesquisa. Para isso, adotamos uma série de critérios, conforme já exposto nos textos de metodologia, que nos levaram à seleção de 35 retratos, considerando a observação de seis exemplares do Diário Gaúcho, correspondentes ao período de uma semana. A partir desta amostra de retratos, elaboramos descrições e inferências a fim de perceber características recorrentes na representação visual das fontes populares.

De posse destas informações, sentimos a necessidade de aproximação com as práticas jornalísticas, entendendo que o processo comunicacional que antecede a publicação é determinante para o produto final. Seguindo a sugestão da banca de qualificação, ingressamos na redação do Diário Gaúcho para realização de etnografia, em uma observação participante atenta aos aspectos que dizem respeito às fontes populares, especialmente em sua representação fotográfica.

Trazemos aqui, inicialmente, as descrições e inferências referentes à pesquisa exploratória que auxiliaram na elucidação de questões pertinentes à proposta de investigação. Apoiados nestas premissas, acompanhamos a rotina de profissionais do Diário Gaúcho, por meio da observação participante, atentos principalmente às práticas relacionadas às constatações obtidas por meio da pesquisa exploratória, mas também abertos às questões que emanam do campo.

Apresentamos, na sequência, o relato de observações e conversas elaborado a partir da etnografia, realizada na redação do Diário Gaúcho e na rua, onde acompanhamos a execução de pautas. Este relato, organizado por datas, considerando os cinco dias de observação participante, é intercalado com a análise do discurso fotográfico de retratos produzidos e publicados no período em questão.

¹ Visando um relato mais formal da pesquisa empírica e etnográfica, o texto é escrito na primeira pessoa do plural.

Esta análise, que considera elementos da linguagem fotográfica pertinentes à leitura de retratos, conforme explicitado na metodologia, foi testada na pesquisa exploratória para a qualificação do projeto de pesquisa.

Do relato etnográfico associado à análise do discurso fotográfico, extraímos questões que percebemos pertinentes de serem problematizadas. Essas questões foram organizadas em apontamentos, tensionados à luz de teorias relacionadas aos campos do jornalismo e do fotojornalismo.

5.1 Primeira Aproximação: descrições e inferências

A observação de seis exemplares do jornal Diário Gaúcho, referentes ao período de uma semana, nos levou à seleção de 35 retratos de fontes populares, conforme os critérios expostos e justificados na metodologia de pesquisa. A partir desta amostra, direcionamos nosso olhar a estas fotografias com o intuito de identificar características recorrentes nas imagens.

É importante considerar que estes 35 retratos estão inseridos em 21 páginas, sendo 4 capas e 17 internas. Estes números mostram que as fotografias destes sujeitos têm certa frequência na primeira página, já que está em quatro capas do total de seis que compõem a amostra de uma semana.

Estas fotografias foram observadas isoladamente, de modo a apreender possíveis sentidos do instante capturado pela câmera, e, posteriormente, relacionadas à legenda, ao título e aos demais textos e elementos visuais (como fotografias e ilustrações) que integram a matéria jornalística onde estão inseridas. Como estes sujeitos dos retratos são fontes das matérias, também foram observadas as demais fontes que aparecem nos textos e a relação destes sujeitos com a pauta jornalística. A seguir, discorreremos sobre os aspectos que se destacam na observação geral.

Considerando inicialmente apenas as fotografias, podemos dividi-las em três tipos: de rosto, no modelo 3x4, por vezes com um recorte circular, no estilo *boneco*²; de corpo, isolado de um contexto pelo enquadramento ou por um recorte do tipo silhueta; e de corpo em um ambiente. No segundo e terceiro casos, as imagens podem ser individuais ou coletivas.

² No meio jornalístico, denomina-se “boneco” a fotografia em que aparece somente o rosto, ou o rosto e uma parte do tronco. As imagens de rosto com recorte circular, descobrimos, posteriormente, que são chamadas, pelos fotógrafos da redação do Diário Gaúcho, de “foto bolinha”.

É evidente a visibilidade dada a esses sujeitos pelo jornal, uma vez que em poucos casos eles estão distantes da câmera. Alguns olham para a lente, outros dirigem seu olhar para outros motivos, como atividades, pessoas e lugares – e nestes casos os rostos já não ficam tão à mostra. A fotografia com o olhar do fotografado voltado para a câmera é, sem dúvida, a que mais se destaca: cria a sensação de a pessoa estar a olhar para o leitor, interpelando-o para um contato olho no olho. Pela proximidade da captura da imagem e pelo olhar para a câmera, em muitos casos nota-se uma cumplicidade entre fotógrafo e fotografado.

Os semblantes, na maioria das vezes bem destacados, costumam ir ao encontro da pauta: as expressões refletem o assunto abordado – se não exatamente, no mínimo se é positivo ou negativo. Neste caso, mesmo quando há apenas o rosto do sujeito, no estilo boneco, a fotografia assume um papel comunicacional importante, uma vez que possibilita assimilar de forma imediata o teor da matéria jornalística.

Em boa parte dos casos, os sujeitos estão no centro da representação, onde não há destaque para outros elementos, embora muitas vezes estejam inseridos em contextos; em outros, estão mais distantes da câmera, que busca registrar um espaço maior para comunicar visualmente a pauta. É comum que eles tenham objetos nas mãos ou estejam em atitudes gestuais que remetam à informação que prestaram à matéria, já que em todos os casos se tratam de fontes jornalísticas, do tipo popular.

Quanto ao gênero, percebe-se a presença tanto de homens como de mulheres, assim como também de crianças. Como é característica do planejamento gráfico do jornal Diário Gaúcho, as fotografias contêm dentro do tradicional retângulo uma caixa de texto com a legenda. Em muitos casos, também há recortes parciais da imagem, por exemplo, com extremidades do corpo para fora do retângulo, o que desperta a sensação de que a pessoa está a sair da imagem e, por isso, ganha um falso relevo na página do jornal.

Todas as imagens são contornadas por linhas, em cores variadas, que vão de encontro aos demais elementos do planejamento gráfico da página. O verde é uma cor bastante presente no período analisado, especialmente nas linhas. Ao contornar as fotografias, os traços formam molduras que realçam a presença da imagem na página e criam mais um recurso visual para atrair o olhar do observador.

Sujeitos recortados dos ambientes concentram em si a atenção do leitor, anulando a possibilidade de desvio de foco para algum outro elemento da fotografia. Os indivíduos, na maioria dos casos, são identificados nas legendas apenas pelo primeiro nome, causando uma familiaridade entre eles e o jornal, já que o nome inteiro remeteria a uma relação mais formal. Nas fotos do tipo boneco, em alguns casos há uma linha que liga a imagem ao nome da pessoa, destacado em negrito no meio do texto; este formato descarta a necessidade da legenda.

Com alguma frequência, aparecem fotos de grupos, com legendas genéricas onde não constam nomes, mas nestes casos a matéria conta também com imagens individuais, que destacam algumas pessoas da coletividade. Há casos de pessoas ambientadas, muitas em evidência, e não identificadas pelo nome na legenda. Ao ler o texto, muitas vezes é possível ter certeza do nome, especialmente quando há indícios de sua identidade na fotografia ou quando se trata do único entrevistado da matéria. Outras vezes, geralmente quando as fontes não estão em primeiro plano, apenas cogita-se sua identidade.

Além das fotografias dos sujeitos, outras imagens mostram espaços onde se concentra o assunto principal da pauta. Este modo de dividir a narrativa visual – porque muitas vezes o entrevistado está no local em questão e ambos poderiam ser fotografados conjuntamente – faz com que o leitor concentre sua atenção nos dois elementos separadamente, de modo a destacar mais a presença de cada uma dessas imagens na página.

Para compreensão mais completa das imagens, os textos são fundamentais. As legendas e os títulos, quando associados às fotografias, transmitem uma ideia, se não exata bastante próxima, do que é a pauta e o motivo pelo qual o sujeito integra a matéria. Neste sentido, nota-se uma sintonia entre fotógrafo e repórter, que dão, nas imagens e nos textos, o mesmo tom.

Mas há também pessoas entrevistadas, nominadas nos textos, muitas vezes na mesma situação do sujeito fotografado, que não aparecem em imagens, o que pode ter diversas explicações, entre elas, entrevista não presencial, falta de espaço no planejamento gráfico da página ou o sujeito se recusar a aparecer. Por outro lado, autoridades e especialistas consultados pelos repórteres têm seus nomes inseridos nas matérias, mas não aparecem nas fotografias. Este desequilíbrio na comunicação visual também é percebido na matéria jornalística, onde as autoridades se pronunciam em notas apenas em resposta à demanda apontada pelos sujeitos,

geralmente ao final do texto, o que, conseqüentemente, confere-lhes menor destaque.

Há matérias em que os sujeitos são entrevistados como forma de agregar informações a pautas relacionadas a eles. Porém, há casos em que o indivíduo é a própria pauta: a matéria conta sua história de vida, que, como qualquer história de vida, tem suas peculiaridades e, quando vista com interesse jornalístico, pode render uma reportagem. Nestes casos, é comum ter mais de uma fotografia do entrevistado, de ângulos ou ambientes diferenciados.

Com base nos gêneros fotojornalísticos definidos por Sousa (2002), organizamos os retratos em três grupos: retratos de rosto (individuais), retratos de corpo (individuais e coletivos) e retratos ambientais (individuais e coletivos). Também analisamos os textos e elaboramos categorias nas quais estes sujeitos pudessem ser dispostos, de acordo com a situação de cada fonte: vítimas, quando são fontes por terem sofrido danos ou prejuízos; participantes, nos casos em que viram notícia por alguma atividade desempenhada; biografados, quando suas próprias histórias de vida fundamentam as pautas; favorecidos, quando são mostrados em notícias por serem beneficiados; e exemplos, nos casos em que a matéria os coloca na posição de pessoas que devem servir de modelo.

Na Tabela 3, dispomos os dados numéricos em um quadro, por meio do cruzamento da classificação fotográfica, pelas características das imagens, e da categorização dos sujeitos, definida pela situação que os levam a se tornarem fontes. Os números totais em cada item são acompanhados de porcentagens, a fim de melhor quantificar a representação de cada tipo fotográfico. Como se trata de uma pequena amostra, de 35 imagens, há números zerados, o que também é um indicativo de determinadas características percebidas na representação destes sujeitos.

Tabela 3 - Os sujeitos e os retratos

Sujeitos/Retratos	Rosto		Corpo		Ambiental		Total
	Individual	Individual	Coletivo	Individual	Coletivo		
Vítimas	3	2	1	3	5	14 (40%)	
Participante	1	-	1	-	5	7 (20%)	
Biografado	-	1	-	8	-	9 (25,7%)	
Favorecido	-	-	-	-	1	1 (2,9%)	
Exemplo	-	1	1	2	-	4 (11,4%)	
Total	4 (11,4%)	4 (11,4%)	3 (8,6%)	13 (37,2%)	11 (31,4%)	35 (100%)	

Fonte: Elaborada pela autora.

Este mapeamento permite identificar com precisão numérica algumas tendências que puderam ser verificadas na análise de uma semana do Diário Gaúcho, embora não seja nossa proposta a pesquisa quantitativa. Além de contabilizar as ocorrências por tipo de retrato e de situação dos sujeitos, o cruzamento dos dados possibilita interpretar as representações construídas por meio das fotografias e dos textos.

Quanto ao tipo de imagem mais utilizada, percebe-se a maior incidência de retratos ambientais, individual ou coletivo, que somam mais da metade dos casos. Estas fotografias, além de visibilizar os sujeitos, mostram o espaço onde eles estão inseridos e, por isso, comunicam sobre o contexto relacionado a eles e à pauta, já que os ambientes onde as pessoas vivem dizem muito sobre os perfis e as personalidades.

Nas matérias onde os sujeitos aparecem recortados de um contexto há outras imagens que mostram espaços relacionados à pauta. Nos retratos ambientais, como geralmente o sujeito ocupa um espaço de destaque na composição fotográfica, torna-se um ponto de destaque diante do observador, que pode iniciar a leitura da fotografia a partir dele. Em muitas matérias, é verificado um número considerável de retratos de corpo e, em menor número, retratos de rosto.

Já em relação às situações em que são apresentados os sujeitos, constata-se que a maior parcela é classificada como vítima, com destaque, em seguida, para biografados e participantes. Em menor número, favorecidos e exemplos. Embora a porcentagem de vítimas seja a maior entre as categorias, não alcança a metade se comparada à totalidade de aparições dessas fontes no jornal popular. Desta forma, constata-se que, nas representações das fontes populares verificadas no Diário

Gaúcho, menos da metade são de vítimas, o que mostra que estes sujeitos são representados além de reivindicadores de melhores condições de vida, modo como muitas vezes é minimizada sua aparição no jornalismo popular. O destaque no número de biografados e de participantes também mostra a intenção do jornal em dar visibilidade às histórias de vida.

Ao serem incluídos nas matérias jornalísticas, os sujeitos participam da história da imprensa e da sociedade. “A história de um jornal é também a história das pessoas que de alguma forma interagem com ele, seja como protagonistas de sua elaboração, seja como personagens de suas notícias, seja como destinatários do produto resultante desta interação”. (JORNALISMO, 2013).

A análise dos retratos que integram o *corpus*, mesmo que ampla, possibilita-nos perceber traços recorrentes a serem explorados para compreensão e interpretação da presença do sujeito nas páginas do jornal Diário Gaúcho. Um deles é o olhar voltado para a câmera, quando o entrevistado busca construir sua própria imagem diante da lente do fotógrafo. Por outro lado, muitas fotografias mostram o sujeito em atividade, sem pose, criando um aspecto natural para a cena congelada.

Outra característica é a interferência de arte, quando recortes parciais ou totais remodelam as imagens, isolam os sujeitos de um contexto ou ainda quando os textos invadem as fotografias. Também é perceptível a importância da gestualidade na construção dos perfis, recurso bastante usado nos retratos jornalísticos para comunicar determinadas mensagens. É interessante, ainda, perceber as utilizações específicas de retratos individuais e coletivos.

Estes primeiros movimentos de pesquisa nos mostram que é fundamental voltar o olhar aos ambientes retratados, às pautas que colocam esses sujeitos em evidência, à espontaneidade ou direção dos fotografados e à gestualidade. Além disso, ainda identificamos a interferência do jornal em suas rotinas, o que constrói novos fatos para serem registrados no jornal. Outro aspecto é que as fontes populares são protagonistas em imagens de matérias com cunho de serviço, uma marca forte dos jornais populares, e desta forma atuam como porta-vozes de informações que o veículo quer transmitir aos seus leitores; as fotografias, nestes casos, reforçam determinadas orientações ao público.

De posse destas observações e inferências, partimos para a observação participante atentos a estes aspectos e abertos a novas percepções. Acreditamos

que, com a aproximação do processo de produção e edição, é possível ampliar o entendimento sobre os sentidos construídos nos retratos das fontes populares.

5.2 Cinco Dias na Produção do Jornal Diário Gaúcho

Por considerarmos que o pesquisador somente consegue apreender a realidade do campo empírico após construir uma base bem fundamentada em conceitos e observações prévias, optamos pelo método da etnografia após desenvolver a pesquisa bibliográfica e submeter uma amostra de imagens à análise geral. Em nossa inserção na redação do Diário Gaúcho, levamos conosco as bases teóricas que sustentam esta pesquisa e as considerações das descrições e inferências realizadas anteriormente. Mas, por acreditarmos no potencial revelador do espaço empírico, procuramos estar abertos para perceber os sentidos que emergem deste campo. Desta forma, a observação participante não tem como finalidade apenas testar hipóteses, mas também descobri-las. (BECKER, 1999).

Entendemos que, com o percurso trilhado até este momento, adentrar no espaço onde se dão as operações de produção e edição possibilita somar ainda mais informações à pesquisa. A interpretação, nesta etapa, portanto, será fortemente influenciada pelo conhecimento já produzido por este estudo, de forma a avançar na construção do conhecimento relacionado à representação fotográfica das fontes populares no Diário Gaúcho.

Nossa proposta foi a realização de etnografia por meio da observação participante, dentro e fora da redação do Diário Gaúcho, no período de cinco dias. Iniciamos pela observação no espaço interno da redação, mas em alguns momentos transpomos esses limites e acompanhamos a produção de repórter e fotógrafos nas ruas. O período foi entre os dias 30 de setembro e 1º a 4 de outubro, de segunda a sexta-feira. Nesses dias, do início da manhã ao final da tarde, nossos horários foram moldados pela própria rotina dos profissionais, uma vez que buscamos não interferir no funcionamento da redação, embora sabemos que apenas nossa presença já se configura um fator de interferência.

Antes do período de etnografia, estivemos na redação para conversar com o editor de Fotografia, André Feltes, e o editor-chefe Alexandre Bach, a fim de acordarmos a realização da pesquisa na redação e o acompanhamento de repórteres e fotógrafos nas ruas. Nesta oportunidade, empreendemos uma conversa

com um dos fotógrafos, que espontaneamente comentou sobre imagens da edição do dia. Neste relato, trazemos as páginas do Diário Gaúcho, com a análise do discurso fotográfico, em um ensaio das ações de pesquisa que seriam realizadas posteriormente.

Ao adentrarmos no campo empírico da redação, por nosso interesse estar diretamente relacionado às fotografias de fontes populares, focalizamos nossa atenção na editoria de Fotografia. Porém, percebendo os diversos profissionais envolvidos na produção e que interferem na construção visual das fontes – diretamente, ao orientar fotógrafos e selecionar imagens, ou indiretamente, na construção da concepção que a redação tem dos leitores – verificamos ser necessário ampliar a observação. Desta forma, editores de outras áreas e repórteres também foram observados e ouvidos. Na redação, o objetivo é observar a organização e a rotina, acompanhando o debate das pautas, a saída e a chegada de fotógrafos, a seleção de imagens a partir do material bruto e as decisões que envolvem a escolha e tratamento de fotografias para as páginas internas e a capa.

Fora da redação, acompanhamos duplas de repórter e fotógrafo na execução de pautas. Nestes momentos, nosso olhar esteve atento ao relacionamento entre repórteres e fotógrafos, e entre estes e as fontes, e à construção de fotografias de acordo com as pautas, especialmente em relação às posições e escolhas do fotógrafo.

Dentro e fora da redação, nos preocupamos em anotar em um diário de campo as observações que se mostraram importantes frente à problemática desta pesquisa. Nas anotações, relatamos as condições ambientais dos espaços, os comportamentos dos indivíduos e informações verbais, de conversas entre os profissionais, entre os profissionais e as fontes e inclusive entre os profissionais e a pesquisadora. No entanto, como a anotação dificulta a transcrição literal em conversas que se alongam, utilizamos em alguns momentos o gravador de voz, com o objetivo de registrar integralmente as falas.

Ainda registramos os diversos momentos da pesquisa etnográfica em fotografias, construindo um *making of*. Com as fotos, queremos mostrar em um discurso visual o processo produtivo fotográfico, desde a concepção da pauta, passando pela execução e chegando à edição e diagramação, para montagem da página como chegará aos leitores. Também queremos, com as imagens, mostrar quem são os profissionais nomeados no texto e como são os espaços onde ocorrem

os processos produtivos. Cientes de que o olhar que lançamos sobre a produção e edição fotojornalísticas do Diário Gaúcho está carregado de experiências e conhecimentos pessoais, enquadramos o campo empírico de acordo com nossos objetivos. Portanto, trata-se de uma construção fotográfica específica para atender aos nossos propósitos de pesquisa.

Para complementar os relatos escritos e visuais, trazemos páginas do Diário Gaúcho, onde foram publicadas fotografias de fontes populares, da semana em que realizamos a etnografia e de dias posteriores. O que nos motiva a mostrar e analisar o discurso fotográfico dessas imagens é o fato de termos acompanhado sua produção ou edição, o que as torna importantes ferramentas para compreender o produto final apresentado ao leitor em relação às visões e condutas de repórteres, fotógrafos e editores. Desta forma, transitamos do relato etnográfico à análise do discurso fotográfico, em movimentos que visam fornecer mais subsídios na busca pelo entendimento do enquadramento jornalístico nos retratos.

Embora não tenhamos experiência em redação de jornal popular especificamente, trabalhamos por sete anos em redações de jornais do interior do Estado, que também são caracterizados por maior proximidade na relação com seus leitores. Portanto, a convivência nos jornais do interior, onde desempenhávamos as funções de repórter e fotógrafo ao mesmo tempo, interfere na leitura que fazemos no método etnográfico. Inclusive quanto aos métodos de coleta de dados escolhidos – anotações, gravações de voz e fotografia –, algumas vezes realizados quase que simultaneamente.

A experiência em redação de jornal, de modo amplo, nos possibilita a compreensão dos processos produtivos, que têm muito em comum, independentemente do tipo de publicação. Por outro lado, por não sermos do ambiente especificamente pesquisado, temos consciência de estarmos direcionando um olhar externo.

Em nosso relacionamento com editores, fotógrafos e repórteres, empreendemos conversas, sempre com o intuito de estimular os informantes a falarem sobre aspectos da produção e edição que interessam à pesquisa. “Porque estas informações ajudam na compreensão do entrevistado, do grupo a que pertence e das lógicas da sua cultura”. (TRAVANCAS, 2008, p. 102-103). De modo geral, o que captamos são falas espontâneas, com poucas interferências, e mesmo

quando lançamos questionamentos, na maioria das vezes procuramos construir questões abertas, sem revelar nossos pensamentos ou induzir a alguma resposta.

Voltando-nos ao arranjo metodológico da pesquisa, buscamos, no acompanhamento do processo de produção e edição, identificar subsídios que auxiliem na análise do enquadramento jornalístico aplicado à representação fotográfica das fontes populares. Com isso, perceber também os posicionamentos dos profissionais em relação ao trabalho realizado junto às fontes populares.

Desta forma, pensamos a fotografia não como um produto isolado, mas como reflexo dos processos de construção da notícia no Diário Gaúcho. Por isso, acreditamos ser de extrema relevância compreender os posicionamentos dos profissionais, o que envolve a cultura do jornalismo popular, especialmente no que diz respeito ao relacionamento que o veículo tem com as fontes populares.

5.2.1 Conhecendo o Campo Empírico

No dia 24 de setembro, terça-feira, após contato por telefone, estivemos na redação do Diário Gaúcho para conversar pessoalmente com o editor de Fotografia, André Feltes, com quem já tínhamos contato pela pesquisa realizada anteriormente. Na oportunidade, também conversamos com o editor-chefe, Alexandre Bach, a quem apresentamos a proposta da pesquisa, especialmente em relação ao método etnográfico, que implicaria na inserção da pesquisadora na redação.

Bach permitiu que acompanhássemos a rotina na redação do DG na semana seguinte, entre os dias 30 de setembro e 1º a 4 de outubro, e pediu que agendássemos os detalhes com Feltes. Quanto à proposta de acompanhar os repórteres fotográficos na execução das pautas, Bach explicou-nos que, devido às normas da empresa, não seria possível utilizar os veículos do jornal. Em função disso, os acompanhamentos externos poderiam ser feitos com veículo particular.

Nesta primeira visita, chegamos às 14h15min à redação do Diário Gaúcho, localizada no segundo andar do prédio que abriga a Zero Hora Editora Jornalística, na Avenida Ipiranga, número 1075, esquina com a avenida Érico Veríssimo, no bairro Azenha, em Porto Alegre. Ingressamos identificados com crachá de visitante e, ao final do corredor à esquerda, no segundo andar, encontramos a recepção do jornal Diário Gaúcho, onde aguardamos por alguns minutos a chegada do editor de Fotografia.

André nos ofereceu os jornais do dia – Zero Hora e Diário Gaúcho – para ler e em seguida nos levou até o espaço da editoria de Fotografia, no canto à esquerda na redação. Pediu que aguardássemos ali porque naquele momento participaria da reunião de editores, que acontece diariamente às 14h30min. André nos apresentou o repórter fotográfico Marcelo Oliveira, com quem conversamos enquanto ele participava da reunião.

Ao saber que a pesquisa tratava da representação fotográfica de fontes populares no Diário Gaúcho, Marcelo, de forma espontânea, começou a nos contar sobre o relacionamento que os repórteres têm com esse tipo de fonte – nesta conversa informal, fizemos poucas intervenções. Ele iniciou pelo fato de que as pessoas abrem suas casas para a equipe do jornal, em uma demonstração, para ele, de confiança. Normalmente, o repórter fotográfico, em um primeiro momento, deixa o repórter fazer a entrevista e acompanha as informações. Enquanto isso, avalia o ambiente e as condições de luz, e pensa em como construir a fotografia da fonte naquele espaço, em relação à pauta. Para ele, é fundamental que essas pessoas se acostumem à presença dos profissionais e até com o tamanho da câmera antes de iniciar as fotografias.

É comum as fontes oferecerem café ou água, e há casos em que, ao chegar às casas, a equipe do jornal encontra um lanche já preparado para servir. Na visão de Marcelo, esta forma de tratamento evidencia que essas pessoas consideram os profissionais do DG como parte de suas famílias, mesmo muitas vezes nem bem conhecendo eles. Estas atitudes, para ele de “*carinho*”, são percebidas já nos primeiros contatos. Como retorno, ele diz que é fundamental aceitar tudo o que está sendo oferecido, o que agrada as pessoas. A recusa, neste caso, seria quase uma ofensa.

Quando percebe que a entrevista se encaminha para o final, Marcelo conta que começa a fazer testes com a câmera para que as fontes se habituem ao som emitido na hora do registro e busca deixá-las à vontade. Em alguns casos – segundo ele, poucos – as pessoas dizem que não querem ser fotografadas, e isso representa um problema, já que o repórter já está em posse de todas as informações e eles “*precisam*” da fotografia que mostre a fonte.

Há casos, nas matérias ligadas à editoria de Polícia, em que aparecer no jornal pode significar risco a estas pessoas e, nestes, os repórteres buscam construir imagens sem que o rosto fique evidente. Se não for este o caso, inicia um processo

de convencimento. Entre os motivos alegados pelas fontes para não serem fotografadas, conforme o fotógrafo, estão o de não se gostarem em fotografias, ou se acharem feias para serem fotografadas. Marcelo diz que geralmente acaba convencendo a fazer a primeira fotografia e mostra a imagem na câmera, o que faz com que ganhe confiança. Há situações em que as pessoas, mesmo quando relacionadas a pautas que evidenciem problemas, sorriem ao posar para a câmera. O fotógrafo então as lembra do motivo pelo qual será veiculada a matéria, e elas mudam a expressão do rosto.

Conforme Marcelo, são feitas até cinco opções diferenciadas de imagens, pensando em alternativas para capa, página interna e site. No caso da imagem que vai para o site, é necessário que seja diferenciada especialmente para não “furar” o impresso, já que muitas vezes ela é postada antes que o jornal comece a circular. Ao final da pauta, o repórter fotográfico agradece as fontes, chega a desejar boa sorte nos casos em que elas buscam a solução de problemas. Muitas vezes, as fontes ligam para o jornal posteriormente para agradecer a publicação, especialmente quando o problema acaba sendo resolvido.

Mas a obtenção de boas fotos, segundo Marcelo, começa antes mesmo de sair da redação, no entrosamento com o repórter e com a pauta, o que considera de grande importância. Ao falar de problemas já abordados nas pautas, como a falta de médico pediatra enfrentada por uma mãe, notícia veiculada no jornal deste dia em que conversávamos, Marcelo fala como quem se imagina no lugar da pessoa, de forma a tentar sentir o que a fonte sente. Neste sentido, nota-se um envolvimento pessoal, porque se percebe que estas situações geram sentimentos de indignação ou no mínimo de inconformidade no fotógrafo.

Esta pauta comentada por ele foi manchete de capa no dia 24 de setembro (Imagem 1, Anexo A), com matéria de Roberta Schuler e fotos de Marcelo Oliveira. Na capa, a chamada informa “Cachoeirinha e Gravataí – Faltam médicos para a criançada”. A fotografia mostra uma vidraça onde em um cartaz está escrito, à mão, “Atenção não temos pediatra”. A legenda informa: “Escassez de pediatras é prejuízo nos postos de saúde dos municípios”.

Na página 3 (Imagem 2, Anexo B), uma fotografia horizontal, em plano médio e frontal, que ocupa cinco das sete colunas da diagramação, mostra uma mulher com uma criança no colo e tem a legenda “Eva sente o drama desde que estava grávida de Otávio”. Ela está em primeiro plano, centralizada, em uma fotografia ambientada, com elementos ao fundo. Ambos os planos são apresentados de forma nítida, mas a mulher ganha destaque, uma vez que sua figura com a criança ocupa praticamente metade do espaço do retângulo, com uma luz frontal que deixa seu rosto bem iluminado. Ela olha para a câmera com uma expressão séria, enquanto a criança mantém os olhos fechados. O rosto da mulher é o destaque principal da fotografia, onde também chama a atenção a ação da mão dela, que segura o bebê com firmeza, o que denota um cuidado com a criança.

Podemos considerar que, como fonte popular, ela é apresentada como vítima que expõe um conflito na área da saúde pública; ao mostrar-se publicamente nestas circunstâncias, há um enfrentamento, por parte dela, como cidadã, a uma situação que a prejudica. Embora fotograficamente ela se encontre em um espaço particular, o de sua casa, a pauta trata de sua posição no espaço público, em relação ao atendimento público de saúde.

Apesar de figurar na fotografia, que tem amplo destaque na página, Eva tem sua história mostrada em uma das matérias secundárias. Seu relato não está na abertura principal da matéria, que trata do problema de forma geral. Além dela, há outras fontes, que podemos classificar como autoridades, sendo uma delas também especialista, mas que não aparecem em fotografias.

Na matéria, não apenas há a resposta do poder público para o problema enfrentado pela entrevistada, que é pontual de um posto de saúde, mas dados de toda a região metropolitana. Com isso, o jornal, embora mostre um caso particular e uma única fonte vítima da situação, indica que possivelmente outras pessoas enfrentam o mesmo problema, uma vez que a falta de médicos é constatada em diversos pontos.

Marcelo exemplifica, com a fotografia desta fonte popular, que, no enquadramento fotográfico, busca inserir elementos que falem do espaço e com os quais os leitores possam se identificar. Neste sentido, ele considera que o fotógrafo “*interage*” com o espaço. Ele pede que observemos o que há no ambiente do retrato e aponta: uma cortina na janela, um espaço arrumado (aparentemente uma cama), um personagem infantil ao fundo, almofadas. Segundo ele, um ambiente humilde,

mas onde nota-se um capricho. Em meio a cores neutras, o verde de almofadas e o colorido do personagem infantil ganham destaque e remetem para a questão da infância. Estes elementos podem causar comoção, já que a infância, um período que necessita de atenção especialmente em relação à saúde, pode estar em risco. Como atrás da mulher está o canto do ambiente doméstico, sua colocação faz com que as linhas das paredes e móveis convirjam em direção à ela.

Questionado sobre o fato de um cartaz figurar na capa, enquanto a imagem da fonte popular está na página interna, ele diz que a imagem da capa, por conter informação textual, sustenta por si mesma a mensagem a ser comunicada. Além disso, segundo ele, tem mais potencial para gerar indignação no leitor, que poderá se imaginar chegando ao posto para uma consulta pediátrica e encontrando um cartaz que informa a indisponibilidade do serviço. Enquanto a imagem interna, da mulher com a criança, destaca o fotógrafo, tem a necessidade de informação textual para situá-la no contexto da notícia.

Marcelo conta que as pautas consideradas especiais voltaram com mais força neste ano. Estas pautas têm como principal característica o maior tempo de execução, como a que ele realizou ao acompanhar um ex-apanhado durante um mês para contar seu retorno à vivência em sociedade. Com isso, há mais tempo para pensar e executar as imagens, e as matérias ganham mais espaço no jornal, geralmente sendo publicadas em série (por exemplo, três edições consecutivas).

Sobre as fontes populares entrevistadas, ele diz que há casos em que elas entram em contato com o jornal e outras vezes elas são localizadas pelos profissionais do Diário Gaúcho, que têm a pauta e precisam de pessoas que contem suas histórias. Para estes casos, a rede de contatos do jornal torna-se imprescindível: são líderes comunitários, de diversos locais da área de abrangência do jornal, que repassam informações.

Ao retornar da reunião de editores, cerca de meia hora depois, André nos convida a ir para a sala de reuniões, no outro lado da redação. André inicia falando da composição da editoria de Fotografia, que, além dele e de Marcelo, conta com os repórteres fotográficos Luiz Armando Vaz (que conhecemos nesta data, é subeditor e substituiu André em suas férias, durante o mês de outubro), Lívia Stumpf e Mateus Bruxel. A equipe cobre o horário diário das 8 às 22 horas, exceto plantões e pautas em horários diferenciados. Pela manhã, a partir das 8 horas, entram três fotógrafos,

um a cada hora (Marcelo às 8 horas, Livia às 9 horas e Mateus às 10 horas). No início da tarde, quem inicia junto com ele é Vaz. Quem entrou mais cedo, sai antes.

Embora haja esta organização, é muito comum haver alterações em virtude dos horários diversificados de execução das pautas. No dia de nossa visita, por exemplo, a repórter fotográfica Livia havia começado a trabalhar às 5 horas da manhã, então, na hora em que conversávamos, já tinha saído.

Coordenadora de produção, Luciane Bemfica é quem organiza as pautas e direciona repórteres e fotógrafos. O maior fluxo de produção na rua é pela manhã, e as pautas factuais sempre têm preferência às não factuais, já que muitas dessas podem ser matérias de gaveta³.

Todos os repórteres fotográficos do Diário Gaúcho cobrem todo tipo de pauta, sem uma divisão por editorias, e por isso todos lidam com fontes populares. Conforme André, sempre que possível cada um é direcionado para o tipo de trabalho no qual mais se destaca. Como exemplo, ele cita Marcelo, que é um fotógrafo que faz muito bem o *hard news*, e Mateus, que se destaca nos retratos.

No retorno das pautas, cada fotógrafo descarrega as fotografias em pastas nos computadores, o que André chama de "*material bruto*", e faz a primeira edição das imagens, com a seleção de um número menor do que o total obtido. Em alguns casos, quando a pauta é especial, André edita junto; em outros, quando os fotógrafos precisam sair para outras pautas em seguida, o editor assume a função. Porém, André diz que o ideal é que esta primeira edição seja feita pelo fotógrafo, já que ele esteve no local e sabe o encaminhamento da pauta, estando mais habilitado a selecionar as imagens que melhor comunicam o fato. Normalmente, há uma orientação antes de o fotógrafo sair para a pauta sobre qual o aproveitamento das fotos que serão obtidas, o que pode também mudar no decorrer da matéria.

As fotografias selecionadas são inseridas no Nica, um programa que integra todo o Grupo RBS, por meio do qual outros veículos, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, podem acessar e utilizar as imagens. É função também do editor, diariamente, verificar neste sistema o que está sendo produzido pelos demais veículos, para possíveis aproveitamentos, especialmente no site do Diário Gaúcho.

³ Nas redações, as "*matérias de gaveta*" são as que, por não envolverem fatos pontuais e atuais, são guardadas e veiculadas em datas posteriores, às vezes semanas ou meses depois. Por isso, necessitam de atualização para verificar se a situação permanece a mesma do dia em que foi executada.

Ao chegar, à tarde, André conversa com os fotógrafos para averiguar as pautas que renderam até esse momento, o que é apresentado na reunião de editores às 14h30min. As sugestões de fotografias para a capa são apresentadas ao editor-chefe Alexandre Bach ou ao editor-executivo Claiton Magalhães. Na sala de reuniões, uma tela na parede possibilita a visualização das imagens no formato digital e em tamanho grande.

Após esta reunião, podem ser feitas adequações, com a busca de mais fotografias no material bruto, por exemplo. Outra reunião, informal, com editores e diagramadores, no espaço da redação, é realizada entre 18h30min e 19 horas, para o fechamento da capa. O fechamento do jornal ocorre geralmente às 22 horas. Na redação, conforme as informações do site do Diário Gaúcho, trabalham 49 pessoas.

Após conhecer a rotina, foi possível delinear com mais propriedade o acompanhamento e acertar o período de etnografia para os dias 30 de setembro e 1º a 4 de outubro, de segunda a sexta-feira, na semana seguinte. Combinamos nossa chegada para as 14 horas de segunda-feira, 30 de setembro, junto com o editor André Feltes, que nos apresentaria aos demais profissionais. Também acompanharíamos a reunião de pauta das 14h30min, que, na segunda-feira, planeja as edições de toda a semana.

5.2.2 Segunda-feira, 30 de setembro de 2013

Chegamos à redação do Diário Gaúcho por volta das 14h30min de segunda-feira, dia 30. O editor de Fotografia, André Feltes, nos recebe na recepção do jornal e pede que aguardemos alguns minutos enquanto resolve algumas questões, e alcança-nos um exemplar do dia. Em seguida, passamos para o espaço da editoria de Fotografia, que fica no canto da redação, à esquerda de quem entra pela porta principal, ao lado da equipe do DG Online. São quatro mesas unidas, com três computadores e uma delas livre para utilização de *notebook*.

Na editoria de Fotografia, encontramos os fotógrafos Marcelo Oliveira e Livia Stumpf. Livia folheia uma edição do dia e diz que diariamente é feita uma avaliação informal. Ela mostra uma folha impressa com a pauta do dia, mas imediatamente sinaliza que uma das pautas já havia “caído”, ou seja, não seria mais executada.

Fotografia 1 - Espaço da editoria de Fotografia, com Mateus Bruxel (à esquerda), André Feltes e Lívia Stumpf



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Por volta das 14h50min, os editores se dirigem à sala de reuniões, anexa à redação, para a reunião de pauta que, por ser segunda-feira, tratará não somente da edição do dia seguinte, mas das edições de toda a semana. Somos convidados a participar da reunião, onde André nos apresenta e informa que estamos acompanhando a rotina da redação durante a semana com o objetivo de realizar uma pesquisa de Mestrado. A equipe se coloca à disposição.

Alexandre Bach coordena a reunião, que inicia com comentários informais sobre fatos recentes, como o evento Miss Brasil, que rendeu boa participação de internautas no site do DG naquele final de semana, e sobre possibilidades de pautas. No dia, o jornal circula com uma sobrecapa de informe comercial, comum na Zero Hora, mas que está em teste no DG. Nas bancas, a ideia é que o jornal esteja exposto sem a sobrecapa, mas que ao comprar o leitor receba com a sobrecapa, que trata do anúncio de um serviço de crédito. Os editores conversam sobre o entendimento que os leitores têm e temem que a sobrecapa atrapalhe as vendas, uma vez que os leitores podem não entender que aquela não é a verdadeira capa do jornal, mas uma capa colocada propositalmente com anúncio, por cima da capa real.

Por volta das 15 horas inicia propriamente a reunião. Alexandre tenta organizar as edições da semana e pede a cada editor quais as pautas programadas para os próximos dias. O editor de Dia a dia Felipe Bortolanza diz que no dia seguinte, terça-feira, 1º de outubro, passa a valer a restrição para os carroceiros, que não poderão circular em determinada área de Porto Alegre. Alexandre concorda com a importância da pauta e diz que é fundamental colocar junto à matéria um

mapa para facilitar o entendimento do leitor sobre os locais de proibição. Felipe concorda e pede um espaço maior.

Na sequência, são comentadas outras pautas já tratadas anteriormente e que serão preparadas para a semana. O objetivo é planejar as manchetes diárias, até sábado, com as pautas programadas. Então, na terça-feira, a chamada deverá ser a proibição aos carroceiros; na quarta-feira, uma matéria de investigação sobre o presídio, que já está sendo feita pela editoria de Polícia; na quinta-feira, o jogo do Grêmio da noite anterior; na sexta-feira, a matéria sobre a Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (Metroplan); e no sábado, matéria especial que remete à campanha Todos pela Educação, promovida pelo Grupo RBS. Ainda na reunião, em outro momento, comenta-se que a matéria da Metroplan poder ficar para a próxima segunda-feira, para iniciar a semana com uma chamada forte. Conferindo posteriormente a programação, apenas a manchete de sexta-feira não seguiu o calendário, como já era esperado; nesse dia, a chamada principal era sobre o aumento do preço da erva mate.

Na sequência da reunião, outros editores comentam sobre pautas. Uma delas trata dos empregos temporários para o Natal e está sendo preparada de modo bem específico, com informações objetivas de onde e como são oferecidas as vagas. Alguém sugere que a matéria saia logo, já que outros veículos estão noticiando sobre as vagas de trabalho neste período, mas em seguida surge a defesa: os demais jornais da região metropolitana costumam dar notícias gerais sobre o tema, mas dificilmente detalham as vagas, com números, locais e funções, como será no DG. Como o jornal costuma trazer para a vida dos leitores as questões abordadas nas novelas da Rede Globo, um assunto a ser tratado na área de comportamento será o preconceito sofrido por pessoas obesas, em alusão a uma personagem.

Outras matérias programadas englobam *O Diário Não Esquece*, quando o jornal trata de algum problema que já foi notícia e não foi solucionado, e o concurso do IBGE. Na área de Polícia, até o momento da reunião, os destaques são para um bebê morto com suspeitas de maus tratos e o furto em uma escola, de onde foi levada a merenda. Para os jovens, a editoria do *Pah!* (específica para este público) programa uma matéria sobre o uso de fones de ouvido, que são uma forma de distração, em relação aos altos índices de atropelamento.

Finalizada a reunião, outra inicia em seguida, apenas com alguns dos editores, e André pede que voltemos à redação, já que ele permaneceria. Ao

retornarmos da reunião, por volta das 15h25min, encontramos o fotógrafo Mateus Bruxel editando fotografias para uma matéria sobre os carroceiros, que trata das áreas que serão proibidas. Ele conta que esteve, junto com a repórter Aline Custódio, em áreas onde a circulação de carroceiros seguirá sendo permitida e a reportagem ouviu os catadores sobre as possibilidades de haver migração para essas regiões, já que não serão afetadas pela legislação. Porém, encontraram catadores que nem sabiam da lei que entraria em vigor.

Fotografia 2 - Fotógrafo Mateus Bruxel edita imagens; em segundo plano, está o fotógrafo Marcelo Oliveira



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Sentamos ao lado de Mateus para acompanhar. O fotógrafo avalia as imagens de uma senhora que arrasta pela rua um saco de garrafas pet. Entre as opções que havia feito, diz preferir as imagens captadas lateralmente, que, além da mulher e do saco de resíduos, ainda mostram bem a rua e as pequenas casas ao fundo, ao contrário das imagens frontais, que escondem o saco de lixo que ela arrasta atrás de si. Para ele, a ambientação é fundamental e, como o espaço também comunica sobre a entrevistada, resolveu abrir o plano de enquadramento no momento do registro.

Para esta matéria, há ainda fotos de outras fontes: uma senhora de uma cozinha comunitária e pessoas de um centro de triagem. No total, Mateus contabiliza cerca de 200 fotografias e, em uma primeira edição, seleciona 44, mas pretende enxugar ainda mais. Como de costume, ao selecionar as imagens, ele já faz o primeiro tratamento, no *software Adobe Photoshop Lightroom*, com ajustes de cores

e de enquadramento. Na edição, percebe-se que os ambientes sempre ficam bem valorizados.

Mateus conta que os catadores foram abordados na rua e por isso procurou registrar imagens espontâneas, não posadas. Questionado sobre ter ou não o olhar do fotografado voltado para a câmera, o fotógrafo diz que depende da pauta. Para ele, em fotografias documentais, a imagem ganha uma força com o olhar para a câmera, em função da interação. Perguntamos se ele considera, por exemplo, que as fotografias da catadora são documentais, e ele declara que podem ter um caráter documental, já que a atividade, aos poucos, deverá ser extinta. Observa que, por exemplo, em uma novela, os atores interpretam a inexistência da câmera; na fotografia documental, acontece uma interação, que, segundo ele, “às vezes *funciona*, às vezes *não*”. Mateus destaca ainda que é uma das características das fotografias do Diário Gaúcho ter um personagem e inseri-lo no contexto da notícia, sendo que a legenda complementa a informação.

Comentamos com Mateus que nem sempre a fotografia é aberta e ambientada: há casos em que um recorte circular contempla apenas o rosto. Na redação, ele diz, é chamada de “*foto bolinha*” e pode ser adotada por diversos motivos, como a falta de espaço ou o fotografado ter menor importância na matéria. De qualquer forma, comenta que sempre prefere que as fotos saiam abertas e sem recortes, o que nem sempre acontece, e brinca: “*É um exercício de desapego*”.

André chega à editoria de Fotografia, após a segunda reunião, às 15h45min. Por telefone, recebe a informação de um acidente grave na Free Way, com morte. Ele tenta contato com o fotógrafo Luiz Armando Vaz, que está na rua e pode chegar em menos tempo ao local, mas não consegue localizá-lo e pede para que Marcelo, que está na redação, cubra o acidente.

Enquanto isso, André passa a ver com Mateus as imagens que renderam da pauta dos carroceiros. Mateus recebe por e-mail, da repórter que acompanhou, como é habitual na redação, os nomes completos dos entrevistados e um breve relato da pauta. Essas informações são anexadas às fotografias quando estas são salvas no programa Nica. Na indexação, são inseridas palavras-chaves relacionadas à matéria, frases descritivas e que falem das pessoas e da pauta, além do crédito do fotógrafo e do veículo que produziu.

Por volta das 16h20min, a editora de produção, Luciane Bemfica, deixa a redação, mas antes passa na mesa de André para acertar de forma breve as saídas

dos fotógrafos na manhã seguinte. Pela manhã, quando André não está na redação, já que seu horário é a partir das 14 horas, é Luciane quem coordena o trabalho dos fotógrafos, e, por isso, agendamos para a manhã seguinte um acompanhamento do trabalho dela.

O editor-chefe, Alexandre Bach, dirige-se à editoria de Fotografia para tratar da foto da capa do dia seguinte. Para ele, o ideal seria a imagem de um carroceiro em uma área onde será proibida sua circulação, conforme a lei que entra em vigor na terça-feira, de preferência em meio aos veículos nas ruas. O jornal não dispõe de uma imagem deste tipo e seria preciso deslocar um fotógrafo para as ruas, correndo o risco, inclusive, de não encontrar os catadores neste horário. Além do editor-chefe, participam do debate sobre a capa as repórteres Aline Custódio e Roberta Schuler, o editor assistente de Dia-a-dia, Renato Dornelles, e os fotógrafos Mateus e Lívia.

Fotografia 3 - Equipe debate sobre fotografia para a manchete de capa



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

André alerta que o foco da matéria não é a disputa por espaço na rua, como sugere a proposta de Bach, mas a falta de opções para estes carroceiros, uma vez que a prefeitura não está cumprindo as metas de oferecer qualificação aos catadores (os cursos ainda estão em andamento) e criar centros de triagem, que ainda não foram construídos. Ou seja, a proibição chega antes mesmo de os catadores estarem preparados para outras atividades.

André mostra a fotografia de uma senhora com uma criança e um jovem andando na rua com um carrinho de supermercado e sugere para a capa, com a justificativa de que “a história é boa”. Em debate, a equipe decide dividir o espaço da

manchete e colocar duas fotografias na capa: esta da catadora em área que será proibida e outra do terreno com matagal onde deveria ter sido construída uma unidade de triagem. Por mais de uma vez, André e a repórter Aline, que entrevistou a catadora, reforçam que a história “é boa” como justificativa para ser publicada na capa. Aline conta que a mulher iniciou um curso de qualificação, mas desistiu porque receberia a cesta básica e o salário somente no final do mês e precisava garantir o sustento da família até lá, um enfoque da reportagem sobre a falta de alternativas viáveis para estes catadores.

Também para a capa, André seleciona uma imagem da matéria que trata de dicas das vovós. A matéria é “*de gaveta*”, porque seria publicada na semana anterior, mas acabou ficando para esta. Ele explica que a foto já havia sido separada para a capa naquela edição, mas a matéria acabou caindo e sairá no dia seguinte, permanecendo a sugestão de chamada. As imagens para a capa são colocadas em uma pasta específica dentro do programa Nica, a fim de sinalizar para toda a equipe. Acabado o debate, cada um volta para sua mesa. André comenta a importância de planejar as manchetes diárias, conforme acompanhamos na reunião de pauta, uma vez que o jornal é vendido apenas nas bancas e com os jornaleiros nas ruas: “*Todo dia a gente vai atrás do leitor*”.

Aproveitamos para levantar outras informações com o editor de Fotografia, como algumas questões referentes à rotina. Perguntamos se ele acompanha a diagramação, e ele diz que isso ocorre geralmente com matérias especiais. Normalmente, os editores de cada área fazem a escolha final do que será usado nas matérias e conversam com os diagramadores. O jornal costuma ter entre 24 e 48 páginas e as matérias geralmente são pequenas. Uma reportagem especial chega a ganhar até duas páginas, mas caso entrem muitos anúncios, ela pode ser guardada para outra edição para evitar a redução. Nem sempre é possível deixar a matéria para outro dia e, caso o espaço fique menor em função de anúncios, são feitas reduções nos textos e nas fotos. Com a falta de espaço, algumas imagens se transformam em “*fotos bolinhas*”. Desta forma, André comenta, é importante sempre ter pelo menos uma imagem de cada entrevistado com o rosto “*limpo*” para este tipo de recorte.

André recebe por e-mail uma fotografia do acidente na Free Way, enviada por Marcelo. O editor de Fotografia e a equipe do DG Online avaliam a imagem, onde uma mancha dentro do carro parece se tratar do corpo da mulher que já se sabia

que havia falecido. Na dúvida sobre se era um corpo ou não, André diz que o objetivo não é chocar o leitor, e por isso prefere aguardar o retorno do fotógrafo.

Voltando a tratar das fontes populares, o editor de Fotografia comenta, a nosso pedido, sobre as matérias em que as imagens das fontes são pequenas ou recortadas (como as *“fotos bolinhas”*) e há outras fotografias que mostram locais relacionados à pauta sem pessoas. Fazendo menção ao fato de que as fontes populares, em muitos casos, protagonizam histórias que relatam problemas, ele diz que *“os problemas se repetem”*. Ou seja, é comum, por exemplo, uma matéria sobre um paciente que não consegue exames no setor público de saúde. Nestes casos, a imagem da pessoa com os papéis na mão, a primeira possibilidade que surge para o assunto, se torna repetitiva. Então, muitas vezes, busca-se outras alternativas visuais.

Outra realidade do jornal, complementa André, é que *“a disponibilidade dessas pessoas é diferenciada”*. É difícil, por exemplo, pedir para elas irem ao local que seria interessante visualmente para a matéria, porque são pessoas que, entre as dificuldades que enfrentam, também têm problemas de locomoção e dependem de transporte público. Nestes casos, uma solução pode ser a imagem da pessoa em um tamanho menor e do espaço que fale da pauta separadamente. Para André, a foto ambientada é importante: *“O contexto sempre é melhor. Acho sempre melhor ambientar, mas os problemas são muito parecidos, fica muito repetitivo”*.

O editor retoma a escolha da foto para a capa do dia seguinte, mostra-nos a imagem da catadora e justifica: ela está na rua, em um local onde será proibida sua circulação no dia seguinte e a história é forte. Mas admite: *“A foto poderia ser melhor resolvida”*. Ele comenta sobre o ângulo normal, frontal, o que parece tornar a foto comum, sem algo muito chamativo. A outra imagem, que mostra um homem olhando por cima de um muro para um terreno tomado pelo matagal, onde deveria ter sido construída uma unidade de triagem, *“é boa, mas não sustenta a matéria”*. Por isso a escolha das duas fotos para compor a manchete da capa, para deixar a informação visual mais completa.

Sobre a sugestão do editor-chefe, Bach, de ir às ruas buscar uma imagem de carroceiros em meio aos veículos, André diz que a imagem da capa poderia destoar do conteúdo a ser oferecido internamente ao leitor. Sobre a fotografia da catadora que deve ir para a capa, o editor de Fotografia conclui: *“Não é uma grande foto, mas o personagem conta bem [a história]”*.

Ainda sobre a diagramação, o editor de Fotografia diz que há casos em que os fotógrafos participam da montagem da página, o que acha importante, mas pondera: “*Nem sempre vai sair do jeito que imaginam*”. Na diagramação, a edição, a arte e os anúncios interferem no aproveitamento da fotografia. Os fotógrafos também têm a iniciativa de trazer fotos com uma ideia de *layout* para a página, como de recorte, textos sobrepostos ou para montagem de mapas. Um exemplo está na capa do dia (Imagem 3, Anexo C): Mateus esteve em uma pauta que já havia sido noticiada pelo jornal e fotografada por ele, e resolveu colocar o retratado no mesmo local, com o intuito de fazer o “antes” e o “depois”.

Imagem 3 - Capa do Diário Gaúcho de 30/09/2013



Fonte: Capa (2013b, p. 1).

A matéria é de Aline Custódio, com fotos de Mateus Bruxel, e a chamada no canto superior direito da capa mostra a continuidade da pauta, “Marrequinhas ainda incomodam”. O texto trata de uma enxurrada que levou marrequinhas ao local e ainda provocou a destruição de pontilhões usados pelos moradores, que improvisam soluções enquanto esperam que a prefeitura solucione os problemas.

Duas imagens verticais estão unidas por uma linha de contorno vermelha, com as sinalizações “Antes” e “Depois”, acompanhadas das legendas, respectivamente, “Plantas aquáticas foram removidas” e “Mas a limpeza do local

ainda não foi concluída no bairro Agronomia”. Nas duas, o homem que denuncia o problema aparece no local em questão, em posição frontal e com o olhar para a câmera.

No enquadramento da fotografia da esquerda, ele está à esquerda, e no da fotografia da direita, à direita; desta forma, ocupando os dois lados da imagem formada pela junção. O plano geral, nas duas, com grande profundidade de campo, dá destaque ao ambiente, onde se percebe a vegetação e uma casa ao fundo. O plano picado e a distância entre o fotógrafo e a fonte (próxima do cenário) fazem com que o sujeito fique em menor tamanho na imagem, ocupando uma parcela pequena no retângulo. Porém, pela ausência de outras pessoas e por haver poucos elementos na imagem, especialmente com a vegetação que torna boa parte do cenário uniforme, o sujeito configura-se um ponto de contraste. Ao dar destaque para a montanha de plantas aquáticas, a fotografia comunica que há um grande problema, ou, pelo menos, que ele é grande em relação ao homem.

Há ainda um contraste de cores: na primeira imagem, o homem usa roupas pretas, sobre o fundo verde; na segunda, a camisa dele é verde, e aparece sobre um fundo amarronzado. Como o sujeito está longe da câmera, suas expressões faciais ficam sem destaque, apenas é possível perceber sua aparente seriedade. Por outro lado, por aparecer de corpo inteiro, em pé, há uma forte expressão corporal: pernas retas e braços soltos mostram uma posição despreziosa e submissa.

Fotografias com planos mais abertos, horizontais, que ocupam três das seis colunas da diagramação, mostram novamente as duas situações, na página 3 (Imagem 4, Anexo D). O sujeito aparece nas duas imagens, com as legendas “Antes: Manoel mostra a montanha em 29 de agosto” e “Depois: ele no mesmo local, ontem”. As fotografias praticamente repetem as imagens da capa, apenas com formato horizontal, o que permite visualizar o espaço lateral. Desta forma, o sujeito aparece ainda menor em meio às plantas aquáticas e à sujeira. Cores e postura também se repetem. A iluminação frontal deixa seu rosto e corpo bem iluminados.

Fotografia 4 - Editores Alexandre Bach, Felipe Bortolanza, Claiton Magalhães e André Feltes reúnem-se com diagramador Luiz Py para compor a capa



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Deixamos a redação por volta das 19 horas, ainda sem uma definição da manchete que acompanhará as fotografias. Enquanto isso, o diagramador segue na montagem de outros detalhes da capa. Conforme André, mais tarde eles se reunirão novamente para as decisões finais, mas pouca coisa deve mudar, a não ser que haja algum fato novo relevante.

5.2.3 Terça-feira, 1º de outubro de 2013

A capa da edição do dia (Imagem 5, Anexo E), conforme constatamos ao chegarmos à redação, não sofreu alterações em relação ao que acompanhamos na noite anterior. As duas fotografias escolhidas ilustram a manchete “Lei que vale aqui, virou mato aqui”, sob a cartola “Catadores proibidos em 31 bairros”. Na legenda da primeira, onde está a catadora, de autoria de Lívia Stumpf, consta: “A partir de hoje, cenas como a de Maria Martins trabalhando com os netos podem gerar multa e apreensão do carrinho”. Na segunda imagem, clicada pelo fotógrafo Mateus Bruxel, o homem que olha por cima do muro um terreno tomado pelo matagal: “Na Zona

Norte, deveria existir uma unidade de triagem, mas nenhuma das seis prometidas pela prefeitura está pronta”. A capa ainda traz outra imagem de fontes populares, que analisamos na sequência.

Imagem 5 - Capa do Diário Gaúcho de 1º/10/2013



Fonte: Capa (2013c, p. 1).

A primeira fotografia da manchete mostra a catadora andando por uma rua asfaltada e empurrando um carrinho de supermercado carregado de sacos, acompanhada por um menino e uma jovem. No espaço da imagem horizontal, de plano geral, ainda é possível perceber nítidas as calçadas e algumas construções, com veículos ao fundo. Mas o grande destaque é para as pessoas. O sol intenso

Na imagem da página interna (Imagem 6, Anexo F), os sujeitos que estão na capa aparecem novamente, com a legenda “Maria cata com a ajuda dos netos Ruan e Thamires”. A imagem é mais próxima, em um enquadramento geral mais fechado, e, do que é possível notar do ambiente, percebe-se a via asfaltada, construções e árvores do passeio público, elementos que estão desfocados, evidenciando a pouca profundidade de campo. Além disso, há um plano contrapicado, o que valoriza ainda mais os sujeitos, que já se destacam por serem os únicos elementos nítidos; além disso, diminui a proporção da sombra no asfalto, enquanto o sol continua iluminando-os lateralmente, mas desta vez sem causar muita sombra no rosto. O carrinho está parado, Thamires posa ao lado dele e olha para a câmera, enquanto Maria segura o carrinho, abarrotado de sacos, com uma das mãos e estende a outra para Ruan, que caminha em direção a ela. As roupas e os chinelos de dedo usados pelos três evidenciam as condições de vida difíceis.

Não há outro destaque além das três fontes, que estão próximas entre si, compondo o centro da imagem. Os três sujeitos e o carrinho de supermercado, frente ao fundo desfocado, se tornam elementos isolados do contexto, embora seja possível perceber que se trata de uma via pública. Eles se tornam os atores de uma história relatada em matéria secundária, e são exemplos de pessoas nesta situação, já que é possível saber que muitas outras enfrentam os mesmos problemas.

Maria, Thamires e Ruan compõem, assim, uma história com a qual outros poderão identificar-se. Trata-se de um relato individual, mas de uma atividade no espaço público, e que por isso tem a interferência do poder público. Há, nesta situação, um conflito de espaço, já que a prefeitura quer retirá-los das ruas e proibir sua circulação, mas, em contrapartida, as ações que buscariam qualificá-los e encaminhá-los a outras atividades não estão sendo cumpridas. Ou são cumpridas, mas com prejuízos aos catadores, conforme o relato de Maria, de que para participar de um curso ficaria um mês sem receber salário, o que impediria que ajudasse no sustento dos netos.

A segunda imagem da manchete, na capa, de Mateus Bruxel, mostra um sujeito de costas e que, por isso, não é nomeado. Ele está em ação, praticamente pendurando-se no muro para conseguir espiar o outro lado, onde só há matagal, como se procurasse por algo. Neste sentido, a foto comunica bem a ausência da unidade de triagem que deveria ter sido construída no local, conforme esclarece a legenda.

O plano é aberto e o homem aparece de corpo inteiro, centralizado na parte inferior da imagem, dividida por uma linha horizontal que delimita a altura do muro. Na metade inferior do muro, que é branco, o corpo do homem, que usa roupas escuras se destaca; já na metade superior predominam as cores verde e branco, do matagal e do céu. Algumas linhas verticais aparecem logo acima do muro, dos pilares de sustentação. A posição do homem, inclinada, neste sentido, torna-se um ponto de destaque também por se diferenciar das demais linhas.

Imagem 7 - Página 5 do Diário Gaúcho de 1º/10/2013

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 10/10/2013

Diário Gaúcho

Está o centro da reciclagem

É aqui dentro do muro de concreto, no Rio de Janeiro, que se encontra o núcleo de trabalho do projeto de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (RSU) em Porto Alegre. O projeto, liderado por Roberto Siqueira, do Instituto de Planejamento Urbano e Regional (IUR) da Prefeitura Municipal, prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.

Muito do RS 200, resto do diário

Apesar de ser um projeto de longo prazo, o plano de trabalho para o ano de 2013 já está sendo elaborado. O plano prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.

Rematriculações começam hoje

Apesar de ser um projeto de longo prazo, o plano de trabalho para o ano de 2013 já está sendo elaborado. O plano prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.

Mais dois dias para ser voluntário

Apesar de ser um projeto de longo prazo, o plano de trabalho para o ano de 2013 já está sendo elaborado. O plano prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.

Unidade de saúde interdita

Apesar de ser um projeto de longo prazo, o plano de trabalho para o ano de 2013 já está sendo elaborado. O plano prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.

Maritidas greves de Correios e bancos

Apesar de ser um projeto de longo prazo, o plano de trabalho para o ano de 2013 já está sendo elaborado. O plano prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano. O projeto prevê a construção de uma unidade de reciclagem de resíduos sólidos urbanos (UR) com capacidade para 100 mil toneladas por ano.



Venâncio olha o muro: cadê a unidade de reciclagem? MATEUS BRUNO

Fonte: Custódio e Schuler (2013d, p. 5).

Internamente (Imagem 7, Anexo G), esse sujeito aparece novamente, desta vez em outro ângulo. A foto deixa de ser na altura do olhar e passa a ser de cima para baixo, em um ângulo picado. Nessa fotografia, o muro e o matagal estão em primeiro plano, com o homem um pouco mais atrás, mas com todo o cenário bem focado. As próprias linhas do muro conduzem o olhar até o sujeito. A legenda informa: “Venâncio olha o muro: cadê a unidade de reciclagem?”. Com uma mão no bolso, ele expressa seriedade. Ainda ganha destaque na imagem uma mensagem escrita no muro que explicita a propriedade municipal. É possível perceber na imagem uma rua de chão batido com iluminação pública e veículos.

A matéria conta também com um mapa que sinaliza a área de proibição e uma fotografia secundária, em tamanho menor que as demais, de uma sala de aula. A legenda informa: “Aula no Pão dos Pobres”. Em primeiro plano está uma mulher de costas para a fotografia, aparentemente a professora, e, a sua frente, uma sala lotada de alunos, sentados em classes escolares. A imagem tem o crédito “Prefeitura/Divulgação”.

Também na capa, outra chamada traz fotografia de fontes populares. No canto superior direito, o título é “Dica das vovós a gente não esquece”, aplicado sobre a imagem de Mateus Bruxel, que tem a legenda “Clube no Geraldo Santana reúne aquelas que são mães duas vezes”.

A fotografia mostra sete mulheres, três sentadas e quatro em pé, atrás de uma mesa repleta de tecidos coloridos, aparentemente peças de roupas, e com uma máquina de costura. Elas conversam, seguram peças e fazem trabalhos manuais com linhas. O plano é geral, fechado, e frontal, em ângulo normal. Ao fundo, em uma parede clara, destacam-se quatro quadros, cada um deles com um retrato de mulher e uma placa, possivelmente com a identificação, mas que não é possível ler.

A fotografia é espontânea e nenhuma delas olha para a câmera. Em uma primeira análise, é possível identificar dois grupos. À direita, uma mulher opera uma máquina de costura, enquanto outras duas estão voltadas para ela, envolvidas na atividade. À esquerda, duas mulheres sentadas seguram agulhas de crochê e fazem trabalhos manuais, enquanto outras duas, atrás, seguram uma peça de roupa.

As expressões faciais são de falas, sorrisos e até de surpresa, o que remete a um encontro descontraído. Elas agem como se a câmera não estivesse ali, interagindo entre si. Com o fundo neutro, elas são o destaque da imagem, um retrato coletivo onde dois pontos chamam a atenção: duas rodas de mulheres, lado a lado.

Na página 3 (Imagem 8, Anexo H), onde está a matéria do repórter Eduardo Rodrigues, mais uma fotografia de Mateus Bruxel mostra as mesmas sete mulheres, no mesmo espaço. Desta vez, em um enquadramento geral mais aberto, frontal, de ângulo normal, com todas posadas, olhando para a câmera. Além delas, é possível ainda visualizar parte dos quadros na parede, uma janela e a mesa de peças de roupas com a máquina de costura e uma caixa de materiais. Todas sorriem, enquanto seguram peças ou fazem trabalhos manuais; algumas sentadas, outras em pé, todas têm igual destaque na fotografia. A imagem ocupa cinco das sete colunas da diagramação e está posicionada na parte inferior esquerda.

Imagem 8 - Página 3 do Diário Gaúcho de 1º/10/2013

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 10/10/2013 **Diário Gaúcho**

CORUZZAS DE PLANTÃO

Dicas e segredos das vovós

Mas nem tudo é recomendável

BERNINI DA MOYTA
 Antes passam por filios e netos dicas e truques nas áreas de saúde, alimentação e limpeza, que funcionam até hoje. Mas médicos alertam para alguns riscos.

DIABETISMO HEMODIÁLISE
 Uma mulher de 70 anos, com diabetes tipo 2, estava em tratamento com insulina. Ela começou a sentir fraqueza e tontura. O médico descobriu que ela estava tomando um remédio para dor de cabeça sem saber que ele poderia interferir na ação da insulina.

DE DIETA, PARE COM O SAL
 Muitas mulheres acreditam que comer pouco sal é bom para a saúde. No entanto, o excesso de sal pode levar a problemas de saúde, como hipertensão e doenças renais.

AMIGALGAS E TOSSO, NÃO SEQUEM
 Quando a garganta dói, muitas mulheres usam remédios sem receita médica. É importante consultar um médico para evitar complicações.

AL - O BOM DO COZINHO
 Muitas mulheres acreditam que cozinhar com óleo quente é bom para a saúde. No entanto, isso pode aumentar o risco de doenças cardíacas.

FEIJO COM POQUEI ALGUMS, EVITE
 Algumas mulheres acreditam que cozinhar feijão com certas ervas é bom para a saúde. No entanto, algumas ervas podem ser tóxicas.

CHAMADA DAS RUAS
ARTURIO CARLOS MACEDO
Excesso de leis
 A lei Maria da Penha não respondeu a problemas de violência contra as mulheres. Existem outras leis que poderiam ser aplicadas, como a Lei de Crimes de Rua e a Lei de Crimes de Rua.

Sensação de insegurança
 Muitas mulheres acreditam que a sensação de insegurança é normal. No entanto, isso pode ser um sinal de problemas de saúde mental.

Carneiros com placas
 Algumas mulheres acreditam que carneiros com placas são bons para a saúde. No entanto, isso pode ser um sinal de problemas de saúde.



Fonte: Rodrigues (2013c, p. 3).

Os sete nomes estão no texto de abertura da matéria, que traz uma diagramação diferenciada. A imagem, publicada bastante aberta, traz linhas amarelas que ligam a imagem de cada mulher a um pequeno texto, acima ou abaixo, onde está a dica e o nome dela completo. Desta forma, a fotografia dispensa legenda e o leitor pode identificar rapidamente o nome e a dica de cada uma delas.

As mulheres são mostradas por suas experiências pessoais, e o ambiente coletivo, de clube de mães, é o espaço onde foi possível localizar as fontes que se encaixassem na ideia da pauta (na sequência, a editora de produção Luciane Bemfica comenta sobre a concepção da pauta), que surgiu antes das entrevistadas. As idosas são mostradas como sujeitos que têm conhecimentos e compartilham suas experiências; são exemplos, por serem apresentadas de forma a mostrar que suas contribuições podem ser úteis a outras pessoas.

Mesmo colocando essas fontes em posição de destaque, porque o assunto principal da matéria são as dicas de vovós, o jornal busca por especialistas para esclarecer algumas dessas dicas e até alertar para o fato de que nem todas as receitas mais antigas são benéficas à saúde. Nenhum desses especialistas aparece em imagens, o que destaca a presença delas.

Chegamos por volta das 8h30min à redação do DG e somos recebidos pela editora de produção, Luciane Bemfica. Neste horário, ela recém havia despachado para as mesas de repórteres, fotógrafos e da equipe do DG Online, a fim de organizar e integrar o trabalho, a pauta do dia, documento que reproduzimos abaixo na íntegra:

Quadro 2 - Pauta do Diário Gaúcho de 1º de outubro de 2013

PRODUÇÃO DIÁRIO GAÚCHO

FOTOGRAFIA

PAUTA 500⁴ – foto Rua Jari, 735 ap 1101 – com a Chef Alessandra Oliveira. Receitas populares e fáceis de fazer, no forno, no micro-ondas e no freezer.

Saída: 16h

Fotógrafo: Marcelo

GERAL

Cáren

Vai ao Sine Municipal fazer matéria sobre um convênio com o Senac Beleza.

Saída: 10h

Fotógrafo: Livia

Roberta

Para a matéria do Boi da cara preta – os professores e o espaço da escola: vamos conversar com pessoas de destaque nas nossas matérias para ver quem foi o professor que ensinou lições importantes para a vida. A Tia Lolô (3446-5672 / 8422-2785) é uma delas (ela teve uma professora da terceira série, já falecida, que é uma referência, e inclusive por causa dela que a Lolô resolveu montar a escolinha e também prestou uma homenagem sugerindo que uma rua do bairro recebesse o nome de Professora Eva).

Já marquei para esta terça (1º/10) de manhã. Vamos com ela na placa da rua. Em seguida, marcarei os demais. O Bach pensa em 4 cases (se possível, foto do aluno e do professor juntos).

Saída: 8h

Fotógrafo: Vaz

LINHA BRANCA – Produtos da chamada linha branca podem ficar mais caros a partir desta terça-feira (1). É que as alíquotas do IPI sofreram pequena elevação. Secundária com serviço (quais os produtos e qual o percentual de IPI que vão subir). Tabelinha.

Aline

- Redige SPN⁵

⁴ Nas redações de jornal, as “pautas 500” são as pautas executadas por interesses da empresa de comunicação, que podem ser financeiros ou outros.

- Redige suíte dos carroceiros
- Faz contatos para a matéria “falta psicólogos no SUS da capital”

Eduardo

CATADORES – EPTC vai montar operação especial hoje para fiscalizar os catadores??? Se sim, vale conferir in loco uma abordagem (que promete ainda ser de alerta).

Saída: 10h15min

Fotógrafo: Marcelo

FAVELA DILÚVIO – Moradores do Dilúvio: ainda pra fechar o ciclo. Ana avisou que barracos já começaram a crescer novamente na quadra entre a Santana e a Ramiro – Lívia foi fazer foto mas ainda não havia “paredes”, eram cobertores (fotos no nica). Vale conferir se hoje a laje está completa. Daí, a matéria é: briga de gato e rato nas margens do dilúvio. Afinal, “morar” ali é ilegal? São retirados porque é perigoso? Ou pq foram retirados?

CLÍNICAS – Faz contatos com o hospital de clínicas para franquear a entrada lá. A pauta é: um mergulho no caos da emergência lotada. A ideia é passar um dia dentro da emergência e flagrar (e narrar com riqueza de detalhes) a rotina de personagens periféricos a um paciente, especialmente 1-o acompanhante de internado (que fica em pé ao lado de uma maca), 2-o enfermeiro, que gerencia o tumulto.

E a ERS-118? Faz tempo que não apertamos o assunto duplicação. No pequeno trecho que ando, entre a freeway e a entrada de gravataí, tem um trecho duplicado há mais de ano e nada de liberar! e as famílias que terão de sair? como está o processo? uma leitora já surge como case: “Inauguraram a nova pista da RS 118 com a presença do governador Tarso no início do mês, mas esqueceram das pessoas que moram as margens da estrada em Sapucaia do Sul e precisam atravessar para Esteio do outro lado na altura do Km 07, está sem condições, tudo alagado e colocaram terra para dificultar o acesso dos carros e virou um barro escorregadio, temos crianças que vão na escola do outro lado, trabalhadores das empresas aqui nas redondezas, enfim ta muito difícil. E aí o governador não aparece será por quê????? desde já agradeço a oportunidade de reclamar, e admiro muito o trabalho do DG. Espero que alguém providencie um acesso para pedestres”. Clarisse C Dos Santos (51) 8187-5851.

Fonte: Luciane Bemfica⁶.

A pauta enviada às mesas de repórteres e fotógrafos às vezes sofre alterações, como neste dia, em que houve troca de fotógrafos nas pautas em virtude da organização de horários da editoria. A pauta do Sine foi fotografada por Mateus ao invés de Lívia; esta acompanhou a blitz aos carroceiros no lugar de Marcelo.

⁵ Abreviação de *Seu problema é nosso!*, seção que integra o espaço destinado às contribuições dos leitores.

⁶ Pauta elaborada pela editora de Produção Luciane Bemfica. Os textos dos quadros de pauta foram transcritos na íntegra.

Além de cuidar das pautas do dia e planejar as da semana, Luciane, que está no DG há 11 anos, administra a editoria de Fotografia na ausência do editor André, pela manhã, distribuindo as pautas para os repórteres e organizando os fotógrafos conforme as demandas. Ela ainda é responsável por conteúdos do site e gestão da equipe de Online. Aos domingos, reveza com Claiton a elaboração da capa.

Diariamente, ela chega às 8 horas e distribui as pautas do dia para os repórteres da Geral (forma como a editoria de Dia a dia é chamada internamente) e da Polícia, que chegam mais cedo, fazendo os “pares” com os fotógrafos. As demais editorias (como Esportes e Variedades) têm ritmo próprio, mas buscam pela editora de produção quando precisam de fotógrafos e é ela quem administra as matérias especiais.

Fotografia 5 - Editora de Produção, Luciane Bemfica



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Na conversa com Luciane, ela fala espontaneamente sobre sua função e destaca a preocupação com a capa:

“O Diário Gaúcho, por ele ter venda avulsa, a gente não tem assinatura, a nossa preocupação muito forte é com a capa. Porque jornal de venda avulsa é que nem vitrine de loja, tu tens que ter uma capa atrativa, que seduza o leitor para o leitor comprar. A gente depende da venda diária, que é com os jornaleiros, nos pontos, nas sinaleiras, e nas bancas”.

A preocupação de Luciane com a capa inicia de manhã, com a seleção do material que será apresentado na reunião de editores no início da tarde. O planejamento, quando possível, começa bem antes. Luciane exemplifica com a edição do dia, em que a manchete foi a proibição de circulação dos carroceiros em

determinada área da cidade: *“Essa matéria aqui, por exemplo, começou a ser feita na semana passada porque hoje a gente já sabia que ia começar a valer isso, então tem que ter uma foto boa para abrir a capa, uma foto forte”.*

A preocupação em relação aos assuntos de cobertura jornalística do DG, para ela, é bem específica:

“O que vende jornal no Diário Gaúcho? Esporte, polícia, serviço e uma boa história. Uma história exclusiva sempre vende, é a aposta que a gente tem sempre. Porque a pauta do jornal é feita em cima do que o leitor quer. Para isso, a gente tem canais. Somos treinados desde o início do jornal para canalizar as forças no que o leitor está pedindo. Então a gente tem a editoria de Opinião que canaliza o atendimento ao leitor e agora a editoria de internet, porque a gente recebe muito pedido de pauta pelo facebook”.

O atendimento ao leitor recebe uma grande atenção do jornal:

“No início do jornal, a gente tinha muita carta escrita à mão e muita ligação. Tanto que existe até hoje uma função aqui dentro que é de atender telefone. O leitor liga para o número que tem aqui e ele pede, dá sugestão de pauta, reclama, é um canal que a gente tem para ouvir”.

As informações que chegam dos leitores são digitadas em um arquivo, no sistema de rede de computadores, pelas atendentes, e Luciane consulta esses dados cerca de quatro vezes ao dia. Para a editora de produção, esse é um *“termômetro”*, pois, exemplifica, se houver seis ligações em uma semana sobre um problema específico, este é considerado

pauta. Fatos curiosos também ganham a atenção: *“Outro dia um cara ligou, disse que ia pagar o IPVA dele, de 700 reais, com moedas. Vamos ver, é uma pauta diferente, rende uma foto legal”.*

Luciane resume: *“Então, tudo isso, essa pauta conjunta do exclusivo, do leitor, que é periferia mesmo, é pauta popular, coisas diferenciadas, que rendam foto, é capa, é matéria do Diário Gaúcho mesmo”.* Ela diz que a redação tem muito claramente o que é pauta para o DG: *“É tudo que o leitor tem dificuldade de conseguir, que a gente pode ajudar”.*

Luciane exemplifica com um caso recente. Depois da redução no valor das passagens de ônibus, o DG passou a receber diversas ligações que denunciavam alteração nos horários, o que possivelmente teria o intuito de baixar o custo do serviço. Um repórter foi ao local e testemunhou filas e reclamações de superlotação,

o que rendeu matéria com foto de capa na semana anterior. *“E tudo tem que ser muito bem explicado para o leitor, linguagem simples”*.

Outra característica dos jornais populares que o DG também apresenta é o projeto gráfico com textos curtos. Mesmo nas matérias de uma página, são feitas diversas *“entradas”*, com texto de abertura, intertítulos, boxes, notas, mapas, fotos, conforme Luciane:

“É tudo muito picado porque a ideia é proporcionar ao leitor que quando ele saia de casa lá em Alvorada, em Gravataí, em Canoas, ele compre o jornal perto de sua casa e vem lendo. Quem pega o Trensurb às 6 da manhã, em alguns trechos, só vê o Diário Gaúcho. Por quê? Porque ele é um jornal de leitura fácil, ele é barato, ele tem um custo acessível, ele tem todas as informações”.

Com o jornal do dia em mãos, Luciane mostra as notícias mundiais e nacionais, matérias de serviço e uma história positiva. Para ela, o jornal

“tem muita leitura, e é uma leitura que não é pesada, ela é explicativa, e tu não ficas muito tempo preso naquilo ali. Quando tu chegares ao teu trabalho, tu tens condições de discutir qualquer coisa com as pessoas”.

Luciane já conhece algumas preferências do leitor, como, por exemplo, as matérias do Espaço do Trabalhador, que trazem informações sobre vagas de emprego e pautas em geral relacionadas ao mercado de trabalho. São matérias que geram um grande retorno de leitores, que pedem mais pautas relacionadas. Esta, então, se torna uma editoria importante para o DG, porque é *“um dos focos de venda de jornal, que é o serviço de empregos, e geralmente rende uma pauta boa”*.

Esporte, especialmente se tratando da dupla Grenal, também tem grande importância. Conforme Luciane, é uma editoria que *“anda sozinha”* e trabalha com muitos elementos gráficos, geralmente utilizando fotos feitas pela equipe da Zero Hora. Aos domingos, quando necessário, o DG dá apoio nas coberturas de jogos, mas a rotina do esporte é acompanhada somente em pautas especiais. *“Geralmente, os fotógrafos saem para fazer Geral, Polícia, Trabalho e Variedades”*. Luciane segue folheando o jornal enquanto conversamos e comenta que as páginas centrais têm o espaço de entretenimento, com a tradicional imagem grande de uma mulher, que também costuma estar na capa.

Na página de Polícia, ela relata sobre como foi feita a matéria *“Alunos no prejuízo – Ladrões deixam crianças sem aula e sem merenda”*, que conta com uma

fotografia onde uma fonte aparece de costas, não identificada, e mostra uma geladeira vazia:

“Isso aqui ontem de manhã chegou para nós. A Carol [Carolina Rocha], que é repórter de Polícia, está fazendo uma matéria especial, então ela está fora do ‘dia’. Ela saiu para fazer e me ligou da rua, ‘vi uma viatura na frente de uma escola’. Liguei para a escola, porque a gente não tinha repórter aqui, fiz uma nota para o site, passei lá para o Tiago [Rech, assistente de conteúdo do DG Online], e pedi para o Marcelo ir lá fazer foto. Disse ‘não sei se vai render alguma coisa, mas vai lá’. E no fim rendeu, a geladeira vazia. O repórter [Renato Gava] que chegou de tarde ampliou. A gente vai dando um jeito”.

As duas últimas páginas internas do jornal, o espaço *Com a palavra, o leitor*, são feitas pela editoria de Opinião, que cuida do atendimento aos leitores. Depois de comentar as fotos na coluna *A social* enviada pelos próprios leitores, Luciane fala da seção *Seu problema é nosso!*, que existe desde a criação do DG:

“Ela é superimportante porque são problemas muito simples e muito particulares. Por exemplo, esse aqui é o esgoto. Dificilmente um jornal maior vai se preocupar com o esgoto na frente da casa de um leitor. Um leitor. Então, justamente para preencher essa demanda, quando vale a pena, e quando é um problema que é de um leitor, mas ele pode servir de exemplo para outros que estão na mesma situação, a gente amplia”.

Quando as pessoas entram em contato e o assunto não rende matéria, vira notas curtas no espaço *Pede-se providência*, onde também há notas de respostas, em boa parte dos casos das prefeituras e órgãos públicos, em relação aos problemas apontados. Todas as informações que chegam pelos leitores são válidas:

“Se a gente não aproveita no dia, serve como número para nós, como referência. Se dez ligaram reclamando dos buracos na avenida Frederico Dihl, em Alvorada, esses dez vão virar uma pauta maior para a Geral. Se um reclama de um buraco que está lá há meses, é um Seu problema é nosso!, é individual”.

Para finalizar a edição, a contracapa tem um tema por dia, como informática, receitas e saúde. *“Tudo é bem mastigado para o leitor ter, além da informação, um serviço. Tudo tem por trás um serviço que possa ser útil”.*

Uma das preocupações dos jornais populares, destaca Luciane, é ter valor agregado:

“A gente tem outra coisa importante que é o Junte e Ganhe, que está desde o começo do jornal e a cada 60 edições muda o brinde, muda o

prêmio. E a escolha do prêmio é muito importante também, porque quando o prêmio não é atrativo, o jornal cai um pouco na venda. Então a escolha do brinde, que não é feita pela redação, é feita pelo departamento de marketing, circulação e pelo editor-chefe, é importante porque ela influencia na venda. É a fidelização, ele compra com valor agregado. Compra e vai ganhar mais alguma coisa. Dentro da redação não influencia em nada, porque a redação já está treinada, digamos assim, não sei se essa é a palavra certa, para que o jornal seja atrativo como conteúdo e para que ele se venda sem isso aqui. Mas isso aqui não pode ser ignorado, é importante também. A nossa preocupação sempre é o olho na venda, porque depender de venda diária é difícil”.

Questionamos Luciane sobre quais as primeiras providências quando percebe que muitos leitores estão reclamando do mesmo problema:

“Eu percebo que tem isso, pego todas as informações, e passo para o repórter. O repórter vai atrás para ver se realmente rende ou não rende, se rende o ‘Seu Problema’, se rende uma matéria maior, ou se não rende nada. Daí ele me dá o retorno imediatamente e a gente descarta e passa para outra coisa. Essa troca de matérias quando elas são derrubadas é muito rápida. Como a gente tem pouca gente para trabalhar e poucos fotógrafos, a gente não pode ficar muito tempo em cima de uma coisa que não vai dar certo”.

Luciane passa a comentar as pautas do dia, conforme reproduzimos (Quadro 2), e começa pela matéria sobre a lei da carroça, manchete principal da capa do dia. Ainda pela manhã, repórter e fotógrafo irão para as ruas verificar se está ocorrendo uma operação especial de fiscalização no primeiro dia de proibição. Caso renda, terá a suíte da manchete amanhã: *“Sempre tem que ter. Depois que tu dá uma manchete, tem que ter uma suíte”.*

Outra situação a ser acompanhada no dia, e que está na pauta desde a semana anterior, é em relação aos moradores de rua que estão fazendo “casinhas” junto ao Arroio Dilúvio: *“Eles estão num monta e desmonta e a gente está acompanhando. Ontem fizemos uma foto de tarde, eles tiraram as casas. Aí ontem voltaram. A Livia foi lá fazer uma foto. E hoje a gente vai ver como está a situação”.*

Uma pauta prevista é o acompanhamento de um dia no Hospital de Clínicas, onde há superlotação, e para isso os repórteres fazem contatos. Também está sendo programada uma matéria sobre a duplicação da rodovia 118, assunto que não é novo no DG: *“Tem leitor reclamando, uma leitora surge como case. Ele [repórter] vai ligar para esta leitora, para ver qual é a situação e se der para marcar para hoje, a gente já vai hoje lá. Provavelmente vai render uma foto”.* A pauta da repórter Aline

é referente a uma denúncia de falta de psicólogos no SUS e nos Conselhos Tutelares: *“Ela vai verificar e se faltar mesmo rende uma manchete”*.

Na pauta do dia também está a matéria especial que Roberta prepara para sábado, relacionada à campanha de educação dos monstros:

“A cada período, a gente tem que fazer uma matéria de apresentação de um monstro, e cada monstro tem um tema. Todos os jornais, todos os veículos têm que fazer uma matéria com seu perfil. A gente não pode usar uma matéria da Zero Hora porque é perfil Zero Hora, é classe AB. Então, a gente tem que fazer uma matéria com esse cunho de periferia, de escola pública, dentro deste universo”.

Outra matéria que será menor, mas de suma importância, segundo ela, é a relacionada ao IPI da chamada linha branca, o que gera mudança nos valores para o consumidor. Luciane aguarda, para a edição seguinte, uma boa foto da pauta sobre o convênio entre Sine e Senac Beleza:

“Essa aqui de empregos, a Cáren [Cecília Baldo] vai fazer às 10. Ela descobriu que o Sine Municipal está com um convênio com o Senac. Então quando as pessoas vão no Sine procurar emprego, elas têm a opção de dar um ‘tapa’ no visual. Vai ali no Senac, faz uma escovinha no cabelo e vai lá fazer sua entrevista. Então ela vai lá no Sine ver se tem alguém que topa fazer a transformação e a gente vai acompanhar isso”.

A editora de produção fala sobre a matéria de Polícia que será a manchete principal na capa do dia seguinte, mas que *“está com foto fraca”*. Isto porque não se trata de um assunto factual, mas atemporal, que é a investigação policial sobre os negócios comandados de dentro dos presídios. Quando não há imagem sobre o fato, é comum o Diário Gaúcho utilizar ilustrações, ou até interferências de arte sobre fotografia, como ocorreu neste caso.

“Quando o cara entra na cadeia, ele não entra e fica lá numa boa. Ele entra já com dívida, porque quando ele vai para uma galeria onde vai ficar preso, tem cobrança, tipo um aluguel. Mas ele não tem grana. Mas ele tem comida ali dentro, ele tem droga, ele tem bebida, ele ganha um colchão. A família dele tem que sustentar isso. Ele já entra com uma dívida de ‘x’. Então a gente fez uma matéria em cima de que ‘o Presídio Central é o metro quadrado mais caro de Porto Alegre’, é como se a pessoa estivesse num hotel e só acumula dívida e quem paga é a família. As coisas que a família leva não são para ele, são para a galeria. São três matérias sobre isso. A gente fala do custo das coisas lá dentro, da cantina, que é três vezes o preço de fora. E quando ele sai da cadeia, ele não fica zerado, aí ele tem que continuar praticando crimes para pagar o que ele deve lá dentro. Então é uma bola de neve. Aí a gente conseguiu

entrar lá para fazer foto da cantina, que eu também não vi, vou olhar agora. Mas eu sei que não é uma foto muito boa para a capa”.

Além desta pauta principal, outras programadas têm chances de render fotos para a capa, de acordo com Luciane, como a da seção *Seu problema é nosso!* e a suíte dos carroceiros:

“Eu sempre tenho que ter essa preocupação da foto. Eu preciso priorizar a pauta que vai render uma foto boa para dentro, claro, e para a capa também. E para o site. Porque as fotos que a gente vai produzindo, algumas coisas a gente já vai largando no site”.

Luciane comenta que é preciso trabalhar com o material que há e pensar em soluções visuais:

“Toda produção eu vou acompanhando. Porque se tem alguma coisa que não rendeu, vou ter que fazer render. A gente faz muitas vezes a manchete sem foto, com uma barra preta, por exemplo, quando é um assunto de Polícia, e a gente faz outra área valorizando outros assuntos. Isso acontece muito. Ou a gente faz uma arte quando não tem uma foto. Ou a arte que foi feita para dentro a gente adapta para a capa. Têm alternativas, mas sempre a foto é a foto, a foto vende, é um elemento superimportante para nós, colorido. Não é só a chamada, a foto é fundamental, uma boa foto. Uma boa foto, já separa para a capa”.

Perguntamos a Luciane como ela vê as fotos de fontes populares publicadas pelo DG, especialmente na capa. A editora é enfática:

“Tem que ter gente, tem que ter um cenário que identifique que é periferia, é a rua. Acho que o fundamental é a identificação, esse é o segredo. Por que o leitor compra o jornal? Por que não lê o Metro, ou O Sul, ou o Correio [do Povo]? Falo em termos de preço, porque a Zero Hora está hoje R\$ 2,50. Por que esses jornais são diferentes? Porque o foco é outro, o público é outro, é outro preço. Estou lá com meu buraco na minha rua e os caras não consertam, por que vou ligar para a Zero Hora? Não, vou ligar para o Diário Gaúcho porque tem essa seção, pode ser que o pessoal vá na minha casa e com isso me ajude. Muita coisa a gente já conseguiu resolver ao longo desses 13 anos com pequenas iniciativas. De tu fazeres uma matéria, ‘Seu problema’ ou uma matéria mais geral. Gente que conseguiu cirurgias. Mas são coisas conjugadas, maiores. Especificamente sobre as fotos, o que tem que ter basicamente é gente. Tem que ter gente na capa, tem que ter histórias de pessoas, isso para nós é importante, contar a história de uma pessoa comum. Onde uma pessoa comum vai se ver?”.

Questionamos então, qual o papel do cenário nessas fotografias, se ele ajudaria o leitor identificar os espaços. Luciane comenta:

“Exatamente. ‘Rua de chão batido, eu também moro em uma rua de chão batido’. O cenário é importante para nós. O ‘Seu problema’ tem que ter gente, o de hoje não tem. O ideal é que tenha a pessoa reclamando. Foto para nós tem um elemento importantíssimo que, claro, não é ocupar o espaço gráfico, é ocupar como informação, como elemento de identificação. Não tem coisa que identifique mais do que uma foto que tenha cenário e as pessoas ali no meio com alguma ação”.

Luciane exemplifica com a capa do dia:

“A família inteira empurrando um carrinho. Daqui a pouco eles não vão mais poder fazer isso aqui hoje. E esse é o drama, porque a prefeitura montou um projeto que prevê a retirada gradual e não deu o suporte para as pessoas se qualificarem. Ao longo dessa matéria, a gente descobriu que tem uma legião de analfabetos que estão fora, o pessoal não tem estudo, não tem até o quinto ano, não está dentro dos cursos. Ela não pode ter o carrinho, ela vai fazer o quê? É um problema social muito grave”.

Observamos então que momentos antes Luciane falava de histórias positivas que o DG publica, mas muitas, como a que está na capa, são dramas. Sobre se há um equilíbrio entre histórias positivas e negativas, ela diz:

“Isso é coisa de jornalista. Tu vê sempre ali o problema. É aquela coisa que avião que voa não é notícia. Então, quando tens uma coisa que não funciona, óbvio que é uma matéria, e geralmente não é coisa boa. O nosso dia a dia está recheado de histórias tristes, histórias negativas, de problemas. Só que a gente tem que ter a história positiva”.

Um exemplo, ela comenta, é a chamada de capa secundária, que trata das “dicas de vovó”. A ideia surgiu do repórter, que viu o título de um livro e se inspirou nele para sugerir a pauta. Esta matéria está na página 3, que “*historicamente é o espaço das boas histórias, das histórias de pessoas, das histórias de iniciativas legais*”. Luciane diz que quando a equipe percebe que somente histórias tristes são publicadas, é comum o comentário “*faz tempo que a gente não faz uma página 3*”. Ela exemplifica: “*Uma página 3 de serviços, engraçada. Esses tempos a gente fez uma que era as pessoas que vendiam cabelo no Centro para pegar uma graninha. Não é uma matéria fofa, queridinha, mas é uma matéria divertida, legal, curiosa*”.

Também voltado às histórias positivas era o espaço Retratos de vida, aos sábados, que deixou de ser publicado, segundo ela, porque “desgastou”. E as boas histórias voltaram a ser publicadas na página 3, que tradicionalmente já era o

espaço destinado a essas pautas. Uma matéria que já saiu nesta página, lembra Luciane, foi com um analfabeto que conseguiu chegar à faculdade:

“Viram exemplos de pessoas que viraram o jogo. E no meio de tanta coisa ruim que a gente noticia desse universo tão duro, tão sofrido, pegar um exemplo legal sempre rende uma boa foto, de alegria, de coisas positivas, e uma história legal também. Uma leitura boa”.

Algumas pautas surgem sem os cases, como a de histórias de avós, e os repórteres saem em busca dos “personagens”, modo como essas fontes são denominadas na redação:

“Cada repórter tem um caminho, eles estão aqui há muito tempo, eles têm muitas fontes. Ou ele liga para uma associação de mães de bairro, ‘estou precisando fazer uma matéria assim, queria saber se posso ir aí, e vai’. Ou ele tem uma fonte que deve conhecer alguém. É uma rede de contatos. Por facebook, a gente já tentou para conseguir um case muito específico. Às vezes dá certo, às vezes não dá. Mas o que mais dá certo é pegar um carro e ir lá na vila. É uma riqueza de histórias, de gente. Geralmente o jornal é bem recebido. Claro que quando é uma situação de conflito, a gente já foi mandado embora, tem o tráfico. Existe isso. Geralmente a gente tem que ir com o carro com o logo do jornal, pela nossa segurança, pra gente mostrar que não é polícia com o carro discreto”.

A busca por cases, nesta semana, é para a matéria de educação relacionada à campanha dos monstros, que está sendo feita pela repórter Roberta, de acordo com Luciane:

“Pediram para ela quatro cases de situações, de pessoas de destaque nas nossas matérias para ver quem foi o professor que ensinou lições importantes para a vida. Entre as nossas fontes, quem a gente já conhece. Então ela foi agora de manhã na Tia Lolô. A Tia Lolô é uma senhora que tem pouco estudo, mora em Viamão. Ela montou uma escolinha em casa, dentro de um bonde velho, que ela pegou perto da casa dela. Isso aconteceu logo no começo do jornal, foi até para o Jornal Nacional essa história. Desde então, a Tia Lolô virou nossa fonte, porque as coisas evoluíram lá, ela conseguiu qualificar as pessoas com quem ela trabalha, e ela pega no turno inverso, as crianças vão para escola e de tarde ela faz reforço. É um case clássico que a gente já tem contato. A Roberta, entre as milhares de pessoas que ela já entrevistou, foi identificando quem ela poderia usar como case. Fica mais fácil montar essa rede, quando precisa de uma coisa específica. E quando a gente não tem, a gente vai para a rua e tenta achar”.

Outra pauta programada é sobre a Bienal do Mercosul, que renderá uma página 3:

“É um tema que não é do universo do nosso público. Como a gente vai fazer isso? Então a gente vai pegar uma pessoa da limpeza da Bienal, claro que a assessoria de imprensa vai fazer o meio de campo para nós, e nós vamos pegar uma pessoa lá na Bienal para explicar para essa pessoa simples, comum, que não sabe do que se trata, para iniciar ela nesse universo da arte. E daí a gente vai dar o serviço da Bienal”.

Luciane observa que o retorno dos leitores sobre as publicações é muito mais pelos conteúdos do que pelas fotos; estas, não costumam ser muito comentadas nos contatos com a redação, a menos que seja algo muito curioso. Então, quando alguém se identifica, por exemplo, com um problema, entra em contato até para receber orientação.

Acompanhamos Luciane enquanto ela olhava as fotos produzidas segunda-feira pelo fotógrafo Mateus. Ela abre as fotos que ele fez na Restinga, da mulher que arrasta um saco de garrafas plásticas, que também acompanhamos na edição, e comenta: *“Olha a informação que tem aqui, tu tens o cenário, tu tens ação da mulher recolhendo garrafa pet. Provavelmente ela vai levar para algum galpão de reciclagem, vai vender isso aqui”.* Luciane lê a identificação da foto continua:

“A prefeitura está restringindo a circulação de carroças com cavalos e de carrinhos, que nem isso aqui, tração humana. E aí ela dividiu a cidade em quatro áreas. Hoje começa a restrição em uma área específica. Só que a zona sul da cidade ficou de fora da lei, então na zona dessa senhora aqui, ela vai poder continuar, não vai acontecer nada, não vai ter fiscalização, não vão tirar o carrinho, nada, ela vai continuar fazendo. Só que o problema é que lá não tem estrutura qualificada ou mais qualificada para que ela possa levar essa catação dela e virar lixo reciclável. A ideia é reforçar os pontos de reciclagem de lixo, para que as pessoas que continuam fazendo isso possam ganhar melhor. Tem uma suíte aí”.

A pauta, feita na Restinga, pode render foto para a capa do dia seguinte. Luciane chama a repórter Aline e pergunta como foram as entrevistas dessa matéria, o que rendeu. Aline explica. Luciane comenta que perguntamos sobre como são encontrados os cases e Aline relata:

“Rua. Se eu contar como entrevistei essa mulher sacoleira, eu corri um quilômetro com ela. Estava faltando meia hora para fechar o ferro velho, e ela estava falando ‘eu não vou poder falar’. ‘E se eu for junto com a senhora?’. ‘Vamos’. Aí eu fui correndo um quilômetro. E o Mateus correndo e fotografando”.

Outros catadores que Aline encontrou no caminho e conversou, ela percebeu, estavam bêbados, e por isso resolveu não usar as informações. Conversamos com

Aline e pedimos que falasse sobre como são encontradas as fontes quando não são elas que procuram pelo jornal: *“Muitas vezes é na rua. Agora mesmo eu já ia sugerir mais algumas pautas, que eu trouxe ontem da rua. A ideia de sair para a rua com uma pauta me incomoda. Eu gosto de tentar trazer mais coisas da rua”*.

Aline conta que, no dia anterior, enquanto fazia a matéria dos carroceiros, surgiu a pauta da falta de psicólogos em serviços públicos de saúde. Além disso, ainda nasceu a ideia de fazer uma matéria especial e um webdocumentário sobre a construção do hospital da Restinga, que, segundo ela, *“está saindo do papel graças a uma bandeira do jornal”*, já que o assunto é acompanhado desde 2007.

Fotografia 6 - Repórter da editoria de Dia a dia, Aline Custódio



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

A repórter conta que, em 2007, o jornal resolveu *“criar uma bandeira”* e questionou *“o que nós vamos tirar do papel?”*. Decidiu-se pelo hospital da Restinga, uma promessa de 30 anos. Foram mais de 400 matérias, 200 em apenas um ano. *“E a partir da cobrança do jornal, o hospital vai ser inaugurado agora em dezembro”*. Essa história ela pretende contar em um webdocumentário, sugestão que vai oferecer ao editor.

Também na rua, no dia anterior,

“surgiu outra matéria de denúncia a partir de uma conversa sobre os carroceiros. Falei com uma liderança, ela me veio com uma matéria muito boa, que eu já passei ontem para o editor e ele me deu carta branca para começar. Mas é uma matéria investigativa, vai levar tempo. Então, assim, eu vim de lá com quatro ideias a mais que a pauta que tinham me passado. E a ideia é sempre essa, vamos tentar sair do comum”.

Aline continua:

“Por incrível que pareça, eu ainda acho que a matéria está na rua, não adianta ficar sentado aqui esperando acontecer ou olhar no facebook. Principalmente com o nosso leitor. Eu ouvi, foi antes de ontem, um leitor falando, ele reclamou. A gente voltou no local um mês depois, na Agronomia. Há um mês, com a enxurrada, desceu, da represa da Lomba do Sabão, milhares de marrequinhas, aquelas plantas aquáticas, e formou oito metros, uma montanha de plantas aquáticas na frente da casa de um senhor. Aí, de uma conversa com o fotógrafo, a gente pensou, por que a gente não volta lá um mês depois para mostrar como ficou aquilo, se eles limpam. E aí a gente voltou lá. E eu já tinha confundido se a foto desse senhor tinha saído ou não no jornal. Eu disse para ele ‘saiu’. E ele disse ‘não, não saiu, eu comprei o jornal uma semana inteira’. Tinha saído na internet e não tinha saído no jornal. Eu disse ‘bah, acho que saiu na internet mesmo, não saiu no jornal’. E ele ‘é, mas tu tens que lembrar que a gente não olha a internet, a gente compra o jornal’. E, realmente, é um leitor que a maior parte dele não acessa a internet. Tem que ter todo o cuidado, de ir para a rua, de conversar com eles”.

Aline considera que as lideranças comunitárias são boas intermediárias para localizar determinadas fontes. Ela iniciou no Diário Gaúcho em 2005 e em 2011 foi para o Extra, jornal popular do Rio de Janeiro, de onde retornou em dezembro de 2012 para voltar a atuar no DG. Mesmo com o tempo que passou fora, manteve sua agenda de contatos:

“Alguns já morreram. Fui ligar e já tinham morrido. Mas mantenho ela, porque ela tem umas fontes importantíssimas, tem fontes que eu não mudo, não tem como. Ontem a Roberta me pediu o contato de um senhor, chamado Tio Boneco. O Tio Boneco foi um cara que eu fiz matéria lá em 2006, e aí eu voltei, ele viu meu nome no jornal e me ligou ‘Aline, tu estás de volta?’. ‘Voltei’. ‘Pega meus telefones’. Lá da Lomba do Pinheiro. Anotei já os telefones novos dele. É um cara que não dá para perder. A Tia Maria. A Tia Lolô”.

Aline, que começou como auxiliar de redação na Zero Hora em 1996 e ainda foi correspondente da ZH em Lajeado, gosta do contato com essas fontes:

“O que eu mais gosto de fazer é buscar personagens na rua. A gente tem a chamada ‘página 3’, que é onde a gente coloca sempre histórias de vida, sempre que possível. E ali a gente traz alguns personagens interessantes”.

A repórter ainda ressalta o gosto por lutar para ver resolvidos os problemas que são noticiados: *“Eu gosto de cobrar, do governo, prefeitura, questionar obras que não foram terminadas, essas coisas me interessam bastante”.*

Do gosto por contar histórias de vida, ela relata trazendo um caso recente noticiado pelo DG. Uma pauta que ela encontrou na rua e rendeu não apenas uma matéria, mas uma grande mudança na vida do entrevistado. Nas palavras de Aline, a história da reportagem sobre seu Honório, o pescador:

“Essa é interessante. Fui lá fazer outra pauta, que era dos invisíveis, foi uma matéria especial que a gente fez no início do ano. E naquele dia eu voltei com 15 pautas. Saí para uma pauta só e voltei com 15 histórias. Quinze matérias, passei até uma lista, de vários bairros, fui a vários pontos diferentes. E o seu Honório era um pescador que morava no recanto da Ilha dos Marinheiros, distante dez quilômetros da BR. E eu estava indo porque eu estava procurando pessoas invisíveis aos olhos do governo. E achei ele lá. Não se encaixava porque ele estava dentro dos programas sociais, mas ele era um ermitão, morava sozinho, sem luz e sem água. O pescador solitário. E aí a gente fez a matéria. Teve toda uma mobilização, porque uma leitora leu e no mesmo dia, em que saiu a primeira matéria, nem saiu tão grande, saiu na página 3, pequena. ‘Olha, eu sei onde é a família, vou te ajudar a procurar’. Duas horas depois, já tinham localizado a família lá em São Nicolau, que é 600 quilômetros daqui. E fizemos a negociação toda. E aí eu me envolvi mais, porque tive que fazer toda ponte entre leitores que ligaram, veterinários que queriam ajudar os cachorros, foi uma coisa bem complicada. Vereadores de cidades diferentes que queriam ajudar. Ele não tinha celular, tive que ir lá levar um celular para ele falar com a família. Aquele dia foi engraçado. Porque eu saía 6 da tarde. A gente saiu daqui para ir para a ilha, já estava anoitecendo, eu e o Mateus correndo para pegar a luz do sol ainda, quatro e meia quando saímos daqui. Chegamos lá e ainda o trajeto era puro barro, não tinha como passar, porque era bem na beira do rio, o motorista não queria passar porque podia derrapar e cair na água. Aí a gente insistiu, ‘temos que entrar’, e entramos. Depois de toda a negociação para ele ir embora, um dia antes a gente foi lá ver se estava tudo bem, se ele não tinha desistido de ir embora. E tinha uma enchente começando. A água já tinha invadido a pista. A gente passou dentro da água para chegar lá. Fiquei nervosa, porque ele não ia conseguir sair no outro dia, porque a água estava subindo. E aí a gente conseguiu um barco com outro morador. Se por acaso ele estivesse isolado no dia seguinte, o barco entraria lá e tiraria ele. Liguei para a família dele em São Nicolau, disse ‘gente, vocês não vão conseguir chegar aqui, a água está subindo, está se formando uma enchente’. Toda atenção possível. Mas conseguimos tirar ele, deu tudo certo, e ele foi embora. E essa história surgiu assim, em outra pauta”.

Aline também costuma pesquisar nos arquivos os assuntos que foram notícia há algum tempo e não foram mais tratados pelo jornal. Foi assim que surgiu uma matéria sobre um prédio abandonado na Zona Norte de Porto Alegre, assunto veiculado há dez anos:

“A gente voltou lá, o prédio continuava destruído, era um prédio do Governo do Estado, gastaram milhões e nunca usaram. E hoje é local para usuários de drogas. Estava fazendo essa matéria, falando com várias lideranças, foi legal porque eu já peguei contatos de gente da região Norte, que eu não tinha tanto. Eu tenho mais da Zona Sul”.

Durante esta pauta, outra surgiu. Ela conta que conversava com um homem quando ele disse que precisava ir para casa cuidar das plantas. Curiosa, perguntou mais sobre esse hábito. E ele respondeu que tinha mais de 350 vasos em casa, porque adorava o verde e, inclusive, na região onde morava, era conhecido como “*senhor greenpeace*”. Aline identificou na hora que aquela era uma pauta. Perguntou ao homem se ele tinha tempo naquele momento e se aceitava contar sua história para o jornal. Ele ainda complementou que havia plantado todas as árvores das ruas do bairro. Aline teve certeza de que renderia uma boa história, perguntou para o fotógrafo Mateus se eles tinham tempo, ele confirmou:

“Chegamos lá, a casa do cara era toda verde, o pátio dele era virado em vasos de plantas, por dentro era verde. E na rua toda eram árvores que ele tinha plantado. E ele é chamado de greenpeace mesmo, porque protege o verde. Conte a história dele. E acabou saindo uma [página] ‘3’. Ele me ligou emocionado, chorando”.

Mais uma história que surgiu na rua, durante outra pauta, mas desta vez da observação de Aline:

“Estava passando e tinha um prédio antigo, destruído, no meio do mato. Tinha uma senhora, uma liderança junto. Porque dependendo do ponto que eu vou, gosto de levar um líder junto. Convido ele, ‘vamos juntos, porque eu não conheço bem a região’. Fazia tempo que eu não ia na Ilha [dos Marinheiros]. Aí essa liderança, uma senhora já bem velhinha, de 70 e poucos anos, estava sentada na frente do carro. ‘Que prédio é esse?’. ‘Esse aqui era o primeiro coleginho aqui da região’. E eu: ‘Ah, mas de que época?’. E ela: ‘Ah, 1940’. E eu: ‘E está escondido assim no mato?’. Ela: ‘Sim, depois que fizeram o outro na BR, esse aqui foi escondido’. É um prédio superbonito, mas, claro, 1940, ele foi abandonado em 1970, e era feito para pescadores. Aí eu disse ‘e quem estudou aqui?’. E ela: ‘A maioria do pessoal mais velho estudou no coleginho, inclusive, eu conheço o primeiro vigia que era também o professor e diretor da escola’. E eu: ‘E ele existe?’. ‘Sim, ele está com 80 e poucos anos, e mora no Humaitá’. E eu: ‘Então me dá o telefone dele, vai virar pauta’. Contatei com ele, a mulher dele era professora também, tinha sido a faxineira da escola, e com incentivo dele ela estudou, se tornou doutora e foi dar aula na escolinha também. E eles moraram no prédio da década de 50 à década de 70, quando ainda não tinha a ponte. Então ele pegava um barquinho na beira do rio, subia no barquinho e pegava um navio para

chegar em Porto Alegre. Umas coisas assim bizarras. Fui na casa deles, levei eles para um passeio, a gente fez um vídeo também, e contamos essa história do colégio. E, para ter uma ideia, o Governo do Estado nem tem mais registro dessa escola. Foi a primeira escola norte/leste, que eles chamavam. A primeira escola das ilhas foi essa e ela foi esquecida no tempo. Aí a gente resgatou a história dela, pelo passeio desse senhor lá contando o que tinha. Foi muito legal”.

Mais uma vez, uma mobilização a partir da história contada pelo jornal também foi noticiada:

“Os ex-alunos viram a história, resolveram se reunir e levaram os velinhos para fazer uma homenagem. E aí a gente fez uma matéria da homenagem dos alunos. Então assim, uma coisa vai puxando a outra. Uma pauta puxa a outra. Eu estava fazendo a matéria dos invisíveis, aí surgiu esta, surgiu a do pescador, e se eu for contar as outras, várias pautas surgiram a partir de uma única matéria”.

Para Aline, encontrar pautas na rua depende de o repórter estar sempre atento:

“A questão é que tem que estar com o olho pronto para isso. Tem que estar o tempo inteiro, no carro, olhando. Às vezes eu até me pego mexendo no celular, e aí já passei alguns quilômetros. ‘Bah, perdi, tinha alguma coisa aqui’. Tento me controlar nessa coisa do celular enquanto eu estou no carro, porque eu gosto de ir observando. E é curioso porque eu não gosto de dirigir. Por isso, porque eu gosto de ir observando tudo na rua”.

No caminho para as pautas também é momento de troca de ideias com o fotógrafo e o motorista. Aline acredita nas pautas que nascem na rua e também no contato direto com as fontes:

“Pé no barro. A rua é o local onde a matéria está. Não adianta. Vou bater nisso, acho que vou me aposentar indo para a rua. Porque é muito legal tu teres contatos, twitter, facebook, telefone, mas tu poderes olhar na cara da pessoa... Adoro internet, adoro online, estou convergindo legal para esse lado, gosto de fazer vídeo. Mas eu ainda sou muito de que não tem fonte melhor do que na rua, para achar pauta”.

Questionamos Aline sobre o retorno das fontes após a publicação das matérias e ela diz que é muito frequente. Lembramos da cobrança feita pelo senhor que havia comprado jornais para ver sua foto, que foi publicada apenas na internet:

“Sim, ele ficou chateado. Comprou o jornal, e não só ele. A vizinhança toda comprou também, esperando. Sabe o que a gente faz? E não sou só

eu que tenho esta preocupação, a maioria dos repórteres tem aqui. Se a matéria não vai sair no outro dia, a gente liga para a pessoa e avisa. 'Olha só, senhor, a sua matéria não vai sair, espera mais um pouco que a gente não sabe a data, para o senhor não esperar para amanhã, que não deve sair'. Eu tenho esta preocupação. Porque essa gente, eles fazem um esforço danado para comprar o jornal, sabe? Eles compram sempre, mas eles ficam esperando aquele dia como se fosse o melhor dia da vida deles, de sair no jornal. A gente não vende isso para eles quando vai fazer uma matéria. A gente vende 'a gente vai fazer uma matéria, o senhor não se importa de sair?'. Sempre pergunto 'não se importa de sair na foto?'. 'Não, não tem problema'. Mas a gente sabe que no fundo a maioria deles tem o maior orgulho de sair no jornal. Ontem, a gente foi para Restinga, e eu gosto de ir com o carro do jornal. Não gosto de ir com o carro com o logo da Gaúcha, da Zero Hora, ou branco. Gosto de ir com o do jornal porque em alguns locais a gente é muito bem recebido. E na Restinga, os caras vêm e batem [em cumprimento]. 'Diarinho, Diarinho'. Em vários pontos da cidade. Isso é legal. Tu ficas feliz, porque eles acreditam no teu trabalho. E é bem comum as pessoas ligarem. Por exemplo, essa matéria dos invisíveis, eu entrevistei várias famílias, fiquei muito preocupada com o tom da matéria, se eles iam depois me ligar xingando ou me cobrando porque eu falei que eles eram invisíveis ao governo, alguns tinham uma casa miserável, não tinham banheiro, tudo isso eu coloquei porque era da matéria. Mas eu expliquei para eles que eu ia fazer isso. Eu disse 'não tem problema?'. 'Não'. Para minha surpresa, três me ligaram agradecendo, de umas seis, sete famílias. Três que tinham telefone me ligaram, os outros que não tinham falaram com as lideranças e pediram para me avisar também que tinham gostado da matéria. Ainda tenho contato com eles até hoje, faz seis meses".

O contato dos repórteres com as fontes acabam ficando até pessoais, como mostra o caso relatado por Aline:

"Domingo entrou a ligação do seu Adão Teixeira, estava reclamando de um buraco na rua, na Restinga, cedeu o asfalto, desde 26 de agosto eles estão contatando o DEP [Departamento de Esgotos Pluviais], para que fosse lá porque o esgoto tomou conta das casas, subiu pelos ralos, um horror, um nojo. E ligou para cá e disse 'quero falar com a Aline', e eu estava na rua. Minha colega atendeu 'posso falar com o senhor', 'não, quero falar com a Aline'. Ele deixou recado. E eu achando que era uma pessoa que eu conhecia. Liguei para ele ontem, disse 'vou aí fazer essa matéria pro Seu problema é nosso!'. Cheguei lá e falei para ele 'não estou reconhecendo o senhor, da onde a gente se conhece? Porque eu falo com tantas pessoas'. 'Não, foi outra pessoa que você entrevistou há muito tempo atrás que guardou teu cartão e eu fui reclamar e ela disse liga para a Aline'. E ele ligou para cá. 'Guardo até hoje teu telefone, qualquer coisa eu ligo'. Avisei para ele 'a matéria não vai sair na terça, deve sair na quarta'. Já tento avisar. Ele chamou toda a vizinhança, 'olha, a Aline do Diário Gaúcho veio'. Então, assim, o nome do Diário é muito forte nessas comunidades, e isso a gente tenta manter".

Pedimos que Aline comente sobre a interação entre repórter e fotógrafo:

“Por exemplo, essa matéria dos carroceiros, é uma matéria boa, mas ela não rende foto, tanta foto assim. Eu expliquei isso até quando saí, ‘a gente vai fazer o carroceiro andando na rua, o sacoleiro, não é uma coisa que a gente vá pirar para fazer uma foto. A matéria é capa, a gente tem que dar um jeito de fazer uma foto de capa, mas eu sei que pra vocês vai ser difícil’. Eu pelo menos tenho isso. Porque eu gosto de fotografia, sempre gostei, tanto que eu fotografei lá no interior, mas eu não tenho a visão do fotógrafo, é muito da prática. Então eu me preocupo bastante porque gosto muito de imagem e eu acho que a imagem completa a matéria. Sem imagem, a matéria não é lida. Eu acho que a imagem até chama mais do que o próprio título da matéria. E aí então eu procuro sempre conversar com o fotógrafo antes, sou chata nisso, não sei se os colegas são, mas gosto de ter essa interação com o fotógrafo. Tanto que eu acho que meus melhores amigos aqui são da fotografia, porque eu gosto de discutir fotografia”.

Incentivamos ela a continuar relatando histórias, comentando que, então, no caminho o fotógrafo já conhece bem a pauta:

“Eu tento avisar antes. Quando a gente vai sair daqui eu digo ‘a gente vai fazer a matéria tal, sobre tal coisa’. E aí a gente já vai discutindo a matéria no caminho. Ontem eu não tinha personagem, eu preciso de pelo menos um ou dois bons. ‘Vamos para a rua’. E o Mateus: ‘Vamos lá’. E eu disse ‘vamos prestar atenção quando a gente chegar na Restinga, o primeiro [carroceiro] que a gente ver a gente já vai atacando, porque era um horário ruim, era 11 e meia da manhã, nesse horário geralmente eles já estão voltando da catação, ou já voltaram, então eu estava muito preocupada de não achar. E aí dei sorte de encontrar esses e ainda mais os três bêbados no caminho. Eu prezo muito isso. Mas discutir a pauta com o fotógrafo é uma coisa que eu preservo bastante. Eu discuto até com o motorista, eu gosto. Às vezes, por incrível que pareça, tem motorista tão experiente, que sabe mais do que a gente, tanto da pauta, uma sugestão, um toque. Eu ouço todo mundo. Não tem essa coisa de dizer ‘eu sou o jornalista, sei mais que você’. Não, se eu puder ouvir todo mundo, eu ouço. No Extra, eu fazia muito isso. A gente tinha um grupo fechado, eu, o mesmo motorista e o mesmo fotógrafo sempre, na Baixada Fluminense. Saía de manhã, já ia conversando com o motorista, antes de pegar o fotógrafo. Ele estava lá há 25 anos, sabia mais do que eu. Eu acho que discutir a pauta antes é fundamental para que a matéria chegue ‘casada’ aqui. Nos últimos anos, não tive problema de ter imagem e matéria diferentes, acho que a ideia casou bem. Ontem tu estavas ali na discussão da foto [da capa], foi uma coisa que, realmente, talvez a gente tenha rateado, mas eu não encontrei carroceiro, a gente foi atrás, procurou. Nesse caso, a história dela [mulher da foto de capa] era muito boa, por isso que eu tentei vender, para não perder a foto dela, a história era boa. É fundamental conversar antes, nem sempre o fotógrafo vai ser contemplado com uma boa história fotográfica, mas é do jogo. Assim

como às vezes a foto é maravilhosa e a gente tem que trabalhar em cima da foto para criar uma história. Por exemplo, teve uma vez que estávamos eu e o Marcelo Oliveira, andando na BR, e ele sugeriu uma pauta muito legal, que ele já tinha observado e eu nunca tinha prestado atenção. Um senhor que costurava lonas no meio da rua, tinha uma máquina de costura na beira da BR e ficava costurando as lonas de caminhão ali, ele era o costureiro do asfalto. E eu nunca tinha prestado atenção. A gente ia para as pautas, eu passava por ele no celular e não via. Aí o Marcelo ‘Aline, tu já viu aquele cara parado ali?’. E eu ‘que cara?’. ‘Um que fica parado na BR’. ‘Dá a volta e vamos lá ver’. Caraca, que imagem, o cara com uma lona gigante, costurando. A matéria partiu da foto. Ele disse ‘isso rende uma foto’. ‘Vamos conversar com ele, vamos ver se rende’. O cara tinha uma história incrível, era a terceira geração de costureiros do asfalto, que ficavam ali, mas partiu de uma imagem. E eu tive que construir a história. A história ficou legal, rendeu, mas tudo graças àquela foto que o Marcelo já tinha visualizado antes. Teve outra também que estávamos eu e o Marcelo também. Uma senhora que costura bolas, nos fundos do Olímpico, e acho que ele já tinha passado ali e visto ela costurando bolas, e ele sugeriu: ‘Tem uma senhora, logo adiante ali, que costura e vende bolas na rua, fica ali com uma plaquinha, acho que pode render uma bela foto’. Eu disse ‘vamos parar para conversar com ela’. E não é que rendeu uma bela história também? Mas também surgiu a partir de uma foto, que ele já tinha visualizado. É muito da conversa, essa coisa da parceria, eu sou chata mesmo, porque prezo muito a parceria fotógrafo e repórter. Acho que é fundamental”.

Aline nos mostra um quadro fixado em um dos pilares da redação, onde se lê:

Quadro 3 - Os dez mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho

Os dez mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho

- I** – O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O Diário Gaúcho ouve a pessoa comum e conta suas histórias.
- II** – A reportagem do Diário Gaúcho precisa fazer a diferença na vida do leitor e buscar, sempre, transformar a realidade que está sendo mostrada por meio de um conteúdo acessível e útil.
- III** – A reportagem do Diário Gaúcho deve ser precisa na apuração. Ao publicar uma informação, o jornal deve tirar o leitor de casa pela mão, conduzi-lo pelo mundo e levá-lo de volta ao lar com segurança.
- IV** – A reportagem do Diário Gaúcho é ousada. É mais fácil limitar ímpetos do que mover apatias.
- V** – A reportagem do Diário Gaúcho é coletiva. É fruto de um trabalho de equipe.
- VI** – Fazer reportagem é pensar como escrever não somente com as letras, mas também com a foto, com a arte, com a diagramação.
- VII** – A reportagem do Diário Gaúcho obedece ao ritmo da vida de seus leitores, nas suas felicidades e nas suas necessidades.
- VIII** – A reportagem do Diário Gaúcho enxerga os problemas na mesma proporção de seus tamanhos. O que incomoda nosso leitor, nos incomoda.

IX – As dificuldades encontradas ao fazer uma reportagem não podem ser usadas como desculpas para apresentar um resultado de má qualidade. Problema se resolve na hora que surge ou se encaminha para o responsável por resolvê-lo.

X – A falta de dados oficiais não significa que uma situação não possa ser quantificada em uma reportagem. O Diário Gaúcho deve criar seus próprios índices, que retratem com fidelidade uma realidade.

Fonte: Transcrito pela autora.

Após a conversa com Aline, nos dirigimos à editoria de Opinião, que faz o atendimento ao leitor, para acompanhar o trabalho das atendentes. A editora, Rozanne Adamy, que atua no DG desde o lançamento do jornal, nos recebe e conta que, no ano de 2000, o trabalho se dava basicamente por telefone, que tocava de forma ininterrupta, a ponto de as atendentes quase não conseguirem dar conta.

Rozanne diz que o atendimento sempre foi muito voltado às demandas das pessoas e proporciona saber o que está acontecendo na rua. Nos últimos cinco anos, além do telefone, muitos contatos passaram a ser feitos por e-mail. De fato, no tempo em que permanecemos na editoria, há apenas uma atendente para o horário, suficiente para o número de ligações que entram. Com a internet mais acessível, em casa ou mesmo no trabalho, observa a editora, calcula-se que hoje 65% dos contatos chegam pela internet e 35% por telefone. As cartas, que chegavam em grande volume no início, continuam, mas em número reduzido.

Fotografia 7 - Editora de Opinião, Rozanne Adamy



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Quanto à popularidade da internet, Rozanne diz:

“É bem engraçado, porque mesmo as pessoas mais idosas, mais convencionais, conservadoras, ligam e dizem ‘mas vou pedir para o meu neto, meu filho’. Quer dizer que as pessoas têm acesso. E hoje perfeitamente tu dizes ‘a senhora pode mandar por e-mail?’, ‘posso, vou pedir’. Quer dizer, não é mais aquele bicho de sete cabeças”.

Independentemente da forma como chega à redação do DG, o contato dos leitores mantém a mesma essência, conforme Rozanne:

“O que a gente tem: as reclamações, as demandas que as pessoas não conseguem resolver sozinhas, e daí eu te diria assim que o jornal cumpre realmente seu papel social, porque ele é um intermediário entre a sociedade e o poder público. O jornal reclama aquilo que as pessoas não encontram o canal correto para reclamar. O jornal faz esse papel. E desde o início dos tempos é assim”.

A editora nos explica as seções específicas para o leitor, que estão nas últimas páginas do jornal, como o *Seu problema é nosso!*: *“As pessoas ligam ou mandam e-mail dizendo que estão com determinado problema. A gente vai lá, fotografa, conversa, e a gente cobra do órgão público uma solução”.*

Com o jornal do dia nas mãos, ela exemplifica:

“Este caso aqui é bem típico. Essa pobre gente aqui estava convivendo com esse esgoto, que é um horror, já pensou?. Tu abrires a janela, a tua porta, e o esgoto está correndo ali. E daí a gente reclama, a gente cobra. Nesse caso aqui, especialmente, a prefeitura de Viamão nos deu um prazo, ‘até o dia tal isso aqui vai estar resolvido’. E não era difícil, era só vontade. E daí o que acontece. Nesse prazo que está aqui a gente vai ligar para essa pessoa e vai perguntar ‘resolveram?’. Se não tiverem resolvido, nós vamos fazer de novo. Isso daqui é a segunda vez que está aparecendo, porque o prazo anterior não foi cumprido, a gente voltou a cobrar. E nós vamos encher a paciência dos caros homens públicos até que resolvam”.

Rozanne continua:

“E daí aqui a gente tem demandas de toda ordem, tem essas questões de esgoto, de buraco, de poeira, de alagamento, de questões de saúde muito sérias, que também às vezes é só uma questão de ter bom senso e atender a pessoa. E nós temos orgulho, que nós já salvamos vidas aqui, a gente sabe. Tinha gente que simplesmente ia morrer porque não ia fazer o exame que precisava, não ia ter a consulta. E daí a gente ‘se tapa de nojo’ e vai lá e resolve. E também essas questões burocráticas, que às vezes a pessoa se vê numa teia burocrática. Tivemos semana passada um senhor que é taxista, ele tem uma CNH só para dirigir carro, sempre dirigiu carro, daí apareceu no prontuário dele, quando ele foi fazer os documentos do carro, uma multa por conduzir uma moto sem capacete

em Vera Cruz, que é uma cidade que ele nunca esteve, ele nem conhece. Mas daí essa tal de multa está lá, a Justiça já deu ganho de causa para ele, já disse que é para tirarem isso, e ninguém resolve. Então nós vamos ter que resolver para ele. Porque a pessoa está simplesmente enlouquecendo, porque é um bom cidadão, paga os seus impostos, nunca incomodou ninguém e fazem isso para ele. E aí a gente é que tem que ir lá, dar um jeito e resolver”.

Esse dever de solucionar os problemas, que Rozanne entende ser do DG, aparece em diversas falas suas:

“Então, o nosso papel aqui é esse, é essa coisa de ir resolvendo as coisas das pessoas e a partir do momento em que tu resolves o problema de um, tu dás o exemplo para os outros. A gente sempre procura dar um serviço, explicar como proceder, e daqui a pouco vai ter outra pessoa que está com um problema parecido, ou ela liga para nós também, ou ela já percebe que ela também pode encaminhar”.

Outra função da editoria é analisar as demandas que chegam, para estar atento quando há diversos contatos referentes ao mesmo problema:

“Às vezes, por exemplo, tu percebes que o lixo não está sendo recolhido em um bairro inteiro, porque dez pessoas daquele bairro ligaram para nós. ‘Tem lixo, lixo, o caminhão não está passando’. Daí a gente aciona o pessoal da reportagem para eles irem atrás, vai ver o que está acontecendo. Porque daí não é só um problema de uma pessoa, tu já tens uma questão social que é maior. Tu tens um fenômeno ali que está acontecendo e que tu vais ‘puxar essa corda’, vai ver que a empresa que recolhia o lixo terminou o contrato, e não estão recolhendo, entende? A gente tem que estar sempre atento para ver o que está vindo da rua. E perceber também como as pessoas estão vivendo, o que elas estão fazendo, no que elas estão acreditando. Porque muita gente liga para cá só para dar palpite, dizer ‘olha, eu estava pensando em uma coisa, vocês até podiam fazer uma matéria sobre isso”.

Outra participação intensa é para a coluna *A social*, onde são publicadas fotos de pessoas, enviadas pelos leitores:

“E uma coisa incrível que acontece aqui, que parece ser um filão inesgotável, as pessoas gostam muito de ver a si e as pessoas que elas amam, gostam, no jornal. Então nós temos uma coluna que chama ‘A social’. Ela vai variando o tamanho. São fotos, às vezes são fotos lindas, maravilhosas, especialmente de crianças, tem umas fofuras. E tem outras nem tanto. Mas essas pessoas ficam extremamente felizes. Elas gostam de se ver. E essa nossa coluna social cumpre aquele mesmo papel, por exemplo, na Zero Hora, tem uma pessoa que assina a coluna, que vai às festas. Porque as pessoas bem colocadas socialmente gostam. Mas as pessoas mais pobres também gostam, e nós damos essa oportunidade.

Com a vantagem que é absolutamente de graça, basta elas se darem o trabalho de nos mandar as fotos e os seus dados. E elas 'pintam' de bacana também. Porque daqui a pouco, para essas pessoas hoje é um dia de glória. Os parentes, os amigos, os vizinhos, a pessoa do mercado, da padaria, todo mundo 'olha o fulano', 'te vi no jornal'. E a gente tem o maior prazer de colocar isso. É uma coisa bem legal".

Contatos de leitores que não viram matérias maiores nem matéria na seção *Seu problema é nosso!*, quando se tratam de reclamações, são publicados no espaço *Pede-se providência*:

"São coisas menores, mas também são demandas dos leitores, que vêm por telefone, por e-mail. E daí os caras [de órgãos responsáveis] respondem. Sempre que aparece 'explicação ao povo', eles estão se desculpendo, estão dizendo que foram arrumar e arrumam. Diariamente, tem quatro, cinco coisas que vão resolvendo. São angústias que as pessoas não vão ter mais. É legal".

Também no espaço dedicado aos leitores, há diversas seções:

"São as questões amorosas das pessoas, os encontros, desencontros, os pedidos de perdão, os pedidos de casamento, pessoa buscando alguém que ela perdeu há muito tempo, mas ela descobriu que ainda é apaixonada, enfim, isso tem um fluxo legal. E aqui também tem histórias muito bacanas. Tem gente que já achou [um companheiro], que vive feliz, de vez em quando manda notícias que está tudo bem. Então a gente aconselha, bota esse povo 'nos eixos' para ver se vive um pouco melhor".

Rozanne considera gratificante o trabalho de escrever respostas às questões dos leitores:

"Tu sabes o que as pessoas precisam. Elas precisam de um pouquinho de bom senso, de generosidade. Daí tu dá esses toques e tu recebes às vezes respostas maravilhosas. Eu digo sempre que se Deus me conceder, assim, 0,01% das bênçãos que já me desejaram, eu vou ser a mulher mais feliz do mundo. Porque é muito bacana isso, as pessoas depois voltam a entrar em contato para agradecer porque estão felizes. Está bem, então está legal".

Um texto dela, inclusive, conforme foi relatado por um leitor, foi lido em uma sessão espírita para fins de discussão e reflexão. Uma seção que tem grande participação é o *Clube dos corações solitários*, que recebe cartas e e-mails de pessoas que desejam encontrar companheiros. Publicada diariamente com cinco participações por vez, a seção tem fila de espera que chega a cinco meses:

“Isso aqui é um negócio impressionante. Nós temos casos de gente que casou por aqui, que tem filhos. Agora mesmo estava olhando, abri o e-mail, vi que tem um cara que mandou perguntar como ele deve fazer porque ele quer prestar uma homenagem à esposa, que eles vão fazer quatro anos de casado. E que ele a conheceu por meio dos ‘corações solitários’. E isso não é raro. Tem gente que já tem filhos com 10, 11 anos. Casamentos duradouros e felizes que nasceram aqui”.

Sobre os contatos onde os leitores expõem seus problemas emocionais, Rozanne diz:

“Eu acho que essas pessoas não têm grana para terapeuta, para psicólogo, então a gente faz um pouquinho disso. Pelo menos dá a oportunidade para que elas ponham para fora suas angústias. E, se, enfim, a vida delas fica melhor, ótimo. Não temos nenhum problema em fazer isso, muito pelo contrário, é bem legal. E tudo isso vai fidelizando as pessoas ao jornal. Eu acho que o grande mérito desse jornal é ter mostrado para as pessoas que elas tinham direitos, e que elas podiam correr atrás disso. E devolveu para as pessoas uma coisa que é a dignidade. Era gente que estava acostumada a ir nos lugares e ser maltratada, ou nem ir, aquela velha história ‘nem vou, porque nem vão me atender, não vão me olhar’. E a gente foi fazendo um trabalho, que agora tem 13 anos, era bem nesse sentido, ‘tu tens direitos, vais lá e briga, exige, tu não és menos do que ninguém’. E acho que se nada mais o jornal tivesse conseguido, só isso, essa consciência assim, que é coletiva entre os leitores do jornal, teria valido a pena. Sabe o que é alguém ser machucado? Ter a sua dignidade pisada? Isso não dá para suportar. E o jornal faz isso. E nós fazemos questão aqui de atender com toda fidalguia, sabe? Pode ser o seu João, que não sabe falar direito, mas ele é um cidadão. Se ele se deu ao trabalho de ligar para cá, ele merece ser bem atendido. Se ele confiou em nós, a gente vai dar essa resposta para ele. E acontece muito de dar um crime, as pessoas primeiro ligam para nós, depois para a polícia. Primeiro avisam o jornal. E cansa de a gente avisar a polícia. As pessoas confiam em nós. E confiam que vão ter uma resposta, que a gente não vai deixar isso ficar assim”.

Questionamos Rozanne sobre sua percepção de as pessoas se verem no jornal ou verem seus conhecidos:

“No fundo, todo mundo gosta, e agrega importância, essa coisa de sair da multidão, de deixar de ser anônimo, ainda que um pouco, e aparecer. E a gente já teve casos, muitos e muitos casos, de matérias que se faz, com fotógrafo, repórter do jornal, de as pessoas virarem celebridade no seu reduto. Tipo ‘o telefone não parou de tocar, até autógrafo dei hoje’. Muitas pessoas dão esse relato, esse retorno. ‘Fui ao mercado e de repente eu estava dando autógrafo, todo mundo me viu’. E as pessoas, também, acontece muito, elas veem alguma coisa no jornal, daí elas ligam pedindo a mesma coisa. ‘Vi que o fulaninho saiu por isso, eu tenho uma situação

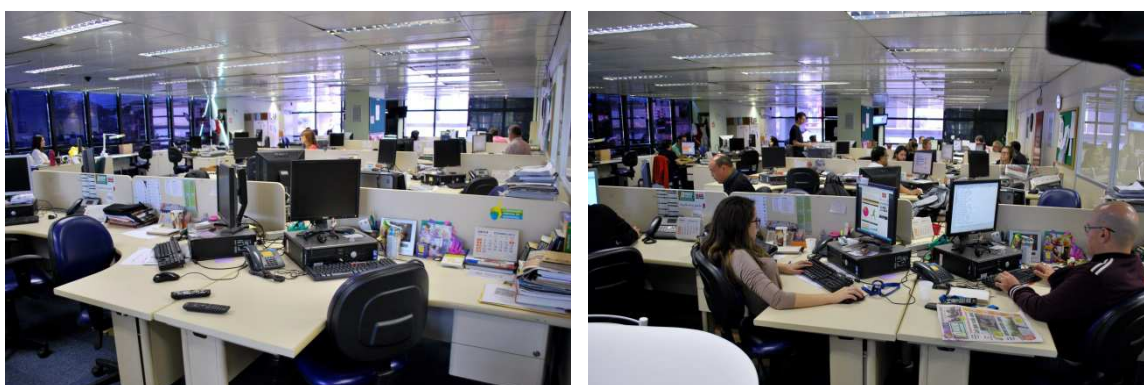
parecida, eu também quero'. Isso vai pegando. As pessoas percebem que aqui elas vão ter guarida, daí elas também ligam, também pedem".

Pedimos a Rozanne se o DG tem registro dos contatos pelas finalidades (reclamações, opiniões), mas não há índices oficiais:

"Pela percepção que a gente tem, diariamente, vamos colocar assim, 85% de problemas, de situações que as pessoas querem ver resolvidas e 15% de outros assuntos, de percepções que têm, de agradecimentos, de outras coisas. Mas muito, muito, muito, o jornal é usado para ter justamente esse papel, de ser o porta-voz dos problemas, das demandas. Porque as pessoas percebem que o jornal tem força às vezes para fazer aquilo que elas não conseguem. Porque às vezes, nessa seção, 'Seu Problema', a gente tem situações que o seu fulano lá já tem oito protocolos, já ligou para a prefeitura oito vezes, dez vezes, e não resolveu. Daí o jornal vai lá, aciona, e resolve. E as pessoas sabem disso, porque isso já está mais do que provado. Então eu acho que são dois aspectos bem importantes: essa coisa do resolver, esse lado prático, pressionar e resolver, e essa questão que não é tão mensurável, mas que a gente sabe que é superimportante, de as pessoas terem dignidade, terem resgatado o seu direito de reclamar, de viver melhor".

A manhã na redação é calma, com poucas pessoas. Boa parte dos repórteres e fotógrafos está na rua e os editores entram à tarde, já que estes ficam até mais tarde em função do fechamento. Algumas editorias têm a maior produção à tarde. As imagens abaixo, captadas pela manhã e à tarde, mostram o observado:

Fotografia 8 - Redação do Diário Gaúcho às 11h05min e às 16h30min do dia 1º/10/2013



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Vaz, que havia acompanhado Roberta em uma pauta da reportagem especial para sábado, referente à campanha Todos pela Educação, retornou por volta das 11h15min. Baixou todas as imagens obtidas e, após uma primeira visualização,

começou a selecionar. A matéria trata de “Tia Lolô”, que, como os demais entrevistados desta pauta, é personagem já conhecida nas páginas do DG e trabalha com crianças. Desta vez, o assunto foi a professora que a inspirou a seguir este caminho. As imagens mostram Tia Lolô pelas ruas de uma comunidade humilde e junto a uma placa de rua onde se lê “Rua Professora Eva Weingaertner dos Santos”; este era o nome da professora que foi muito importante em sua vida e que ela resolveu homenagear.

Com grande profundidade de campo, as fotografias evidenciam bem o espaço, com uma rua estreita de chão batido e casas humildes. Em algumas fotos, ela caminha por este espaço; em outras, posa para a câmera apontando para a placa da rua. As demais imagens a retratam no ônibus em que atende alunos e com uma turma de crianças. Sobre a grande profundidade de campo, que deixa o fundo bem destacado, Vaz comenta ser uma questão do equipamento utilizado.

Fotografia 9 - Fotógrafo Luiz Armando Vaz edita fotografias



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

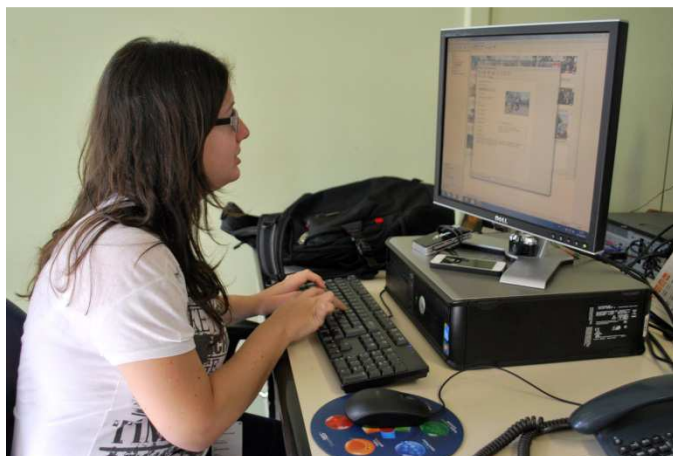
Vaz comenta que fez várias opções da entrevistada, inclusive pensando na capa. Considerando também as interferências de arte tradicionais no jornalismo popular, ele também fez fotografias com áreas “limpas” para aplicação de textos. Mas, como fotógrafo mais conservador, comenta: *“Para nós, da ‘antiga’, sempre foi um pecado esse troço em cima da foto. Tem gente que acha bonito, mas já gerou muitas brigas com o diagramador”*.

O dia marca o início da proibição dos carroceiros em determinada área da cidade e Livia é a fotógrafa que acompanha o repórter Eduardo Rodrigues durante a

blitz realizada pela EPTC (Empresa Pública de Transporte e Circulação). Ela chega à redação no final da manhã e explica que apenas advertências haviam sido dadas pelos fiscais. Baixa as fotografias e conta que buscou retratar a ação dos fiscais e os carroceiros, “a conversa, o tumulto”. O repórter envia por e-mail as identificações dos carroceiros e em seguida vem até a mesa da fotógrafa para conversar e ajudar a identificar.

As imagens selecionadas são inseridas no programa Nica com as devidas identificações dos sujeitos e do assunto, além dos demais dados. Para diminuir as possibilidades de erro, nas imagens onde aparece mais de uma pessoa os nomes são acompanhados de características físicas dessas pessoas.

Fotografia 10 - Fotógrafa Lívia Stumpf edita fotografias



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Mateus chega por volta das 13 horas da pauta sobre o convênio entre o Sine e o Senac Moda e Beleza, onde foi acompanhado da repórter Cáren Cecília Baldo. No Sine, duas mulheres foram selecionadas para serem embelezadas por profissionais do Senac, que oferecem gratuitamente serviços de corte de cabelo, hidratação, maquiagem e manicure.

O fotógrafo avalia as fotos feitas, já pensando no que irá selecionar para tratar e inserir no Nica. Uma das fotografias mostra um vereador, autor da proposta de convênio, com as duas mulheres que passaram pela transformação, e Mateus já explica que fez a imagem a pedido do vereador, para enviar a ele, e que ele no máximo ganhará uma “foto bolinha” na página da matéria, havendo possibilidade de nem entrar. Mateus explica que a matéria é exclusiva, já que o convênio começa a

vigorar apenas no dia seguinte e o embelezamento das duas mulheres hoje foi feito a pedido do jornal, que veiculará matéria no dia seguinte.

Mateus diz ter se preocupado em fazer uma ampla cobertura, com muitas imagens, que seguem a ordem dos fatos. As primeiras mostram as duas mulheres no atendimento do Sine, do modo como chegaram ao local, sérias, cabelos desarrumados; as últimas, são elas já transformadas, depois de passar pelos serviços do Senac. O fotógrafo percebe as diferenças entre os dois extremos da reportagem: *“No guichê do Sine, elas estão com olhar para baixo, apertando o lábio. Depois elas já estão mais alegres”*.

As imagens, individuais e da dupla, acompanham toda a transformação, com a lavagem do cabelo, o penteado, a unha e a maquiagem, em vários ângulos, e capturando o espaço ao redor delas. Além das fotos em planos mais abertos, ele também fez em planos fechados, como as mãos sobre a carteira de trabalho, as mãos com as unhas sendo feitas. Boa parte das imagens mostra as duas passando pelo tratamento, mesmo que uma fique em primeiro plano e a outra em segundo, ou com as duas aparecendo com igual importância. Ele ainda usou os espelhos do espaço para criar fotos diferenciadas. Mateus observa as imagens de uma delas, e comenta: *“Aqui foi a primeira vez que ela esboçou um sorriso, a menina estava muito fechada. Enfim, tem que deixar elas à vontade”*.

Fotografia 11 - Editor de Fotografia André Feltes acompanha a edição de imagens feita pelo fotógrafo Mateus Bruxel



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Ao todo, ele tinha mais de 200 fotografias desta pauta. Durante a seleção, ele refez alguns enquadramentos, modificando pouco as medidas da captura original,

para “limpar” alguns elementos dos cantos que ajudam a poluir a foto. Com isso, fechou mais nas retratadas. Enquanto isso, no seu e-mail, chegam as informações enviadas pela repórter para a indexação das fotografias. André olha junto com Mateus as imagens.

Enquanto edita, Mateus diz imaginar a publicação de fotos na matéria como “*uma historinha, sempre com as duas*”. Para ele, é preciso seguir a ordem dos fatos, da chegada delas ao Sine, os cuidados de beleza e o resultado final. Após a edição, restam 37 fotos.

Vaz, em um comentário informal, diz que não entende quando falam que o jornal é direcionado a um público que “*não sabe ler direito*”. Observa que o jornal tem 13 anos e ao longo desse tempo os leitores podem inclusive ter alcançado o nível superior, e nem por isso deixaram de ler.

André chega por volta das 13h50min. Por volta das 14h15min, recebe a informação de um desabamento. Luciane diz que não há repórter para enviar e avisa que irá somente um fotógrafo. Um carro é solicitado e Livia irá cobrir a pauta, mas, em contato com a Zero Hora, a equipe consegue uma repórter do outro veículo para acompanhar.

Mateus sai ainda no início da tarde para participar de um curso promovido pelo Grupo RBS. André continua o trabalho iniciado por ele de inserção e indexação das fotos no Nica, referentes à pauta do Sine. Enquanto edita, André comenta que, a partir do momento em que o diagramador separa cada imagem que será usada na versão impressa, com o tamanho definido, decisão tomada conjuntamente com os editores, as imagens são enviadas para o CTI (Centro de Tratamento da Imagem), que faz o tratamento adequado para o tipo de impressão e envia de volta para a diagramação.

Às 14h50min, Bach chama os editores para a reunião e nos diz que não gostaria que participássemos. Conforme André, outros assuntos foram tratados no encontro, que durou até 15h25min. Nos dias seguintes, não fomos convidados a participar e recebemos as informações referentes às pautas debatidas e decisões de capa pelo editor de Fotografia. Desta forma, acompanhamos da execução da pauta à edição, processos que interessam à pesquisa.

No retorno, André seleciona as fotos da pauta do Sine e comenta: “*Não gosto onde aparecem muitos equipamentos no meio, ‘suja’ a foto*”. A princípio, esta matéria irá para a capa do dia seguinte, junto com a matéria dos carroceiros, em

chamadas secundárias. A chamada principal deverá ser sobre a matéria referente ao presídio, que não tem fotografia.

André olha as fotos da blitz com os carroceiros: *“Poderia ter rendido mais”*. Para ele, estão todas em ângulos tradicionais e faltam opções. André para em uma das fotos, em que um fiscal (pelo menos os traços do uniforme indicam que se trata de um fiscal) sinaliza junto ao meio-fio para que o carroceiro pare. O plano está aberto e ele diz que para usá-la na capa seria preciso fechar mais naquela ação, do fiscal e do carroceiro.

Em outra, mais próxima, o fiscal está à direita na imagem, de frente para o cavalo, à esquerda, e escreve em uma folha sobre uma prancheta que tem nas mãos. A foto, para André, está interessante, mas *“falta alguma coisa”*. Talvez, segundo ele, seja algum elemento que identifique esse sujeito como fiscal, já que não é possível afirmar qual sua função ali.

Enquanto edita as fotos, André comenta que é preciso trabalhar com a informação mais direta. Ele pensa que *“o público é mais heterogêneo do que se imagina”*. Apesar de considerar importante ter um foco, um perfil ao qual se direcionar, diz que *“não é simples assim”*. André acredita que o público foi se especializando, se educando visualmente ao longo dos anos. Desta forma, não se pode esperar mais o mesmo olhar de quando o jornal surgiu. Há pesquisas, inclusive, que apontam que alguns leitores do DG passaram a ler a Zero Hora, ou seja, o jornal popular estaria formando leitores para o veículo de referência da empresa de comunicação.

Por volta das 16 horas, André pesquisa, no arquivo do Nica, fotografias do presídio que podem ser usadas para a criação de uma ilustração para a capa, já que o assunto será manchete principal. Ele separa algumas opções, que depois serão vistas e avaliadas pelo responsável pela arte, que fica na ilha da diagramação. Quem faz as ilustrações do jornal é Alexandre Oliveira.

É por volta desse horário que os diagramadores começam a chegar. Isso porque somente ao final da tarde fica pronto o espelho, que é o desenho das páginas da edição com a colocação dos anúncios. A partir dos espaços ocupados pelos anúncios, as matérias começam a ser diagramadas.

André comenta que, desde o dia 13 de setembro, o jornal circula com pequenas mudanças gráficas. No logotipo da capa, a faixa amarela e vermelha sobre o retângulo verde ganhou volume e um ponto de brilho, e o fundo verde

passou a ter um degradê (do francês *dégradé*, modificação gradual de tons). Conforme a empresa, o logotipo ficou mais contemporâneo, mas manteve a identidade. (DIÁRIO, 2013).

Os fios ao redor de textos e fotos ficaram mais finos, as cartolas ganharam fundos brancos, os colunistas deixaram de ter ilustrações e passaram a contar com fotografias, a sinalização das editorias passaram a ser em tamanhos menores. No geral, o planejamento gráfico ficou com mais branco, mas a mudança é sutil, conforme André, uma vez que é preciso ter cuidado com mudanças bruscas, que podem assustar o leitor, já habituado ao desenho gráfico. Os espaços para as matérias continuaram reduzidos, o que faz com que, para aproveitar mais fotos, elas sejam publicadas em menor tamanho. O valor do jornal também mudou, de R\$ 0,75 para R\$ 0,90 a edição diária de segunda a sexta-feira, enquanto a de sábado permanece em R\$ 1,00.

Por volta das 17 horas, Lívia retorna da pauta do desabamento. Segundo ela, o que caiu foi o piso de uma obra que estava sendo erguida nos fundos de uma residência. O acidente deixou feridos.

Por volta das 17h20min, o editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza, dirige-se até a editoria de Fotografia para saber quais as fotos que seriam usadas na capa. André mostra a Claiton, por volta das 17h30min, o que há até este horário para a capa. Quanto à matéria da blitz dos carroceiros, André escolhe a imagem na qual o fiscal sinaliza para a carroça parar junto ao meio-fio, mas faz um recorte, descartando boa parte do espaço que havia ao redor dos sujeitos da fotografia, deixando-os mais em evidência. Claiton considera a foto curiosa, por haver um fiscal parando um cavalo. Lívia sai por volta das 17h30min e André olha as imagens do desabamento, já selecionando algumas fotografias para a edição.

5.2.4 Quarta-feira, 2 de outubro de 2013

A capa do Diário Gaúcho (Imagem 9, Anexo I) de quarta-feira, 2 de outubro, conforme constatamos ao chegar à redação, sofreu pequenas modificações em relação ao que estava previsto no final da tarde do dia anterior. Essas modificações foram comentadas por André quando ele chegou, por volta das 11 horas.

A chamada principal, conforme o previsto, é sobre a matéria especial de investigação da vida dentro do presídio. Na falta de uma fotografia interessante

específica sobre a matéria, foi utilizada uma imagem de arquivo, que inclusive havíamos visto ela junto com André durante a seleção, com intervenção de arte. A imagem, que mostra varais de roupas na parede externa do presídio, foi mesclada a nota de cem reais, remetendo assim à questão dos negócios comandados pelos carcerários.

Imagem 9 - Capa do Diário Gaúcho de 02/10/2013



Fonte: Capa (2013d, p. 1).

A falta de imagem se deu por se tratar de uma reportagem investigativa relacionada a um assunto atemporal, e não factual. Em situações como esta, é característica do Diário Gaúcho preferir a utilização de ilustrações à fotografia produzida. Neste caso, a arte foi aplicada sobre uma foto. Mesmo sem imagem forte, a matéria continuou na capa, o que evidencia a valorização aos assuntos de polícia e a informações exclusivas, já que a investigação levantou informações até então pouco conhecidas.

Conforme André, uma mudança na capa foi motivada pela entrada, às 21 horas, de uma matéria de Polícia feita pela Zero Hora. Como estava relacionada ao presídio, assunto que já estava na manchete principal do DG, o fato foi incluso na chamada, que passou a ocupar um espaço maior. Com isso, a matéria dos carroceiros que estava na parte inferior da página passou para a parte superior,

ocupando o espaço da chamada do Sine, que ficou sem fotografia e ganhou uma ilustração. Na mudança, inclusive, a fotografia da blitz acabou sendo publicada, de forma errônea, com o crédito de Mateus Bruxel, quando na verdade foi feita por Livia Stumpf. Isso porque neste espaço, antes da mudança, estava a imagem do Sine, que era de Mateus.

Apenas uma fotografia poderia entrar nas chamadas secundárias, com a redução do espaço. A preferência pela matéria dos carroceiros, diz André, se deu principalmente em função de que o assunto foi manchete principal no dia anterior e, desta forma, a suíte era *“forte”*, de modo a dar continuidade à pauta. *“Às vezes o assunto acaba sendo mais importante do que a foto em si”*, comenta André, já que considera boas as imagens do Sine e inclusive havia separado uma para a capa, onde apareciam as duas mulheres e seus reflexos em espelhos.

A fotografia da blitz utilizada na capa permaneceu aquela que André havia escolhido, junto ao editor executivo, no final da tarde do dia anterior. De autoria da fotógrafa Livia Stumpf, ela mostra um fiscal ordenando que o carroceiro pare. A chamada é *“Por enquanto, só alerta”*, com a legenda *“EPTC começa a fiscalizar a circulação de carroças”*.

Conforme André já previa, ela sofreu um recorte que excluiu boa parte do espaço que havia ao redor dos sujeitos e estes ficaram em evidência. O reenquadramento também se deve ao espaço da chamada secundária ser reduzido: em tamanho menor, a fotografia precisa ter um plano mais fechado para que a ação tenha destaque. De qualquer forma, como as pessoas aparecem mais distantes, sem que seus rostos sejam identificados, não há nomes na legenda. Mesmo fechado, o plano geral evidencia diversos elementos do local onde se passa a ação, como a rua asfaltada, faixa de segurança, prédios, árvores, veículos, postes de iluminação e sinaleira, o que mostra que a via tem movimento considerável.

O sol intenso provoca sombras duras e até uma leve contraluz nos dois ocupantes da carroça. O uniforme azul com faixas verdes evidencia a função do fiscal, que está ao lado esquerdo, em primeiro plano e mantém o braço direito estendido para frente, sinalizando para o carroceiro parar. O ângulo é frontal e registra a carroça, puxada por um cavalo, andando em direção à câmera. O animal fica centralizado e cada um dos ocupantes fica de um lado, o que dá boa visibilidade aos três. Não é possível identificar as expressões faciais, pela distância e pela sombra provocada pelo sol na direção contrária.

serem parados na blitz. O plano é geral, mas fechado, e normal, e embora os dois sujeitos apareçam de corpo inteiro, a carroça esconde parte deles; a publicação ocupa três das sete colunas da diagramação.

O destaque da imagem é a carroça, em primeiro plano, nas cores verde e azul, que harmonizam com o azul das camisas dos dois fotografados e do céu, e o verde das árvores ao fundo. Ao redor dos rostos dos sujeitos, as madeiras das carroças formam uma espécie de moldura quadrada aberta em um dos lados. O homem apoia-se na carroça, enquanto o menino, à sua frente, está encostado na carroça, segurando perto de si as madeiras da moldura, com a mão no peito e o corpo ereto. No espaço é possível perceber ainda o chão batido e os postes de madeira; à direita, há outros elementos, não identificados.

Outra fonte popular da matéria é um carroceiro que teve sua foto recortada e ganhou uma “*foto bolinha*” no meio do texto principal, com ângulo normal. O registro captura um flagrante dele, que olha para o lado e segura com a mão um celular no ouvido, com expressão séria, como quem está a resolver um problema. Uma linha liga sua foto ao texto, onde seu nome está destacado em negrito, “Antônio Márcio Santos Silva”, e há um depoimento seu. Carroceiro, ele não pretende largar a atividade. Antônio foi um dos carroceiros parados na blitz e, caso a imagem fosse ambientada, possivelmente mostraria cenários e elementos muito semelhantes aos das demais fotografias da matéria.

Os homens e o menino são sujeitos que atuam como exemplos em uma situação que envolve diversas outras pessoas nas mesmas – ou semelhantes – circunstâncias, por serem participantes de uma atividade que é o assunto principal da pauta. Eles formam um dos lados no conflito entre carroceiros e a prefeitura, que envolve a circulação em vias públicas. A matéria, portanto, trata de uma questão privada – o trabalho – no espaço público, e, apesar de trazer as falas de autoridades, destaca tanto no texto quanto nas imagens o drama vivido por essas pessoas.

Chegamos à redação do Diário Gaúcho às 8h45min. Livia e Marcelo leem a pauta do dia e se preparam para as coberturas fotográficas programadas:

Quadro 4 - Pauta do Diário Gaúcho de 2 de outubro de 2013

PRODUÇÃO DIÁRIO GAÚCHO**GERAL****Prontas:**

- Mochilas
- Easy
- Pastor em Viamão
- Duas suítes de carroceiros

Roberta

CAMPANHA EDUCAÇÃO/CASE II – Entrevista com a irmã Pierina Lorenzoni, para a matéria da educação. Será na Pequena Casa da Criança, no Partenon.

CAMPANHA EDUCAÇÃO/CASE III – fechamos os 4 cases com o Tio Boneco que dá aula de futebol pra crianças há 14 anos. É no Beco da Taquara. Vamos na quarta, na sequência da ida à Pequena Casa.

Saída: 13h45min

Fotógrafo: Marcelo

GARIS – (Pra amanhã) – Recupera pra fazer um registro sobre a primeira reunião das 43 para a palestra de hoje às 9h30min no auditório da DMLU, na Azenha, n.o 631. Estarão todas as gurias e elas receberão as camisetas padronizadas, o que renderá uma bela foto.

Faremos fotos pela manhã.

Saída: 9h15min

Fotógrafo: Marcelo

MATRÍCULA EM CRECHES – Redige material já enviado pela Smed.

METROPLAN – Aperta para receber os dados. É nossa candidata forte à manchete de segunda-feira.

Dudu

BURAQUEIRA/PROTESTO – (pra amanhã) Às 10h, os moradores vão bloquear a Avenida 17 de setembro, em frente ao supermercado Unisuper, no Bairro Intersul, em Alvorada, devido a quantidade de buracos na Frederico Dihl. Essa avenida é uma continuação da Frederico. Segundo ele, haverá mais de 150 pessoas com faixas, cartazes e microfones. Será só uma hora de paralisação.

Nome: Leonardo Guimarães Rosa

Fone: 34836773 / 96617196

**Opinião vai passar o número de leitores que reclamaram nos últimos dois meses. É um número nosso, que podemos aproveitar para fazer um box como

registro importante. No email.

SPN/PARADA SEM COBERTURA – Morador do Bairro Bela Vista, em Alvorada, informa:

_Na Frederico Dhl, em frente ao 518, tem uma parada de ônibus sem cobertura há sete meses. A que tinha foi arrancada por um temporal e recolhida pela prefeitura que se comprometeu em colocar outra, mas até agora não fez.

Nome: Sr. Neri Machado da Costa

Fone: 51-85194970

Saída: 9h30min

Fotógrafo: Livia (POR FAVOR, NÃO ESQUEÇA DE LEVAR O CELULAR PARA TRANSMITIR FOTO DO PROTESTO PARA O SITE!!!)

Aline

ERVA MATE A PESO DE OURO – Segundo o Léo, o kg da erva mate deve bater os R\$ 20 até o final do ano. Vamos ouvir os entendidos no RS pra saber se a projeção tende a confirmar. A fonte é de Venâncio Aires, capital nacional do chima. Vale fazer uma ronda de preços em súper e no mercado (a granel).

Saída: 14h

Fotógrafo: Vaz ou Livia

EPTC x CARROCEIROS – Precisamos estar junto da primeira apreensão de carroça. Estreitar essa situação com a EPTC. Pro jornal de quinta, ver se eles têm um balanço de novas blitzes.

Fonte: Luciane Bemfica.

A sinalização para Livia, na pauta, deve-se ao fato de ela não ter levado o celular no dia anterior para registrar a blitz aos carroceiros e enviar para o site. Mateus chega mais tarde e vê a edição do dia. A nosso pedido, avalia a página onde foi diagramada a matéria do Sine (Imagem 11, Anexo K) e diz que *“ficou bem resolvida visualmente”*, *“fechou”* com o título, já que o *“banho”* está em destaque. A imagem principal na página dá destaque para a ação da lavagem de cabelos das mulheres.

Na página, foram publicadas cinco fotografias. A principal, horizontal, bastante aberta, ocupa seis das sete colunas da diagramação na parte superior da página e mostra as duas mulheres durante a lavagem dos cabelos, em um plano picado. O título, sobre a imagem, é *“Um banho de autoestima”*, com a cartola *“Tapa no visual”* e a legenda *“Franciele e Maria (D) receberam tratamento de graça”*.

O enquadramento inclui três cadeiras de salão de beleza e as mulheres ocupam as das extremidades. Sobre a imagem da cadeira do meio, vazia, está o

título. As entrevistadas aparecem do joelho para cima, deitadas, com as cabeças nos lavatórios. Atrás, estão os profissionais, dos quais é possível ver as mãos, que trabalham na lavagem dos cabelos, e parte das pernas. Ao fundo, aparece parte de uma bancada vermelha, que se destaca pela cor, já que os demais elementos têm cores menos contrastantes: cadeiras pretas, lavatórios brancos, uniformes dos profissionais brancos, piso escuro, roupas pretas e jeans.

Imagem 11 - Página 8 do Diário Gaúcho de 02/10/2013

ESPAÇO DO TRABALHADOR

TAPA NO VISUAL

Um banho de autoestima

Franciele e Maria (D) recebem tratamento de graça

SALA MÁGICA

Como se faz

• O candidato a vaga é chamado para se sentar em uma cadeira com o rosto voltado para trás e os olhos fechados. Ele é coberto por uma toalha e recebe o tratamento de graça.

• Para isso, devem realizar o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Quando o teste acaba, cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

Calado não é demais

• No entanto, o emprego não é garantido para quem recebe o tratamento de graça. O teste de Franciele e Maria é apenas um teste para quem quer saber se é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Quando o teste acaba, cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

Sorrisos desabrocharam após sessão

Franciele e Maria, candidatas a emprego, recebem tratamento de beleza de graça em um salão de beleza em São Paulo.

• No entanto, o emprego não é garantido para quem recebe o tratamento de graça. O teste de Franciele e Maria é apenas um teste para quem quer saber se é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Quando o teste acaba, cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

Depois, mais autoconfiantes

Franciele e Maria, candidatas a emprego, recebem tratamento de beleza de graça em um salão de beleza em São Paulo.

• No entanto, o emprego não é garantido para quem recebe o tratamento de graça. O teste de Franciele e Maria é apenas um teste para quem quer saber se é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Quando o teste acaba, cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.

• Cada um recebe um tratamento de beleza de graça, com o teste de quem é melhor candidato a emprego, usando o teste de Franciele e Maria, realizado em um salão de beleza em São Paulo.



Fonte: Baldo (2013b, p. 8).

Com a cabeça para trás, as duas estão de olhos fechados, com toalhas sobre os ombros, evitando assim molhar as roupas. A expressão facial da mulher à esquerda, Franciele, é de riso contido, e ela tem uma das mãos que segura apertado o dedo de outra mão, em uma ação que expressa nervosismo. Já a mulher da direita, Maria, tem a expressão séria e aparentemente está mais relaxada, com as mãos soltas sobre o corpo. A matéria, no Espaço do Trabalhador, conta ainda fotos

de cada uma delas na chegada ao Sine e ao final dos cuidados de beleza recebidos, com as legendas “Antes, muita seriedade” e “Depois, mais autoconfiantes”.

Franciele, na imagem da chegada, aparece em um plano normal e médio, sentada à frente de um guichê de atendimento. Ela está em segundo plano, com o primeiro plano desfocado, onde aparece a divisória do guichê e a tela do computador. Franciele tem uma expressão séria, ombros levemente caídos, segura uma bolsa no colo, que aparece pouco, e olha para a frente, onde possivelmente está o atendente do Sine. Ao fundo, desfocadas, estão outras pessoas sentadas em cadeiras, aguardando atendimento.

Já Maria, na imagem de sua chegada ao Sine, aparece em primeiro plano, em enquadramento médio e normal, nas cadeiras dos que aguardam atendimento, com outras pessoas também sentadas, em cadeiras enfileiradas. Seu olhar é sério, voltado para a câmera, e no colo estão alguns pertences, além de papéis nas mãos. Nas imagens das duas mulheres registradas na chegada não percebe-se capricho nos cuidados com cabelos e rosto. As duas imagens da chegada estão em posição centralizada da página.

Na foto do “depois”, Franciele aparece em plano normal e médio, sentada, coluna ereta, braços apoiados nos encostos, cabelos bem penteados, lisos. Ela sorri timidamente para a câmera. Ao fundo, desfocados, estão outros elementos típicos de salão de beleza, como cadeiras e bancadas, nas cores preto e branco, mas pouco aparece deles. Maria está no mesmo ambiente, sentada, braços apoiados nos encostos laterais da cadeira. Ela posa de lado, sorrindo para a câmera, com as mãos abertas, possivelmente esperando o esmalte secar. Ambas as imagens estão na parte inferior da página.

A foto da ação, que ganha destaque na página, comunica diretamente o principal da pauta: o tratamento que os trabalhadores podem receber para auxiliar na busca por emprego. Já as demais imagens, do antes e do depois, mostram a transformação, não somente visual, mas, é possível dizer, psicológica, pela qual as duas passam. Dos cabelos descuidados aos penteados impecáveis, das caras fechadas aos sorrisos.

As fotos são posadas, e nas primeiras elas poderiam estar sorrindo, comportamento comum quando as pessoas sabem que estão sendo fotografadas, o que não ocorreu. A matéria reforça a ideia de que os cuidados oferecidos gratuitamente podem fazer a diferença para quem está em busca de trabalho. As

duas mulheres, neste caso, são mostradas como exemplos de trabalhadoras que passaram pela transformação, o que pode incentivar outros a participarem da ação. A pauta trata de um espaço público, o do trabalhador em busca de vagas, em um local de atendimento do poder público.

Para aproveitar mais do material obtido na cobertura, outras imagens foram publicadas no site do DG, na galeria do blog do Espaço do Trabalhador. Mateus acessa para ver a postagem e percebe que a ordem das imagens não obedece à ordem dos fatos (chegada delas ao Sine, tratamento e o resultado final). Em conversa com a equipe do DG Online, ele pede para que seja feita a alteração, para facilitar a leitura e o entendimento. A modificação é feita em seguida.

Tiago Rech, assistente de conteúdo do DG Online, recebe por telefone informações sobre o protesto e imediatamente redige um pequeno texto para o site. Uma fotografia é enviada pela fotógrafa.

Aproveitamos para conversar com Mateus sobre sua experiência no jornalismo popular. Ele comenta que o DG foi criado na época em que ele cursava Jornalismo e na faculdade havia a imagem do jornalismo popular relacionado ao sensacionalismo, ao modelo “espreme que sai sangue”. Ele admitiu ter se surpreendido muito ao iniciar o trabalho no DG: *“É um jornal que respeita muito o leitor e tem uma relação muito séria com ele. A gente sente isso quando vai para a rua, a recepção”*. Ele ainda observa que muitas informações chegam pelos leitores, o que gera uma interação com o público.

Para ele, não há diferença em retratar fontes oficiais e populares: *“Para mim, é informação. Trabalhar para que tenha um sentido e transmita uma informação”*. Com o propósito de construir essa mensagem, ele diz que quando é preciso dirige o fotografado na cena.

Às 11h30min, Livia retorna da cobertura do protesto em Alvorada. Ao baixar as imagens, comenta sobre uma que se destaca. Um homem havia sentado dentro de um buraco na pista, o que rendeu uma foto inusitada. Como ele era um dos organizadores, também havia sido entrevistado.

Livia fez fotos gerais do protesto, mais abertas, mostrando o grupo que participava da iniciativa, e outras pontuais, de pessoas integrantes do grupo e que haviam sido entrevistadas. Além do homem no buraco, também há foto de um sujeito junto a um Fusca; segundo ela, ele havia estragado o veículo em função das

más condições na rodovia. A fotógrafa ainda percorreu um trecho da estrada para fotografar os buracos, além daqueles já registrados no local do protesto.

Lívia comenta que é de praxe o repórter, após ouvir as reclamações, entrar em contato com os responsáveis; neste caso, a prefeitura de Alvorada. Porém, a dupla nem havia chego de volta à redação quando o assessor de imprensa da prefeitura daquela cidade ligou para o celular do repórter Eduardo Rodrigues, já oferecendo a versão da prefeitura sobre o problema. Enquanto editava as imagens, os dados dos entrevistados/retratados são enviados por e-mail pelo repórter, junto às informações sobre a pauta, para a indexação no programa Nica. André chega e vê as imagens. Perguntamos se a foto do homem no buraco tem chances de ir para a capa. Ele responde positivamente: *“O que mais falta fazer para sair na capa do jornal?”*.

Marcelo chega às 11h45min, após ir sozinho à pauta do concurso Mais Bela Gari. Como não havia repórter para acompanhá-lo naquele horário, ele foi até o auditório e o galpão do DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana) e, além de fotografar individualmente as mulheres, ainda trouxe quatro cases. Em um papel, havia anotado o nome de quatro mulheres, duas entre as mais velhas e duas entre as mais novas participantes, com seus respectivos telefones, para a repórter entrar em contato. Das candidatas escolhidas para serem cases da matéria, ele fez mais fotografias, inclusive das quatro juntas.

Marcelo conta que se apresentou e explicou o trabalho que faria para o DG. Em seguida, fotografou o grupo reunido, que era de cerca de 40 mulheres, o que dificultou para que todas aparecessem bem. Colocou-as enfileiradas, mas as últimas não poderiam ser identificadas. Depois, organizou-as em três fileiras, com todas de frente para a câmera, algumas à frente e outras atrás; esta, inclusive, junto ao Rei Momo Fábio Verçoza, idealizador e coordenador do concurso.

Marcelo ainda fez fotos delas durante o encontro, com algumas em primeiro plano. A coroa do Rei Momo, que estava em uma mesa próxima, serviu para uma imagem diferenciada: ficou em primeiro plano, com as candidatas em segundo plano. A coroa também foi fotografada isoladamente.

O fotógrafo registrou também o momento em que, após vestirem as camisetas do evento, elas receberam colares, brincos e pulseiras, e se maquiaram. Enquanto analisa as fotografias feitas, ele para na imagem de uma mulher que se arruma com expressão séria e, de repente, percebe a câmera apontada para si e a aproximação

do fotógrafo, sem que ele conversasse com ela anteriormente. Marcelo mostra uma sequência fotográfica, com três imagens dela: a primeira séria, sem perceber a câmera; a segunda, olhando para a câmera em tom de surpresa, ainda séria; e na terceira, sorrindo para a câmera. *“Ganhei a confiança, ela relaxou completamente com a minha presença”*.

Com a lista impressa dos 43 nomes, Marcelo fez fotos individuais das candidatas e colocou ao lado de cada nome a numeração da imagem na câmera, a fim de facilitar o trabalho de identificação. O Rei Momo auxiliou na organização. Todas posaram individualmente para a câmera, à frente de uma parede branca, o que deu neutralidade ao fundo e destacou-as nos retratos. As fotografias individuais, como necessitariam de um grande espaço, por serem 43 candidatas, não serão publicadas no jornal, mas em uma galeria no site do DG. Nesses casos, a própria edição impressa traz a informação de que as fotos individuais podem ser conferidas no site.

Marcelo comenta que, para o jornal impresso, possivelmente serão utilizadas uma imagem do grupo e outra das entrevistadas (os cases da matéria). As quatro entrevistadas posaram em uma janela, onde as bordas da abertura formam uma moldura em madeira rústica. Em um dos retratos, elas olham para a câmera; em outro, se olham entre si e sorriem, em um gesto que busca dar espontaneidade, mas que foi dirigido pelo fotógrafo. Luciane, que já havia sinalizado na pauta do dia que esta matéria é importante, dirige-se até a editoria de Fotografia para perguntar se a pauta rendeu boas fotos. Marcelo mostra as imagens. Luciane comenta com o pessoal do DG Online que a galeria poderia ser publicada naquele dia, mesmo antecipando a matéria no impresso do dia seguinte. Marcelo nomeia as fotos, uma a uma, e insere dados da pauta para colocar no Nica.

Por volta das 13h30min, Marcelo chama a repórter Roberta para passar a ela as informações que colheu sobre a matéria do concurso Mais Bela Gari, principalmente os contatos para as entrevistas, além de mostrar as imagens. Ele relata como foi o encontro delas e ainda comenta que descobriu que os colares, brincos e pulseiras haviam sido doados por funcionárias de uma loja, por meio de uma “vaquinha”.

Por volta das 14h40min, a repórter Aline conversa com Vaz sobre a pauta que fará à tarde, sobre o preço da erva mate, que está subindo. Ela explica os locais em

que eles verificarão os preços e que a orientação é apenas de que as marcas das ervas não fiquem visíveis. Nos locais de venda do produto, procurarão por cases.

Bach convoca a reunião de editores às 14h45min. Às 15h30min, Marcelo, após concluir a seleção e nomeação das fotos das candidatas à Mais Bela Gari, chama um colega do DG Online para auxiliar na conferência. Minutos depois, quando André retorna da reunião, uma nova conferência é feita pelo editor, com o auxílio de Marcelo, de nomes, idades e imagens.

Fotografia 12 - Fotógrafo Marcelo Oliveira passa informações para a repórter Roberta Schuler e em seguida faz a conferência de imagens com o editor André Feltes



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Da reunião, André traz as decisões para a capa. No dia seguinte, quinta-feira, a manchete principal será o jogo do Grêmio, que acontece à noite. Futebol, ele comenta, é um assunto que interessa muito o leitor, especialmente em relação à dupla Grêmio e Internacional. Também haverá chamadas que tratam do presídio (suíte) com imagem de arte, o protesto em Alvorada, o concurso Mais Bela Gari e, se for concluída hoje, talvez a matéria sobre o preço da erva mate.

Às 15h45min, André passa a avaliar as fotografias das matérias que serão manchete na edição seguinte. Entre as fotos do protesto, ele separa duas do homem sentado dentro do buraco da rodovia. Para ele, na primeira, em que o sujeito faz sinal de desaprovação com o dedo polegar para baixo (de negativo), há um gesto claramente posado; a segunda, onde o homem está com os braços abertos, como

quem pede uma explicação, parece ser mais espontânea. André opta pela segunda imagem, justamente pela espontaneidade que transmite, apesar do olhar para a câmera. Ainda comenta que, ao olhar as fotos do protesto, não teve dúvidas de que esta era forte para a capa.

Entre as imagens das candidatas à Mais Bela Gari, ele opta por uma em que elas estão enfileiradas. Como são mais de 40, apenas as que estão à frente podem ser identificadas. De qualquer forma, pela quantidade de pessoas na imagem, somente a publicação em um espaço maior possibilitaria que todas aparecessem bem.

Na editoria de diagramação, por volta das 16 horas, a diagramadora Betine de Paris monta as páginas da editoria de Opinião, denominadas *Com a palavra, o leitor*, da edição de quinta-feira. Na matéria da seção *Meu sonho é real* (Imagem 12, Anexo L), há a fotografia da mulher que ganhou uma televisão. A seção mostra casos de pessoas que recebem doações, conforme pedidos encaminhados ao jornal e publicados no espaço *Meu sonho é...*, nas páginas destinadas às contribuições de leitores. A foto para a página, segundo Betine, foi escolhida por ter “*mais corpo*”, já que as outras opções tinham um corte mais superior no corpo, ou a mulher estava sozinha. A legenda informa: “Valeu a pena acreditar!”.

Imagem 12 - Página 34 do Diário Gaúcho de 03/10/2013

COM A PALAVRA, O LEITOR O leitor de hoje: Dona Maria Inês

Meu sonho é real

Dona Maria Inês não perde mais as novelas

FALANDO DE AMOR
Melhor amiga
44 anos, mais renascida, contendo...
Dona Maria Inês não perde mais as novelas...
FALANDO DE SADE
Impotência
44 anos para ela, sofrer de impotência...
FALANDO DE SADE
Impotência
44 anos para ela, sofrer de impotência...

Foto: Marcelo Oliveira



A fotografia, que ocupa quatro das sete colunas da página, é em plano médio normal e as duas fontes aparecem à direita no enquadramento, em primeiro plano. Atrás delas, está uma estante com vasos e porta-retratos. À esquerda, uma televisão ligada sobre a mesa com toalha colorida e o espaço neutro da parede de cor clara.

Elas não são nomeadas na legenda. Maria Inês, tratada com “Dona”, no título, intui-se logo de início, é a senhora da fotografia. Ao ler o texto, sabe-se que a jovem abraçada a ela é sua filha, mas como duas filhas são citadas, não há certeza da identidade.

Maria Inês sorri, enquanto a filha mantém uma expressão de satisfação mais contida e abraça por trás a mãe. Uma luz frontal deixa-as com os rostos bem iluminados. Atrás delas, a estante e o material da parede formam linhas que se unem centralmente ao fundo.

A responsável por estas páginas é a editora de Opinião, Rozanne Adamy, que comenta sobre as cartas para o espaço *Meu sonho é...*:

“São pessoas que escrevem para o jornal contando alguma dificuldade. Normalmente são pessoas pobres, sofridas. E daí outros leitores se comovem e ajudam. E a gente faz a intermediação. A gente põe em contato com o outro, eles combinam. A preocupação quando a gente faz essas fotos, primeiro, a pessoa já está numa situação de desvalia total, então a gente procura nas fotos mostrá-la numa situação melhor”.

Sobre a mulher que ganhou a televisão, a editora conta:

“A gente mostrou o que ela ganhou e a gente procurou um momento em que ela tivesse um sorriso, pelo menos que ficasse com uma carinha boa para aparecer no jornal. A Katy [Katysuki Machado, atendente] foi junto lá com o fotógrafo e ela estava me contando que essa senhora chorava o tempo todo. Então ela pegou o momento em que dava para fazer essa foto. A preocupação é essa, a gente tenta, e a foto ajuda muito nisso, não dá aquela ideia de que o jornal se aproveita de uma situação em que a pessoa está mal, está ruim, na pior, para vender jornal. Não, pelo contrário. A ideia é mostrar que vale a pena acreditar, que sonho pode ser realizado. Então a sensibilidade do fotógrafo, para nós, é essencial. Ele tem que pegar algum momento em que essa pessoa apareça bem. Aparece bastante gente que pede fralda, por exemplo, que está numa situação de doença muito grave. Nós jamais vamos mostrar, e nem o fotógrafo faria, essa pessoa jogada numa cama, numa situação ruim. A gente tenta o melhor momento dela. Porque ela vai para o jornal, então vamos deixar ela pelo menos aparecer bem”.

Este caso, ela diz, foi especial, apesar de ocorrer com certa frequência: o doador da televisão foi uma pessoa da redação do Diário, anunciado como um leitor

anônimo. Rozanne olha para a foto e continua o relato, mostrando uma carta escrita à mão pela filha da senhora que recebeu a televisão:

“A história é muito pior, a gente publicou, assim, um parágrafo. Mas a história é assim, essa senhora é doente, o filho é viciado em crack, o filho já tinha roubado, levado tudo que ela tinha dentro de casa, e agora ele está na rua, ela nem sabe aonde. Ela tem Parkinson, não pode trabalhar, as filhas se desdobram para ajudar, tanto é que quando ele vendeu tudo que tinha dentro da casa, elas fizeram um sacrifício e compraram outra TV, porque ela ficou sem. Daí ladrões entraram na casa e levaram a TV, o liquidificador, levaram tudo que valia. Então a situação dela era terrível. Minha preocupação, quando eu faço esse parágrafo, leio para publicar no Meu Sonho é..., é contar, mas contar de um jeito que eu te comova sem entrar muito em detalhes. Porque a pessoa também não merece que a vida dela seja escancarada assim, então eu procuro botar de um jeito, e acho que os anjos ajudam, que a pessoa leia e diga ‘pô, essa aí precisa de ajuda’. Mas sem também submeter ela a um processo assim que poderia ser até de humilhação. E é legal, porque ela ganhou essa TV, ela ganhou uma geladeira também. Foi um leitor que ligou e disse que queria doar uma geladeira”.

Rozanne diz que todos os “sonhos realizados” por meio destas seções são publicados no jornal:

“Até por uma questão de prestigiar e agradecer quem doa. Normalmente a gente tem um, excepcionalmente dois por semana. Mas a gente procura mostrar, até porque isso incentiva outros doadores. Porque o legal é isso, é que as pessoas vejam que o gesto delas é reconhecido. E é uma forma de a gente agradecê-las também. Colocando no jornal”.

A editora de Opinião ainda observa a solidariedade que o jornal promove:

“Essa seção prova uma coisa que a gente sabe. Pobre ajuda pobre. Normalmente as pessoas que ligam para cá são pessoas que têm dificuldades, mas elas resolvem ajudar alguém que tem mais dificuldades do que elas. No ano passado, na época do Natal, a gente teve uma situação de um menino, que ligou para cá, tinha uns 13 anos, contava que eles não tinham geladeira em casa, e que ele precisava muito, porque a mãe dele era diabética e tinha que guardar a insulina que buscava no posto dentro de um refrigerador. Uma leitora foi numa loja, fez um carnê, para pagar a perder de vista, comprou uma geladeira ‘zero bala’ e mandou entregar na casa dele. É uma pessoa pobre”.

Questionamos, então, o que, objetivamente, o jornal procura mostrar nas fotos desta seção. Ela responde:

“A pessoa e, quando a gente consegue reunir, alguém vai doar carrinho de bebê, roupa, e essa pessoa nos diz que ela vai na casa de quem vai

receber a doação na terça-feira, às duas da tarde. Se a gente consegue organizar isso, a gente manda fotógrafo nesse horário e nesse dia, porque daí a gente pode, e já publicamos várias vezes, o doador com quem recebeu. Fica mais bacana. Mas também boa parte das pessoas diz 'eu quero doar, mas não preciso aparecer', e aí tudo bem. A gente mostra quem ganhou".

Sobre o ambiente onde vivem estas pessoas que escrevem para o jornal, que também costuma aparecer nas fotos, Rozanne diz que é importante:

"Porque isso dá credibilidade para a história que foi publicada. O que a gente percebe, tu podes perceber... isso aqui é típico [aponta para a foto da senhora que ganhou a TV], a toalhinha de plástico floreadinha, é uma casa de gente pobre, e ao mesmo tempo tem detalhes, é gente caprichosa. Aquela estante ali atrás tu não encontras assim um lugar onde as pessoas não cuidam. Então são detalhes, mas que dão esse cenário, isso dá veracidade para a história contada pela filha da dona Maria Inês. A gente percebe que realmente era isso".

5.2.5 Quinta-feira, 3 de outubro de 2013

A capa do Diário Gaúcho (Imagem 13, Anexo M) de quinta-feira, 3 de outubro, como programado no dia anterior, traz a chamada principal do jogo do Grêmio. Com fotografias de fontes populares, há as chamadas secundárias referentes ao concurso Mais Bela Gari e ao protesto em Alvorada.

As candidatas, fotografadas por Marcelo, ganham o espaço superior direito na página; elas estão enfileiradas, criando uma linha do canto inferior esquerdo ao canto superior direito do enquadramento da fotografia, em plano aberto normal, e apenas as que estão mais à frente podem ser identificadas. Elas sorriem e olham para a câmera, com as mãos na cintura, em uma captura posada e claramente dirigida pelo fotógrafo, como o próprio Marcelo havia comentado.

O enquadramento deixa quase metade da imagem neutra, onde aparece o piso de cor lisa. O espaço é aproveitado para a chamada "Com elas, tudo fica beleza" e a legenda "Concurso Mais Bela Gari mobiliza 43 candidatas". Além delas, apenas prédios e árvores são vistos ao fundo, sem destaque. A luz do sol é frontal e intensa, deixando os rostos bem iluminados. Todas vestem a mesma camiseta, na cor preta, com estampa na frente, o que dá unidade ao grupo. As fotos individuais das candidatas a Mais Bela Gari foram publicadas no site no mesmo dia em que circula o exemplar.

Imagem 13 - Capa do Diário Gaúcho de 03/10/2013



Fonte: Capa (2013e, p. 1).

Já na parte inferior da capa está a imagem escolhida pelo editor André na tarde de ontem, de autoria de Lívia Stumpf, que mostra o homem sentado em um buraco no asfalto, com o título “Buraco tamanho GG” e a legenda “Em Alvorada, Leonardo Ribeiro faz protesto contra a buraqueira das ruas”. Tanto a fotografia quanto o texto da capa individualizam um protesto que reuniu dezenas de pessoas.

A fotografia é capturada na altura do rosto dele, possivelmente com o agachamento da fotógrafa. Ele tem os braços abertos, evidenciando a inconformidade em relação à situação, e mostra simplicidade, vestindo camiseta vermelha, calça jeans e calçando chinelos. Uma luz natural intensa incide lateralmente, criando uma sombra no chão; essa mesma luz evidencia, com a sombra, a altura do buraco no qual ele está sentado.

Além dele, a fotografia mostra outras pessoas ao fundo; entre as que ganham mais destaque, duas estão com as mãos na cintura e outra tem os braços cruzados, gestos que também comunicam a indignação frente à situação. Ainda é possível

18 e 59 anos. O texto ainda conta com a palavra do Rei Momo e um boxe com o funcionamento do concurso, os prêmios das vencedoras e a agenda das candidatas.

Ao dar visibilidade ao concurso das garis, o jornal mostra que essas mulheres, que trabalham na limpeza urbana, também podem se destacar por beleza e conhecimento. A publicação de suas fotos no jornal concede ainda mais importância às participantes, além do próprio destaque de ser candidata no concurso.

Imagem 15 - Página 6 do Diário Gaúcho de 03/10/2013



Fonte: Rodrigues (2013b, p. 6).

Na página 6 (Imagem 15, Anexo O), está a matéria do protesto em Alvorada, do repórter Eduardo Rodrigues com fotografias de Lívia Stumpf, com a cartola “Buraco Plus Size!” e o título “Dá até para se deitar”. Outra foto do homem no buraco é publicada, em tamanho menor, com corte mais horizontal, desta vez com ele deitado e fazendo sinal negativo com a mão, com a legenda “‘Cama’ para

Leonardo”. Conforme comentado pelo editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza, a imagem que repete a da capa foi publicada em função do título, considerado bom, mas que precisava ser complementado pela fotografia.

Outra foto, na parte superior, em plano médio normal, mostra um homem agachado ao lado de um fusca azul, do qual só aparece a metade traseira, com a legenda “Fuscão pagou a conta, né Carlos?”. Ele olha com expressão séria, cabisbaixo, para a câmera. Um de seus braços apoia-se no veículo, enquanto o outro está solto sobre as pernas. A luz solar incide intensa no retratado, mas o boné provoca uma sombra parcial em seu rosto. Conforme o texto, ele teve prejuízos no veículo devido aos buracos na pista. Ainda é possível perceber uma rua e uma casa ao fundo. O texto conta com uma terceira fonte, uma vendedora que fala dos congestionamentos nos horários de pico na estrada, em função das más condições, mas ela não aparece em imagem.

Outra fotografia, na parte inferior, em plano geral normal, mostra o grupo que participou do protesto, de crianças a idosos, em uma roda ao redor do buraco batendo palmas, e tem a legenda “Buraqueira mobilizou moradores”. Conforme o texto, eles cantaram “parabéns” para a cratera que completaria 30 dias. Ao fundo, uma construção e árvores.

Uma quarta imagem mostra que o trabalho de recuperação da estrada já iniciou e o texto secundário conta com informações de fontes oficiais da prefeitura de Alvorada. Na página, há ainda a reprodução de mensagens e postagens no *facebook* de leitores sobre as condições das vias.

Ao mesmo tempo em que os sujeitos que protagonizam a matéria são vítimas de uma situação – o descaso com as estradas –, eles se tornam participantes ativos de uma história ao promoverem um protesto em busca de solução. Ao criar um novo fato, o protesto, eles recebem a atenção do jornal, o que legitima a ação, que ocorre em um espaço público e diz respeito a um serviço público, de conservação das estradas.

Na quinta-feira, dia 3, chegamos à redação por volta das 8h45min, já que acompanháramos a saída da repórter Roberta, que estava marcada para 9 horas. Porém, ao olhar a pauta do dia, descobrimos que a entrevista havia passado para 10 horas:

Quadro 5 - Pauta do Diário Gaúcho de 3 de outubro de 2013

PRODUÇÃO DO DIÁRIO GAÚCHO**GERAL****Prontas:**

- Mochilas
- Easy
- Pastor em Viamão
- Duas suítes de carroceiros
- Erva-mate: item que mais subiu em 12 meses, segundo FGV (58%) – e vai subir mais

Roberta

CAMPANHA EDUCAÇÃO – Último case da matéria da educação para esta quinta, às 10h. Será a Marlene, do Movimento Infância Melhor (Mim), do bairro Bom Jesus.

Saída: 10h

Fotógrafo: Lívia

Eduardo

Redige SPNs

E a ERS-118? Faz tempo que não apertamos o assunto duplicação. No pequeno trecho que ando, entre a freeway e a entrada de Gravataí, tem um trecho duplicado há mais de ano e nada de liberar! e as famílias que terão de sair? como está o processo? uma leitora já surge como case: “Inauguraram a nova pista da RS 118 com a presença do governador Tarso no início do mês, mas esqueceram das pessoas que moram nas margens da estrada em Sapucaia do Sul e precisam atravessar para Esteio do outro lado na altura do Km 07, está sem condições, tudo alagado e colocaram terra para dificultar o acesso dos carros e virou um barro escorregadio, temos crianças que vão na escola do outro lado, trabalhadores das empresas aqui nas redondezas, enfim ta muito difícil. E aí o governador não aparece será por quê???? desde já agradeço a oportunidade de reclamar, e admiro muito o trabalho do DG. Espero que alguém providencie um acesso para pedestres”. Clarisse C Dos Santos (51) 8187-5851.

Saída: 9h30min

Fotógrafo: Marcelo

Aline

Confere reunião em função das crianças na Vila Pipoca.

SPN I – Leitor relata que, no ano passado, foram feitas duas reportagens, no SPN, sobre a Praça Parque dos Eucaliptos, em Gravataí. Agora, mudou a administração, mas a situação da praça continua igual.

Nome: Carlos Alberto

Endereço: Rua Manoel Forte, 42 – Parque dos Eucaliptos

Fone: 51-84846870

SPN II – Moradora do Bairro Rubem Berta reclama:

Na Rua dos Maias, em frente ao 2410, tem um bueiro aberto há mais de um ano. Sou deficiente visual, já cai ali e machuquei o pé. Já liguei para os responsáveis, mas não tem jeito.

Nome: Cleonir

Fone: 51-93072907

Saída: 10h45min

Fotógrafo: Mateus

VARIEDADES

Anah

LADY – Nossa pauta desta semana vamos falar sobre os cuidados de saúde e higiene para colocar os pés de fora. Vamos entrevistar uma podóloga e fazer as fotos com modelo no “consultório”. Nossa saída daí amanhã será às 14h, passo aí e a modelo também. Agendei para 14h30 lá na André da Rocha, 318 – quase esquina Lima e Silva, é uma clínica de Podologia chamada Pés em Paz.

Saída: 14h

Fotógrafo: Livia

Fonte: Luciane Bemfica.

Pouco antes de sairmos para acompanhar Roberta, convidamos a repórter a falar sobre a pauta, mas a conversa tomou rumos mais amplos. Antes de iniciarmos, ela pede por telefone um veículo para a saída e diz que quer “*um carro com o logo do jornal*”. Questionamos e ela explica:

“A gente pode ter feito reportagens de Polícia, algum conflito lá. A gente sabe que a Bom Jesus é uma área que está dominada pelos ‘Bala na Cara’, que é uma facção criminosa, que a gente acompanha há tempo. Dizem que as coisas são calmas por lá, mas, enfim, por uma questão de segurança, a gente opta pelo carro com o logo. Ou às vezes se é alguma coisa investigativa, daí o pessoal de Polícia vai com o carro discreto”.

Sobre a pauta da área de educação, Roberta relata:

“A gente está no segundo ano da campanha da educação, que todo o grupo RBS está envolvido, todos os veículos, nesse segundo ano com o retorno dos monstrinhos que foram um sucesso lá em 2003. Agora os monstrinhos estão relacionados a temas da educação. Mensalmente, conforme o calendário que toda a empresa obedece, a gente lança um tema, junto com um monstrinho. Neste final de semana, dia 5, vai ser a entrada do Boi da Cara Preta, e esse Boi da Cara Preta está relacionado ao tema dos professores. Até porque outubro é o mês do professor. A educação é uma das bandeiras bem antigas do Diário, então a gente não muda muito a nossa rotina com a campanha. A gente só acaba se

adequando a um roteiro da empresa toda, que todos vão ter matéria de educação, de professor, no sábado, ou domingo, no caso da Zero Hora. Então, o que a gente pensou, vamos falar sobre professor, mas sem aquela coisa de puxar pelo lado do esforço, pelo lado do 'como eles se dedicam, como se superam', porque a gente sabe que eles superam, isso não é novidade para os nossos leitores, porque a gente já trabalha muito com isso. A gente pensou então em reencontrar personagens que foram destaques nas nossas matérias, que eles tenham um trabalho relacionado com crianças. A gente já conversou com a Tia Lolô, que é de Viamão, é um personagem já antigo, ela tem 20 anos de trabalho comunitário com as crianças num ônibus. A gente pediu para que essas pessoas lembrassem quem foram os seus professores mais importantes, aqueles que deram lições para a vida, não a matemática, o português, a história, que é obrigação dos livros. E que, daqui a pouco, eles relembando disso, a gente conseguiria até encontrar a origem desses trabalhos sociais. Então a Lolô foi um dos casos, ela teve uma professora na terceira série que foi muito carinhosa, que era muito compreensiva, inclusive das necessidades dos alunos, e aí ela hoje é uma educadora social, tem um ônibus, atende 80 crianças lá na Vila Orieta, em Viamão”.

A repórter fala da entrevista que fará em seguida:

“Hoje o que a gente vai fazer lá na Bom Jesus, vamos conversar com a Marlene, que ela é a diretora do Movimento por uma Infância Melhor, MIM. A gente teve contato com a Marlene na oportunidade em que se acompanhou todo um processo para a construção de uma praça da juventude na Bom Jesus. Foi um problema bem difícil, porque era um recurso que vinha do Governo Federal, que a prefeitura acabou perdendo por morosidade na confecção do projeto e tudo o mais. Então foi uma bandeira que se acompanhou, na Polícia e Segurança Pública. E a Marlene é uma liderança, uma pessoa conhecida, e é um trabalho comunitário, ela atende crianças. Não tem nenhuma relação com governo, também já faz um trabalho lá há bastante tempo”.

Outras entrevistas, também para esta pauta, foram realizadas ontem:

“Fomos na Lomba do Pinheiro encontrar o Tio Boneco, que é um senhor que dá aulas de futebol para criançada carente, há 20 anos. Descobri por acaso que está completando 20 anos deste trabalho dele. Ele também lembra da diretora de um colégio interno que ensinou a ser cidadão. E também a irmã Pierina, que é diretora da Pequena Casa da Criança, na Vila Maria da Conceição, que também está envolvida com os pobres, e as crianças são muito afetuosas, gostam muito dela. Foi bem bacana, as fotos renderam bastante porque ela tem um contato muito próximo. Então vai ser quatro histórias que a gente vai contar, de personagens e a sua relação com os professores. Cada um é de um jeito, cada um destacou uma lição importante. Então vai ser isso, uma página especial, que a gente tem um desenho diferente, que ela tem uma unidade, todos os monstros e todas as matérias tem um layout específico da campanha mesmo, com o monstro, e aí meio que abre um período para matérias

relacionadas a professor, que a gente pode fazer junto com as de educação que a gente já acompanha”.

Roberta conta que, assim como Aline, mantém uma agenda de contatos de fontes, para as quais costuma ligar com frequência. Ela diz que tem muitos contatos no Partenon e que sua “*área de cobertura*” é o Morro da Cruz, onde conhece muita gente. Não há uma divisão formal de áreas, mas informalmente, eles têm locais onde conhecem mais pessoas. Sobre sua área, especificamente, ela diz: “*Tenho um carinho pelo pessoal que eu conheci por lá*”.

A repórter fala do contato que tem com essas fontes:

“No momento em que tu passas o teu telefone, as pessoas também te acionam. Nem sempre para falar de pauta, mas às vezes para contar da vida, e aí de uma conversa pode surgir uma pauta. Ou às vezes eles têm problemas corriqueiros, que eles precisam de orientação, aí ligam, tu dá dois telefonemas e resolve, nem sai nada no jornal. É uma relação bem legal. Então eu tenho também no Santa Tereza, na Cruzeiro, pessoas que eu conheço. E eu ligo às vezes, quando eu preciso tirar, digamos, a temperatura, vamos brincar assim, sobre alguma coisa que está acontecendo na cidade, para confirmar alguma coisa, alguma suspeita que tenha lá pela região. Ou quando eu vou em busca de cases geralmente eu pego o carro e saio para aquelas regiões ali. Então muitos personagens eu encontrei no Partenon. Não costumo ligar para pessoas para pedir ajuda para encontrar personagens, porque acho mais legal eu ir atrás. Então vou, bato palma na frente da casa, vejo se as pessoas estão ali, converso, falo o que é minha pauta, esse é meu jeito de encontrar. Mas as minhas fontes, eu ligo muito para saber como anda a vila, como está o bairro, o que está acontecendo por lá. Isso é importante, uma das coisas mais importantes que o repórter da Geral precisa ter, e da Polícia também, é essas fontes informais. Lideranças ou não, às vezes a pessoa nem é líder comunitário, é uma moradora. E outras que no momento de alguma outra pauta eu dou meu telefone e digo ‘qualquer coisa, quando tiver acontecendo, liga para nós’. Dou meu celular pessoal, então já fui acordada de madrugada, no final de semana de folga. É um risco que a gente corre. Porque daí tu acabas estreitando laços, as pessoas sabem que tu estás disponível. Então isso meio que faz parte da rotina do repórter, se colocar à disposição”.

Questionamos Roberta sobre a relação com os fotógrafos que acompanham nas pautas:

“A gente vai conversando bastante sobre a foto, eu às vezes tenho ideias, já vou dizendo ‘quem sabe a gente poderia fazer assim, me ocorreu’. Tento ajudar na produção. Às vezes a gente está pensando já numa foto para a capa, por exemplo, eu digo ‘olha, o lugar é assim, é assado’. Até no Partenon teve um caso, que nas eleições passadas se queria

encontrar uma família que representasse as famílias de eleitores de Porto Alegre. Então eu tinha a missão de encontrar uma família numerosa, e aí me ocorreu, que representasse a cidade, mas também que numa foto tu conseguisses todos esses elementos. Então eu fui pro Morro da Cruz, que tem uma das vistas mais bonitas da cidade, tu consegues ver a cidade inteira lá de cima, e aí eu encontrei a família Souza. Então já bati papo, conversei com eles. Sem fotógrafo, fui sozinha. E quando eu fui com o fotógrafo, já no caminho fui conversando, o que ele ia encontrar. Eu disse 'olha, a família é assim, eles moram todos na mesma rua, eles dizem que aquela é a rua dos Souza, a vista de onde é a casa do patriarca tu vê a cidade inteira, então eles vão estar em casa no final da tarde, quem sabe a gente faz lá'. Eu opino um pouco, mas acho que a gente é equipe. E realmente o resultado foi ótimo, então a gente ganhou a capa e uma central inteira, ajudei também a segurar flash, nessas aí o motorista às vezes acaba ajudando, bota o carro mais perto. É nesse espírito, pra ficar bem bacana. 'Está anoitecendo, então vamos fazer umas à noite com a cidade com as luzes'. Esse é o exemplo de coisas que às vezes acontece. Então eu já tinha algumas ideias e já conhecia bem o lugar, então ajudou, no caso dele, até a pensar equipamentos para levar. E eu gosto de ajudar".

Perguntamos o que Roberta considera importante nas fotografias de fontes populares:

"Me agrada, eu gosto muito da foto, quanto mais espontânea ela for, melhor. Eu não gosto muito da foto posada, mas aí é gosto pessoal. Eu acho que às vezes tu consegues pegar um momento que diga tanto daquela pessoa ou daquela situação. Às vezes o repórter está conversando e aí o fotógrafo já se ligou que aquele momento vale um registro, e às vezes ele é quase imperceptível, isso é muito legal. Tem pautas que pedem que tu organizes um grupo, que pense num cenário. Mas me agrada aquela foto que tu vê que a pessoa não viu que estava sendo fotografada. Não posada".

Sobre as fotografias das pessoas ambientadas, a repórter comenta:

"Eu acho que tem que, na medida em que é possível, mostrar onde ela está. A gente tinha, uma época, no nosso projeto gráfico, muitas fotos clipadas [recortadas]. Eu me lembro, porque também trabalhei na diagramação, que os fotógrafos reclamavam que se tirava as pessoas do seu ambiente. Então às vezes se clipava a pessoa inteira, recortava ela todinha e tirava o fundo. E aí o fundo dizia muito do lugar. Ela está em uma vila, ela está em um bairro, ela está no Centro, ou ela está numa ação, ela está caminhando, está com uma sacola. Então tirava muito isso. Eu acho que com o tempo, a gente tem 13 anos, a gente perdeu um pouco, olhando assim meio por cima, a gente está deixando muito mais o ambiente. Ou esfumava muito, então tirava elementos da foto, que eu acho que também prejudicava. Era do projeto gráfico, mas eu acho que tirava um pouco dos elementos da foto. Até semana passada conversei

com o Mateus, lembrando de uma pauta que a gente fez, corriqueira, de verão, nas piscinas caseiras. Deu um boom, vendendo piscinas, e a gente foi atrás da gurizada tomando banho de piscina. Então eu lembro de uma foto que ele fez, que era assim: uma laje e as crianças tomando banho na piscina. E ele conseguiu fazer a foto em que aparecia as crianças tomando banho, outras jogando bola na rua, não lembro se era de chão batido, e tinha um pouco do bairro, tu via um pouco daquela rua, os fios de luz, então tu consegue contextualizar. É na Zona Sul, é na Cruzeiro, não era só fechada na piscina em si. Ajudou a dizer um pouco daquele ambiente. Então, eu não entendo muito de foto, mas do que eu lembro, acho que contribui. Ficou ótima aquela foto e nunca me esqueci disso porque deixaram do jeito que estava. Porque a piscina mesmo estava em um cantinho e aí tinha a rua, tudo, ficou muito legal. Até eu lembro que eles deram aquela [foto] maior, justo por causa disso, porque tinha outro case que era mais fechado, porque era uma piscina enorme, e era um monte de gente, então se fez mais fechado na piscina mesmo”.

Saímos da redação do Diário Gaúcho por volta das 10 horas, junto à repórter Roberta e à fotógrafa Lívia. Como não nos foi permitido utilizar o veículo da empresa, seguimos o veículo do DG com um carro particular. Chegamos à sede do Movimento por uma Infância Melhor (MIM), onde uma placa sinalizava a entrada da entidade, um corredor entre duas construções. Seguimos com a repórter e a fotógrafa por um caminho estreito, com tábuas no chão, e, ao entrar no MIM, Marlene, a entrevistada, veio ao nosso encontro, saindo de um pequeno escritório.

Fotografia 13 - Repórter Roberta Schuler e fotógrafa Lívia Stumpf dirigem-se à sede do Movimento por uma Infância Melhor (MIM), no bairro Bom Jesus



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Roberta e Lívia a cumprimentam com um abraço e, em seguida, Roberta nos apresenta como pesquisadora que acompanha o trabalho do DG. Enquanto a repórter fala a nosso respeito, Marlene nos olha com seriedade, como se buscasse

em nós – e mais especialmente em nosso olhar – uma confiança com a qual já olhava para as repórteres.

Esse encontro se deu logo na entrada, onde é o refeitório da entidade. Deste espaço, uma porta leva à pequena sala aparentemente de administração, onde uma mulher trabalha em um computador, e outra porta leva à cozinha, onde o almoço está sendo preparado e de onde sai um forte aroma que invade o ambiente.

Roberta convida para uma conversa, que já havia sido agendada, e Marlene diz que podem ficar ali mesmo, já que a entidade não tem muito espaço. Junto à mesa do refeitório, Roberta puxa os bancos para ela e Lívia sentarem, no mesmo lado. Marlene senta do outro lado, de frente para a repórter e a fotógrafa.

A conversa inicia muito tranquila, com Marlene comentando sobre obras que serão feitas no MIM, enquanto a repórter aproveita para colher mais informações do que a pauta, anotando tudo. Roberta entra no assunto da matéria e começa pedindo que Marlene conte sobre sua história e o surgimento da entidade. A entrevista se dá de forma muito livre, já que Marlene começa a contar sobre sua vida, com poucas interferências da repórter, que faz mais perguntas ao final, depois de deixar a entrevistada falar à vontade, espontaneamente. Lívia, sentada ao lado de Roberta, acompanha a entrevista.

O local é simples, mas muito organizado. Nas paredes, há sinalizações coloridas e com desenhos de “Bem-vindos” e “Refeitório”, além de outros desenhos e murais de recados e fotos, um ambiente similar ao de escolas. Após alguns minutos, Lívia levanta e começa a circular pelo espaço, percorre a sala do refeitório, visualizando as portas que dão acesso à administração e à cozinha. Apesar de ter a câmera pendurada pela alça em um dos ombros, ela não faz fotos neste momento.

Do espaço onde estamos, ouve-se batidas de palmas, possivelmente de uma aula de música, e vozes de crianças. Lívia volta ao corredor de entrada e sobe uma escada, de onde vem o som. Há uma sala com a porta aberta e ela aproxima-se devagar e olha para dentro, visualizando uma turma acompanhada de um professor.

Lívia comenta que sempre que possível circula pelo espaço para ver o que há: *“Se alguma coisa funciona visualmente. Já achei interessante essa criançada ali em cima. Pelo jeito, é o espaço que eles têm. O refeitório está bonito, mas não tem crianças”*. Em seguida, Lívia volta a sentar-se ao lado de Roberta e acompanha a entrevista novamente, com a máquina fotográfica sobre a mesa.

Fotografia 14 - Fotógrafa Livia Stumpf acompanha a entrevista de Roberta Schuler e em determinados momentos circula pelo espaço



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Crianças começam a circular pelo espaço, algumas descem e sobem da escada, outras atravessam o refeitório para ir ao bebedor de água, dizem “oi” para nós, pedem “com licença”. A conversa segue normalmente. Marlene fala de sua família, de sua infância, de como surgiu o MIM. Quando entra no assunto principal da pauta, a professora que marcou sua vida, Roberta começa a fazer mais perguntas e comentários sobre a história, incentivando que Marlene fale mais sobre a professora e sua relação com ela. Por exemplo, Marlene fala dos valores ensinados por esta educadora, e Roberta questiona quais são estes valores. A entrevistada, enquanto fala, também olha para a fotógrafa, que faz sinais afirmativos, como quem entende o que ela está falando, mas não interfere na conversa. Já a repórter, além de concordar, comenta sobre o que está sendo dito.

Ao final da conversa, Roberta pergunta à Marlene seu nome completo, idade e função na instituição. Livia pega a câmera, já se preparando para as fotografias. Roberta e Marlene falam sobre as matérias que o Diário Gaúcho já fez no bairro, em uma conversa informal da qual Livia também participa.

Roberta então diz a Marlene que precisam fazer fotos suas. De imediato, Lívia sugere que seja com a turma de crianças que encontrou no segundo andar. Marlene concorda e elas sobem. Na sala, Marlene e Lívia falam com o professor e dizem que farão fotos ali com as crianças. Ele pede para não aparecer e deixa a sala. As crianças estão sentadas em cadeirinhas que formam um círculo.

Lívia analisa o ambiente, vê um mapa do mundo em uma das paredes e pede que as crianças levantem e fiquem em pé, junto a Marlene, em frente ao mapa. Ao lado, diversos tambores estão com a escrita à mão “Mim”. A fotógrafa alcança algumas cadeirinhas e uma menina senta à frente do grupo. Marlene está em pé, atrás, abraçada às crianças, que também se abraçam. Lívia pede que as crianças olhem para a câmera e não façam gestos, e faz as primeiras fotografias, agachada para ficar na altura das crianças.

Depois, pede que as crianças voltem a ocupar as cadeirinhas onde estavam, mas muda algumas de lugar, de forma a deixar um formato “meio círculo” para que nenhuma criança fique de costas para a câmera. Marlene ocupa o lugar central no meio círculo. A fotógrafa agacha novamente e começa a fotografar. Ao fundo, um espelho reflete o mapa que está atrás da fotógrafa, registrado também na fotografia anterior.

Enquanto olha pelo visor da câmera, Lívia orienta algumas crianças a ficar para frente ou para trás, de modo que todas apareçam, nenhuma esconda outra. Explica para as crianças que será ruim se, quando pegarem o jornal, perceberem que alguém ficou escondido pelo colega. Ela pede para uma menina ficar para trás, e a pequena aluna joga a cabeça para trás, com a mão no pescoço, de forma muito espontânea. Lívia anima-se com o gesto: *“Isso, bem assim, fica assim”*. Percebendo que as crianças estão sérias, a fotógrafa ainda pede *“sorriam”*. Lívia vai levantando e fotografando, enquanto os olhares acompanham a câmera para cima.

Lívia pede então que Marlene sente no chão, no meio das crianças, e a educadora acata a sugestão. A menina que minutos atrás fazia um gesto espontâneo que agradou Lívia, de forma espontânea novamente vai para o chão ao lado de Marlene e a abraça. Outras crianças veem o gesto e também sentam no chão com a educadora. Em segundos, a turma toda está no chão junto à Marlene. Lívia anima-se novamente: *“Isso aí, então todo mundo para o chão”*.

Fotografia 15 - Fotógrafa Livia Stumpf registra a entrevistada Marlene junto às crianças



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Livia abaixa-se e começa a fazer fotos da nova posição dos retratados. Depois, fica em pé, pegando um ângulo um pouco mais alto. Em seguida, a fotógrafa sobe em uma cadeira, de forma a fotografá-los de cima. Todos olham para

a câmera. Sem tirar o olho do visor, ele pede novamente que sorrissem. Depois, pede que todos levantem os braços, em sinal de comemoração. Percebendo o gesto pouco natural, pede que gritem como se estivessem comemorando mesmo e as crianças animam-se.

A sessão de fotos dura cerca de 10 minutos. Na saída, Roberta e Livia abraçam Marlene e agradecem pela entrevista. Também agradecemos por poder acompanhar e explicamos que nossas fotos têm o objetivo de documentar a observação da equipe do DG. Elas param na porta para conversar. Marlene explica os motivos de o professor não querer aparecer na foto – que teria relação com sua atuação em outra entidade – e conta que tem autorização de imagem das crianças assinada pelos pais.

Roberta avisa que a matéria vai sair no sábado, deixa seu telefone e pede para que Marlene avise quando sair a obra que estão aguardando na entidade, a fim de noticiar no jornal. Marlene acompanha-nos até a rua e lá fora segue conversando com a repórter e a fotógrafa; no caminho, a educadora diz que todos na comunidade costumam ler o DG e muitos colecionam os selos que dão direito a brindes. Roberta então comenta “o pessoal gosta do Diário aqui”. Marlene imediatamente responde: “E quem não gosta do Diário?”. Na rua, as três ainda conversam por alguns minutos. Deixamos o local por volta das 11 horas.

No retorno à redação, acompanhamos Livia baixando as fotos e conversamos sobre suas percepções da pauta, a começar por como pensou nas fotos que faria da entrevistada na sala onde estavam as crianças:

“Eu dei uma olhada geral na sala para ver o que tinha de elementos que pudessem visualmente ser legais na foto, pudessem render. Um local que desse para posicionar todo mundo, que não ficasse muito apertado, tivesse uma luz bacana. Então eu olhei. Quando a gente entrou, à nossa esquerda tinha uma parede que tinha alguns desenhos, algumas coisas deles, mas tinha uma televisão, um som, um rack com umas coisas ali que não eram para lembrar escola. Então, a primeira coisa, quando entrei na sala, dei aquela olhada geral, aquele canto já eliminei. Aí tinha o espelho, que funciona, a gente tem que só acertar o posicionamento, mas que é uma jogada legal. A rotina das crianças é bacana, tem aquela coisa bem de turma, e como eles eram pequeninhos, então fica bacana com as cadeirinhas, sentadinhos. E vi também aquele mapa, tinha um mapa grande, do mundo, e os tambores, então pensei ‘vou fazer uma foto ali’, aquela mais tradicional, da professora, com o grupo de alunos em volta dela, uma coisa que lembra sala de aula, educação, ensino. Então comecei por ali. Aí, depois, vamos voltar para as cadeirinhas, fazer essa

ideia de que eles estão sentadinhos ali, ela está junto com eles. Tem o lance do espelho, então o espelho puxa aquele mapa de volta para a foto, que não apareceria mas com o espelho recupera. Fiz mais umas fotos dela sentada aí, com a rodinha mais aberta para todos aparecerem. ‘Vai pra trás, vem pra frente, aparece, pra não esconder as cabecinhas, todo mundo rindo, não faz gestinho’. A gente implica um pouco com isso às vezes”.

Lívia fala o porquê de fazer a foto tradicional antes:

“Tenho a tendência de ir nessa abordagem mais foto clássica, a mais segura. Tu começa, às vezes as pessoas têm vergonha, elas não estão descontraídas, não gostam de tirar foto, tem gente que não é muito da foto. E tem as crianças, criança é sempre complicado de lidar, aquelas estavam muito bem, foram ótimas. Às vezes as crianças são agitadas, não param quietas, empurram, vem e vão, e fazem gestinho. Até para quebrar um pouco o gelo no início, de chegar e fazer fotos, as crianças ficam meio assustadas, para começar, e para fazer eles entrarem na foto também. E tu fazes uma, dá aquela quebrada de clima, ‘puxa, tem a moça, não sei quem ela é, ela está cheia de coisas penduradas, tem uma baita de uma câmera’. Faz aquela ali, então vamos voltar para a posição em que estavam sentadinhos. Correram todos ali, se sentaram de volta, e faz mais umas fotos. Eu sempre tento animar, eles estavam bem quietinhos então tinha que dar uma animadinha neles. Então vamos lá, vai para trás para aparecer na foto, não ficar escondido pelo coleguinha, tenta dar uma brincadinha. Os repórteres também às vezes nos ajudam, conversam, põem uma pilha. Essa abordagem mais segura e tradicional é para até a própria Marlene também ir descontraindo. Não posso chegar de primeira e pedir ‘vamos todo mundo para o chão?’. Sempre deixo essas ideias mais experimentais para o final, que a pessoa já se acostumou, já está começando a se descontrair, já está entrando na foto, está interagindo com ela, está criando uma relação, a pessoa começa a relaxar, a brincar, a rir, e aí tu vais trabalhando. Normalmente as últimas fotos funcionam sempre melhor do que a primeira. Eu vou botar [no Nica] aquela primeira por uma questão de ter uma opção, de ter uma variedade, não sei se vai para a capa, para dentro, se vai usar mais de uma dentro, para ter outra opção. Tem uma coisa mais séria, pode ser que ela no chão seja muito descontraído”.

Comentamos com Lívia sobre o momento em que dirigia as crianças com a preocupação de que todas aparecessem:

“Naquela situação ali ainda foi mais fácil porque não tinham tantas crianças, tinha umas 10, 12, eu acho. Então tu consegues dirigir elas melhor. Como tinham poucas crianças, é mais fácil de conseguir coordenar, um vem para frente, outro vai para trás, bota a cadeira aqui, olha para lá. Ontem, por exemplo, a gente fez as fotos, eram turmas maiores, às vezes fica mais difícil de conseguir coordenar, e eram

crianças mais agitadas também. Então fica difícil, tinha sol, as crianças estavam no sol, já começam a fechar o olho, botar a mão na cara”.

Questionamos por que é importante, na visão dela, que todos os retratados apareçam:

“É uma coisa que me desagrada na foto, eu olhar uma foto e ter um grupo daqueles, que era pequeno, que dá para ti fazeres aparecer todo mundo. Às vezes, como na história das garis, tu não tens como botar todo mundo aparecendo com a mesma força, mas tentar arrumar elas de um modo que tu vejas todas, não tão claramente algumas, mas que tu consigas ver. Então, se tiver uma atrás de outra, não fica legal. Cria uma expectativa, a pessoa pode ficar chateada, se procurar. Eles vão pegar o jornal sábado, a Marlene vai mostrar para a turminha, e aí vai ter a menininha que ficou escondidinha atrás. Então eu tento sempre que possível botar todo mundo legal na foto, aparecendo na câmera, dá essa orientadinha. ‘Vem um pouquinho mais para cá, tu pra lá’. Ontem estava direto assim, com o pessoal do futebol”.

Comentamos com Livia sobre o momento em que ela dirigia as crianças e ao pedir para uma menina ficar para trás, surgiu um gesto espontâneo da criança, que ela aproveitou para registrar:

“Às vezes dá sorte. Tem pessoas que se portam melhor, têm um posicionamento mais interessante para a foto, elas se descontraem, usam o espaço de uma maneira melhor, que tu não precisas lidar muito com essa questão. Tem pessoas mais dispostas. A menininha foi uma questão de sorte, ela se jogou, ficou bonitinha, puxa, fica legal na foto. Exatamente por isso, porque está espontâneo, tu vêes que é algo espontâneo, não estão as crianças durinhas como na primeira foto, tipo ‘a tia pediu para a gente ficar aqui’. ‘Marlene senta no chão’ e ela [menina] se joga no chão junto, ‘então vamos todo mundo para o chão’. Foi espontâneo. Tu vais quebrando esse gelo inicial que tem. À medida que eles vão sentindo que está descontraído, que o clima está bacana, eles vão se soltando mais. Como crianças, são superespontâneos normalmente. ‘Todo mundo com os braços para cima’, ‘pessoal, vamos gritar’. Aí eles gritam, curtem”.

Perguntamos qual a leitura que ela faz da fotografia feita de cima, em plano picado, no momento em que subiu em uma cadeira:

“Eu gosto muito de, sempre que possível, dar uma mudada no ângulo da foto. Se tu fazes de baixo para cima ou de cima para baixo, ela funciona melhor, fica uma dinâmica melhor. A foto fica mais interessante, as pessoas se interessam mais em olhar, porque é algo diferente. Uma perspectiva diferente. Que não seja o comum, daquela foto batida de frente”.

Após olhar todas as fotos no computador, Livia comenta sobre as primeiras fotos: “*Estão mais certinhos*”. Depois, vai passando para outras imagens: “*Está todo mundo aparecendo relativamente bem, se vê os rostinhos de todos. Aqui, já tapou ali. Vou botar uma opção vertical, não acho que funcione tão bem assim*”. Para salvar no Nica, Livia separou fotografias nas opções vertical e horizontal, clássica e descontraída.

À tarde, por volta das 14h30min, os editores se reúnem. O encontro, porém, dura mais tempo em virtude de que, além de tratar das pautas, há a escolha de fotografias/matérias/artes produzidas pelo jornal para participação em concurso interno da RBS.

Por volta das 15h10min, Marcelo retorna da pauta do *Seu problema é nosso!*, para onde foi sozinho e fez as imagens da mulher que denunciou a situação, de um documento enviado pela prefeitura e do valão em questão. Ele comentou que a mulher não queria sair na foto, mas como era importante, em função de ela estar denunciando o documento recebido pela prefeitura, ele conversou e convenceu-a. O diálogo, segundo ele, foi complicado, uma vez que a mulher demonstrava alguma confusão mental, dizendo que tinha duas idades.

Às 15h15min, Livia retorna das fotografias para a matéria de Variedades, que não envolveu fontes populares. Minutos depois, Mateus retorna com Aline de duas pautas. Ele conta que a primeira era para ser um *Seu problema é nosso!*, mas acabou sendo um *O Diário não esquece*: quando chegaram ao local onde uma fonte reclamava de um buraco, ela reconheceu o fotógrafo e disse que o DG já havia feito matéria sobre o problema em julho.

Depois, Mateus e Aline estiveram na Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Serraria, já que um impasse entre a prefeitura de Porto Alegre e o Governo do Estado provoca um atraso na ampliação da capacidade da estação. Para buscar um personagem para a matéria, a dupla de reportagem foi até uma residência, na Vila dos Sargentos, na beira do Guaíba, em que a moradora, em área irregular, despeja o esgoto no Lago e convive com o mau cheiro da falta de infraestrutura. Mateus fotografou o esgoto e também o cenário com a mulher entrevistada. A estação também foi fotografada de diversos ângulos, inclusive mais amplos para dar uma visão geral do espaço.

Ao voltar da reunião de editores, André diz que, até o momento, o que está definido para a capa do dia seguinte, sexta-feira, é: a foto principal do jogo do

Internacional que ocorre à noite e as demais chamadas sobre o preço da erva mate, os carroceiros (suíte, case sobre os analfabetos), e o SPN feito por Marcelo, sobre o valão. Ainda, segundo ele, a matéria feita por Mateus, sobre a estação de tratamento de esgoto, tem possibilidade de ir para a capa.

Mateus conta sobre a suíte dos carroceiros, que trata dos analfabetos. Mostra fotos do sujeito com a carteira de analfabeto. O fotógrafo foi até a casa do homem, onde fez fotos ambientadas e observa: “*E a casa bem arrumadinha*”.

Combinamos com Roberta o acompanhamento de uma pauta na sexta-feira, que será feita no Centro da cidade, o que facilita o nosso deslocamento de táxi. Ela e um fotógrafo – que ainda não está definido – acompanharão a visita, proposta pelo próprio jornal, de trabalhadores da Bienal às obras de arte. Nosso encontro fica marcado para as 10 horas, em frente ao Memorial do Rio Grande do Sul.

5.2.6 Sexta-feira, 4 de outubro de 2013

A capa de sexta-feira (Imagem 16, Anexo P), dia 4 de outubro, segue a programação do final da tarde do dia anterior, com pequenas alterações. A chamada do jogo do Internacional, que seria principal, passou a ser secundária e a manchete central anuncia “Chimarrão está pelando o bolso”, sob a cartola “Estressa fra inflaciona preço do mate”. A fotografia, de Luiz Armando Vaz, mostra um braço que segura um recipiente usado na venda a granel, que vira a erva mate de volta ao espaço onde é armazenada. O braço tem um recorte superior parcial, o que dá movimento à ação e se torna um ponto de entrada do olhar na imagem. É possível ver a oferta de diversos tipos de erva, dispostas lado a lado, com placas de identificação e valores. Ao fundo, podem ser notadas outras pessoas e produtos à venda.

Na capa, há uma fotografia de fonte popular, de autoria de Marcelo Oliveira, que mostra uma mulher que reclama para a seção *Seu problema é nosso!*, que trata de um documento recebido pela prefeitura. Ela aparece em primeiro plano, à direita no enquadramento, olhando para a câmera com seriedade e mostrando um papel. Logo atrás dela, está um valão e, mais ao fundo, é possível perceber ruas de chão batido e pequenas casas. A metade superior da foto enquadra o céu, em tom branco, e, pela neutralidade, ganha o título e a legenda sobrepostos, nas cores amarelo e preto, respectivamente: “Sai lixo do valão e fica na frente das casas”,

“Sem local para realizar descarte, Dep enviou pedido a Maria Vicente, moradora do Bairro Hípica”.

Imagem 16 - Capa do Diário Gaúcho de 04/10/2013



Fonte: Capa (2013f, p. 1).

Internamente, na página 4 (Imagem 17, Anexo Q), a matéria de Aline Custódio, com imagens de Luiz Armando Vaz, sob a cartola “Ainda mais amargo” e o título “Um mate intragável”, traz a fotografia principal de uma mulher, em frente às gôndolas de supermercado, onde estão diversos pacotes de erva mate. Ela segura um pacote na mão e está concentrada em analisar alguma informação da embalagem. A legenda informa: “‘Uma vergonha’, diz Francielen, sobre o alto preço”. Ela aparece ao lado direito da imagem, voltada para a esquerda, onde estão em evidência os pacotes nas prateleiras; estas formam linhas que conduzem o olhar até a mulher. O rosto aparece de perfil, com o cabelo solto e puxado para o lado contrário, que o deixa à mostra para a câmera. Ela usa roupa na cor cinza e as embalagens em verde, amarelo e azul destacam os pacotes de erva mate. Também sobre a foto, há uma tabela com pesquisa de preços.

No canto inferior esquerdo da página, outra fonte popular é mostrada em fotografia, menor, com a legenda “Miguel mudou hábito”. A imagem dele também é capturada lateralmente e nela ganha destaque, além do rosto, a mão, que está alta,

com o movimento congelado, possivelmente de um gesto feito no momento em que comentava sobre o preço. A matéria, que ainda traz comparativos com valores de outros produtos, conta com duas fontes oficiais que explicam a alta do preço, mas elas não aparecem em imagens.

Imagem 17 - Página 4 do Diário Gaúcho de 04/10/2013

AINDA MAIS AMARGO

Preços da erva (kg)
 No supermercado pesquisado: **✓ Extremos: de R\$ 7,84 a R\$ 12**
✓ Média de seis marcas: R\$ 10,30
 Mercado Público: **✓ A granel: média de R\$ 10,50**
✓ A vácuo: média de R\$ 16,20

Um mate intragável

Recuo no plantio e estufa-fria fazem da erva-mate o produto mais inflacionado de Porto Alegre. Temor é de que o preço possa chegar a R\$ 20 em dezembro.

ALINE COSTA

Uma safra de 200 toneladas de erva-mate foi produzida em Porto Alegre, com uma safra recuada de 12 meses, em função da seca e da estufa-fria. O preço da erva-mate chegou a R\$ 20 em dezembro, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Erva-Mate (Abpema). A safra recuada de 12 meses, em função da seca e da estufa-fria, fez com que o preço da erva-mate chegasse a R\$ 20 em dezembro, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Erva-Mate (Abpema). A safra recuada de 12 meses, em função da seca e da estufa-fria, fez com que o preço da erva-mate chegasse a R\$ 20 em dezembro, segundo a Associação Brasileira de Produtores de Erva-Mate (Abpema).

TEU GPS NO BUSÃO

Apertivo mais caro que o churrasco!

Levantamento do FGV

Índice	12 meses	anterior
Dólar	+58,22%	+4,98%
Selic	+17,88%	-2,18%
Consumo	+10,63%	-2,68%
Receita	+8,57%	-0,98%
Emprego	+12,38%	-0,27%
Índice	-3,21%	+1,32%
Ómega	-6,75%	+0,38%

AINDA MAIS AMARGO

Preços da erva (kg)
 No supermercado pesquisado: **✓ Extremos: de R\$ 7,84 a R\$ 12**
✓ Média de seis marcas: R\$ 10,30
 Mercado Público: **✓ A granel: média de R\$ 10,50**
✓ A vácuo: média de R\$ 16,20

Miguel mudou hábito

COMO FUNCIONA

1. Agre o tabaco.
 2. Agre o café.
 3. Agre o leite.
 4. Agre o pão.

Fonte: Custódio (2013c, p. 4).

Já na página 38 (Imagem 18, Anexo R) está a matéria do *Seu problema é nosso!*, intitulada “Acham que a gente é porco?”, de Eduardo Rodrigues com fotos de Marcelo Oliveira. A fotografia traz a legenda “Assim fica difícil ser caprichoso”.

Na capa, a legenda da fotografia onde aparece a fonte popular desta matéria refere-se ao fato como se ele tivesse ocorrido apenas com uma pessoa. É na página interna que descobre-se que diversos moradores da rua receberam o ofício da prefeitura, que pedia autorização para, após limpar o valão, deixar a sujeira ao lado. Porém, nem todos se indignaram com a situação, sendo que outros acataram o pedido. Internamente, a fotografia contempla apenas o valão, com as ruas e casas em volta dele, sem a fonte popular.

Imagem 18 - Página 38 do Diário Gaúcho de 04/10/2013



Fonte: Rodrigues (2013a, p. 38).

Encontramos a repórter Roberta e o fotógrafo Mateus às 10 horas em frente ao Memorial. Entramos e nos dirigimos à sala de imprensa, onde as assessoras de comunicação da Bienal já aguardavam pela equipe do DG. Apresentamo-nos e crachás com nossos nomes e a identificação “RBS” são confeccionados na hora.

A assessora já selecionou quatro pessoas que prestam trabalho à Bienal, que são chamadas à sala de imprensa. Primeiro, chegam dois segurancas, Douglas e Alessandra. A assessora de imprensa diz que achou “muito legal” a ideia da pauta.

Roberta anota os nomes completos e idades, e começa a conversar. Na sala da assessoria de imprensa, com todos em pé, inicia a entrevista. Os entrevistados contam sobre suas relações com a Bienal. Eles falam sobre o contato que estão tendo com as obras de arte, e sobre o que pensam de seus significados. Falantes, Douglas e Alessandra são muito espontâneos nas respostas, falam abertamente, sem timidez, riem do que consideram engraçado. Falam do contato que estão tendo com o público do evento.

Nas suas falas, fica explícito o contexto humilde de onde eles vêm. Enquanto Roberta conversa e anota as informações, Mateus, ao seu lado, acompanha as entrevistas. Roberta, então, explica a proposta do jornal, de que eles visitem as obras acompanhados de um mediador, e Alessandra é a mais animada com a ideia.

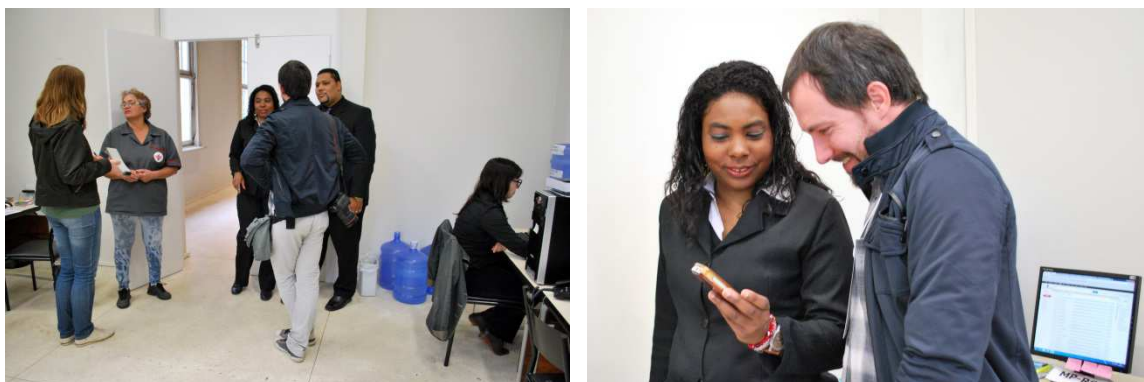
A repórter diz que eles podem fazer comentários à vontade durante o passeio pela Bienal.

Explicamos que estamos acompanhando a equipe do DG e que as fotografias são para uma pesquisa, enquanto Mateus esclarece que as dele são para o jornal. Ao saber que seria fotografada, Alessandra diz que precisa arrumar os cabelos, que estavam presos. Sai da sala e volta em seguida com os cabelos soltos.

Uma mulher que trabalha na limpeza, Sônia, chega. Enquanto Roberta conversa com ela, ainda na sala da assessoria de imprensa, Mateus conversa com Douglas e Alessandra, que, além de colegas, são amigos. Eles falam sobre assuntos diversos. Contam sobre a circulação de pessoas pela Bienal. Alessandra fala da “mania de olhar com as mãos” que faz as pessoas tocarem nos objetos, o que não é permitido. Douglas diz que prefere a visita das crianças.

Alessandra conta que tem uma filha que quer ser jornalista, pega o celular e mostra uma foto da menina para Roberta e Mateus, e para nós. Douglas imediatamente diz que também quer mostrar seus filhos e nos alcança o celular, onde uma imagem mostra dois meninos. A repórter e os entrevistados conversam, contam fatos e riem. Roberta ouve suas histórias, mesmo sem anotar.

Fotografia 16 - Repórter Roberta Schuler entrevista trabalhadores da Bienal na sala da Assessoria de Imprensa, junto ao fotógrafo Mateus Bruxel



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Chega mais uma mulher que atua na limpeza para participar da matéria, Janaína. Roberta começa a conversar com ela enquanto os demais acompanham. A mediadora que irá acompanhar o grupo pela Bienal, Júlia, estranha a presença dos seguranças e das mulheres da limpeza. Roberta explica a ela a proposta e o grupo inicia a visita.

A mediadora conduz o grupo de entrevistados pelas obras, enquanto Roberta e Mateus acompanham. Eles param na primeira obra, na entrada do Memorial, chamada “Viajante engolido pelo espaço”. Se trata de um tapete de ferrugem que sofre as interferências do clima e de insetos que caminham sobre ele.

Fotografia 17 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra visita de trabalhadores da Bienal às obras



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Roberta anota as informações sobre a obra, comentadas pela mediadora, e observa as reações e comentários dos entrevistados. Mateus circula em torno do grupo, observa o cenário e a luz para fotografar. Volta a se aproximar para ouvir a conversa e em seguida se distancia, começa a fotografar. O fotógrafo percebe uma

espontaneidade na expressão de Alessandra e quando direciona a câmera para registrar o momento espontâneo, ela percebe e desfaz a expressão, sorri envergonhada, intimidada pela câmera.

No meio da conversa, Alessandra abraça a mediadora, e ele tenta registrar o momento. Ele continua fotografando e dirige o grupo, que já estava reunido em frente à obra, para que fique em um meio círculo, de modo que todos apareçam, e a obra também. A visita à instalação aproxima-se do fim, mas o grupo permanece ali mais alguns instantes enquanto ele fotografa. Enquanto isso, eles continuam a conversa.

Roberta pede que cada entrevistado diga para a mediadora qual sua obra favorita. Alessandra imediatamente começa a falar de uma obra em que todos colocam o dedo e acabam deixando uma marca; são duas teclas de piano sobre uma espuma, já marcada pelas intervenções dos visitantes. O grupo vai até esta obra. Mateus registra cada passo deles.

Com os entrevistados em frente à obra preferida de Alessandra, Mateus percebe dois deles que estão de frente conversando e coloca-se na direção deles, de modo que na fotografia cada um fique de um lado do retângulo com a obra no meio, ao fundo. Ao perceber a aproximação da câmera, eles riem, intimidados, e Mateus diz para que continuem conversando, da forma como estavam. Eles atendem o pedido, mas suas expressões já não são tão espontâneas. Roberta anota todas as informações. Mateus, por alguns instantes, distancia-se e começa a conversar com Douglas, que conta sobre a rotina de seu trabalho.

Em seguida o grupo vai para uma obra chamada “O que você está fazendo aqui?”, mas que eles apelidaram de “Vila Dique”. Ela é formada por árvores onde são pendurados uniformes de trabalhadores de uma fábrica. O grupo fica no meio destes elementos e Mateus fotografa de diversos ângulos a interação: no meio dos galhos das árvores e nos ângulos normal e contrapicado. Douglas, ao ouvir a história da criação da obra, relacionou com sua rotina de trabalho, conforme ele mesmo explicou, e emocionou-se, enxugando lágrimas dos olhos.

O fotógrafo, em determinado momento, enquanto a mediadora explica, pede para que o grupo dê alguns passos para frente, ainda em meio às árvores. Percebe que uma das mulheres está escondida e diz em que posição deve ficar para aparecer na foto: “*A Janaína está se escondendo de novo*”, descontrai. Mateus diz para onde devem olhar. Ao mesmo tempo em que o grupo acata a sugestão,

naturalmente segue com outros gestos espontâneos, como o ato de apontar o dedo. O fotógrafo aproveita esses momentos. Por diversas vezes, pede que a repórter se afaste para não sair na foto com as fontes.

Fotografia 18 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra reações espontâneas, mas também dirige o grupo



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Mateus conversa com Roberta e sugere fazer, além das fotos de grupo, fotos individuais de cada entrevistado com sua obra preferida. Ela concorda. Enquanto o grupo segue, Mateus coloca Douglas na obra da “Vila Dique”, para fotografá-lo em sua obra favorita. Um grupo de visitantes se aproxima e o fotógrafo resolve esperar

que o grupo saia do espaço da obra para fotografar Douglas, o que dará mais destaque para ele e a obra.

Enquanto isso, Mateus aproveita para registrar Alessandra junto a sua obra preferida, o quadro de espuma. Ela posa em posição reta, com as mãos à frente do corpo, ao lado da obra. Percebendo que Mateus fotografa insistentemente, começa a brincar. Sorrindo, faz sinal de “não” com o dedo indicador, referindo-se que não é permitido colocar o dedo na espuma, como muitos visitantes fazem.

Os visitantes deixam a obra da “Vila Dique” e Mateus volta ao espaço para fotografar Douglas. Como o segurança é alto, Mateus pede que ele fique agachado e olhe para cima e para frente, com olhar sério, recompondo, de certa forma, a emoção que momentos antes tomou conta do segurança. Depois de fotografar, Mateus mostra as fotos para Douglas na câmera.

Fotografia 19 - Fotógrafo Mateus Bruxel registra entrevistados com suas obras favoritas



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Na sequência, o grupo segue até a primeira obra visitada, onde Mateus faz fotografias de Sônia. Ele pede para ela sorrir e começa a fotografar, enquadrando ela em primeiro plano e a obra ao fundo. Ela sorri e comenta: “*Sou muito feliz*

mesmo". Ele dirige a entrevistada e pede para que ela abaixe, mas ela diz não poder por causa do joelho. Então ele diz "*pode ficar olhando sua obra preferida*" e continua fotografando, na ponta do pé, para tentar um ângulo um pouco superior. Depois de vários registros, ele comenta: "*Vou fazer só uma última. E o sorriso, cadê?*". Ela se anima. Ao final, ele agradece. O grupo se dá conta de que Janáina não está mais ali e alguém informa que seu chefe ligou e ela precisou ir.

São 11h30min, horário em que eles param o trabalho para almoçar, mas a pauta ainda inclui uma visita ao Museu de Arte do Rio Grande do Sul, onde eles ainda não conhecem as obras expostas. O grupo tenta negociar outro horário de almoço, mas não é possível, porque em seguida eles precisam voltar ao trabalho.

Roberta diz que "*está por eles*", porque gostaria de continuar a matéria, mas entende que o horário é de folga e eles perderiam o tempo de almoço. Animados com a ideia de poder visitar mais obras, Douglas, Alessandra e Sônia decidem seguir com a repórter e o fotógrafo para o Museu, com o compromisso de retornar às 12h15min. Os colegas da segurança veem eles com os jornalistas e brincam que "*vão ficar famosos*".

No Museu, Roberta explica novamente a pauta aos mediadores. Um deles acompanha o grupo. Ao entrar, a primeira obra que avistam é a "Caverna de Morcego", uma obra de grande tamanho, feita de papelão. Os três entram nos espaços da obra e olham para cima encantados, chegando a ficar boquiabertos. Mateus aproveita o momento.

Na obra "Balé Magnético", Alessandra coloca suas mãos próximas à esfera suspensa, que sofre interferências magnéticas, e incentiva Douglas e Sônia a se aproximarem. O fotógrafo registra a interação espontânea deles. Em seguida, uma funcionária que vê a cena diz que não é bom que utilizem a foto em que a mão deles está muito próxima à bola, o que poderia incentivar os visitantes a tocar na peça. Mateus acata a orientação e confirma que não utilizará. O grupo ainda visita as obras do Santander Cultural.

Durante a visita às obras que eram novidades para o grupo, já que todos trabalham no prédio do Memorial, em diversos momentos os entrevistados expressam curiosidade e até espanto. Mateus procura registrar justamente esses episódios, em que arregalam os olhos, apontam, interagem. Para isso, ele fica a postos, com a câmera no olho, só à espera do momento certo.

O fotógrafo, a esta altura da pauta, já não dirige os olhares e as expressões. No máximo, pede para que “*cheguem pertinho*”, a fim de conseguir reunir todos na mesma imagem. As fontes, nesse momento, já aproveitam a visita como se a repórter e o fotógrafo nem estivessem ali. Ao final, eles saem juntos e Roberta aproveita o momento de encantamento após a visita para perguntar o que eles diriam a quem ainda não visitou a Bienal, a fim de inserir na matéria e incentivar a visita dos leitores. Após duas horas juntos, é visível a intimidade que as fontes criam com a repórter e o fotógrafo. Inclusive, no caminho entre os prédios, acompanhamos parte de uma conversa entre Sônia e Mateus, em que ela falava da estrutura do prédio onde reside.

Fotografia 20 - Ao longo da reportagem, fontes ficam espontâneas e fotógrafo Mateus Bruxel busca registrar esses momentos



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Às 13h40min, na redação, Mateus começa a baixar e editar as fotos. Enquanto isso, comenta que “*o legal*” da pauta foi que no início o grupo não estava acostumado à presença da câmera, e ele precisava pedir que se posicionassem. Mas depois, ao longo da matéria, os entrevistados se soltaram e tudo que ele

precisava fazer era *“se posicionar e esperar o momento de registrar um olhar, um gesto”*.

O fotógrafo conta para André o que rendeu da pauta. Relata que a mediadora, em determinado momento, esqueceu a nacionalidade da artista responsável por uma obra, e Alessandra sabia dizer; que Douglas chorou, se emocionou com a “Vila Dique”. A pauta rendeu 389 fotografias, e a seleção ficou em 37.

Mateus analisa uma das fotos do grupo e comenta que Douglas está distraído, o que não ficaria bom. Mas *“a expressão dela [Alessandra] está muito legal, e ela está empolgada”*, diz ele sobre uma imagem em que Alessandra aponta para cima com um olhar curioso. Ao ver que a pauta rendeu muitas fotos, André sugere colocar no blog de fotografia do jornal, o Diário da Foto. Na edição das fotos, Mateus faz pequenas alterações nos enquadramentos, tirando alguns cantos das imagens.

O fotógrafo seleciona a imagem em que Alessandra, com sua obra favorita, sinaliza a proibição de colocar o dedo: *“Não gosto da pessoa posada, fazendo gesto. Mas nesse sentido é uma brincadeira, é válido, foi espontâneo. É ela que protege a obra, as pessoas colocam o dedo”*. De Douglas, ele seleciona a imagem em que o segurança está agachado. *“É a mais expressiva, aqui o olhar dele diz mais do que na outra”*. De Sônia junto ao tapete de ferrugem, ele descarta a imagem em que ela fecha os olhos ao sorrir: *“Difícilmente seria usada”*.

No geral, as imagens obtidas por Mateus destacam as pessoas e os espaços, as expressões e reações diante das obras de arte. Ele diz que procura ambientar as situações. Nesse caso, os uniformes que eles usam também falam das suas funções de segurança e limpeza.

Sobre o momento em que se distanciou do grupo para subir em uma escada e registrar a visita de um ângulo superior, o fotógrafo diz: *“Talvez perdi as expressões do rosto deles, mas precisava também fazer essas opções”*. Em outras imagens, ele registra Alessandra e Douglas fotografando as obras com celular, mostrando, dessa forma, a interação deles com a arte, que era um dos objetivos da pauta.

Convidamos Roberta a comentar as pautas que acompanhamos, de hoje e de ontem. A conversa se deu em um sofá reservado, junto ao café do quarto andar do prédio. Iniciamos pela pauta de hoje, da Bienal, pelo fato de os entrevistados terem sido selecionados pela assessoria de imprensa:

“Desta vez, diferente de outras, a gente pensou em uma autorização, para fotografar, explicar nossa pauta. Em outros lugares, que são abertos, a gente tem essa liberdade de chegar e escolher [as fontes]. Então nesse caso eu preferi entrar em contato com eles e explicar qual era a pauta, até para ver se tinha condições, porque dependia de um funcionário que prestava serviços para a Bienal. Então eu poderia escolher, a pessoa poderia topa, mas a gente poderia de alguma maneira prejudicá-la no trabalho. E a nossa intenção era pegar a pessoa no seu horário de folga, num turno que ela não estivesse trabalhando. Mas em função do turno deles acabou sendo no meio do trabalho. O intervalo deles era só pro almoço, tanto é que uma das meninas da limpeza teve que sair, porque o chefe chamou. Começamos com ela, e acabamos sem ela no grupo. Foi por uma questão prática e eu fiquei torcendo que fossem bons cases, que fossem pessoas disponíveis. Num contato prévio com a assessoria, ela já mais ou menos me deu o perfil das pessoas, ela me disse que tinha gente que já tinha opiniões sobre as obras, que estavam já dispostas a falar, que eram bem receptivas. Então fiquei tranquila, e aí era mais de conduzir a pauta. Mas, no fim, eles que conduziram, eu quase não fiz interferências. Isso às vezes acontece, de o case, o personagem, encaminhar a pauta. Tu vais no ritmo dele, ele acaba te abastecendo, tu acabas nem precisando fazer perguntas. Foi mais ou menos o que aconteceu com eles”.

Pedimos para que Roberta comentasse o que esta pauta significa para o Diário Gaúcho e para os leitores:

“Hoje mesmo eu tive duas respostas para esse tipo de matéria que a gente faz. Uma delas foi da própria assessoria de imprensa, que achou genial, disseram que foi a pauta mais interessante que se fez ali nos últimos tempos, o que para nós do Diário é comum, a gente costuma fazer isso. Eu mesma já levei uma senhora que estava sendo alfabetizada, de 70 e poucos anos, na Feira do Livro. Então a gente costuma fazer isso. E para o leitor, o ganho é que assim, qualquer pessoa pode ir. É gratuito. A própria Alessandra, que era uma das personagens, disse ‘eu nunca ouvi falar da Bienal’. Ela ficou sabendo da Bienal quando ela conseguiu um trabalho de segurança num dos museus, então a gente vê que ainda tem muita gente que não sabe, que não conhece. Então, levando o leitor, mostrando que é gente como a gente, é um ambiente que não exclui ninguém, que tu não precisas saber tudo e que qualquer interpretação é válida. É incentivar as pessoas. É um lugar aberto, todo mundo pode ir e deve ir, porque tem coisas muito legais. E também chamar a atenção, a curiosidade das pessoas. Mas muito mais para dizer ‘qualquer pessoa pode entrar’. Olha como as pessoas estão vestidas. Para elas se identificarem e daqui a pouco até incentivar elas a irem”.

Sobre o uso do uniforme, a repórter comenta:

“Minha dúvida era essa, se elas estariam ou não [de uniforme]. Para foto, eu acho que funciona, porque daí tu identificas bem a função delas ali.

Mas isso no fim acabou, naturalmente, se resolvendo, não era uma coisa que eu pedi, que eles estivessem de uniforme. Porque eles estavam mesmo trabalhando. Eu tento interferir o mínimo possível. Até comentei com o Mateus, que eu me sinto assim. Nessas pautas é muito difícil, porque eu quero, ao mesmo tempo estar muito perto das pessoas, para pegar as reações e ouvir o que elas estão dizendo naturalmente, mas eu também tenho que sair porque eu vou interferir na foto. Sentia, 'agora estou perdendo alguma coisa'. Daqui a pouco eu ia lá, paciência com a foto, eu preciso da informação, eu preciso saber das reações deles. A gente também tem que saber dosar isso um pouco. Aí me meti no meio das fotos, porque se deixar, também, o Mateus faz foto de tudo. E eu precisava também ver com eles, não podia só pegar depois. Então algumas coisas eu consegui assim, mas é difícil”.

Perguntamos a Roberta que fotos ela imagina para serem publicadas junto ao texto que escreve:

“A gente vinha, voltando, conversando sobre isso, assim, que as obras realmente são importantes, a gente tem que contextualizar, mostrar que eles estão no museu, que as obras chamam a atenção. Eu até pedi lá pelas tantas, como nosso horário estava reduzido, que a gente fosse nas obras mais populares, as que mais chamam a atenção, para também ter esse apelo. Mas ao mesmo tempo a gente quer, e ele [Mateus] fez isso também, vou batalhar na edição para que seja, as reações das pessoas. Se a gente conseguir isso tudo numa foto é ótimo, eu já vi que tem algumas em que a gente conseguiu isso, que tem a obra, tu vê onde que é, tu vê o mediador, e tu vê a reação deles. Boquiabertos, olhando para cima, apontando. Isso para mim vai ser a foto ideal, se a gente conseguir. Se tiver que escolher uma foto só para abrir, que é a foto principal da página, vai ser essa, assim, que consiga contemplar. E daqui a pouco, detalhes de alguma obra curiosa, que isso para o leitor vai chamar a atenção, mas naquela intenção de mostrar que a gente levou essas pessoas e que elas se sensibilizaram com aquilo, elas foram tocadas pelas obras. Aquele rapaz que também se emocionou lá pelas tantas. Então isso eu acho que é um compromisso e é o que está na pauta. Foi pedido que fosse assim, que a gente levasse essas pessoas para ver as reações delas. O que elas acham, as opiniões diante de uma obra. E tomara que tenha espaço. Eu estou pedindo pelo menos uma página, vamos ver se a gente consegue”.

Comento com Roberta que percebi o momento em que ela e Mateus combinavam sobre fazer fotos individuais dos entrevistados com suas obras favoritas:

“O Mateus que trouxe [a ideia] e a gente conversa, é um colega que a gente consegue conversar bastante. Ele pede, eu também contribuo. Isso vai, acho, muito do perfil da pessoa, acredito que ele seja assim com outros colegas, mas eu posso falar da nossa rotina, a gente conversa

bastante. E eu acho que ele teve uma boa ideia, porque daqui a pouco para mudar o desenho da página, já tem que pensar nisso né, para dar opções para o editor. Torna o trabalho do editor mais difícil se tu dás todas as fotos iguais. Até mesmo se tu fores pensar para vender uma foto para capa, ela tem que ser diferente das fotos de dentro, e num ambiente daqueles, com uma história como essa, impossível não ter muitas opções. Então essa sacada dele, de fazer eles separados, foi legal, porque daqui a pouco se quiser fazer numa galeria, ou se quiser fazer na página mesmo. Arejar mais, não ser uma foto só do grupo. Porque ela vai ser repetitiva. E às vezes isso acontece. Tu vês claramente que são três, duas fotos, que comunicam a mesma coisa. É que nem uma foto com um grupo de crianças, sempre vai ser igual, um grupo de crianças aqui, ou um grupo de crianças em Viamão, em Alvorada, a ideia que tu queres passar é a mesma. Assim, não, eles trabalham naquele lugar, isso no texto eu também posso trabalhar, pelos 20 e tantos dias trabalhando ali, já conseguiram escolher a sua obra preferida e saber mais sobre ela. Como a própria Alessandra sabia tudo daquela obra, muito. E fui conferir e a realmente a artista é mexicana. Achei o máximo, então foi muito legal, foi surpreendente o grupo que nos apresentaram e a maneira como rolou. Às vezes a pessoa fica inibida, aí tu tens recursos para a pessoa se soltar. Não, naturalmente, parece que foram feitos sob medida. Isso não é sempre que acontece, a gente tem que comemorar”.

Sobre o relacionamento com as fontes, Roberta diz:

“Eu me envolvo, as pessoas se abrem contigo. Parece que cria uma intimidade muito rápido. E aí tu te envolves também. Eu começo apertando a mão da pessoa quando chego. E às vezes no final a gente se abraça. Esses dias, o Eduardo Rodrigues fez uma série com um ex-presidiário, e aí ele disse que a família disse ‘depois que sair a matéria, vocês liguem pra gente, apareçam aí’. E isso é muito do nosso público. As pessoas com quem a gente lida no dia a dia são afetivas. Ou elas são por serem mesmo. Ou porque elas precisam, pela carência mesmo, ter alguém que dá atenção, alguém que vai te ouvir, alguém que muitas vezes vai te orientar. E eu acho também que a gente tem que ter um perfil assim, se tu não gosta de gente tu nunca podes trabalhar em jornal nenhum e em jornal popular menos ainda. Porque tu vais ter contato com as pessoas. Eu não me importo com isso. Eu não forço a barra, mas se a coisa acontece, acho ótimo, fico muito feliz. E eu me lembro, tem histórias que fica na memória, histórias de pessoas, e cada uma retribui de um jeito, tu recebes às vezes uma ligação, recebe às vezes até presente. Já recebi sacos de bergamota, já recebi um pano de prato pintado com uma boneca que era para ser eu. Tudo isso é um retorno e uma coisa que, assim, eu não estou fazendo nada mais do que o meu trabalho. Então tu vês a responsabilidade que a gente tem e isso é um combustível, eu não posso errar. A gente também tem aquela ideia de serviço, de orientação, então acho que compromete muito mais. Não é simplesmente uma matéria. A diferença que faz na vida dessas pessoas sair no jornal. Pensa lá no Rubem Berta, essas pessoas, esse rapaz, essa moça, a outra senhora do Navegantes, a outra do Partenon, para eles [fontes da matéria

da Bienal], ser indicado, ‘tu viu a fulana no jornal?’, isso faz diferença na vida, na história deles. E foi só mais uma matéria, que a gente precisava fazer com qualquer pessoa que fosse. Que a gente vai fazer render, vai dar um jeito. Mas para eles não. A gente ter também essa dimensão é legal, tu ficas comprometido de um jeito. Eu gosto dessas matérias, eu gosto de gente”.

Pedimos que Roberta comentasse sobre a entrevista realizada ontem com Marlene, para a matéria da campanha de educação:

“Numa conversa por telefone, quando fiz a produção, eu mais ou menos já tinha perguntado para ela o que eu queria objetivamente, que era saber quem era o professor que tinha sido referência na história dela para mais ou menos ver se tinha ali uma pauta, para ver se ela poderia ser um personagem dessa matéria ou não. Mas lá eu me preocupei em recuperar um pouco da história dela, porque eu nunca tinha feito nenhuma matéria com essa pessoa. Ela foi já personagem do Diário, mas feito por outros colegas. Então eu fui, na verdade, conhecê-la. Não sabia nem como ela era pessoalmente, fisicamente, então eu acho que rendeu bastante. Acho que rendeu mais de texto até do que de fotos, porque a gente já tinha feito no dia anterior uma foto da criançada com o professor de futebol. E aí dando uma olhada nas fotos eu achei que elas ficaram bem parecidas. Não por ter sido o mesmo fotógrafo, mas porque era o que a gente tinha ali. Às vezes, tu fazes essa análise só quando tu voltas da pauta. Depois me dei conta que a gente poderia ter pensado numa outra opção. Mas a história dela rendeu bastante. A gente quer mostrar que um professor pode fazer a diferença na vida de um aluno e aí ela conseguiu não só um professor que foi incrível, que ela diz que é ídolo dela, que é inspiração. E também o projeto, ela conseguiu uma bolsa. Foi bem a contento, fechou bem com o que a gente queria. Por essa pré-produção, eu já sabia que ia render. Eu não sabia que ela era tão articulada, que falava tão bem, isso ajuda também. Porque às vezes tu pegas pessoas que elas são muito capacitadas dentro daquilo que é a proposta delas, mas elas não conseguem se expor muito bem. A gente, como repórter, tem que driblar. E às vezes dar voltas e chegar no ponto em que a pessoa não está conseguindo expressar. Mas ela, de todos, foi um dos melhores. Graficamente, a gente consegue resolver. Eu gosto de olhar [as fotos] uma por uma, porque às vezes eu até sugiro foto. Faço assim também o trabalho de vender as fotos para o meu editor, não vendo só o meu texto. Também já fui diagramadora, às vezes já penso até graficamente”.

Comento que, durante as fotos de Marlene com as crianças, houve momentos de espontaneidade, como hoje na Bienal:

“Eu sempre prefiro essa coisa espontânea. De jeito maneira a gente ia manter as crianças sentadas se a vontade delas era estar no chão com aquela mulher. Defendo muito isso, quanto mais espontâneo, é mais do Diário. Acho que a foto tem que passar. A gente tem que tentar, tanto repórter, quanto fotógrafo, passar a ser invisíveis, que o leitor não perceba

que a gente estava ali. Quanto menos a gente interferir naquela realidade, melhor. Hoje, lá no Museu, queria que o que menos parecesse é que eu estava ali, e eles logo se sentiram à vontade. Não precisava mais dizer nada. E eles não estavam mais falando e expressando de uma maneira artificial, respondendo o que eu estava perguntando. Nos ignoraram lá pelas tantas. O Mateus disse isso, 'nem precisei mais dizer nada'. E isso é muito legal. Tu vês quanto tempo durou, foi uma pauta mais longa. Claro que precisava e a gente tinha condições".

Nas 37 fotos da Bienal selecionadas por Mateus, estão contempladas imagens mais abertas e outras mais próximas, o que permite valorizar a interação dos entrevistados com as obras e também as expressões faciais, especialmente as de surpresa nos locais que eles ainda não conheciam. O fotógrafo diz que, inclusive, começou com fotos abertas, mas percebeu que precisava “fechar” o enquadramento para dar destaque às expressões. As fotos ambientadas, para ele, são ideais, porque situam os entrevistados, mas *“a manchete, a legenda, vai complementar, vai fechar o sentido da imagem”*. *“As mais amplas não tem expressão, mas têm eles bem inseridos na obra, que é o que fala da Bienal”*. Três imagens semelhantes das fontes, no mesmo espaço, deixam Mateus em dúvida sobre qual selecionar e ele chama Lívia para opinar. Eles concordam que em uma das imagens se destaca o gesto com as mãos, feito por Alessandra, um gesto de surpresa diante da obra, que ficou visualmente interessante.

O editor-executivo Claiton Magalhães dirige-se até a editoria de Fotografia, ao final da tarde, para debater com André as opções de imagens para a capa de sábado. As alterações, André comenta, podem ser feitas até 1h30min da madrugada, mas o fechamento geralmente ocorre por volta das 22h30min. A chamada com destaque na capa de sábado será sobre a matéria de educação, que tem quatro cases e somente um estará na manchete. Eles conversam sobre a possibilidade de usar uma imagem da Irmã Pierina, comentando que os demais apareceram mais vezes no jornal, inclusive na capa.

Mesmo decidindo o personagem, a fotografia não poderia ser decidida neste momento, porque, explica André, a escolha depende do tamanho que ela ocupará. Se for uma imagem mais aberta, com muitos elementos, não poderá ser publicada muito pequena. Espaços menores requerem fotos mais fechadas nos personagens. André conclui: *“Às vezes nem é a melhor foto, mas a que mais se adequa ao espaço”*.

Ainda não está decidido se a matéria da Bienal sairá no sábado. André já olha as imagens desta pauta, pensando na foto que mais agrada para a capa, caso seja publicada. O editor de Fotografia escolhe uma imagem em que Alessandra interage com a esfera suspensa de uma obra, em um gesto espontâneo, e Claiton concorda.

Claiton comenta conosco sobre as mudanças gráficas pelas quais o jornal passou e fala que os colunistas, que antes tinham ilustrações, agora ganharam fotografias nas colunas: *“A foto sempre passa mais credibilidade”*. Sentamos junto à mesa de Claiton para uma conversa. O editor-executivo atua no DG desde 2000, quando o jornal foi lançado, e passou pelas funções de repórter e editor de Dia a dia. Comentamos que nossa pesquisa está voltada à representação fotográfica de fontes populares e perguntamos como esta questão é vista por ele:

“Uma das características do jornalismo popular, não só do Diário Gaúcho, mas em todo o Brasil, é um pouquinho assim a questão de inverter a fonte. Tradicionalmente, nos grandes jornais, as fontes sempre são fontes oficiais, ou que elas têm um cargo dentro do governo, ou que elas têm um cargo dentro de uma estatal, e elas acabam sendo as protagonistas das matérias, inclusive saindo fotos delas nessas situações. Então uma das características principais do jornalismo popular que o Diário pratica é inverter essa perspectiva. Passa a ser fonte o morador, a líder comunitária, a pessoa diretamente envolvida na pauta, o pequeno comerciante, como o protagonista dessa foto, dessa reportagem. O primeiro editor que a gente teve aqui no Diário, o Cyro Martins [Filho], costumava dizer que a gente trabalha mais para que o leitor trabalhe menos. Então esse trabalhar mais, muitas vezes, significava e significa até hoje a gente percorrer grandes distâncias na região metropolitana, por exemplo, em busca dessa fonte, dessa imagem. Porque, por exemplo, hoje se tem muita facilidade, com a internet principalmente, de a gente conseguir, de prefeituras e órgãos oficiais colocarem ao nosso dispor, fotos, imagens e textos. Só que como nosso personagem mora longe, ele vive longe, ele não tem uma inserção dentro da internet, a gente vai em busca dessas informações. Muitas vezes, a gente anda muito atrás disso. Como a nossa área de abrangência é toda a região metropolitana, a busca desse personagem é uma busca que exige tempo, deslocamento, e exige a habilidade do repórter também para achar, e do motorista que vai junto para achar esses locais. Mas o nosso principal interesse dentro disso é mostrar o personagem, onde ele vive, onde ele mora, e na comunidade em que ele está inserido. Essa é a principal ideia que a gente tem aqui de trabalhar a foto com o personagem”.

Comento, então, que Claiton percebe a valorização do espaço onde está inserido esse personagem e ele complementa:

“Os lugares onde ele vive, a comunidade, a área onde ele está inserido, o problema que ele tem. A gente tem outras oportunidades onde a gente diminui isso, onde aparece só o rosto da pessoa, a gente tem uma situação aqui que a gente chama ‘Fala povo’, que aí tem as pessoas falando, dando opiniões sobre determinado assunto. E isso é só um boneco da pessoa, entra só um boneco da pessoa mesmo. Mas quando ela está envolvida nesse personagem, em uma reportagem maior, a gente busca e vai sempre fazer ela nesse habitat onde ela está inserida, nessa comunidade onde ela está vivendo”.

Fotografia 21 - Editor-executivo, Claiton Magalhães



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Pedimos a Claiton que comente as escolhas de capa e página interna da edição do dia, em que a capa ganhou uma foto com destaque para a erva mate e na matéria há fotos de fontes populares entrevistadas:

“O Diário Gaúcho não tem assinaturas, ele é vendido somente em bancas e por jornaleiros. Portanto, ele tem uma disputa visual muito grande com outros títulos. Então a gente procura utilizar o espaço na capa com a questão visual mais forte que a gente tem. Geralmente o personagem entra, por exemplo, nessa mesma capa aqui a gente tem um personagem simplesmente mostrando um valão e um documento. Fora a área de futebol aqui, mas aqui a gente tem um personagem e aqui a gente quis valorizar mais a imagem da erva mate. Quando é um assunto de economia, que gera alterações, ou que toca na vida de todo mundo, de muita gente, a gente também utiliza esse subterfúgio de dar uma foto geral desse assunto e não de alguém em particular. É um hábito tão comum tomar chimarrão, que eu botar um cara tomando chimarrão ali poderia ser qualquer um, poderia nem sair de casa. Então a gente optou por dar uma situação no Mercado Público, onde são vendidos vários tipos de erva, uma foto diferente, com um recorte da mão do rapaz aqui. Mas a gente sempre procura privilegiar o personagem quando ele está aqui, mas

acontecem essas situações. Grandes assuntos, por exemplo, um desastre, a gente vai dar uma foto do desastre em si, ali nós não vamos dar esse valor, ou dar esse destaque para o personagem. Porque são grandes assuntos, assuntos que interferem na vida de quase todo mundo. Aqui, por exemplo, quando o assunto é particular dessa pessoa, ou da rua que ela vive, da comunidade em que ela está inserida, a gente procura dar ela junto. E quando são grandes assuntos, por exemplo, um acidente, queda de um edifício, ou o aumento de um produto como foi o caso daqui, a gente pode usar o recurso de dar uma foto mais ampla, sem um personagem fixo”.

Considerando o recorte nas fotografias também como uma característica dos jornais populares, questionamos Claiton sobre o que ele considera que esse recurso comunica nas páginas do jornal:

“Movimento. O recorte basicamente me dá a impressão de movimento, de disputa da imagem. Hoje a imagem sendo oferecida de todas as maneiras que ela é, seja via internet, seja de TV, seja de jornal, eu sempre acho que o recorte da foto dá essa sensação de movimento ao leitor, quase uma terceira dimensão, é um 3D, assim”.

Comentamos que muitas vezes as fontes populares, nas matérias, ganham “fotos bolinhas” e perguntamos em que momento esse recurso é válido, para ele:

“Quando tem uma foto e uma ‘bolinha’ no meio, geralmente é uma declaração ligada a essa pessoa, que está sustentando a ideia da matéria, e também a oportunidade dessa pessoa aparecer. O Diário Gaúcho, quando surge em 2000, a região metropolitana de Porto Alegre passa a ser a região metropolitana com maior número de leitores da América do Sul, antes era Buenos Aires. O que aconteceu? O Diário Gaúcho entra no mercado, se torna líder de vendas na região metropolitana, e os outros jornais, Correio do Povo e Zero Hora, não perderam leitores. Ou seja, o jornal popular aqui da região criou um novo mercado. Então a preocupação inicial que a gente tinha era mostrar as pessoas que faziam parte desse novo mercado. Sempre que a gente tem essa oportunidade, de mostrar o rosto das pessoas, a gente procura mostrar. Seja através do ‘Fala povo’, seja através da ‘bolinha’. Por quê? Porque essa era uma pessoa que normalmente não saía no jornal, nesses grandes jornais. Então ela saindo, ela se identificar, a comunidade dela identificava ela, a vizinhança sabia quem era, essa pessoa passava a se tornar uma imagem pública naquele dia em que saiu. A gente sempre teve essa preocupação. O Diário Gaúcho entra no mercado e cria, absorve uma demanda de leitores que não liam os jornais que existiam aqui, e a gente passa a se preocupar em mostrar essas pessoas entre elas, para elas e para o público que lê o jornal”.

Perguntamos se o recurso da “foto bolinha” também é usado para maior aproveitamento dos espaços:

“Também, pode ocorrer na diagramação. Aí tu estás falando da questão do projeto gráfico. A questão do projeto gráfico é isso aí, os nossos espaços são curtos, a gente tem várias entradas, que a gente chama, na página, que são legendas, resumo da notícia, o olhinho da matéria, título, intertítulos, boxe, gráfico a gente usa bastante. A ideia é mastigar sempre a informação para que o leitor tenha menos trabalho. Então os espaços são poucos, isso acarreta esse problema. A gente tem pouco espaço para desenvolver grandes fotos, em cinco ou seis colunas. Mas a gente tem matérias especiais, reportagens, que a gente utiliza bastante esse recurso. Mas normalmente é isso, a questão da diagramação e essa ideia que te falei da nossa intenção de que o público do Diário se veja no jornal”.

Observo então que o jornal tem bem forte a questão de buscar atuar como um jornal que explica, orienta, e questiono se Claiton vê uma relação entre esse perfil e a representação visual das fontes:

“Eu vejo várias. Por exemplo, posto de saúde em Porto Alegre, 6 da manhã, fila para marcar consulta. Essa foto é um serviço para a população, porque ele [leitor] está vendo a imagem da fila, ele está vendo que na fila não tem lugar para se proteger da chuva, ele está vendo que nessa fila tem barro. Ou seja, é uma maneira de ele se prevenir talvez da próxima vez em que ele for para esta fila, de ele ter alguma prevenção e algum serviço. E essa foto é fundamental, mostrar essas realidades, mostrar, por exemplo, como nessa semana a gente deu, os buracos na principal avenida de Alvorada. Eu acho que a foto sempre tem esse serviço. O motorista que tenha lido aquele jornal pode procurar um desvio ou passar devagar a partir daquilo ali. Porque ele viu aquela imagem, e ele viu que era uma imagem impactante, tinha uma pessoa deitada dentro do buraco, era uma imagem impactante. Então, nesse sentido, acho que a foto sempre acaba funcionando como uma sócia, uma companheira dos textos, nesse imaginário, nessa informação que a gente está passando para o leitor”.

Observamos ainda que muitas vezes a fonte ganha uma foto recortada, enquanto outras imagens mostram o ambiente relacionado à pauta. Claiton diz que, muitas vezes, ocorre de a pessoa ir até o jornal para denunciar uma situação, já com uma foto em mãos. O jornal pode aproveitar essa imagem e fazer a foto da pessoa, publicando separadamente:

“Às vezes, por uma questão de edição mesmo, eu tenho uma foto melhor do problema, com mais profundidade de campo, com uma iluminação melhor. E a foto que eu tenho dela [fonte] junto não está tão boa assim, e a gente opta por dar separado, isso pode acontecer. E às vezes a pessoa não vai lá. É o comerciante que não pode sair do bar dele, tu vais lá, falas com ele, ele diz ‘está lá o lixão, está um horror’. O fotógrafo vai lá, faz

separado, faz a foto dele e utiliza esse recurso. Mas é comum a gente dar a pessoa junto, apontando, mostrando”.

Já passava das 17 horas quando sentamos ao lado do editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza, para acompanhar o trabalho. Mais cedo, já havíamos conversado brevemente, quando ele comentou sobre a escolha das fotos, dizendo que primeiramente precisa saber o que será usado na capa, para então escolher as fotos internas. Com a edição de quinta-feira em mãos, exemplifica com a imagem do homem dentro do buraco durante o protesto em Alvorada, foto que para ele era a principal. Como não poderia repeti-la dentro, usou outra imagem, onde o homem mudava o gesto. Por estar parecida com a da capa, foi publicada em tamanho menor, especialmente por fechar bem com o título “Dá até para se deitar”, que, conforme Felipe, “é bom”.

Enquanto começa a abrir as matérias para encaminhar à diagramação, com o espelho da edição de sábado definido, Felipe comenta espontaneamente sobre sua função:

“Quando eu estava na Polícia, por exemplo, a gente normalmente tinha boas histórias e não tinha foto, é um setor que é difícil de ter foto. Aqui na Geral, é o contrário, normalmente tem ricas fotos. Por isso que o espaço é importante para a gente tentar dar uma valorizada, especialmente quando tem fotos de comunidades. São cinco, seis, sete pessoas numa foto, se a gente der uma foto em duas colunas, como a gente diz aqui, pequena, vão ficar umas formiguinhas. As pessoas não vão se ver, ninguém vai ver as pessoas. A briga por espaço é assim mesmo que se faz, todo dia”.

Com o espelho em mãos, ele às vezes tenta remanejar os anúncios para abrir um espaço maior para determinada matéria: “Às vezes, não dá, não tem negociação para fazer. Às vezes, tu conversas com outras editorias para ver a possibilidade de ter mais espaço. É uma ginástica normal, de qualquer redação”. A distribuição dos anúncios ainda envolve questões comerciais, como as marcas concorrentes que não podem ficar próximas e as que têm página determinada.

Para a matéria especial de educação, Felipe tentou limpar a página, deixá-la sem anúncios, mas não conseguiu. No canto da página, permaneceu um retângulo pequeno, e ele pensava em como faria em relação ao cercado da matéria, que tem um *layout* especial: “A gente dá uma curva ali no nosso cercado para conseguir”.

Nesta matéria, são quatro fotos, uma de cada case:

“O ideal é dar sempre o mesmo espaço para todos, mas tem umas fotos que precisam ser mais valorizadas e outras às vezes menos, especialmente se uma é vertical, uma é horizontal, a gente vai tentando compor. A gente tem que pensar em um monte de coisas: na importância de cada um dos exemplos, especialmente nessa página, são exemplos de pessoas que são professores e que são norte das pessoas em determinadas circunstâncias. São todos ricos exemplos. Um melhor que o outro. A gente obrigatoriamente vai ter que dar mais destaque para um, ou menos destaque para outro, juntando a validade de cada uma delas, a importância, quantas pessoas são favorecidas, até quantas vezes essa pessoa ganhou evidência em algum outro momento, se são personagens novas. Essas são pessoas recorrentes, que terminam sendo fios condutores e elementos que a gente busca seguidamente porque elas viram referências para as pessoas. São construídas assim as situações. Se tem foto melhor e a história é boa, ótimo. Aí, às vezes, a história é melhor que a foto, ou a foto é melhor que a história. Então, às vezes, a foto é maior do que o texto, às vezes é o texto maior que a foto. E a gente vai lidando com isso conforme a situação. Também tem que ter uma coerência com a capa, se a capa está apostando numa personagem, de quatro vou ter que botar uma para a capa, não vai botar as quatro na capa senão fica muito parecido com dentro”.

Comento que é necessária uma escolha e Felipe continua:

“Tem que ter uma escolha. Então essa escolha de capa também, de alguma forma, respeita uma lógica. O editor da capa pergunta para mim e para a repórter, desses quatro, se tu elegesses alguém para merecer uma capa, pelo trabalho que faz, pelo que rendeu a entrevista. Porque, às vezes, se a entrevista não rende, as pessoas podem fazer o melhor trabalho do mundo, mas se não conseguem contar o que fazem, a gente só vai conseguir reproduzir o que foi contado. Aí se elege. Aqui está a tal na capa, eu não posso botar ela menor aqui dentro, ou mais simples. Quem vê na capa e se emociona com a foto, é uma frustração se lá dentro encontra muito pouco. Então o que está na capa, em tese tu vais ser bem servido dentro. Essa conversa é feita todo dia, mas sempre dentro de alguns parâmetros básicos, não só no Diário Gaúcho, em qualquer jornal”.

Observo que a editoria de Dia a dia é a que mais trabalha com o “personagem” de que tanto os profissionais do DG falam e que inclusive está no primeiro dos “dez mandamentos da reportagem”. Pergunto a Felipe como ele vê esse “personagem”, jornalisticamente, nas fotografias:

“A Zero Hora tem a [página] quatro e cinco, que faz um bom tempo, é a reportagem especial. Aqui no jornal, a página 3 indiretamente, para a gente aqui dentro, é destinada a personagens, a boas ações, a boas atitudes comunitárias, a bons exemplos, coisas que motivem e sejam ou curiosas, ou emotivas, ou de benfeitoria, e que deixa o jornal mais leve.

Porque a pessoa que compra o jornal, em tese ela começa pela frente. Ela vai abrir o jornal e vai dar de cara com a página 3. Então esse 'bom dia' que o jornal dá para ela, diferente do hard news que está na página 2, a página 3 em tese tem que deixar ela mais alto astral. Ou quando não tem esse tipo de coisa, evidente que o jornal fica pequeno, matérias que sejam do dia vão ir aí. Mas a página 3, os repórteres andam pra lá e pra cá, e vêm, em certas circunstâncias, dizem 'esse rende uma boa página 3'. Então, essa página 3 é basicamente em cima de belas fotos, de ações individuais ou coletivas, e de boas histórias. Então, normalmente é um espaço mais dedicado a isso, que é o personagem, o personagem é um condutor especial disso. O personagem está em todas as páginas do jornal, tirando raras exceções. O personagem está brindado seja em fotos pequeninhas, só o rostinho, ou sendo ele mesmo a notícia, ou ele sendo parte dela, ou ele opinando sobre um fato, seja qual for. É o torcedor da dupla Grenal que tem que estar contemplado, no variedades é o anônimo que aparece, no contato com o leitor é ele”.

Pergunto como Felipe vê a escolha e distribuição das fotos da matéria da erva mate, com imagem conceito na capa e de fontes internamente:

“O que eu posso falar é da parte de dentro. Na parte de dentro tem que ser feita uma composição, como em todas as matérias, não muito similar ao que está na capa, tem que ser diferente. Claro que se tem o personagem e tem de fundo o assunto que tu estás tratando, está perfeito. Teria outras tantas fotos melhores do que essa, até acredito que tenha outras. Das ofertas que eu tinha, para pensar nessa matéria, é uma foto em que não escancara marcas, apesar de que quem conhece já percebe de qual marca que a gente está conversando, ela traz junto o cenário que tu estás tratando e um personagem opinando. Tem dois personagens. E uma brincadeira que a gente fez aqui de botar outras ilustrações, que é 'se o mate está tão caro assim, que ele é um aperitivo de domingo, ele é mais caro ou mais barato do que o próprio churrasco?'. E aí a gente foi para os números, foi para pesquisa, e percebeu que um quilo de erva mate está sendo mais caro do que o quilo de carne, que é um produto que em tese sempre foi tradicionalmente mais caro. Se a gente tem mais espaço, com outra opção, foto que não vai para capa, a gente poderia fazer umas coisas mais gráficas, trabalhadas como essa aqui do cano por exemplo [página 5 da edição de 04/10, Imagem 19, Anexo S]. A foto, quando tu tens uma foto que é muito representativa do assunto, dá para fazer alguma analogia desse tipo no título, porque um problema de cano está fazendo com que a população espere cinco meses a mais, talvez mais do que isso, por um benefício. Então 'o projeto entrando pelo cano', 'o projeto pelo cano', faz alguns títulos que te chamam a atenção para entender o que é. Às vezes, se caminha num limite muito tênue de uma genialidade e de um senso comum, ou de uma gíria meio pronta, de uma piada pronta. É um limite muito grande. E que às vezes o editor aqui tem pouco tempo para pensar em quatro, cinco títulos, nem sempre vai conseguir acertar. Às vezes, na dúvida, a gente termina sendo o básico, para não errar. Mas o ideal, de um título, sempre

casado com a foto, por exemplo, é não dar o assunto e sim puxar para a curiosidade, para que ele [leitor] leia”.

Imagem 19 - Página 5 do Diário Gaúcho de 04/10/2013



Fonte: Custódio (2013b, p. 5).

Observamos que nesta matéria a foto da fonte está em tamanho menor e ela ainda aparece em segundo plano (Imagem 19, Anexo S), com um cano em primeiro plano:

“Porque, em tese, na primeira edição, ela [fotografia da fonte em destaque] estava na capa. Na primeira capa ela estava. Isso acontece, muitas vezes quando sai da capa. Essa composição é do jogo, e tu não vais trocar [internamente]. De repente, custa caro trocar uma chapa de jornal por causa disso. Então, não está ruim. Podia ser melhor? Sim, podia ser melhor. Essa página aqui era para ser só essa matéria [do cano] e eu perdi uma página, então o que iria na outra página teve que vir para cá. E entre não dar um assunto e sacrificar um pouquinho de cada assunto, a gente normalmente sacrifica um pouquinho para dar, multiplicidade. Eu perdi uma página em função de anúncio. Até umas 7 da noite está passível de acontecer”.

A fotografia, de Mateus Bruxel, neste caso, mostra a fonte em segundo plano, à direita, em uma imagem com pouca profundidade de campo, o que deixa a imagem do cano nítida, enquanto a mulher aparece em desfoque. Ainda é possível

perceber uma construção precária ao fundo e um rio cercado por pedras, onde o cano despeja o esgoto. Mesmo quase não podendo ser identificada na foto, não somente pela falta de nitidez, mas pelo tamanho reduzido em que foi publicada, a fonte popular é nomeada na legenda: “Marinês sofre com mau cheiro”.

Felipe comenta sobre sua função em relação às fotografias:

“Quem faz a eleição das fotos para minhas páginas sou eu. O repórter sugere foto, muitas vezes a sugestão do repórter é a mais perfeita porque ele viveu as circunstâncias. Quando eu tenho dúvida entre uma foto ou outra, em função de alguma técnica de fotografia ou uma dúvida mais técnica, eu chamo o André, a gente discute em prol do jornal. Na maior parte das vezes, as fotos se vendem sozinhas, a gente pega ali e já vai colocando. Tem algumas vezes que tu botas o olho em uma foto e já acha que ela pode ser uma estética só com o título, ou ela pode ser informativa. Tudo vai depender do espaço. Para que tenha a melhor composição possível”.

Pergunto então como está neste momento a diagramação das páginas da editoria de Dia a dia:

“Na minha cabeça está montado. Agora é só buscar o texto que está pronto, buscar as fotos que mais correspondem, ver o que está sendo usado na capa. Daí eu sento lá com a diagramação e a diagramação monta conforme o olhar dela e com alguma instrução minha. A diagramação não tem tempo de ler as matérias, então tem que chegar junto para dizer essa aqui é mais importante que isso, que aquilo. E a composição é feita pela diagramação, que organiza as fotos, dá ideias. É um trabalho sempre conjunto. A responsabilidade final pelo produto final da página é do editor”.

As matérias que são publicadas em páginas limpas, sem anúncios, sendo esta uma decisão inicial, podem ser diagramadas antes de o espelho estar pronto. As demais, geralmente são “desenhadas” a partir das 17h30min, com a chegada do espelho e a identificação dos espaços disponíveis.

Felipe abre o arquivo com a matéria de educação, onde a repórter Roberta já sinaliza como estão salvas as fotografias no Nica, já que não foram feitas no dia. No programa, um arquivo reúne os textos, as sinalizações de fotos e os créditos do repórter e dos fotógrafos. O editor acessa o Nica, procura pelas fotos da matéria. Vê as fotos de Marlene:

“Tem que pensar que é uma página para quatro fotos, se fosse a matéria inteira só disso, a gente poderia escolher mais de uma. Não vai ser. É legal compor uma vertical com as horizontais, senão é ruim de fazer uma

página bonita. Outra coisa, para olhar a foto, quando tem mais crianças sorrindo, ou criança com olho fechado, é melhor pegar uma em que todas apareçam bonitas. Porque imagina, tu vais se olhar na foto, 'está todo mundo legal e eu estou com os olhos fechados'. Então a gente tem que ter um trabalho assim de sempre se colocar no lugar de quem está na foto, ainda mais quando é criança. Quanto menos posada a foto, melhor. É muito normal que fosse posada. Quando a gente entra no ambiente deles para fazer foto, é muito difícil que tu pegues eles ao natural, eles vão querer parar para posar para a foto. Mas em certas circunstâncias tem a versão posada e tem a versão ao natural, eu vou sempre pela natural. Um ângulo diferente como esse [refere-se à fotografia de cima para baixo das crianças com Marlene] também me atrai”.

Sobre a imagem com as crianças com as mãos para cima, ele comenta: “Claro que eles não estão fazendo isso se alguém não pediu, mas mostra uma alegria bacana”.

Felipe faz uma pré-seleção. Olha as fotos do Tio Boneco com o time de futebol: “São pessoas que idolatram os personagens, então isso tem que ser retratado. Claro que vai muito do gosto de editor”. A imagem da Irmã Pierina separada para a capa é desconsiderada por ele na composição da página: “Às vezes, como o corte [da fotografia] é igual, se cair da capa, eu pego para mim [para as páginas internas] e não se mexe em nada”. Do contrário, se a foto da capa for horizontal e a interna vertical, por exemplo, e a da capa cair, é difícil usá-la internamente, o que demandaria mais trabalho, possivelmente com alterações no tamanho do texto.

Felipe abre uma das fotos da irmã Pierina, onde ela aparece em meio às crianças, mas estas não olham para a câmera, e há um espaço neutro em uma mesa:

“Por exemplo, assim, isso aqui é uma foto bem diferente. Já me emociona botar um título aqui, é um olhar diferente. O que tem de ruim nessa foto aqui, praticamente não tem o rosto de nenhuma criança, tem da personagem. Então se tiver personagem e os fãs dela, melhor”.

O editor passa por uma fotografia espontânea, de uma criança mexendo no crucifixo do colar da Irmã, e comenta a diferença entre uma foto posada e outra não. Destaca, mais uma vez, que os gestos espontâneos sempre são melhores. Mas a fotografia interna muito parecida com a da capa não é o ideal.

Felipe para em outra foto, da Irmã Pierina com poucas crianças, posada. Questiona-se se a repórter conversou com alguma delas e diz que, se alguma deu

uma boa declaração, *“merece estar na foto”*. Às vezes, ele conta, ocorre de haver uma foto boa, mas a criança que falou à reportagem não está. Este é um caso em que a frase pode ser publicada junto ao rosto da criança recortado. *“Se eu encontro aqui uma frase de uma criança especialmente que me toca muito, essa criança vai ter que aparecer”*. Diante dessas dúvidas, ele destaca que precisa ler o texto antes de fazer a seleção das fotos.

O editor lê a matéria e diz: *“Não tem a criança aqui, já não preciso me preocupar com isso”*. A escolha das fotos dos quatro cases leva em consideração o conjunto. Felipe para em uma foto onde a Irmã dá a mão a uma criança e diz que é bem o que trata a matéria:

“Esse é o trabalho do editor, tem que passar o recado do que tu estás querendo mostrar, com o texto combinado com determinada foto. Às vezes, tem certas fotos que se explicam, não precisa nem de legenda. Mas o papel do editor aqui é tentar passar o recado também. O repórter escreveu o texto. Com o texto, é onde tu tens a tendência maior de passar os recados e contar as histórias. O editor tem a composição de foto e texto para contar a sua história, tem as legendas, tem o título que eu acho que é o mais importante de tudo”.

Felipe acredita ser fundamental a construção da mensagem:

“Uma vez colocado no jornal, eu tenho que conversar com os leitores. Não adianta eu pensar aqui durante 20 minutos, a gente quer passar um recado, mais do que mostrar a pessoa nua e crua, mais do que fazer a pessoa aparecer no jornal, elas estão no jornal por uma simbologia, por um conteúdo que está embutido nelas, e é numa escolha assim que a gente tenta contar uma história. Nem sempre vai ser assim, estamos tratando de uma matéria especial. Que foi trabalhada durante três, quatro dias. Que envolve um monte de gente. Se é um buraco de rua, é tudo muito mais simples e prático, porque é aquilo ali, é a pessoa reclamando na frente. O recado é que o buraco está ali, não tinha que estar e a prefeitura não fez. Simples. Essas matérias assim [como a de educação] nos oportunizam a passar alguma coisa a mais do que a notícia básica que tu já viste na internet, no rádio”.

Sem parar seu trabalho, o editor ainda comenta:

“É legal poder conversar assim, raciocinar em cima de uma coisa que é tão mecânica nossa, quando vocês [refere-se aos pesquisadores] aparecem aqui. Até oportuniza a gente a repensar, refletir sobre coisas que a gente faz automático, e na verdade tem um monte de pequenas coisas incluídas, que nunca vai estar em legenda. É a função nossa e que faz diferença às vezes uma página bem feita, uma matéria bem escrita, bem editada. Porque às vezes salta aos olhos, mas não sabe por que

saltou. Tem todo esse trabalho de formiguinha. Que às vezes dá certo, às vezes não dá. Às vezes tu consegues passar o recado, às vezes ninguém vê nada disso e ok. Às vezes não tem a foto que proporcione isso”.

Felipe analisa as fotos da Tia Lolô. Vê as imagens onde aparece a placa da rua com o nome da professora que foi importante para ela: *“É fundamental estar”*. Há imagens de Lolô com a placa, mas como está mais aberta, a placa fica pequena, o que não possibilita a leitura do nome da rua. Felipe, então, separa a foto que mostra somente a placa e que será usada como detalhe. Ele olha as fotos dela com as crianças: *“Quanto mais gente, melhor. Esse ônibus dela é famoso”*.

Percebe que algumas fotos estão parecidas com as das outras fontes. Olha as opções de cada uma, para que não fiquem parecidas: *“É o jogo que tem que ser feito”*. Uma foto mostra Lolô sozinha:

“São pessoas que são referências para outras, mas elas estão se configurando como referência educacional ou professoral, para outras, por que de quatro vou botar uma sozinha? Vão dizer ‘essa aí está mal, essa aí não tem ninguém para sustentar ela’”.

A principal questão a resolver é a escolha das imagens de Marlene e Lolô, para *“que não sejam tão iguais, mas que mostrem uma alegria de ser”*. Em uma das fotos de Marlene, ele observa a pose de um menino jogado no chão: *“Não estou gostando da pose desse guri aqui”*. Felipe analisa melhor as demais crianças da imagem: *“Está me faltando sorriso aqui”*. Depois de separar os textos e imagens, ele vai até a mesa da diagramadora Betine e explica a matéria.

Fotografia 22 - Editor de Dia a dia Felipe Bortolanza acompanha o trabalho da diagramadora Betine de Paris



Fonte: Registrada por Carina Mersoni (2013).

Ela começa a diagramar, ele puxa uma cadeira e senta ao lado, orientando sobre a fotografia que deve ter destaque maior, conforme a capa. A página tem um pequeno anúncio no canto inferior esquerdo e o editor pede que o cercado colorido da matéria, feito de imagens de lápis de cor, contorne a publicidade, de modo a aproveitar ao máximo o espaço da página. Acompanhamos um pouco da diagramação e deixamos a redação por volta das 18h30min.

5.2.7 Edições Posteriores

Acompanhamos as três edições posteriores ao período de pesquisa etnográfica, a fim de conferir a publicação de matérias que havíamos acompanhado na produção e edição. Na sequência, trazemos páginas das edições de 5 e 6 de outubro (sábado e domingo, única edição), 7 de outubro (segunda-feira) e 8 de outubro (terça-feira). O objetivo é analisar a representação fotográfica dos sujeitos envolvidos nessas matérias, da mesma forma que apresentamos as edições da semana. O diferencial, neste movimento metodológico, é relacionar o produto final com as observações e entrevistas colhidas dentro e fora da redação do Diário Gaúcho.

Na capa de sábado e domingo (Imagem 20, Anexo T), 5 e 6 de outubro, estão duas fontes populares: Irmã Pierina, a escolhida para a chamada da matéria especial da campanha de educação, e Claudiomiro Ramos, o catador que, sem saber ler e escrever, não pode fazer cursos de qualificação que visam tirar trabalhadores desta atividade. A segunda matéria dá continuidade ao assunto da proibição da circulação dos carroceiros em determinada área da cidade, que acompanhamos na semana de realização da etnografia.

A matéria da campanha “A educação precisa de respostas”, de Roberta Schuler, publicada na edição de sábado e domingo, ganha destaque na capa e na página 6. Na capa, a chamada “Mestres que dão mais que o exemplo” conta com a fotografia de Irmã Pierina em meio às crianças; nesta imagem, da fotógrafa Lívia Stumpf, em comparação com outras desta entrevistada, conforme acompanhamos na edição, aparecem mais rostos de crianças e Pierina está olhando para a câmera.

Irmã Pierina está entre mesas do refeitório repletas de crianças sentadas e sorri para a câmera. De pé, ela abraça algumas delas, que também olham para a câmera e sorriem. Algumas levantem braços, fazem gestos. A cena registrada é um

momento em meio à ação que se desenrola no ambiente, onde merendeiras servem as crianças, que comem; é possível perceber pratos cheios e outros vazios e pelo menos quatro funcionárias da entidade organizando o momento do lanche. O enquadramento é em plano geral e normal.

Imagem 20 - Capa do Diário Gaúcho de 05/10/2013 e 06/10/2013



Fonte: Capa (2013g, p. 1).

Em pé, Irmã Pierina aparece de corpo inteiro, centralizada na foto, em meio a um corredor formado por crianças que estão sentadas em bancas junto a mesas. É por este corredor, centralizado no enquadramento, que o olhar percorre a imagem. As mesas brancas, uma de cada lado, formam linhas no seu entorno. Seu rosto está bem iluminado. Na roupa praticamente toda escura, onde apenas a gola e as mangas são brancas, o crucifixo do colar prateado sobre o preto é facilmente notado.

Em uma parede do fundo, está afixado um crucifixo que, no enquadramento e no ângulo de captura, fica bem próximo ao seu rosto. Ao fundo, em segundo plano,

formado por lápis de cor. O título é “Ensinando lições para a vida”, e o texto de abertura explica que “[...] o Diário destaca quatro personagens que atuam em projetos voltados à educação de crianças e adolescentes. Eles citam seus mestres inesquecíveis”. Logo abaixo, o Boi da Cara Preta é apresentado, em texto relacionado à campanha. As quatro histórias (chamadas pelos repórteres de cases) são contadas individualmente em matérias secundárias.

Na parte superior da página, centralizada e ocupando quatro de sete colunas, ganha destaque a fotografia de Irmã Pierina, de Livia Stumpf. Por estar na chamada de capa, foi contemplada na imagem principal da matéria. A foto, desta vez, evidencia poucos rostos de crianças. O enquadramento, em plano médio e normal, centra-se em uma das mesas do refeitório, com a entrevistada ao lado, em um gesto espontâneo de dar a mão para uma criança. Esta criança, porém, tem uma pequena parte de ser rosto visível. Ninguém olha para a câmera. Outras crianças que estão à mesa, formando fileiras dos dois lados, comem ou olham para a ação da Irmã. A legenda diz: “Irmã Pierina estende a mão para a gurizada” e o título da matéria secundária é “Educar por atitudes”.

As crianças mais próximas à câmera estão desfocadas, enquanto o foco está na Irmã Pierina, em segundo plano. Além da luminosidade frontal, há uma luz que incide no sentido contrário, que vem de uma janela ao fundo, e provoca um contorno na cabeça dela, destacando ainda mais sua presença.

Abaixo, à esquerda, está o título “Encaminhamento para a vida”, com matéria que conta a história de Marlene, entrevista que acompanhamos na quinta-feira, 3 de outubro. Entre as imagens feitas por Livia, e que o editor de Dia a dia Felipe analisava com cuidado, a escolhida é a que Marlene está no chão com as crianças, em plano geral, capturada com ângulo superior (picado), no momento em que a fotógrafa subiu em uma cadeira.

Algumas crianças a abraçam, outras apenas posam para a imagem. Algumas sorriem, outras mantêm expressões mais sérias. Ao redor delas, estão as cadeiras, nas cores branca, vermelha e amarela, onde anteriormente estavam sentadas, sobre o piso de cor clara. Não há outros elementos em destaque, o que faz o observador concentrar a atenção no grupo, centralizado no enquadramento. A luz que incide da janela, atrás da fotógrafa, deixa os rostos bem iluminados.

Neste mesmo ângulo picado, conforme acompanhamos na edição, outra imagem mostrava as crianças com os braços para cima, mas esta possivelmente

não foi escolhida para que não ficasse muito semelhante à fotografia da matéria da Tia Lolô, ao lado, que tem o título “Ter paciência e amar o que se faz”. Na fotografia, de autoria de Luiz Armando Vaz, em um ângulo frontal e plano geral, Lolô aparece em meio aos alunos, todos com os braços para cima e expressões faciais de gritos, com a legenda: “Lolô repassa lições de alegria”. Pelos elementos vistos ao fundo, nota-se que o grupo está embaixo de uma estrutura coberta, com mesas e estantes, um ambiente escolar. Ainda é possível perceber o ônibus, característica da instituição. No meio do texto, está a imagem da placa da rua, que leva o nome da professora que foi a inspiração de Lolô. O grupo está centralizado no enquadramento e em primeiro plano.

Por fim, abaixo, à direita, está a matéria do Tio Boneco, intitulada “Para ensinar a ser cidadãos”. Na fotografia, de Lívia Stumpf, ele está ao centro, rodeado de meninos com uniformes de futebol, e a legenda: “Tio Boneco (C) é o craque da galera”. Ele olha para a câmera com expressão alegre, e posa com um dos pés sobre a bola. Ao redor dele, meninos fazem gestos de positivo e sorriem. Nota-se uma desordem no grupo, com meninos que movimentam-se enquanto a cena é capturada.

Eles estão em um campo de futebol de chão batido. Ao fundo, é possível perceber a cerca do campo e árvores; à direita, parte de uma pequena construção, que remete a um vestiário. Alguns olham para a câmera, outros para o Tio Boneco. Há ainda outro homem, à direita, que segura uma bola, e parece ser alguém que ajuda nas tarefas da escolinha; ele sorri e olha para o entrevistado.

As fontes desta matéria são mostradas como exemplos pelo trabalho que desenvolvem na área de educação. Ao mesmo tempo, suas histórias de vida ganham destaque, ao exporem um aspecto pessoal que é a lembrança de um professor que foi referência em suas trajetórias. São atores de uma pauta construída pelo jornal e para a qual foram buscadas fontes populares que atendessem ao requisito de ter um educador que serviu de inspiração. Além disso, são pessoas já conhecidas pelo jornal, que já foram fontes em outras matérias, e que o veículo busca valorizar, especialmente por já conhecer seus trabalhos.

Ao mesmo tempo em que elas são os destaques da matéria, não aparecem sozinhas: com elas estão os alunos atendidos em suas respectivas instituições, o que dá credibilidade às histórias contadas. Estes alunos são atores para as fotografias somente, já que não aparecem nas entrevistas expostas nos textos.

Desta forma, o jornal reúne, na matéria, dezenas de pessoas, de diferentes áreas da cidade, contemplando, assim, um grande número de leitores que podem se sentir implicados na matéria, por conhecer as pessoas mostradas.

A pauta atende uma demanda da empresa, que segue um calendário para publicação de matérias relacionadas à campanha de educação. Porém, enquadra a pauta de acordo com sua linha editorial, expondo assim o trabalho de pessoas que acreditam que sirva de exemplo para outras.

Outra fonte popular está na capa da edição de sábado e domingo. A chamada no canto superior direito é “Alfabetização é problema para catadores” e a legenda informa: “Sem saber ler, Claudiomiro Ramos não pôde se inscrever em curso de carpinteiro”. Na fotografia, de Mateus Bruxel, o homem aparece em primeiro plano, carregando um fardo de papelões, junto ao cavalo e à carroça, com uma pequena casa de madeira sem pintura ao fundo. O material que carrega sobre a cabeça, com os braços para cima, provoca uma leve sombra em seu rosto, cabisbaixo, que expressa seriedade. No local, é possível perceber outros resíduos, o que provoca uma desordem no espaço.

A imagem, em plano médio e normal, evidencia a força em seus braços, onde as mangas estão arregaçadas. O homem, em primeiro plano, está em um movimento congelado, à esquerda no enquadramento, caminhando para a direita, ação que remete a uma imagem espontânea de seu trabalho. Ao mesmo tempo, parece estar a entrar na imagem. Em segundo plano, mas igualmente nítidos, à direita no enquadramento, estão o cavalo e a casa. Sobre o céu azul, está o título em amarelo.

Na página 3 (Imagem 22, Anexo V), a matéria “Sem catar, sem ler e sem sonhar”, sob a cartola “Futuro incerto”, é assinada por Roberta Schuler, com fotografias de Mateus Bruxel. Trata-se de mais uma suíte do assunto dos carroceiros, que perderam espaço na cidade, mas, segundo o enquadramento jornalístico adotado pelo jornal, não recebem apoio do município para garantir o sustento com outras atividades.

Esta matéria, especificamente, trata dos carroceiros analfabetos, que enfrentam dificuldades, já que a maior parte dos cursos de qualificação exige escolaridade. A fotografia principal da página, no canto superior direito, mostra um casal; ela, com um bebê no colo. A legenda informa: “Miro não pode fazer o curso desejado”. Apenas ele é nomeado, mas, pelas informações contidas no texto,

deduz-se que a mulher se trata de sua esposa, Janaína. No texto, ambos dão depoimentos. Ele está em primeiro plano, à direita, e ela, um pouco mais atrás, à esquerda, mas no campo de foco.

Imagem 22 - Página 3 do Diário Gaúcho de 05/10/2013 e 06/10/2013

FUTURO INCERTO

Sem catar, sem ler e sem sonhar

Além da restrição da circulação em 31 bairros da Capital, cidadãos analfabetos têm dificuldade extra: maioria dos cursos de qualificação exige escolaridade.

ROBERTA SCHULER

Quando a gente pensa, em função dos cursos de qualificação oferecidos pelo programa, não fazemos ideia de como é a realidade dos cidadãos que estão no programa de inclusão. Há uma transferência. São os jovens, com 18 anos, que não sabem ler e escrever. E os idosos, que não sabem ler e escrever. E os idosos, que não sabem ler e escrever. E os idosos, que não sabem ler e escrever.

DE OLHO NA LEI

Sandra está preocupada

Equívoco admitido

Dependemos disso

Como assado está a situação dos cursos de qualificação oferecidos pelo programa de inclusão. Há uma transferência. São os jovens, com 18 anos, que não sabem ler e escrever. E os idosos, que não sabem ler e escrever. E os idosos, que não sabem ler e escrever.

BIG

Dois das crianças

Preço médio de 11,99

34,90

30,00

32,90

29,90

299,90

239,90



Fonte: Schuler (2013c, p. 3).

No primeiro plano, aparece parte da carroça, vista de trás, carregada de sacos plásticos. Miro está entre a carroça e o cavalo, que aparece de costas. Ele apoia as mãos no veículo de carga, com as mangas arregaçadas, olha para o lado, com expressão séria, de preocupação. A mulher, logo atrás, olha para frente, aparentemente para câmera, e também demonstra seriedade. A criança em seu colo aparece de costas. Ao fundo, estão entulhos e resíduos.

Em meio à desordem dos elementos inclusos no enquadramento, o casal ganha destaque, formando dois pontos de entrada do olhar na imagem. Eles aparecem separados, um de cada lado, o que faz com que o olhar percorra a fotografia nos dois sentidos. As madeiras estreitas da carroça formam linhas diagonais que enquadram os dois sujeitos.

Uma imagem secundária, em grande plano (close), também se refere a Miro, e mostra sua mão segurando um documento com foto onde consta “Não

alfabetizado”, com a legenda: “Assina com o dedão”. Na mão que mostra o documento, as unhas sujas remetem à mão de um trabalhador.

O texto secundário está intitulado “Dependemos disso”, entre aspas, remetendo à fala de uma fonte. A fotografia, em plano médio fechado e normal, mostra uma mulher que, embora esteja de frente para a câmera, vira o rosto para o lado esquerdo da imagem, para fora do enquadramento, com seriedade. À direita, no enquadramento, está um cavalo, de frente, que ela abraça com o braço esquerdo. Ao fundo, percebe-se um homem e um veículo. A luz incide lateralmente, à esquerda da foto, direção para a qual ela olha, o que faz com que seu rosto fique bem iluminado.

As fontes são expostas como vítimas de uma situação. Porém, chama-nos a atenção uma informação em um texto secundário intitulado “Equívoco admitido”, referindo-se à informação prestada por Claudiomiro, que teria sido barrado em um curso de qualificação por não ter escolaridade e teria dito que os analfabetos não estavam sendo cadastrados: “Coordenador do Programa de Inclusão Produtiva na Reciclagem, Fernando Mello reconhece que houve um equívoco no atendimento a Claudiomiro. O curso que ele pretendia fazer exigia escolaridade específica. Mas os analfabetos podem ser cadastrados e há cursos que não exigem alfabetização. Fernando destaca que, nos últimos dois anos, foram disponibilizados cursos por meio do programa Brasil Alfabetizado, mas o interesse foi baixo. Ainda estão abertas as vagas para alfabetização”.

Percebemos aqui que há contradição entre a fala da fonte e da autoridade. De acordo com a autoridade, haveria falta de interesse por parte desses sujeitos analfabetos em procurar pela alfabetização. Neste caso, essas pessoas não seriam vítimas da situação, como o jornal as expõe, nos textos e nas fotos. O jornal abraça suas causas pela condição social em que estão, e demonstra importar-se pouco com a versão dos fatos dada pelas autoridades.

Por outro lado, a fala da autoridade presta um serviço de informação e orientação, não somente aos sujeitos entrevistados na matéria, mas a outras que podem estar na mesma situação. Mais uma vez, a pauta trata de um conflito entre os carroceiros e o poder público, colocando-os como vítimas, mesmo neste caso, em que a versão da autoridade contradiz a informação prestada pela fonte.

Outra matéria que trazemos é a publicada na edição de segunda-feira, dia 7 de outubro, que trata das vagas de trabalho no período de Natal, assunto que

acompanhamos por meio de um debate na reunião de editores do início da semana de realização da etnografia. A reportagem tem chamada com imagem no canto superior direito da capa (Imagem 23, Anexo W), onde constam os créditos “Arte de Alexandre Oliveira sobre foto de Livia Stumpf”.

Imagem 23 - Capa do Diário Gaúcho de 07/10/2013



Fonte: Capa (2013h, p. 1).

A fotografia, em plano médio e picado, mostra, à direita, uma jovem com touca vermelha e branca, característica de Papai Noel. Ela sorri enquanto olha para a câmera e tem os braços para trás, em um gesto que comunica que está à disposição. À esquerda, uma arte sobre a imagem insere o desenho de um papel (pergaminho) onde está inserido o título “3.720 vagas para o Natal”. Há ainda o desenho de um pinheirinho de Natal verde com bolas vermelhas. A legenda informa: “Thainá Oliveira vai aproveitar os temporários para ser assistente do Papai Noel”. A retratada está bem arrumada, com maquiagem, cabelos bem penteados e soltos.

A matéria ocupa quase toda a página 3 (Imagem 24, Anexo X), que tem um pequeno anúncio no canto inferior direito. A fotografia, de Livia Stumpf, no canto superior esquerdo, mostra novamente a jovem da capa, com um recorte parcial superior em sua cabeça. Desta vez, ela está de frente para a câmera, que a

enquadra em um plano levemente contrapicado. Ela segura na mão a touca de Papai Noel, de modo a mostrar a peça, e olha para o lado e para cima, sorrindo.

Imagem 24 - Página 3 do Diário Gaúcho de 07/10/2013

PORTO ALEGRE, ASSISIMBA, FERRA, VIVOZINI

Diário Gaúcho

ESPAÇO DO TRABALHADOR

TRABALHO TEMPORÁRIO

Enxurrada de vagas natalinas

Thainá será Noelete

Confira as oportunidades

CAREN CECÍLIA BALDO
 jornalista e escritora
 ceciliabaldo@terra.com.br
 (51) 3088-7664

Empresas Capital Regionais Temporárias oferecem 1.720 oportunidades com prazo determinado, neste período que antecede as festas de final de ano.

CAREN CECÍLIA BALDO
 jornalista e escritora
 ceciliabaldo@terra.com.br
 (51) 3088-7664

Oferta de qualificação gratuita

O Centro de Pesquisas em Diabetes está selecionando voluntários para participar de estudos clínicos.

Sujeitos com: Glicose no sangue acima 100 mg/dL (glicemia de jejum); Diabetes;

Não estar usando medicação para o diabetes.

Interessados entrar em contato pelas telefones (51) 3088-7664 ou (51) 3266-4276, em horário comercial.

TRABALHO TEMPORÁRIO

Enxurrada de vagas natalinas

Thainá será Noelete

Fonte: Baldo (2013a, p. 3).

A jovem ocupa o lado esquerdo da imagem e está voltada para a direita. O segundo plano, à esquerda, está completamente desfocado, o que evidencia a pouca profundidade de campo. Sobre a área fora de foco, foram sobrepostos o título e a legenda, respectivamente: “Enxurrada de vagas natalinas”, “Thainá será Noelete”.

Além do texto de abertura principal, com intertítulos, a reportagem conta com uma matéria secundária e um grande boxe com os números de vagas, locais, funções e contatos para interessados. A matéria é de Cáren Cecília Baldo e configura-se um serviço para o leitor, que conhecerá as vagas de trabalho e poderá procurar os locais que desejar. A entrevistada, Thainá, que tem considerável participação nos depoimentos do texto principal, torna-se um exemplo para reforçar a ideia que o texto quer transmitir: é possível conseguir uma vaga temporária no Natal. A fonte é, assim, um exemplo, já que conseguiu um trabalho para o período. A pauta, por sua vez, visibiliza a questão do mercado de trabalho, da busca de oportunidades em um período marcado por crescimento nas vendas do comércio.

A matéria que acompanhamos na Bienal na manhã de sexta-feira foi publicada terça-feira, dia 8 de outubro, e ganhou destaque na fotografia principal da capa (Imagem 25, Anexo Y), centralizada na parte inferior, com a chamada “Trabalhando e aprendendo”. A legenda da imagem de Mateus Bruxel informa: “Douglas, Alessandra e Sônia (D) prestam serviço e aproveitam para curtir as obras de arte da Bienal”.

Imagem 25 - Capa do Diário Gaúcho de 08/10/2013



Fonte: Capa (2013i, p. 1).

A imagem que mostra os três entrevistados sofre diversas interferências de arte, aspecto que se destaca à primeira vista. À direita da foto, acima e abaixo, respectivamente, estão a legenda e o título. À esquerda, o título e a legenda publicados junto à mulher da capa invadem a fotografia. Além disso, ainda há um recorte parcial na cabeça de Douglas, que “sai” do retângulo.

Em primeiro plano, está a base e a esfera suspensa, que formam a obra “Balé Magnético”. Alessandra e Douglas se destacam na imagem, por estarem mais à frente. Ela, mais centralizada no enquadramento, abre os braços, conforme acompanhamos na visita, para perceber o magnetismo da esfera, e sorri espontaneamente olhando para o lado direito. Douglas, à esquerda, usa o celular

para registrar o momento e está entretido com o aparelho. Sônia, à direita na imagem, está mais ao fundo, circulando pelo espaço ao redor da obra com os braços para trás; ela olha para a atitude de Alessandra e sorri. Além da obra, percebem-se as janelas e portas do prédio do Museu de Arte (Margs) e um homem que caminha em um corredor ao fundo.

Douglas e Alessandra vestem os uniformes de segurança, enquanto a camisa de Sônia remete para a função de auxiliar de limpeza. Os gestos espontâneos dos três, na captura ao final da visita proposta pela equipe de reportagem, remetem às observações no fotógrafo Mateus Bruxel sobre como as fontes passaram a se sentir à vontade ao longo da pauta.

A matéria ganhou a página 3 inteira, sem anúncios (Imagem 26, Anexo Z). O *layout* é diferenciado. Com o tradicional contorno verde na matéria, acima está a cartola “Época de Bienal”. No lado esquerdo da página, há um boxe com fundo verde, que ocupa toda a altura da página. Na parte superior dele, está o título “Uma lida pra lá de cultural”, girado 90 graus para o lado direito.

Por ali inicia a matéria, assinada pela repórter Roberta Schuler, com fotos de Mateus Bruxel. Na parte inferior do boxe, está a imagem dos três entrevistados na obra “Caverna de Morcego”, uma grande estrutura feita em papelão. A fotografia está girada 90 graus para o lado esquerdo.

No texto de abertura, há a justificativa para tais mudanças: “Na sexta-feira, foram convidados [os seguranças e as auxiliares de limpeza] pelo Diário a mudar a perspectiva: por duas horas, experimentaram sensações, se emocionaram, se divertiram e saciaram a curiosidade. Para entrar no clima, o DG publica o título e uma foto para virar sua cabeça”.

Na fotografia, que para ser vista corretamente precisa que o leitor vire a cabeça ou a página do jornal, Alessandra, Douglas e Sônia olham para cima para contemplar a obra na qual puderam entrar devido ao tamanho. Os três sorriem; Alessandra e Sônia estão boquiabertas. A legenda diz: “Eles se retorcem para ver a obra... e você para ler a legenda”.

Na página, além do boxe, estão três matérias secundárias, intituladas “As obras favoritas”, “Diversão no Margs” e “Última parada”, além de um boxe com informações sobre os locais e horários da Bienal. Cada um dos entrevistados ganhou uma fotografia individual, exceto Janaína, que deixou o grupo no meio da reportagem e não chegou a ser fotografada com uma obra favorita.

Imagem 26 - Página 3 do Diário Gaúcho de 08/10/2013

ÉPOCA DE BIENAL

Uma lida pra lá de cultural

ROBERTA SCHULER

... e os auxiliares de Bruno Sônia nunca são, verdade seja dita, Empedocles, Janelas Blancas, Amadora, Mariana, 33 anos, do Paraná, está perto de adquirir um apartamento com 50 metros de 20 países. Mas não como se fosse uma aposta. Ela já trabalha em uma loja de roupas e já fez uma viagem a Paris. Ela não quer mais trabalhar em uma loja de roupas. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente.

As obras favoritas

... e os auxiliares de Bruno Sônia nunca são, verdade seja dita, Empedocles, Janelas Blancas, Amadora, Mariana, 33 anos, do Paraná, está perto de adquirir um apartamento com 50 metros de 20 países. Mas não como se fosse uma aposta. Ela já trabalha em uma loja de roupas e já fez uma viagem a Paris. Ela não quer mais trabalhar em uma loja de roupas. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente.

Última parada

... e os auxiliares de Bruno Sônia nunca são, verdade seja dita, Empedocles, Janelas Blancas, Amadora, Mariana, 33 anos, do Paraná, está perto de adquirir um apartamento com 50 metros de 20 países. Mas não como se fosse uma aposta. Ela já trabalha em uma loja de roupas e já fez uma viagem a Paris. Ela não quer mais trabalhar em uma loja de roupas. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente.

Tapete de insetos

... e os auxiliares de Bruno Sônia nunca são, verdade seja dita, Empedocles, Janelas Blancas, Amadora, Mariana, 33 anos, do Paraná, está perto de adquirir um apartamento com 50 metros de 20 países. Mas não como se fosse uma aposta. Ela já trabalha em uma loja de roupas e já fez uma viagem a Paris. Ela não quer mais trabalhar em uma loja de roupas. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente. Ela quer trabalhar em uma loja de roupas que seja diferente.



Fonte: Schuler (2013e, p. 3).

Os demais posaram junto à obra que escolheram, em imagens com tamanhos semelhantes, ou seja, sem dar destaque a nenhum deles. No canto superior direito da página, está a fotografia de Douglas, junto à obra “O que você está fazendo aqui?”, com a legenda: “Douglas fez relação com sua rotina”.

Na visita a esta obra, ele emocionou-se e Mateus, no momento em que o fotografou, buscou recompor a emoção. O segurança ficou agachado, conforme

orientação do fotógrafo, que também agachou, a fim de deixar visível a obra, formada por plantas com uniformes pendurados. Douglas, a pedido de Mateus, olha para frente, com expressão pensativa. Seus braços se apoiam sobre as pernas e a mão esquerda fica em evidência, onde há um relógio no pulso e anéis nos dedos. A imagem é capturada em plano contrapicado, o que dá ainda mais destaque a ele. Como há uma janela em frente, seu rosto fica bem iluminado. O retratado está centralizado; em segundo plano, à direita e à esquerda no enquadramento, um pouco desfocados, estão elementos que compõem a obra de arte, plantas e peças de roupas.

Logo abaixo, centralizada na página, está a fotografia de Sônia. No enquadramento, ela está à direita, enquanto no espaço esquerdo aparece em segundo plano a obra “Viajante engolido pelo espaço”, formada pelo tapete de ferrugem. Ela sorri com a cabeça levemente caída para o lado. A legenda informa: “Tapete de insetos diverte Sônia”. Os pilares que contornam o tapete formam barras verticais ao longo das linhas horizontais do piso que evidenciam a profundidade de campo. Ao fundo, é possível perceber um grupo de visitantes. A cor alaranjada, junto ao branco da luz do fundo, ganha destaque.

Já no canto inferior direito da página está a fotografia de Alessandra, onde ela aparece junto a um quadro na parede onde duas teclas de piano estão sobre uma espuma. Na entrevista, ela comenta sobre as atitudes de visitantes que tocaram e deixaram marcas de dedos na superfície macia da obra. A fotografia escolhida é a que, no momento da captura, ela espontaneamente aponta a obra com o dedo indicador direito, enquanto faz sinal negativo com o dedo indicador esquerdo, e sorri para a câmera. “Alessandra já poderia ser instrutora”, diz a legenda. Como as paredes do entorno são brancas, ela e a obra ganham destaque: ela pelo uniforme preto e a obra pela cor alaranjada.

Ao inserir três pessoas que demonstram baixa escolaridade pela função que exercem (segurança e limpeza) em um ambiente que, tradicionalmente, é destinado a intelectuais, o jornal mostra que a arte é acessível e qualquer pessoa pode visitar a Bienal. O jornal poderia fazer este “convite” ao leitor de diversas formas, mas opta por inserir essas pessoas, trabalhadoras do evento, como visitantes. Desta forma, consegue mostrar o evento e ainda cria situações que ajudam a construir as fotografias, como a imagem de capa, que flagra um momento de interação com as obras. A matéria também pode ser considerada um serviço, já que traz todas as

informações para quem deseja visitar, e, neste caso, os sujeitos entrevistados configuram-se exemplos. Ou seja: o jornal busca as fontes entre pessoas que identifica como leitor-modelo, de modo que estas ajudem a construir o discurso jornalístico. Desta forma, os leitores acompanham a pauta por intermédio de pessoas que, teoricamente, têm perfis semelhantes aos seus.

Além disso, o jornal ainda interfere na rotina destas pessoas – e pode-se, dizer, inclusive, na vida – ao convidá-las não apenas para dar depoimentos, mas para participar de uma atividade, uma nova vivência. Com isso, oferece uma nova experiência, de modo que esta experiência amplia as alternativas de construção das fotografias.

O espaço visibilizado, da arte, é um espaço que os próprios profissionais da redação reconhecem não ser de seu público-alvo, o que mostra a intenção de oferecer conteúdos além do que esses leitores solicitam. Neste caso, um conteúdo de interesse público, já que se trata de um evento de grande porte em Porto Alegre, e não de interesse do público, o que vai contra um dos princípios que regem o jornalismo popular.

A partir dos movimentos entre o relato etnográfico e a análise do discurso fotográfico, partimos para os apontamentos do campo fotojornalístico do Diário Gaúcho. Esses apontamentos são construídos com base em nossa percepção das condutas e falas dos profissionais e do produto oferecido aos leitores, de forma a contemplar os aspectos que se destacam nos enquadramentos fotográfico e jornalístico na representação das fontes populares.

5.3 Apontamentos

O caminho trilhado até aqui nos permite chegar a alguns apontamentos que dizem dos processos que levam aos enquadramentos fotográfico e jornalístico das fontes populares no Diário Gaúcho. Nas páginas do jornal, dentro e fora da redação, observamos, ouvimos, questionamos, experienciamos. Das análises do discurso fotográfico e dos relatos etnográficos, extraímos elementos que se mostram chaves para a compreensão de como são construídas as fotografias de fontes populares, porque entendemos que não basta apenas transcrever tudo que foi visto e ouvido, é preciso “Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido”. (TRAVANCAS, 2008, p. 104).

Nos apontamentos que seguem, trazemos questões relacionadas direta e indiretamente com os retratos, buscando abranger os diversos aspectos que estão envolvidos na produção e edição fotográfica. Algumas falas de editores, repórteres e fotógrafos são trazidas novamente com o intuito de fundamentar nossas inferências a partir de tensionamentos. Neste momento, buscamos amarrar as pontas de nossa problemática, de modo a nos direcionar às considerações conclusivas.

Os apontamentos contemplam aspectos relacionados não apenas ao sujeito e ao ambiente retratados nas páginas do jornal, mas também às pautas e aos traços característicos do jornalismo popular. Apropriamo-nos destes aspectos com o intuito de estabelecer relações e, desta forma, conceituar o retrato das fontes populares no jornal Diário Gaúcho. Acompanhar a produção e edição de fotografias, neste sentido, foi fundamental para a leitura que fazemos a seguir, uma vez que “[...] quanto mais sabemos sobre o contexto em que foram captadas, mais elas podem expressar”. (NOVAES, 2008, p. 113).

A fim de organizar as questões que se mostraram pertinentes de serem tensionadas considerando nosso objeto de pesquisa, dividimos nossas considerações e tratamos separadamente sobre: o ambiente, o sujeito, a pauta, a história, os problemas sociais e o espaço gráfico em relação à visibilidade. Estas categorias foram construídas a partir das informações obtidas na pesquisa etnográfica e das considerações da análise do discurso fotográfico, e buscam abranger os diferentes aspectos que identificamos como relevantes para o entendimento das fotografias das fontes populares.

A ordem em que apresentamos estes apontamentos é aleatória por tratar de diferentes categorias. Ao mesmo tempo, ao longo dos textos, é possível perceber que há considerações que atravessam diversos aspectos, e, portanto, não há uma rigidez na divisão, que tem o único objetivo de estruturar o trabalho de análise. Por isso, nas considerações finais deixamos de lado esta organização e trabalhamos de forma a integrar os apontamentos. Desta forma, buscamos construir um conhecimento embasado em diversos ângulos e abrindo um espaço de reflexão sobre os retratos de fontes populares no jornalismo popular.

5.3.1 O Ambiente

Valorizado na concepção que os profissionais do Diário Gaúcho têm em relação às fotografias de fontes populares, o ambiente onde está situado o sujeito ocupa relevante espaço no quadro fotográfico. A constatação, também verificada na análise do discurso fotográfico, torna-se uma característica importante ao ser considerado o projeto gráfico do jornal, que conta com boa parte das fotos em menor tamanho. A tendência no fotojornalismo impresso seria justamente contrária: já que as imagens são publicadas em espaços reduzidos, deveriam conter menos elementos a fim de que estes fiquem mais visíveis.

Nas páginas do DG, as fotografias de fontes populares têm tamanhos bastante variados, de uma coluna (no caso da “foto bolinha”, como é denominada na redação) a seis colunas, considerando o projeto gráfico de páginas com sete colunas. Há imagens em que, mesmo com tamanho reduzido, os sujeitos estão ambientados, o que torna sua própria presença na fotografia com menor destaque. Por outro lado, a imagem ganha em conteúdo, o que é importante tratando-se de fotojornalismo – quando as fotografias precisam comunicar um fato, sempre atreladas a textos.

Neste caso, percebe-se que o sujeito da reportagem, chamado na redação de “personagem”, nem sempre ocupa isoladamente os espaços destinados à fotografia. Em prol da informação que o ambiente tem o potencial de evocar, sua presença pode tornar-se reduzida no enquadramento.

Durante as conversas empreendidas na pesquisa etnográfica, com editores, fotógrafos e repórteres, percebe-se a intenção de que o ambiente onde está o sujeito seja mostrado e valorizado na fotografia. Cada um dos profissionais aponta diferentes potencialidades desse ambiente, desde a credibilidade que passa à matéria até a possibilidade de o leitor identificar-se com o sujeito representado por suas condições de vida.

O fotógrafo Mateus Bruxel, enquanto editava imagens de uma catadora que percorria as ruas com um saco de materiais recicláveis, conta que abriu o enquadramento ao perceber as casas que poderiam compor o fundo, com o objetivo de ambientar a mulher. A editora de Opinião, Rozanne Adamy, responsável pelo espaço onde são publicadas matérias como as das seções *Seu problema é nosso!* e *Meu sonho é real*, considera fundamental o local onde estão os sujeitos e afirma, ao

comentar uma fotografia ambientada: “[...] dá credibilidade para a história que foi publicada. O que a gente percebe [...] é uma casa de gente pobre, e ao mesmo tempo tem detalhes, é gente caprichosa”. Na fala de Rozanne, percebe-se ainda a preocupação em mostrar aspectos positivos relacionados às pessoas fotografadas, questão que abordaremos na sequência, ao tratar sobre o sujeito.

Ao destacar a importância do ambiente na fotografia, a repórter Roberta Schuler, que também já atuou como diagramadora no Diário Gaúcho, observa que o jornal, em outros períodos, utilizava com mais frequência os recortes dos sujeitos:

“[...] os fotógrafos reclamavam que se tirava as pessoas do seu ambiente. Então às vezes se clipava a pessoa inteira, recortava ela todinha e tirava o fundo. E aí o fundo dizia muito do lugar. Ela está em uma vila, ela está em um bairro, ela está no Centro, ou ela está numa ação, ela está caminhando, está com uma sacola. Então tirava muito isso. Eu acho que com o tempo, a gente tem 13 anos, a gente perdeu um pouco, olhando assim meio por cima, a gente está deixando muito mais o ambiente. Ou esfumaçava muito, então tirava elementos da foto, que eu acho que também prejudicava. Era do projeto gráfico, mas eu acho que tirava um pouco dos elementos da foto”.

Ao conversar conosco sobre as fotografias ambientadas, Roberta lembra-se de um fato relacionado ao assunto que a marcou:

“Deu um boom, vendendo piscinas, e a gente foi atrás da gurizada tomando banho de piscina. Então eu lembro de uma foto que ele [Mateus Bruxel] fez, que era assim: uma laje e as crianças tomando banho na piscina. E ele conseguiu fazer a foto em que aparecia as crianças tomando banho, outras jogando bola na rua, não lembro se era de chão batido, e tinha um pouco do bairro, tu via um pouco daquela rua, os fios de luz, então tu consegue contextualizar. É na Zona Sul, é na Cruzeiro, não era só fechada na piscina em si. Ajudou a dizer um pouco daquele ambiente. Então, eu não entendo muito de foto, mas do que eu lembro, acho que contribui. Ficou ótima aquela foto e nunca me esqueci disso porque deixaram do jeito que estava. Porque a piscina mesmo estava em um cantinho e aí tinha a rua, tudo, ficou muito legal. Até eu lembro que eles deram aquela [foto] maior, justo por causa disso, porque tinha outro case que era mais fechado, porque era uma piscina enorme, e era um monte de gente, então se fez mais fechado na piscina mesmo”.

Aqui tem-se outra constatação: como a imagem tem muitas pessoas, a preferência é por reduzir o ambiente no enquadramento, a fim de mostrá-las com destaque. Ao comentar as fotografias de pessoas, a Editora de Produção, Luciane Bemfica, aponta: “Tem que ter gente, tem que ter um cenário que identifique que é periferia, é a rua. Acho que o fundamental é a identificação, esse é o segredo”.

Percebe-se que, imediatamente após citar a importância de ter pessoas nas imagens, a editora cita o cenário. E especifica: periferia, rua. Na sequência, fala de uma identificação do leitor com essa imagem, ou seja, considera que esse ambiente seja familiar ao seu leitor.

Questionada sobre a importância do cenário, Luciane confirma que ele ajuda o leitor a identificar os espaços. Ela exemplifica: *“Rua de chão batido, eu também moro em uma rua de chão batido”. O cenário é importante para nós*. A fotografia, para ela, deve ocupar espaço como um elemento de informação e identificação: *“Não tem coisa que identifique mais do que uma foto que tenha cenário e as pessoas ali no meio com alguma ação”*. Aqui, percebemos outro elemento: a ação, que remete à fotografia espontânea.

O editor-executivo, Claiton Magalhães, complementa este discurso: *“[...] o nosso principal interesse dentro disso é mostrar o personagem, onde ele vive, onde ele mora, e na comunidade em que ele está inserido. Essa é a principal ideia que a gente tem aqui de trabalhar a foto com o personagem”*. Vale salientar que este “personagem”, como as fontes são chamadas na redação, é o sujeito, a fonte popular.

Nas duas matérias em que acompanhamos a repórter Roberta Schuler, pudemos vivenciar a construção do discurso visual com destaque para o ambiente. Tanto no Movimento por uma Infância Melhor (MIM), na Bom Jesus, como na Bienal, os fotógrafos Lívia Stumpf e Mateus Bruxel buscavam enquadrar os sujeitos de forma que também o espaço comunicasse sobre a pauta e, conseqüentemente, sobre as fontes.

Lívia, ao colocar a entrevistada Marlene junto às crianças e aos demais elementos da sala de aula, buscava mostrar a rotina e o trabalho da fonte, especialmente porque a mulher tornou-se fonte em virtude deste trabalho na área de educação. Neste caso, era fundamental que ela não estivesse sozinha, e sim acompanhada das crianças com as quais convive, como o próprio editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza, destacou na conversa conosco, enquanto editava as fotografias desta matéria. Antes mesmo do momento em que começaria a fotografar, ao final da entrevista, Lívia já percorria os espaços da entidade em busca de elementos visuais e boas condições de luz.

No MIM, Lívia avaliou a sala de aula e tentou incluir no enquadramento tudo o que lhe pareceu interessante do ponto de vista de uma instituição que atende

crianças: o mapa do mundo na parede, os tambores e as cadeirinhas. Cada elemento destes, diferente de outros que ela deixou de lado, como um rack com televisão e som, caracteriza o ambiente. Buscando também uma construção diferenciada, a fotógrafa ainda utilizou o espelho na parede da sala para incluir novamente o mapa em outro ângulo da fotografia.

Todo este ambiente escolar permite, na fotografia, comunicar sobre a fonte. Embora a fotografia escolhida para a matéria não contenha o mapa nem o espelho, sabemos que outros requisitos foram decisivos na escolha, especialmente tratando-se desta matéria especial da campanha de educação. A imagem com o mapa era a mais formal, com todos em pose mais comportada; já para ter o espelho, que recuperava o mapa na parede contrária, a fotografia precisava ser mais aberta e na altura das crianças.

No entanto, esta matéria, que envolvia quatro fontes, gerou diversas dúvidas no editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza, quanto à escolha das imagens dos quatro entrevistados, que seriam publicadas na mesma página e por isso precisavam ser diferenciadas. O que as deixava semelhantes era o fato de que todas mostravam um educador com alunos.

Então, avaliando o conjunto de imagens para a reportagem, e buscando ângulos diferenciados, a fotografia de Marlene publicada é a que foi capturada em plano picado⁷. Por isso, além da fonte e das crianças, pouco se percebe do ambiente, onde aparecem apenas as cadeiras e o piso.

Na Bienal, o fotógrafo Mateus Bruxel também buscava inserir o ambiente do evento nos retratos das fontes. Embora um dos seus principais objetivos fosse capturar a espontaneidade dos entrevistados, ele considerava fundamental que aparecessem as obras de arte. Isso porque a matéria tinha o objetivo de mostrar que os retratados estavam no evento.

Além das fotos em grupo durante a visita, Mateus preocupou-se com opções de fotos individuais, o que ajudaria o editor a compor a página. Nas fotos individuais, o ambiente, para ele, também era importante e, mais do que isso, precisava ter um sentido. Desta forma, ao perceber que Roberta havia pedido que fossem visitadas as obras preferidas de cada um dos entrevistados, Mateus sugere à repórter que as fotos individuais sejam de cada um deles com a obra que escolheram.

⁷ Também chamado de plano plongè, refere-se à fotografia tirada de um ângulo superior em relação ao fotografado.

Na edição em que foi publicada esta reportagem, duas fotos do grupo foram publicadas, uma na capa e outra na página interna. Internamente, as imagens tem praticamente o mesmo tamanho: uma mostra o grupo e as outras três mostram individualmente as fontes. Em todas as imagens, percebe-se o destaque para as obras de arte, que caracterizam o ambiente da Bienal. Os ambientes, em relação aos sujeitos, são mostrados de forma variada no enquadramento: ao fundo, acima e ao lado. Junto às expressões dos entrevistados, essas colocações evidenciam a interação deles no espaço.

Os dois exemplos que trazemos de nossos acompanhamentos em pautas executadas pela repórter Roberta Schuler revelam ainda que é possível observar duas situações diferenciadas de fotografias ambientadas. Enquanto algumas imagens mostram as fontes em ambientes naturais, como o local onde vivem ou trabalham, outras inserem esses sujeitos em espaços estranhos à sua rotina. No segundo caso, a inserção, além de construir uma mensagem visual para a reportagem, afeta o próprio conteúdo textual. Mais além, é possível afirmar que, inclusive, as vidas destes sujeitos são afetadas pela intervenção jornalística.

Sobre a pauta que propôs aos trabalhadores da Bienal algumas horas como visitantes, Roberta comenta:

“[...] tem muita gente que não sabe, que não conhece. Então, levando o leitor, mostrando que é gente como a gente, é um ambiente que não exclui ninguém, que tu não precisas saber tudo e que qualquer interpretação é válida. É incentivar as pessoas. É um lugar aberto, todo mundo pode ir e deve ir, porque tem coisas muito legais. E também chamar a atenção, a curiosidade das pessoas. Mas muito mais para dizer ‘qualquer pessoa pode entrar’”.

Quando comenta sobre as fotografias produzidas na pauta da Bienal, Roberta ainda destaca como o ambiente, junto à entrevista, ajuda a construir boas imagens: *“[...] num ambiente daqueles, com uma história como essa, impossível não ter muitas opções”.*

Ao apresentar a Bienal para pessoas que, a princípio, não participariam de um evento deste tipo, o jornal insere as fontes em um ambiente que não é o seu natural. Embora os convidados já estivessem naquele espaço, porque eram trabalhadores do evento, por algumas horas eles assumiram outra posição: a de visitantes. E, de qualquer forma, foram inseridos em espaços estranhos à sua rotina

ao ingressar em outros prédios além daquele em que eles atuavam como seguranças e auxiliares de limpeza.

Ao assumirem novas posições no mesmo espaço, as fontes passam a ocupar lugares estranhos aos seus habituais. Além disso, inserir as pessoas em cenários que interessam ao jornal é um recurso que propicia ao fotógrafo mais opções para construção da imagem que chamará para a matéria, considerando o objetivo da pauta, conforme os profissionais, de convidar as pessoas a participar do evento.

Mas, ao mesmo tempo, as fontes deixam de ser apenas informantes para se tornarem sujeitos ativos de uma realidade que será noticiada. Mais do que o momento em que estes sujeitos agem de acordo com a proposta do veículo de comunicação, pode-se também considerar que as intervenções podem mudar a rotina dessas pessoas. Porque, mais do que um leitor que lê a informação, a fonte viveu a experiência, ou seja, viveu uma ação real, o que tem um grande poder de influência sobre suas ideologias.

Esta prática de interferir na vida das fontes para a construção de matérias também é percebida na fala da repórter Aline Custódio, quando conta sobre um prédio abandonado que ela descobriu em outra pauta e soube que era de um colégio abandonado. A repórter encontrou o homem que foi professor e diretor, e sua esposa, que também havia atuado na instituição, e levou-os ao local para fazer a matéria.

Neste caso, a presença no espaço que era o assunto principal da matéria tem o propósito de fazer com que o próprio cenário auxilie nas lembranças. Para a fotografia, é enriquecedor: como o jornal busca reconstruir uma história, colocar a fonte no lugar em que se passa esta história é, visualmente, reconstruir uma realidade passada. Na fotografia, os elementos essenciais se unem: pessoas e espaços. Mais uma vez, o veículo interfere na rotina dessas pessoas.

Ao ler esta matéria sobre a escola, ex-alunos resolveram homenagear os professores e o jornal cobriu o evento. Percebe-se, aqui, uma situação criada a partir da reportagem, e valorizada pelo jornal. Neste caso, também percebemos a interferência na vida das pessoas, assim como em outro caso relatado por Aline, do pescador que acabou sendo encontrado pela família, que resolveu buscá-lo. O jornal, além de incitar ações, mostra essas ações em imagens e textos, acompanhando a vida dessas pessoas, em histórias particulares.

Muitas vezes as pessoas aparecem em espaços particulares, mesmo em pautas que tratam de espaços públicos. Exemplo disto é a mãe que é vítima da falta de pediatras na rede pública de saúde e na fotografia aparece em sua casa, com o ambiente bem valorizado.

O ambiente comunica especialmente sobre a pauta e, nas matérias que tratam de problemas de infraestrutura relacionados ao poder público, é bastante comum a fonte posar junto aos elementos que atestam a situação vivida. Neste caso, temos vários exemplos: a mulher que recebeu um documento da prefeitura pedindo autorização para deixar a sujeira de um valão em frente à sua casa, o homem que reclama da enxurrada de marrequinhas após chuvas, o homem junto ao muro do terreno tomado pelo matagal onde deveria ter sido construída uma central de triagem de resíduos, e até o homem deitado no buraco de uma rodovia durante protesto.

Os retratos ambientados, nestes casos, unem os dois principais elementos da pauta: o problema e a vítima. Ao posar, muitas vezes olhando para a câmera, junto aos elementos que mostram as circunstâncias de sua reclamação, a fonte jornalística tem intensificada sua condição de vítima, uma vez que sua imagem é associada aos demais elementos.

Outra característica percebida nestes retratos é em relação à proporção: algumas vezes, a fonte aparece “pequena” em relação aos elementos que atestam os problemas. Desta forma, a fotografia minimiza a força do retratado em relação à dificuldade enfrentada.

5.3.2 O Sujeito

Quando pensam no retrato ideal, os profissionais do Diário Gaúcho que participaram da pesquisa etnográfica são unânimes em defender a espontaneidade. Mas, ao analisarmos as fotografias e acompanharmos os fotógrafos em execuções de pautas, percebemos que há diversos casos em que os retratados são dirigidos pelo fotógrafo, e inclusive posam para as fotografias olhando para a câmera. Entre o espontâneo e o dirigido, observamos os diferentes sentidos que emergem de cada tipo de retrato e como isto interfere na imagem da fonte popular construída pelo jornal. O editor de Fotografia, André Feltes, ao escolher entre duas imagens do homem sentado em um buraco da rodovia durante protesto em Alvorada, opta pela

fotografia em que, apesar de estar olhando para a câmera, o sujeito está com os braços abertos, como quem pede uma explicação. Para André, a escolha se justifica justamente pela espontaneidade que essa imagem transmite. Esta foto foi publicada na capa do Diário Gaúcho e evidencia a valorização do gesto espontâneo também na capa.

Nas páginas internas, após a seleção dos fotógrafos, o editor de Dia a dia, Felipe Bortolanza seleciona as imagens que irão compor as matérias de sua editoria. No dia em que acompanhamos seu trabalho, enquanto escolhia as fotografias da matéria especial da campanha de educação, também percebemos sua tendência em optar por cenas em que havia gestos espontâneos; a imagem principal da página é de Irmã Pierina segurando a mão de uma criança e sorrindo para ela. Nas demais fotografias da página, os outros três entrevistados são fotografados com outras pessoas e os grupos posam olhando para a câmera. Porém, há casos em que mesmo na fotografia posada é possível perceber a valorização do gesto espontâneo. Este aspecto foi percebido durante as duas pautas em que acompanhamos a produção.

Ao fotografar Marlene, Lívia Stumpf começa dirigindo ela e as crianças que a acompanham. Não haveria outro jeito: a entrevista havia sido realizada anteriormente e Marlene não estava em atividades com crianças naquele momento. Mas, na composição visual, para Lívia, era interessante ter as crianças, especialmente pela pauta em questão.

Marlene então se junta a uma turma de crianças que minutos antes estava acompanhada de outro professor. Neste caso, constrói-se um conjunto de pessoas a fim de transmitir a informação da matéria, que trata do trabalho que a mulher desenvolve com as crianças. Todos à disposição, Lívia começa a dirigir o modo como devem se portar: de pé, sentados na cadeira, sentados no chão, sem fazer gestos.

Em meio a estes direcionamentos, surgem gestos espontâneos, como no momento em que a fotógrafa pede para uma menina mover-se a fim de aparecer na imagem e a aluna coloca o braço para trás em um movimento que transmite a naturalidade de uma criança. Lívia, imediatamente, já com o olho no visor da câmera, pede para que ela pare exatamente na posição em que está. Na sequência, esta mesma menina, espontaneamente, senta-se no chão e abraça Marlene, e toda a turma a acompanha, em uma atitude que agrada a fotógrafa. Mesmo com todos

espontaneamente ao chão, Livia continua dirigindo e pede algumas poses, como, por exemplo, braços levantados. A fotografia escolhida – opção que levou em conta as demais imagens que iriam compor a página, especialmente se tratando de cenas semelhantes, com educadores e crianças – é aquela em que as crianças jogaram-se ao chão. Livia, na edição de imagens, comenta: *“Como crianças, são superespontâneos normalmente”*.

O segundo exemplo que trazemos é o acompanhamento da pauta da Bienal. Neste, mais do que avaliar os comportamentos do fotógrafo em relação às expressões espontâneas, podemos constatar um aspecto que já havia sido comentado pelos fotógrafos anteriormente: a necessidade de que as pessoas se habituem à presença da câmera. Na execução da pauta, que durou duas horas, percebemos nitidamente a diferença nas reações das fontes nos primeiros e nos últimos cliques.

Os entrevistados Douglas e Alessandra se destacam por, desde o primeiro momento de conversa com a repórter Roberta e o fotógrafo Mateus, falarem de forma muito natural com os dois profissionais. Sem timidez, os dois conversam abertamente, riem e interagem, até mesmo com o fotógrafo, que acompanha a entrevista. Mas é nos primeiros cliques que surge um estranhamento. Ainda no início da visita às obras de arte, Alessandra faz um gesto espontâneo, mas imediatamente o interrompe, ao sentir a câmera apontada para si, e sorri intimidada.

Ao longo da matéria, em que eles realizaram a visita à Bienal acompanhados de mediadores, os entrevistados passam a estar imersos na atividade e agem cada vez com mais naturalidade. Depois de optarem por perder o horário de almoço para seguir na visita, proposta pelo jornal, a espontaneidade é ainda maior. Eles ouvem os mediadores, observam e interagem com as obras de maneira tão espontânea que passam a ignorar a presença do fotógrafo. Este, já não precisa dirigir as fontes e busca capturar momentos em que observa a naturalidade materializar-se nos gestos, como o apontar com os dedos, os olhos arregalados e as bocas semiabertas.

Além de cobrir tudo o que ocorria na visita, um evento criado pelo jornal, Mateus e Roberta preocupam-se com as alternativas para a página onde seria diagramada a matéria. Boa parte das fotos inclui o grupo de entrevistados, mas repeti-los em diversas imagens não é o ideal. Para registra-los individualmente, Mateus tem a ideia de colocar cada um junto a sua obra favorita e Roberta concorda.

Ao posicionar cada fonte junto a sua obra, Mateus pede, além da posição, a expressão facial. Para Sônia e Alessandra, pede que sorrissem. Já para Douglas, pede uma expressão séria e pensativa.

Esta direção que, à primeira vista, mostra o controle do fotógrafo no retrato, baseia-se no próprio comportamento das fontes. Ao pedir que Douglas expressasse um momento de reflexão, Mateus buscava fidelidade à reação do entrevistado, que, no momento em que soube da história da obra de arte, emocionou-se e chegou a lacrimejar. Mateus, atento às expressões, poderia até ter capturado aquele instante de emoção à flor da pele, mas demonstrou não querer tirar proveito de um momento tão particular do segurança. Ao pedir que ele agachasse e olhasse para o alto, Mateus buscava recompor a emoção que a obra de arte causou – e é capaz de causar – no visitante.

Alessandra também posa ao lado de sua obra favorita para que Mateus a fotografe. Diante do pedido do fotógrafo, sua primeira reação é posicionar-se bem ao lado do quadro, mãos unidas à frente do corpo, em uma posição que evidencia a busca por uma colocação em que ela se sinta segura. Mateus começa a fotografar e faz diversas imagens. Alessandra sorri para a câmera e, considerando engraçada a quantidade de fotos, começa a sair de seu posicionamento inicial. De repente, aproxima-se mais do quadro, em sua altura – para isso abaixa-se levemente – e sinaliza com o dedo indicador que é proibido tocar na obra, enquanto fala isso para a câmera.

Esta imagem é a escolhida por Mateus na edição e foi publicada na matéria. Ele justifica: *“Não gosto da pessoa posada, fazendo gesto. Mas nesse sentido é uma brincadeira, é válido, foi espontâneo. É ela que protege a obra, as pessoas colocam o dedo”*.

Percebemos, mais uma vez, que, mesmo na fotografia posada, há a valorização do gesto espontâneo. Roberta Schuler, repórter que acompanhamos nas duas pautas relatadas, comenta:

“Eu sempre prefiro essa coisa espontânea. De jeito maneira a gente ia manter as crianças sentadas se a vontade delas era estar no chão com aquela mulher. Defendo muito isso, quanto mais espontâneo, é mais do Diário. [...] A gente tem que tentar, tanto repórter, quanto fotógrafo, passar a ser invisíveis, que o leitor não perceba que a gente estava ali. Quanto menos a gente interferir naquela realidade, melhor. Hoje, lá no Museu, queria que o que menos parecesse é que eu estava ali, e eles logo se

sentiram à vontade. Não precisava mais dizer nada. E eles não estavam mais falando e expressando de uma maneira artificial, respondendo o que eu estava perguntando. Nos ignoraram lá pelas tantas. O Mateus disse isso, 'nem precisei mais dizer nada'. E isso é muito legal”.

Apesar da valorização que esses profissionais afirmam dar ao gesto espontâneo, é bastante comum encontrarmos retratos onde as fontes estão posadas, com olhar direcionado para a câmera. Quando se pensa em retratos, e podemos constatar isso se avaliarmos os álbuns de família, é muito comum o mostrar-se para a câmera. Este é o instinto da maioria das pessoas quando sabem que serão fotografadas.

As fotografias posadas para a câmera, então, mesmo atreladas a pautas jornalísticas, podem ser comparadas às fotos sociais, onde o objetivo é ver-se e ser visto. Neste sentido, observamos que a participação na seção *A social*, dentro do espaço destinado às contribuições dos leitores, é significativa. A editora de Opinião, Rozanne Adamy, comenta:

“E uma coisa incrível que acontece aqui, que parece ser um filão inesgotável, as pessoas gostam muito de ver a si e as pessoas que elas amam, gostam, no jornal. [...] essas pessoas ficam extremamente felizes. [...]. Porque as pessoas bem colocadas socialmente gostam. Mas as pessoas mais pobres também gostam, e nós damos essa oportunidade. Com a vantagem que é absolutamente de graça, basta elas se darem o trabalho de nos mandar as fotos e os seus dados. E elas ‘pintam’ de bacana também. Porque daqui a pouco, para essas pessoas hoje é um dia de glória. Os parentes, os amigos, os vizinhos, a pessoa do mercado, da padaria, todo mundo ‘olha o fulano’, ‘te vi no jornal’. E a gente tem o maior prazer de colocar isso. É uma coisa bem legal”.

Rozanne comenta sobre o fato de as pessoas se verem ou identificarem seus conhecidos:

“No fundo, todo mundo gosta, e agrega importância, essa coisa de sair da multidão, de deixar de ser anônimo, ainda que um pouco, e aparecer. E a gente já teve casos [...] de as pessoas virarem celebridade no seu reduto. Tipo ‘o telefone não parou de tocar, até autógrafo dei hoje’”.

Conforme Rozanne, há a preocupação, inclusive, independentemente da pauta em questão, de que as pessoas apareçam bem no jornal. Ela exemplifica com o caso da mulher que ganhou uma televisão e saiu na seção *Meu sonho é real*:

“[...] a gente procurou um momento em que ela tivesse um sorriso, pelo menos que ficasse com uma carinha boa para aparecer no jornal. [...]

essa senhora chorava o tempo todo. [...] A preocupação é essa, [...] não dá aquela ideia de que o jornal se aproveita de uma situação em que a pessoa está mal, está ruim, na pior, para vender jornal. Não, pelo contrário. A ideia é mostrar que vale a pena acreditar, que sonho pode ser realizado. Então a sensibilidade do fotógrafo, para nós, é essencial. Ele tem que pegar algum momento em que essa pessoa apareça bem. Aparece bastante gente que pede fralda, por exemplo, que está numa situação de doença muito grave. Nós jamais vamos mostrar, e nem o fotógrafo faria, essa pessoa jogada numa cama, numa situação ruim. A gente tenta o melhor momento dela. Porque ela vai para o jornal, então vamos deixar ela pelo menos aparecer bem”.

A preocupação, inclusive, é de que as pessoas não se frustrem ao olhar o jornal, como no caso em que a fotógrafa Lívia Stumpf fica atenta para que todas as crianças, mesmo posicionadas em círculo, apareçam na imagem. A mesma atenção é percebida no editor Felipe Bortolanza, ao escolher as imagens da matéria de educação e dizer que “[...] tem que ter um trabalho assim de sempre se colocar no lugar de quem está na foto, ainda mais quando é criança”.

Mas a pose e o olhar para a câmera também são frequentes em retratos de fontes que são vítimas de problemas de infraestrutura, por exemplo. Como a foto em que uma mulher mostra um documento recebido da prefeitura, ou em que o sujeito está no local em que a enxurrada encheu de marrequinhas.

O olhar para a câmera se transforma, após a publicação, em um olhar direcionado ao leitor, que pode fitar o rosto do sujeito retratado. Desta forma, é como se o retratado construísse sua própria mensagem para ser comunicada ao observador. Neste sentido, o jornal dá a oportunidade para que ele mostre-se do modo como quer ser visto. Esta percepção vai de encontro à visão dos profissionais de que o jornal deve, mais do que informar, ajudar o seu público a resolver problemas das mais diversas ordens. Para o fotógrafo Mateus, o olhar para a câmera intensifica a força da imagem em fotografias documentais, em função da interação que provoca com o observador.

Quando são apresentadas como vítimas, situação bastante comum nas pautas do Diário Gaúcho, as fontes que olham para a câmera posam junto a elementos que mostram o problema enfrentado. Sua presença, neste caso, é um atestado de sua condição de vítima, que sofre prejuízos. A fotografia apenas do espaço poderia informar o problema, mas somente o retrato é capaz de informar com clareza que a situação gera vítimas. Este enquadramento fotográfico também vai de encontro ao texto, que particulariza problemas que atingem milhares de

peçoas; a imagem sem alguém presente remete justamente à globalidade do problema, o que não condiz com o foco do texto.

Ao ser dirigido, o retratado age de acordo com o que o fotógrafo concebe como uma imagem ideal para a pauta. Esta concepção, geralmente, vai de encontro com as visões compartilhadas pelos profissionais da redação em relação às fontes populares. No caso das pautas que tratam de problemas sociais, a necessidade de medidas que os solucionem; no caso das entrevistas particulares, a busca por contar a história de pessoas anônimas.

Entre os principais recursos no caso dos retratos, podemos considerar a gestualidade e as expressões faciais, que ajudam a contar e complementar no discurso visual o que está sendo dito no texto. Da seriedade motivada pelos problemas ao riso de vovós que compartilham experiências, é no rosto das fontes que o leitor busca subsídios para sua leitura.

A posição corporal também é importante. Nas situações em que classificamos as fontes como vítimas, é comum elas estarem em posições que atestem sua submissão ao problema, ou mesmo sua falta de poder para resolvê-lo – o que, aliás, é um dos motivos pelos quais elas buscam o jornal.

Nos retratos, ainda podemos considerar como elemento importante a luz, que pode simplesmente iluminar os rostos como também causar dramaticidade. Exemplo disso é o caso da catadora que foi capa na semana de realização da etnografia: na imagem, um sol intenso provoca sombras duras no chão e rostos parcialmente sombrios.

5.3.3 A Pauta

Uma das características que se sobressai no Diário Gaúcho é o papel que o jornal assume de ser um prestador de serviços, no sentido de explicar e orientar os leitores sobre as mais diversas questões. A partir deste traço, claramente identificado nos textos – explicativos, curtos, divididos em matérias secundárias, com boxes –, convém questionar qual a potencialidade de os retratos que acompanham estas matérias também prestarem um serviço; e se o fazem, de que forma.

O segundo e o terceiro dos *“Dez mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho”* dizem, respectivamente: “A reportagem do Diário Gaúcho precisa fazer a diferença na vida do leitor e buscar, sempre, transformar a realidade que está sendo

mostrada por meio de um conteúdo acessível e útil”, e “A reportagem do Diário Gaúcho deve ser precisa na apuração. Ao publicar uma informação, o jornal deve tirar o leitor de casa pela mão, conduzi-lo pelo mundo e levá-lo de volta ao lar com segurança”.

É importante destacar que a prestação de um serviço não se dá apenas em pautas específicas, como a que trata das vagas de trabalho no período de Natal ou a que dá dicas de como se preparar para uma entrevista de emprego. Trata-se, mais do que o assunto, da forma como estes fatos são tratados e apresentados nos textos. As informações buscam detalhar como funcionam certas coisas – dicas que, em alguns casos, chegam a parecer triviais. O editor-executivo Claiton Magalhães lembra uma frase com a qual identifica a proposta do Diário Gaúcho: “[...] *a gente trabalha mais para que o leitor trabalhe menos*”.

Na matéria sobre o convênio entre o Sine e o Senac Moda e Beleza, por meio do qual os candidatos a vagas de emprego podem receber um tratamento embelezador, dicas de instrutores contemplam, por exemplo: “As mãos devem estar limpas, bem como as unhas, que também precisam estar bem aparadas”. Outra forma de prestar serviço é o boxe na matéria da Bienal, com os endereços dos locais onde estão expostas as obras de arte e telefones de contato.

Essas pautas costumam ter fontes populares, que são sujeitos mostrados pelo jornal como exemplos para determinadas situações: os seguranças e as auxiliares de limpeza são exemplos de que pessoas com pouca escolaridade também podem visitar a Bienal; as mulheres selecionadas pelo Sine são exemplos de que é possível se embelezar e apresentar-se com uma boa imagem nas vagas de emprego; a jovem que conseguiu uma vaga de trabalho é exemplo de que o período do Natal é propício para empregos temporários.

Atrelada a este sentido que emerge dos textos, a fotografia age como um recurso visual para mostrar e complementar o que está sendo explicado, e, portanto, se torna parte deste discurso prestador de serviços do jornalismo popular. Quando questionado sobre uma possível relação entre os retratos de fontes populares e a prestação de serviços, Claiton responde:

“Eu vejo várias [relações]. Por exemplo, posto de saúde em Porto Alegre, 6 da manhã, fila para marcar consulta. Essa foto é um serviço para a população, porque ele [leitor] está vendo a imagem da fila, ele está vendo que na fila não tem lugar para se proteger da chuva, ele está vendo que

nessa fila tem barro. Ou seja, é uma maneira de ele se prevenir talvez da próxima vez em que ele for para esta fila, de ele ter alguma prevenção e algum serviço. E essa foto é fundamental, mostrar essas realidades, mostrar, por exemplo, como nessa semana a gente deu, os buracos na principal avenida de Alvorada. Eu acho que a foto sempre tem esse serviço. O motorista que tenha lido aquele jornal pode procurar um desvio ou passar devagar a partir daquilo ali. Porque ele viu aquela imagem, e ele viu que era uma imagem impactante, tinha uma pessoa deitada dentro do buraco, era uma imagem impactante. Então, nesse sentido, acho que a foto sempre acaba funcionando como uma sócia, uma companheira dos textos, nesse imaginário, nessa informação que a gente está passando para o leitor”.

A fala da editora Rozanne colhida em um momento anterior, em meio a uma conversa sobre o retorno que os leitores dão ao jornal, complementa a ideia de Claiton:

“E as pessoas, também, acontece muito, elas veem alguma coisa no jornal, daí elas ligam pedindo a mesma coisa. ‘Vi que o fulaninho saiu por isso, eu tenho uma situação parecida, eu também quero’. Isso vai pegando. As pessoas percebem que aqui elas vão ter guarida, daí elas também ligam, também pedem”.

É característica do jornal popular a individualização de questões, especialmente quando o jornal trata, por exemplo, do problema que atinge apenas uma pessoa. Esta, aliás, é uma das críticas direcionadas ao jornalismo popular, por singularizar uma situação que poderia ser pluralizada. Porém, percebe-se que, nestes casos individuais, o jornal aposta que diversos leitores verão refletidas suas situações de vida. Rozanne diz:

“Então, o nosso papel aqui é esse, é essa coisa de ir resolvendo as coisas das pessoas e a partir do momento em que tu resolves o problema de um, tu dás o exemplo para os outros. A gente sempre procura dar um serviço, explicar como proceder, e daqui a pouco vai ter outra pessoa que está com um problema parecido, ou ela liga para nós também, ou ela já percebe que ela também pode encaminhar”.

Com o jornal do dia em mãos, a editora de produção Luciane Bemfica mostra notícias mundiais e nacionais, matérias de serviço e histórias positivas. Para ela, o jornal *“tem muita leitura, e é uma leitura que não é pesada, ela é explicativa, e tu não ficas muito tempo preso naquilo ali. Quando tu chegares ao teu trabalho, tu tens condições de discutir qualquer coisa com as pessoas”.*

Luciane já conhece algumas preferências do leitor, como, por exemplo, as matérias do Espaço do Trabalhador, que trazem informações sobre vagas de emprego e pautas em geral relacionadas ao mercado de trabalho. São matérias que geram um grande retorno de leitores, que pedem mais pautas desta área. Esta, então, se torna uma editoria importante para o DG, porque é *“um dos focos de venda de jornal, que é o serviço de empregos, e geralmente rende uma pauta boa”*. Luciane resume: *“Tudo é bem mastigado para o leitor ter, além da informação, um serviço. Tudo tem por trás um serviço que possa ser útil”*. Para atender este leitor com matérias que sejam também serviços, o jornal busca estar atento ao que o leitor pede. Para isso, mantém canais de comunicação, via telefone e e-mail, principalmente.

A fotografia, por comunicar visualmente essas informações de serviços, também precisa ser didática. O exemplo que podemos citar é a capa que tratou da proibição de circulação dos carroceiros, na qual foram colocadas duas imagens. Conforme os editores, cada uma, isoladamente, não comunicava a totalidade da pauta: de um lado, a proibição de uma atividade, de outro, a falta de cumprimento de medidas pelo poder público.

Neste contexto, a fotografia das fontes populares ajuda a construir uma mensagem clara e direta, com enquadramento onde os sujeitos e os elementos são facilmente identificados. Percebemos, nestes retratos, então, que as fontes assumem a função de demonstrar nas imagens o que está sendo explicado nos textos, de forma a fazer com que o discurso visual também tenha este caráter de prestador de serviços.

5.3.4 A História

No jornalismo, a fotografia não atua sozinha, mas atrelada a informações textuais. Esta relação, de tão próxima, acaba, muitas vezes, provocando interferências: textos valorizados em função de imagens e vice-versa. Quando se trata de retratos, mais do que a imagem ser valorizada apenas pela pauta e pelo texto, também ocorre de ser valorizada pelas informações que o sujeito concedeu ao repórter.

No primeiro dia de nossa pesquisa etnográfica, segunda-feira, 30 de setembro de 2013, acompanhamos um interessante debate a respeito da fotografia que

deveria estar na capa da edição do dia seguinte. Editores, fotógrafos e repórteres, reunidos informalmente na ilha de Fotografia, tratavam sobre a imagem para compor a chamada sobre a proibição de circulação aos carroceiros, que entraria em vigor a partir de terça-feira. O jornal precisava antecipar a notícia e as blitzes só seriam realizadas no dia seguinte; portanto, era preciso construir uma imagem para comunicar sobre um fato que ainda não havia acontecido. Neste caso, o jornalismo popular, tradicionalmente caracterizado por apostar em notícias *hard news*, ou seja, fatos já consumados (MERSONI, 2011), investe em uma chamada de capa factual, relacionada ao dia de circulação, mas que, ao mesmo tempo, antecipa os fatos.

O foco da matéria é a proibição que entra em vigor antes de a prefeitura cumprir as metas de oferecer qualificação e construir centros de triagem. O editor de Fotografia, André Feltes, sugere para a capa a imagem de uma senhora com os dois netos andando na rua com um carrinho de supermercado carregado de materiais recicláveis. O grupo avalia a fotografia, mas percebe-se, por suas expressões, que, embora aprovem a ideia, não se trata de uma fotografia tão forte, pelo menos não capaz de fazê-los decidir imediatamente pela sugestão do editor.

André alega que “*a história é boa*”, justificativa reforçada pela repórter Aline Custódio, que entrevistou a mulher. A catadora enquadra-se exatamente no foco da matéria: iniciou um curso de qualificação, mas desistiu porque receberia a cesta básica e o salário somente no final do mês e precisava garantir o sustento da família até lá, e, além disso, afirma que vai continuar na atividade, parando apenas se for flagrada por um fiscal. Ela é um exemplo na matéria, como podemos perceber na legenda da capa: “A partir de hoje, cenas como a de Maria Martins trabalhando com os netos podem gerar multa e apreensão do carrinho”. A pauta ainda se torna um serviço e fala diretamente ao seu leitor, conforme o início do texto: “Carroceiros e carrinheiros, agora é para valer. A partir de hoje, vocês estão proibidos de circular em 31 bairros da Capital [...]”. O espaço da manchete, após o debate da equipe, fica dividido, e são inseridas duas fotografias; junto à imagem da catadora, outra mostra o matagal em um terreno onde deveria ter sido construída uma unidade de triagem.

Posteriormente, André comenta sobre a escolha da fotografia da catadora, que está na rua, em um local onde será proibida sua circulação no dia seguinte. Quanto à fotografia, considera forte, mas admite que “*a foto poderia ser melhor resolvida*”, já que se trata de um ângulo normal, frontal, sem algo muito chamativo, mas conclui: “*Não é uma grande foto, mas o personagem conta bem [a história]*”.

O merecimento da capa a esta fotografia se dá, portanto, pelas informações que a fonte concede à repórter. Como são fontes populares, que geralmente contribuem com as pautas com suas próprias experiências, percebe-se a valorização do retrato pela história de vida compartilhada com o jornal.

Estas entrevistas, em matérias maiores, nem sempre estão nos textos de abertura; muitas vezes, as histórias são contadas em matérias secundárias. Porém, o retrato das fontes populares ocupa o espaço principal da fotografia. Isso porque, embora muitas vezes as matérias englobem dados gerais, o enfoque é sempre pelo ângulo das fontes populares, especialmente quando são vítimas das situações. Fontes oficiais aparecem ao final dos textos, em espaços reduzidos, e não costumam aparecer nas fotografias.

Mas, de onde surgem essas fontes? Em conversa com a repórter Aline Custódio, percebe-se a preocupação em encontrar pautas na rua, a partir de observações ou conversas. De suas falas, poderíamos citar diversos exemplos: o pescador solitário, o prédio abandonado de uma antiga escola, o homem que gosta de cuidar de plantas. Além das pautas, a repórter encontra as fontes na rua, o que diversifica o grupo de anônimos a se tornarem fontes jornalísticas. Porque, ao contrário de autoridades ou especialistas, que já fazem parte de uma agenda, os anônimos só passam a integrar esta agenda quando localizados pela equipe ou indicados. Ao encontrar fontes, especialmente as que são referências nos locais onde vivem, os repórteres guardam os dados para contatos futuros, mantendo assim uma rede de informantes.

É também no relato da repórter que encontramos outra peculiaridade: algumas matérias nascem da própria fotografia, ou melhor, da imagem imaginada diante de um cenário. Aline comenta:

“[...] nem sempre o fotógrafo vai ser contemplado com uma boa história fotográfica, mas é do jogo. Assim como às vezes a foto é maravilhosa e a gente tem que trabalhar em cima da foto para criar uma história. Por exemplo, teve uma vez que estávamos eu e o Marcelo Oliveira, andando na BR, e ele sugeriu uma pauta muito legal, que ele já tinha observado e eu nunca tinha prestado atenção. Um senhor que costurava lonas no meio da rua, tinha uma máquina de costura na beira da BR e ficava costurando as lonas de caminhão ali, ele era o costureiro do asfalto. [...]. Caraca, que imagem, o cara com uma lona gigante, costurando. A matéria partiu da foto. [...]. O cara tinha uma história incrível, era a terceira geração de costureiros do asfalto, que ficavam ali, mas partiu de uma imagem. E eu tive que construir a história. A história ficou legal, rendeu,

mas tudo graças àquela foto que o Marcelo já tinha visualizado antes. Teve outra também que estávamos eu e o Marcelo também. Uma senhora que costura bolas, nos fundos do Olímpico, e acho que ele já tinha passado ali e visto ela costurando bolas, e ele sugeriu [...]. E não é que rendeu uma bela história também? Mas também surgiu a partir de uma foto, que ele já tinha visualizado”.

Ao perceber uma fonte popular em um cenário com potencial para uma boa fotografia, o próprio fotógrafo sugere a entrevista à repórter, no intuito de aproveitar a imagem já visualizada. A repórter busca, assim, construir um texto que vá de encontro com a fotografia, direcionando a entrevista com a fonte.

Na fala de Aline, identificamos como a relação entre repórter e fotógrafo afeta a construção das imagens. Além de repassar ao fotógrafo o assunto da pauta e como será a execução, a repórter ainda preocupa-se em pensar junto com ele a imagem. Há, neste relacionamento, uma troca, em que ela também ajuda na construção da fotografia. Aline considera que a imagem, além de complementar a história contada nos textos, tem o poder de atrair o leitor para a matéria, chamando-o para a leitura textual.

A importância das histórias de pessoas anônimas é destacada pela editora Luciane: *“O que vende jornal no Diário Gaúcho? Esporte, Polícia, Serviço e uma boa história. Uma história exclusiva sempre vende, é a aposta que a gente tem sempre”.* Ela ainda ressalta o equilíbrio que é necessário no jornalismo: *“O nosso dia a dia está recheado de histórias tristes, histórias negativas, de problemas. Só que a gente tem que ter a história positiva”.*

Neste contexto da busca por histórias positivas, percebe-se a intenção em valorizar o que essas fontes têm a oferecer ao jornal. Na pauta das dicas de vovós, a matéria busca valorizar o conhecimento individual dessas mulheres, que também é um conhecimento popular e diz muito do público ao qual o jornal é direcionado.

A importância que o jornal dá às informações concedidas pelas fontes populares é claramente percebida no caso da matéria sobre os carroceiros analfabetos. Enquanto o sujeito entrevistado coloca-se como vítima da situação, como analfabeto que por isso é excluído de programas de qualificação – e com isso ganha fotografia na capa e a principal interna, além de um considerável espaço no texto –, as autoridades, apesar de admitirem um equívoco no atendimento ao homem, expõem outro lado: os analfabetos podem ser cadastrados e há cursos que não exigem alfabetização, outros que inclusive propõem alfabetizar, mas a procura

por cursos de alfabetização é baixa. Mesmo tendo conhecimento dessas informações, o jornal mantém o destaque e todas as informações que o homem presta no texto principal, como a de que os analfabetos não são cadastrados.

5.3.5 Os Problemas Sociais

No âmago do jornalismo popular, identifica-se uma das questões que norteiam o trabalho desses veículos: o espaço a pautas relacionadas às fontes populares. Para isso, esses jornais costumam estimular a participação dos leitores, uma vez que estes, segundo o público-alvo ou leitor-modelo, seriam as próprias fontes populares. Além de contar com a intensa participação destas fontes, que buscam o jornal de diferentes maneiras e concedem informações de modo a contribuir com o conteúdo jornalístico, é característica do jornalismo popular percorrer grandes distâncias nas regiões metropolitanas, alcançando espaços onde dificilmente jornais tradicionais ou assessorias de imprensa chegariam, pelo menos não com tanta frequência.

Para o editor-executivo do Diário Gaúcho, Claiton Magalhães, trata-se de “[...] *inverter a fonte*”. Deixam de ter espaço as fontes oficiais e governamentais, autoridades e especialistas, e passam a ter voz os líderes comunitários, os pequenos comerciantes, a dona de casa. Estes novos protagonistas das histórias exigem maior tempo e deslocamento na produção das pautas.

No quadro na parede da redação, o primeiro dos “Dez mandamentos da reportagem do Diário Gaúcho” diz: “O personagem é o mais importante da reportagem. E o personagem é a pessoa comum. O Diário Gaúcho ouve a pessoa comum e conta suas histórias”. O sétimo e o oitavo, respectivamente, complementam: “A reportagem do Diário Gaúcho obedece ao ritmo da vida de seus leitores, nas suas felicidades e nas suas necessidades” e “A reportagem do Diário Gaúcho enxerga os problemas na mesma proporção de seus tamanhos. O que incomoda nosso leitor, nos incomoda”. A editora de Produção, Luciane Bemfica, explica: “*Porque a pauta do jornal é feita em cima do que o leitor quer. Para isso, a gente tem canais. Somos treinados desde o início do jornal para canalizar as forças no que o leitor está pedindo*”.

É pelo setor de atendimento ao leitor que chegam estas demandas, que na maioria das vezes se tratam de problemas a resolver, conforme a editora de Opinião

Rozanne Adamy. Todas as informações que chegam são aproveitadas pelo jornal, na forma de notas curtas ou de matérias jornalísticas. Luciane resume o que tem potencial para ser pauta no Diário Gaúcho: *“É tudo que o leitor tem dificuldade de conseguir, que a gente pode ajudar”*, acrescentando ainda a importância de o assunto ser exclusivo, estar relacionado à periferia e ao popular e render uma boa fotografia.

Se no jornalismo de referência um fato precisa atingir diretamente diversas pessoas para se tornar notícia, no jornalismo popular é noticiado mesmo se ocorrer com apenas um cidadão, conforme Luciane fala sobre a seção *Seu problema é nosso!*:

“Ela é superimportante porque são problemas muito simples e muito particulares. [...]. Dificilmente um jornal maior vai se preocupar com o esgoto na frente da casa de um leitor. Um leitor. Então, justamente para preencher essa demanda, quando vale a pena, e quando é um problema que é de um leitor, mas ele pode servir de exemplo para outros que estão na mesma situação, a gente amplia”.

Atender estes leitores que enfrentam problemas, visibilizando no jornal suas situações e, com isso, pressionando o poder público para solucioná-los, para Luciane, ajuda a fidelizar o leitor:

“Estou lá com meu buraco na minha rua e os caras não consertam, por que vou ligar para a Zero Hora? Não, vou ligar para o Diário Gaúcho porque tem essa seção, pode ser que o pessoal vá na minha casa e com isso me ajude’. Muita coisa a gente já conseguiu resolver ao longo desses 13 anos com pequenas iniciativas. [...]. Gente que conseguiu cirurgias”.

Nas falas de Rozanne, é possível perceber o engajamento do jornal quando o assunto são os problemas enfrentados por leitores que entram em contato:

“O que a gente tem: as reclamações, as demandas que as pessoas não conseguem resolver sozinhas, e daí eu te diria assim que o jornal cumpre realmente seu papel social, porque ele é um intermediário entre a sociedade e o poder público. O jornal reclama aquilo que as pessoas não encontram o canal correto para reclamar. O jornal faz esse papel. E desde o início dos tempos é assim”.

A editora de Opinião vê nesta conduta do veículo de comunicação a prática de um papel social que a sociedade atribui ao jornalismo, de ser um intermediador. No entanto, esta intermediação, ao invés de se dar de forma abrangente, transforma-se em um atendimento praticamente individualizado. Esta conduta de

prestar auxílio ultrapassa até mesmo as barreiras do jornalismo: a repórter Roberta Schuler, ao falar de seu relacionamento com as fontes, comenta que algumas ligam quando estão com alguma dificuldade, que a repórter, com algumas ligações, por exemplo, consegue resolver, e o fato não se transforma em notícia. Roberta ainda conta sobre a afetividade das pessoas, com as quais passa a se relacionar de maneira mais pessoal.

No jornal, os problemas são expostos junto a uma cobrança ao órgão público responsável. Mas a resposta do jornal não se resume apenas a esta ação. O Diário Gaúcho assume o problema da fonte e cobra dos responsáveis até que haja de fato uma solução, chegando a publicar diversas matérias sobre o mesmo assunto, especialmente quando os prazos não são cumpridos.

Ainda na fala de Rozanne, é possível perceber a forma como a editora busca imaginar-se no lugar da vítima, sensibilizada pelos dramas relatados:

“Essa pobre gente aqui estava convivendo com esse esgoto, que é um horror, já pensou?. Tu abrires a janela, a tua porta, e o esgoto está correndo ali. Tinha gente que simplesmente ia morrer porque não ia fazer o exame que precisava, não ia ter a consulta. E daí a gente ‘se tapa de nojo’ e vai lá e resolve”.

Percebe-se a satisfação da editora Rozanne ao ver resolvidos os problemas dessas pessoas: *“Diariamente, tem quatro, cinco coisas que vão resolvendo. São angústias que as pessoas não vão ter mais. É legal”.* Para ela, *“[...] o jornal é usado para ter justamente esse papel, de ser o porta-voz dos problemas, das demandas. Porque as pessoas percebem que o jornal tem força às vezes para fazer aquilo que elas não conseguem”.*

Os problemas que chegam à redação do Diário Gaúcho não são apenas de infraestrutura: até mesmo nos dilemas psicológicos o jornal busca atender os leitores, com colunas que recebem cartas e são respondidas. Rozanne diz: *“Então a gente aconselha, bota esse povo ‘nos eixos’ para ver se vive um pouco melhor”.* Mas, o que escrever para quem enfrenta problemas emocionais? Rozanne explica: *“Tu sabes o que as pessoas precisam. Elas precisam de um pouquinho de bom senso, de generosidade. [...] as pessoas depois voltam a entrar em contato para agradecer porque estão felizes”.* Sobre a intensa procura nestas seções, ela comenta:

“Eu acho que essas pessoas não têm grana para terapeuta, para psicólogo, então a gente faz um pouquinho disso. Pelo menos dá a oportunidade para que elas ponham para fora suas angústias. E, se, enfim, a vida delas fica melhor, ótimo. Não temos nenhum problema em fazer isso, muito pelo contrário, é bem legal. E tudo isso vai fidelizando as pessoas ao jornal. Eu acho que o grande mérito desse jornal é ter mostrado para as pessoas que elas tinham direitos, e que elas podiam correr atrás disso. E devolveu para as pessoas uma coisa que é a dignidade. Era gente que estava acostumada a ir nos lugares e ser maltratada, ou nem ir, aquela velha história ‘nem vou, porque nem vão me atender, não vão me olhar’. E a gente foi fazendo um trabalho, que agora tem 13 anos, era bem nesse sentido, ‘tu tens direitos, vais lá e briga, exiges, tu não és menos do que ninguém’. E acho que se nada mais o jornal tivesse conseguido, só isso, essa consciência assim, que é coletiva entre os leitores do jornal, teria valido a pena. Sabe o que é alguém ser machucado? Ter a sua dignidade pisada? Isso não dá para suportar. E o jornal faz isso. E nós fazemos questão aqui de atender com toda fidalguia, sabe? Pode ser o seu João, que não sabe falar direito, mas ele é um cidadão. Se ele se deu ao trabalho de ligar para cá, ele merece ser bem atendido. Se ele confiou em nós, a gente vai dar essa resposta para ele”

Esta relação com as fontes, inclusive, gera uma atenção extra, a ponto de os repórteres ligarem para avisar as datas em que as matérias devem ser publicadas, de modo a não frustrar a expectativa de aparecer no jornal. A repórter Aline Custódio, ao comentar sobre matérias que envolvem problemas sociais, também demonstra a satisfação pessoal em ver os problemas solucionados: *“Eu gosto de cobrar, do governo, prefeitura, questionar obras que não foram terminadas, essas coisas me interessam bastante”*. É Aline também que nos relata o período em que o jornal resolveu *“criar uma bandeira”* e questionou *“o que nós vamos tirar do papel?”*. Ela conta com orgulho que, graças a uma bandeira do Diário Gaúcho, materializada em centenas de matérias que cobravam do poder público uma resposta, um hospital seria inaugurado.

O fotógrafo Marcelo Oliveira, ao nos relatar sobre o relacionamento com as fontes, observa que muitas consideram a equipe do DG como parte de suas famílias. Ele também demonstra um envolvimento pessoal, ao relatar que chega a desejar boa sorte na solução dos problemas. Estas considerações a respeito dos problemas sociais ajudam a compreender os aspectos que envolvem os retratos de fontes em situação de vítimas, conforme os aspectos já citados, relacionados especialmente ao ambiente, à composição, aos gestos e às expressões.

5.3.6 O Espaço Gráfico e a Busca pela Visibilidade

A visibilidade às fontes populares, para os profissionais que fazem o Diário Gaúcho, está no cerne do jornalismo popular. Esses sujeitos, que contribuem com informações, aparecem nas fotografias, em detrimento de fontes oficiais. Para o jornal, é uma forma de essas pessoas – que teoricamente integram o público-alvo – se verem e, assim, fidealizá-las, já que são identificadas como leitoras em potencial.

A editora de Produção, Luciane Bemfica, resume a questão: *“Especificamente sobre as fotos, o que tem que ter basicamente é gente. Tem que ter gente na capa, tem que ter histórias de pessoas, isso para nós é importante, contar a história de uma pessoa comum. Onde uma pessoa comum vai se ver?”*.

Quando relata suas experiências de repórter, Aline Custódio conta sobre um entrevistado que ficou chateado de não ter visto sua fotografia no jornal – esta havia sido publicada somente no site. Não apenas ele, mas toda a vizinhança havia comprado edições seguidas esperando pela imagem: *“Eles compram sempre, mas eles ficam esperando aquele dia como se fosse o melhor dia da vida deles, de sair no jornal. [...] a gente sabe que no fundo a maioria deles tem o maior orgulho de sair no jornal”*.

Conseqüentemente, essa característica é explorada na capa, já que a primeira página tem grande importância para o jornal, que é vendido apenas em bancas e com os jornaleiros. O editor-executivo, Claiton Magalhães, explica: *“Então a gente procura utilizar o espaço na capa com a questão visual mais forte que a gente tem. Geralmente o personagem entra [...]”*. Claiton complementa, comentando sobre o nicho de leitores que o DG criou:

“[...] a preocupação inicial que a gente tinha era mostrar as pessoas que faziam parte desse novo mercado. Sempre que a gente tem essa oportunidade, de mostrar o rosto das pessoas, a gente procura mostrar. [...] Então ela saindo, ela se identificar, a comunidade dela identificava ela [...], e a gente passa a se preocupar em mostrar essas pessoas entre elas, para elas e para o público que lê o jornal”.

Este constante empenho em mostrar as fontes populares em imagens acaba por configurar peculiaridades em relação às fotografias desses sujeitos. A preocupação em inserir a fonte popular no discurso visual do Diário Gaúcho atrelada ao fato de que o projeto gráfico determina espaços reduzidos para as notícias resulta na publicação, muitas vezes, de imagens de pequeno tamanho ou de

pessoas recortadas de seu contexto. Seja por um recorte silhueta no corpo, seja por um recorte circular na chamada *“foto bolinha”*, as intervenções acabam por isolar o sujeito do ambiente em que vive, construindo assim novos sentidos para a representação visual das fontes. Na ânsia por dar espaço e destaque ao rosto desses sujeitos, essas fotografias são selecionadas para compor a capa e as imagens principais das matérias.

A *“foto bolinha”* e outros formatos de fotografias onde os sujeitos estão isolados de um contexto são recursos usados em diversas circunstâncias. Conforme Claiton, essa imagem geralmente é publicada por haver, no texto, declarações desta fonte que sustentam a ideia da matéria. Mesmo com um recorte que contempla apenas o rosto, geralmente publicada em um tamanho pequeno, esta fotografia, para ele, é *“também a oportunidade dessa pessoa aparecer”*. Ou seja: vale pela visibilidade, independentemente de espaço ou condição visual da imagem.

Nos espaços reduzidos do projeto gráfico, a *“foto bolinha”* torna-se um recurso para aproveitar mais fotografias e, conseqüentemente, dar visibilidade a mais fontes. As fotografias, quando ambientadas, tendem a deixar reduzido o espaço que o sujeito ocupa no enquadramento, a fim de que outros elementos apareçam. Este tipo de imagem, por deixar o sujeito “menor” em relação ao quadro fotográfico, exige um espaço maior para publicação no jornal, o que acontece principalmente em matérias maiores e reportagens especiais, de uma ou mais páginas.

A fotografia do sujeito, para Claiton, busca mostrar *“Os lugares onde ele vive, a comunidade, a área onde ele está inserido, o problema que ele tem”*. Nas imagens de menor tamanho, só de rosto, conseqüentemente, essas questões também ficam menos perceptíveis. Para ele, situações como a seção “Fala povo”, onde entra apenas a *“foto bolinha”* e a opinião da pessoa, são válidas, *“Mas quando ela está envolvida nesse personagem, em uma reportagem maior, a gente busca e vai sempre fazer ela nesse habitat onde ela está inserida, nessa comunidade onde ela está vivendo”*.

Embora o personagem tenha relevância para a linha editorial, há momentos em que para atingir mais pessoas é preciso despersonalizar. O exemplo da semana em que realizamos etnografia é a capa de sexta-feira, 4 de outubro, em que a manchete principal trata do aumento do valor da erva mate. O produto fica em primeiro plano, embora haja na imagem a presença humana bem destacada, com

um braço que despeja uma vasilha de erva. O braço, inclusive, ganha um recorte na parte superior.

Se este sujeito estivesse aparecendo, pelo ângulo de enquadramento, estaria em primeiro plano, o que certamente exigiria que seu nome fosse citado na legenda. Com o recorte, o que deixa de fora seu rosto e, por isso, sua identificação, não há nomes. Internamente, a fotografia de destaque é de uma consumidora em um supermercado, em frente a uma prateleira repleta de pacotes de erva mate. Quando questionado a respeito destas escolhas, Claiton diz:

“[...] aqui a gente quis valorizar mais a imagem da erva mate. Quando é um assunto de economia, que gera alterações, ou que toca na vida de todo mundo, de muita gente, a gente também utiliza esse subterfúgio de dar uma foto geral desse assunto e não de alguém em particular. É um hábito tão comum tomar chimarrão, que eu botar um cara tomando chimarrão ali poderia ser qualquer um, poderia nem sair de casa. Então a gente optou por dar uma situação no Mercado Público, onde são vendidos vários tipos de erva, uma foto diferente, com um recorte da mão do rapaz aqui. [...] quando o assunto é particular dessa pessoa, ou da rua que ela vive, da comunidade em que ela está inserida, a gente procura dar ela junto. E quando são grandes assuntos, [...] a gente pode usar o recurso de dar uma foto mais ampla, sem um personagem fixo”.

Outra justificativa para dar a fotografia da fonte popular de forma diferenciada – como quando está recortada de seu contexto –, segundo o editor André Feltes, é a busca por não tornar as imagens repetitivas. *“O contexto sempre é melhor. Acho sempre melhor ambientar, mas os problemas são muito parecidos, fica muito repetitivo”*, diz André. Como exemplo, podemos citar as fontes que buscam atendimento médico, como um exame, no setor público; o comum, neste caso, seria sua imagem com papéis do encaminhamento em mãos. É buscando fugir destas imagens, que parecem se repetir, que fotografias diferenciadas são publicadas, como quando as fontes aparecem recortadas do contexto e outras imagens mostram a falta de infraestrutura no atendimento médico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a imagem das fontes populares construída pelo Diário Gaúcho é pensar no produto e nas práticas que configuram esta construção. Os elementos da linguagem fotográfica dizem muito sobre os sentidos que emanam das fotografias, mas é também no texto e no contexto que encontramos outras pistas que nos levam às considerações a seguir. Junto à equipe do DG, experienciamos estas construções e coletamos as concepções dos profissionais. Com base na produção, edição e análise do discurso, elaboramos apontamentos a partir de categorias, a fim de estruturar a interpretação dos dados, o que nos permite agora chegar ao enquadramento jornalístico operado pelos retratos.

Propomos uma metodologia em que combinamos dois métodos de análise: o enquadramento fotográfico e o enquadramento jornalístico, considerando a prática que leva às representações no retrato. A partir da pesquisa bibliográfica e da observação de material empírico, ingressamos no campo da prática por meio da etnografia. As observações e conversas com os profissionais da redação, bem como o *making of* fotográfico produzido e a análise do discurso fotográfico de retratos acompanhados na produção e edição, levam aos apontamentos, dispostos em categorias: o ambiente, o sujeito, a pauta, a história, os problemas sociais, e o espaço gráfico e a busca pela visibilidade. O arranjo metodológico, construído ao longo da pesquisa de forma a atender aos objetivos da mesma, permitiu identificar o enquadramento jornalístico no retrato, considerado aqui como recorte operado pelo fotógrafo e espaço de produção de sentidos.

Diversas circunstâncias levam pessoas anônimas a se tornarem fontes populares no Diário Gaúcho. Principalmente como vítimas, exemplos, participantes e biografados, essas pessoas assumem posições de destaque não somente nas fotografias, mas também nos textos. Elas mostram suas caras onde não há espaço para imagens de fontes oficiais, que têm menor importância nos textos, e figuram com destaque não somente nas páginas internas, mas também na capa.

São as fontes populares que dão vida às histórias das mais diversas ordens e suas expressões e gestos são fundamentais para a construção dos sentidos que emanam das fotografias. Quando são vítimas, expressam seriedade, preocupação. Ao se tornarem protagonistas de histórias positivas, exibem sorrisos.

O rosto é rico em potencialidade comunicativa. Ocupa o lugar primordial na comunicação dos estados emocionais, reflete atitudes interpessoais, proporciona comentários não verbais sobre outros comentários, e alguns dizem que, junto com a fala humana, é a principal fonte de informação. (KNAPP, 1995, p. 229, tradução nossa).

O jornal acaba por mostrar frequentemente essas fontes populares relacionadas a problemas, embora se perceba a intenção dos profissionais em valorizar boas histórias de vida. Isso pode ser constatado nas falas de repórteres e editores, especialmente quando dizem que há vezes em que sentem a falta de uma história positiva em meio a tantas histórias tristes.

Por outro lado, percebe-se que o jornal tem uma preocupação em canalizar os esforços para atender aos pedidos e demandas que chegam dos leitores. E, como podemos constatar pelos dados do setor de atendimento, os contatos, na maioria das vezes, estão relacionados a problemas. Entre os mandamentos do jornal, está: “A reportagem do Diário Gaúcho obedece ao ritmo da vida de seus leitores, nas suas felicidades e nas suas necessidades”. Percebe-se que os leitores, embora acompanhem o jornal, ainda entram em contato mais frequentemente para relatar problemas, em busca de soluções.

Encontrar boas histórias, então, passa a ser um desafio para repórteres e fotógrafos. Nas suas falas, percebe-se a busca por essas histórias nas ruas, pela identificação de sujeitos que são protagonistas de histórias positivas. Para isso, o olhar apurado, de ambos, resulta em histórias curiosas, como a do homem que cuidava de milhares de plantas; emocionantes, como a do pescador que vivia sozinho e acabou sendo encontrado pela família; de grandes fotos, como a do costureiro do asfalto; e simplesmente leves, como a das dicas de vovós.

Há, nestes exemplos, o enquadramento desses sujeitos como partícipes da sociedade, como exemplos por suas experiências e histórias de vida. Nestes retratos, percebe-se a intenção em registrar momentos alegres e espontâneos. Para os leitores, parece não ser ainda tão claro identificar esse tipo de pauta, pelo menos não tanto quanto identificar as pautas que tratam de problemas.

Este aspecto, nas fotografias, acaba por gerar uma representação visual desses sujeitos mais relacionada às dificuldades que essas pessoas enfrentam, especialmente em relação ao setor público, com destaque para a infraestrutura. Nos retratos, é possível perceber este esforço em sensibilizar os leitores e os órgãos públicos para as situações incômodas noticiadas. Para intensificar o drama relatado

por essas fontes, alguns recursos são notados nas fotografias: o sol que parece castigar a catadora que percorre as ruas com os netos; o tamanho reduzido das vítimas em relação aos problemas no caso da enxurrada de marrequinhas; a força do homem analfabeto, que não conseguiu qualificar-se, empregada no carregamento de materiais recicláveis. Os problemas, geralmente, são mostrados tanto nos textos quanto nos retratos pelo olhar das vítimas.

Jornalisticamente, esses sujeitos são enquadrados como vítimas das situações e as imagens vão de encontro com a necessidade de soluções. Não são apenas as fontes que buscam soluções ao entrar em contato, mas o próprio jornal vê na publicação de matérias a chance de pressionar os órgãos responsáveis. E o poder público, alvo frequente destas reclamações, também preocupa-se com sua própria imagem frente às denúncias: na volta do protesto em Alvorada, o repórter nem havia chegado à redação quando a assessoria de imprensa daquela cidade entrou em contato para dar sua versão aos fatos.

Além disso, há um empenho em ver resolvidas as questões, o que gera satisfação pessoal nos profissionais do Diário Gaúcho. Isso também ocorre porque repórteres e fotógrafos, em alguns casos, passam a ter relações muito próximas com as fontes, o que poderíamos chamar de relações pessoais. Esses relacionamentos são percebidos não somente nas pautas, mas nos contatos de leitores que escrevem para os colunistas expondo situações muito pessoais e em busca de conselhos. O jornal, por sua vez, busca atender a estes anseios e mantém um relacionamento com esses leitores, mesmo quando estes contatos não rendam informações para serem publicadas.

Este relacionamento gera também uma preocupação quanto às fotografias das fontes populares: há a intenção de fazer com que essas pessoas apareçam bem nas fotos, evitando situações e posições que poderiam gerar constrangimentos ou frustrações, por exemplo, como no caso das histórias de pessoas que recebem doações ou no das crianças posicionadas de modo que todas apareçam. Mesmo a fonte estando em circunstâncias desfavoráveis, o registro busca construir uma imagem positiva, conforme relatos dos profissionais, o que também constatamos no discurso fotográfico.

Enquanto relatam sobre a preocupação com a imagem destas fontes, os profissionais costumam colocar-se no lugar do outro, situação comentada por Brum (2012, p. 80) ao tratar dos limites da profissão de repórter:

O meu limite é me colocar no lugar do outro. Se preciso buscar alguém, se preciso bater na porta de alguém, eu me coloco no lugar dessa pessoa: como me sentiria se um jornalista batesse na minha porta? Como me sentiria diante de tal pergunta? Eu poderia respondê-la? Se a resposta for não, não bato nessa porta. Porque o meu limite é dado pelo seguinte: não posso pedir para alguém aquilo que não sou capaz de dar.

Por esta perspectiva, fica ainda mais clara a intenção de que as publicações agradem às fontes, seja nas informações textuais ou imagéticas. Especialmente nos retratos, a lógica seria dar visibilidade de forma positiva, do modo com que, em termos comparativos, os profissionais admitiriam sua própria visibilidade.

Percebe-se, nas falas dos profissionais, uma forte identificação com a ideologia do jornalismo popular. Eles abraçam as causas não somente de modo profissional, mas pessoal, trazendo para si os problemas e também as alegrias vividas pelas fontes. Imersos no cotidiano do jornalismo popular, tratam com naturalidade essas condutas, que somente podem ser reveladas por meio de um olhar externo de pesquisador.

Com olhares voltados para a câmera ou para outros motivos, as fontes por vezes aparecem em poses espontâneas e em outras são dirigidas pelos fotógrafos. Mesmo com a direção, muitas vezes o que se busca é reconstruir uma posição espontânea que não foi registrada pela rapidez do momento ou mesmo por não ser favorável à fonte.

Nas conversas com os profissionais, percebe-se a intenção em valorizar gestos espontâneos, o que nem sempre ocorre. Em muitas fotografias, as pessoas posam olhando para a câmera, momento em que param para serem fotografadas, o que gera um registro, normalmente, sem ações.

Por outro lado, percebemos que para que haja de fato uma espontaneidade nas fotografias é preciso que o fotografado se habitue à câmera. Na pauta da Bienal, é evidente a diferença entre as primeiras e as últimas fotografias capturadas. Neste caso, que envolveu seguranças e auxiliares de limpeza do evento, o que se percebe não é o estranhamento à fotografia, uma vez que ela está presente na rotina dessas pessoas, fato que comprovamos quando elas mostraram em seus celulares as imagens dos filhos. O que se percebe é o estranhamento ao fato de estar sendo fotografado por um repórter, e, conseqüentemente, preocupar-se com a imagem que será publicada no jornal. Esta não é uma característica geral, mas podemos

relacionar ao fato de se tratar de fontes populares, que não aparecem em veículos de comunicação com a frequência, por exemplo, de autoridades e especialistas.

Foi preciso quase duas horas, na pauta da Bienal, para que as fontes passassem a agir espontaneamente, mesmo com a presença do fotógrafo. Sabemos, pela rotina acompanhada na redação e pela equipe reduzida – inclusive constatando em alguns momentos a falta de repórter para as pautas –, que apenas em matérias mais especiais, como esta que rendeu uma página, é destinado um tempo de trabalho estendido de repórter e fotógrafo.

Nos retratos espontâneos, há um enquadramento de valorização da naturalidade e da informalidade, onde a ação dos sujeitos tem sequência na presença da câmera e é capturada como se o fotógrafo não estivesse presente. Estas fotografias remetem ao fotojornalismo em seu modo mais tradicional, uma vez que a ação agrega informações à cena registrada.

Já os retratos dirigidos, especialmente quando os retratados olham para a câmera, têm um enquadramento mais documental. O próprio olhar da fonte ajuda o observador na interpretação de sua situação, que é apresentada pela própria fonte. É o momento em que o retratado busca construir sua própria imagem, em fotografias que se assemelham às de álbuns de família.

O desejo em aparecer de forma posada também pode ser constatado pela grande procura pela coluna *A social*, que abre espaço para esse tipo de imagem. “Há uma dramaturgia social que torna a fotografia, a imagem, necessária. A fotografia reforça a necessidade de representar. Nas fotografias, as pessoas fazem supor”. (MARTINS, 2011, p. 43).

O ambiente onde está o sujeito fotografado, por sua vez, comunica sobre sua rotina, suas dificuldades, suas experiências de vida. A valorização das fotos ambientadas, mesmo quando o espaço destinado à publicação é reduzido, mostra a intenção do jornal de mostrar não apenas o sujeito, mas o contexto onde ele está inserido. Em alguns casos específicos, o contexto onde o jornal o inseriu: a fim de comunicar visualmente as pautas, principalmente as que são construídas pelo jornal e nas quais as fontes populares são enquadradas, os ambientes são estranhos à sua rotina.

Ao retirar as pessoas do ambiente em que foram fotografadas, com recortes ou com o enquadramento fotográfico mais fechado, o jornal deixa de mostrar o contexto, mas aposta em outro recurso: expor mais pessoas. Embora se perceba a

intenção de valorizar os retratos ambientados, muitas vezes a presença visual da fonte reduz-se a um recorte circular em seu rosto. Como os espaços das matérias, conforme o projeto gráfico, costumam ser reduzidos, também as imagens acabam sendo sacrificadas, muitas vezes apenas para mostrar mais pessoas, já que não há ambiente para agregar informações com outros elementos.

A importância de mostrar a cara desses sujeitos também está atrelada ao fato de que as entrevistas com fontes populares embalam todo o texto jornalístico. Se não diretamente, já iniciando com a história dessas fontes, indiretamente, pelo ângulo do qual elas veem os fatos. Nas legendas, essas fontes geralmente são tratadas apenas pelo primeiro nome, o que causa uma familiaridade. O próprio jornal tem como proposta dar visibilidade a estes sujeitos, o que faz repensar a forma de ver o jornalismo como meio de dar voz a quem não tem voz (BRUM, 2012): o jornalismo passa a ser o meio também de dar rosto a quem passa despercebido aos olhos da imprensa tradicional.

Há, no ambiente, um enquadramento espacial do sujeito, que mostra qual o espaço que ele ocupa na sociedade, pelo menos no momento do registro. Nas ruas da periferia ou nas salas de museus, o retratado tem sua imagem fortemente influenciada pelo ambiente, que em todas as circunstâncias comunica muito sobre sua vida. Neste caso, percebe-se com frequência as imagens com grande profundidade de campo, onde diversos elementos do entorno podem ser percebidos.

Quando sofre recortes que excluem os ambientes, há um reenquadramento jornalístico: esse sujeito isolado passa a ter ainda mais vínculo com os demais recursos visuais da matéria, como outras imagens e ilustrações. Isso porque o olhar que busca as fotografias, geralmente antes de ingressar no discurso textual, busca subsídios que, junto aos textos e legendas, contem de modo direto e preciso do que se trata a pauta.

Outro enquadramento jornalístico possível de ser apontado nas fotografias de fontes populares é em relação ao cunho de serviço das matérias do jornal. Nas falas dos profissionais e também na observação das páginas, percebe-se a preocupação do veículo não apenas de informar, mas de explicar e orientar os leitores. Este aspecto, que inclusive gera uma atenção maior de repórteres, por intensificar a responsabilidade do veículo, também pode ser relacionado aos retratos. Ao inserir o sujeito neste discurso explicativo, o jornal transforma a fonte popular em instrumento de instrução aos seus leitores: torna-o exemplo para que outros se identifiquem com

a situação vivida. Desta forma, promovendo a identificação dos leitores com as fontes consultadas, um objetivo constante da linha editorial.

É por este ângulo que a individualização nas matérias pode ter, sob um olhar específico, um caráter plural: embora o problema visibilizado atinja uma pessoa, são situações que, pelo conhecimento que a equipe tem de seu público, podem repetir-se em outros locais, com outras pessoas, em outras circunstâncias, mas com a mesma essência. Porém, considerando a pluralização indispensável do jornalismo de oferecer informações variadas de modo a permitir que cada leitor construa sua própria opinião, o que percebemos é que a angulação das matérias sempre pelo viés das fontes populares, com pouco espaço para fontes oficiais, torna a cobertura parcial, tanto no discurso textual quanto no visual.

Para além da visibilidade às pessoas que o Diário Gaúcho reconhece como leitores em potencial, e da possível identificação que leitores passam a ter com as publicações, investigar os retratos nos permite compreender a imagem das fontes populares construída pelo veículo. Fazer este percurso no campo do fotojornalismo é também conferir à fotografia a importância de registro de sujeitos em determinados espaços, tempos e ações. Ao propor uma cobertura segmentada, o jornalismo popular propõe visibilizar modos de vida que passam despercebidos pela imprensa tradicional, documentando assim uma história que passa a ser contada com fotografias e textos, uma vez que “[...] ser jornalista é ser um historiador do cotidiano”. (BRUM, 2012, p. 72).

Pensar a imagem construída por estas fotografias é preocupar-se com as linguagens e as práticas jornalísticas reconfiguradas no atual jornalismo popular. Desta forma, buscar entender os sentidos que delas emanam com o objetivo de que sejam constantemente qualificadas, especialmente considerando o grande mercado hoje atingido por publicações desta linha editorial.

Identificamos na produção dos retratos um “[...] *processo de construção da representação* [...]”, que buscamos desvendar por meio de um “[...] *processo de construção da interpretação* [...]”, promovendo um “[...] *processo de construção de realidades* [...]”. (KOSSOY, 2002, p. 41-42, grifo do autor). Desta forma, a construção que iniciou com o ato fotográfico e a edição fotojornalística tem continuidade na leitura que fazemos dos retratos das fontes populares, sob um olhar fundamentado em teorias, observações e relatos.

A rotina agitada do jornalismo, muitas vezes, faz com que os profissionais deixem de dedicar tempo à reflexão sobre suas práticas. Em uma das conversas empreendidas durante a pesquisa etnográfica, um dos profissionais, enquanto nos relatava sobre sua atividade, comentou sobre a importância dos momentos em que pesquisadores ingressam na redação para investigar o jornalismo. Porque, incitado por nossas colocações e questionamentos, o profissional refletia sobre suas ações diárias e dava-se conta da relevância de rever suas condutas.

Nas fotografias, carregadas de ideologias compartilhadas por editores, repórteres e fotógrafos, está a chave para que as condutas sejam analisadas e revistas constantemente. Esperamos, com esta pesquisa, contribuir com as reflexões de profissionais que atuam no segmento de jornalismo popular, especialmente no que diz respeito aos retratos e às fontes populares.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

AMARAL, Márcia Franz. Imprensa e modos de endereçamento ao leitor popular: do desdém à superexposição. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 1., 2003, Brasília, DF. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, 2003. Disponível em: <sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/ admjor/arquivos/t041.doc>. Acesso em: 8 nov. 2011.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2011.

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. **Revista Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, jul./dez. 2005.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. **Critério de classificação econômica Brasil**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.abep.org/novo/Content.aspx?ContentID=835>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS - ANJ. **Comentários sobre o Meio Jornal**. A indústria jornalística. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/comentarios-sobre-o-meio-jornal>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS - ANJ. **Diário Gaúcho é destaque do 5º Congresso de Jornais Populares**. Brasília, DF, 12 set. 2011. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/sala-de-imprensa/noticias-dos-associados/diario-gaucha-e-destaque-do-5o-congresso-de-jornais-populares>>. Acesso em: 8 nov. 2011.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS - ANJ. **Maiores jornais do Brasil**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2012.

BALDO, Cáren Cecília. É hora de estagiar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.796, p. 6, 23 jun. 2012 e 24 jun. 2012.

BALDO, Cáren Cecília. Enxurrada de vagas natalinas. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.196, p. 3, 7 out. 2013a.

BALDO, Cáren Cecília. Um banho de autoestima. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.192, p. 8, 2 out. 2013b.

BARROS, José Augusto. Masqta! é do jeito que o povo gosta!. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.792, p. 11, 19 jun. 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 143-164.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como gênero discursivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., 2007, Sergipe. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, 2007. Disponível em: <sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada_6_.marcia_benetti.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2013.

BERNARDES, Cristiane Brum. **As condições de produção do jornalismo popular massivo: o caso do Diário Gaúcho**. 2004. 257 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) -- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3932/000405724.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

BLAIR, James P.; STUCKEY, Scott S.; VESILIND, Priit. **Novo Guia de Fotografia National Geographic**. São Paulo: Abril, 2011. Tradução de Camila Werner.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRUM, Eliane. Eu sou uma escutadeira. Entrevistadoras: Ângela Zamin, Beatriz Marocco e Julia Capovilla. In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática: entrevistas**. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 71-92.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.793, p. 1, 20 jun. 2012a.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.795, p. 1, 22 jun. 2012b.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.796, p. 1, 23 jun. 2012 e 24 jun. 2012c.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.797, p. 1, 25 jun. 2012d.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.185, p. 1, 24 set. 2013a.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.190, p. 1, 30 set. 2013b.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.191, p. 1, 1 out. 2013c.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.192, p. 1, 2 out. 2013d.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.193, p. 1, 3 out. 2013e.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.194, p. 1, 4 out. 2013f.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.195, p. 1, 5 e 6 out. 2013g.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.196, p. 1, 7 out. 2013h.

CAPA. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.197, p. 1, 8 out. 2013i.

CARTIER-BRESSON, Henri. Transcrito de "O Momento Decisivo". **Bloch Comunicação**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 19-25, 2010. Disponível em: <<http://ciadefoto.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/03/Momento-Decisivo-Bresson.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

CUSTÓDIO, Aline. Marrecas se foram, mas ficou a sujeira. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.190, p. 3, 30 set. 2013a.

CUSTÓDIO, Aline. Projeto pelo cano. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.194, p. 5, 4 out. 2013b.

CUSTÓDIO, Aline. Um mate intragável. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.194, p. 4, 4 out. 2013c.

CUSTÓDIO, Aline; SCHULER, Roberta. Restrição na rua, promessas na gaveta. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.191, p. 4 e 5, 1 out. 2013d.

DIÁRIO Gaúcho lança novo visual. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 12 set. 2013. Disponível em: <<http://gruporbs.clicrbs.com.br/blog/2013/09/12/diario-gaucho-lanca-novo-visual/>>. Acesso em: 21 out. 2013.

DONA Maria Inês não perde mais as novelas. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.193, p. 34, 3 out. 2013.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2011.

FESTA, Regina. Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Org.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 9-30.

FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia**: pistas para percibir el mundo. Barcelona: Paidós, 1993.

- GINER, Juan Ant3nio. Los nuevos peri3dicos populares de calidad. **Gaceta de Prensa**, 10 fev. 2003. Dispon3vel em: <<http://www.gacetadeprensa.com/noticia.asp?ref=1594&pos=4>>. Acesso em: 17 mar. 2013.
- GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**: los marcos de la experi3ncia. Tradu3o de Jos3 Luis Rodr3guez. Madrid: Centro de Investigaciones Sociol3gicas (CIS), 2006.
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo pol3tico 3 ind3stria cultural**. S3o Paulo: Summus, 1987.
- GRUPO RBS. **Jornal**. Porto Alegre, 2013. Dispon3vel em: <<http://www.gruporbs.com.br/comunicacao/index.php?pagina=jornal>>. Acesso em: 13 mar. 2013.
- GUIMAR3ES, Luciano. A imagem e o ret3ngulo: as experi3ncias com a binariedade dentro-fora no jornalismo de turismo. In: **Sobre jornalismo visual, imagens e cores**. Colet3nea de textos para concurso de livre-doc3ncia em jornalismo visual. S3o Paulo: Unesp, 2009.
- GURAN, Milton. A “fotografia eficiente” e as ci3ncias sociais. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). **Ensa3os sobre o fotogr3fico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998. p. 87-99.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotogr3fica e informa3o**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.
- HERMES, Gilmar Adolfo. Fotos, ilustra3es e infografias no jornalismo impresso. In: SBPJOR – ASSOCIA3O BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO; ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., 2009, S3o Paulo. **Anais eletr3nicos...** Dispon3vel em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/gilmar_adolfo_hermes.pdf>. Acesso em: 26 set. 2011.
- HIGGINS, Jackie. Retratando o outro. In: HACKING, Juliet (Editora geral); CAMPANY, David (Pref3cio). **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. Tradu3o de Fabiano Moraes, Fernanda Abreu e Ivo Korytowski.
- JORNALISMO de qualidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, 4 maio 2013. Dispon3vel em: <<http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/05/04/editorial-jornalismo-de-qualidade/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 4 mai. 2013.
- KNAPP, Mark L.. **La comunicaci3n no verbal: el cuerpo y el entorno**. Barcelona: Paid3s Ib3rica, 1995.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e hist3ria**. S3o Paulo: Ateli3 Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e fic3es na trama fotogr3fica**. 3. ed. S3o Paulo: Ateli3 Editorial, 2002.
- LISBOA, Lisiane. Bicicleta 3 tudo de bom. **Di3rio Ga3cho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.796, p. 16, 23 jun. 2012 e 24 jun. 2012.
- LOUZADA, Silvana. Ultima Hora: em cena a modernidade fotogr3fica. **Discursos fotogr3ficos**, Londrina, v.5, n.6, p. 161-187, jan./jun. 2009. Dispon3vel em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2941/2491>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.

MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática**: entrevistas. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEMÓRIA/Ary Carvalho. Observatório da imprensa. São Paulo, 8 jul. 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp080720036.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

MERSONI, Carina. **Fotojornalismo na imprensa tradicional e popular**: as linguagens fotográficas dos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho. 2011. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) -- Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2011.

MISS Deficiente Visual: elogios na Redenção. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.797, p. 6, 25 jun. 2012.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal**: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. p. 49-83.

MUNHOZ, Amanda. Agora, as letras dão sentido às figuras. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.795, p. 34, 22 jun. 2012a.

MUNHOZ, Amanda. Buraco custa caro em Viamão. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.794, p. 4, 21 jun. 2012b.

MUNHOZ, Amanda. Esqueceram de voltar para arrumar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.792, p. 26, 19 jun. 2012c.

MUNHOZ, Amanda. Luís Carlos Rocha Rodrigues. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.796, p. 14, 23 jun. 2012 e 24 jun. 2012d.

MUNHOZ, Amanda. Podridão está com os dias contados. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.794, p. 30, 21 jun. 2012e.

MUNHOZ, Amanda. Três anos de muita dor e sofrimento. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.797, p. 30, 25 jun. 2012f.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In: LEGOFF, J. **Fazer história**. São Paulo: Bertrand, 1974.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem e memória. In: MAMMÌ, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **8 X Fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 113-131.

NUNES, Ana Cecília Bisso. Jornalismo popular no Brasil e na Alemanha: as capas do Bild Hamburg e do Diário Gaúcho. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 489-505, jul./dez. 2011.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2008. p. 125-145.

PICADO, Benjamim. De pastiches e perplexidades: limites e devires da discursividade visual no fotojornalismo. In: SILVA, Gislene; KÜNSCH, Dimas A.; BERGER, Christa; ALBUQUERQUE, Afonso (Org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011. p. 157-180.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2: Cadernos do Noroeste**, Braga, v. 14, p. 277-294, 2000.

PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Os olhos do mundo: a força da imagem no jornalismo do século XXI. **Revista Eletrônica Liceu On-line**, São Paulo, ano 4, n. 2, p. 20-24, jul./set. 2007. Disponível em: <http://www.fecap.br/extensao/liceu/Liceu_2007_Numero_2.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2011.

QUEM é quem. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/pagina/quem-e-quem.html>>. Acesso em: 4 out. 2013.

REBELO, José. Prolegómenos à narrativa midiática do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, 2006, n.8-9, p.17-27.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 27-33.

RODRIGUES, Eduardo. “Açam que a gente é porco?”. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.194, p. 38, 4 out. 2013a.

RODRIGUES, Eduardo. Dá até para se deitar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.193, p. 6, 3 out. 2013b.

RODRIGUES, Eduardo. Dicas e segredos das vovós. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.191, p. 3, 1 out. 2013c.

RODRIGUES, Eduardo. Na primeira blitz, só advertência. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.192, p. 3, 2 out. 2013d.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el enquadre de las noticias**. El binomio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía, 2007.

SALLET, Beatriz. **Histórias e “estórias” fotográficas: afirmação e rompimento das rotinas produtivas no fotojornalismo de Zero Hora**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2006.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHULER, Roberta. Beleza não está só no olhar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.794, p. 3, 21 jun. 2012a.

SCHULER, Roberta. Cadê o meu doutor, mamãe? **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.185, p. 3, 24 set. 2013a.

SCHULER, Roberta. Correndo atrás de um sonho. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.797, p. 3, 25 jun. 2012b.

SCHULER, Roberta. Ensinando lições para a vida. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.195, p. 6, 5 e 6 out. 2013b.

SCHULER, Roberta. Peixe, não tem. Agora, barro.... **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.795, p. 6, 22 jun. 2012c.

SCHULER, Roberta. Praia, tem. Já médico.... **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.792, p. 3, 19 jun. 2012d.

SCHULER, Roberta. Sem catar, sem ler e sem sonhar. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.195, p. 3, 5 e 6 out. 2013c.

SCHULER, Roberta. Simpatia das ruas para as passarelas. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.193, p. 3, 3 out. 2013d.

SCHULER, Roberta. Uma lida pra lá de cultural. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 14, n. 4.197, p. 3, 8 out. 2013e.

SELIGMAN, Laura. Jornais populares de qualidade: ética e sensacionalismo em um novo fenômeno no mercado de jornalismo impresso. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, 2008. Disponível em: <http://univali.academia.edu/LauraSeligman/Papers/358256/Jornais_Populares_De_Qualidade_etica_E_Sensacionalismo_Em_Um_Novo_Fenomeno_No_Mercado_De_Jornalismo_Impresso>. Acesso em: 10 nov. 2011.

SOJO, Carlos Abreu. **Los géneros periodísticos fotográficos**. Barcelona: CIMS, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Diários portugueses**: que espaço para o cidadão comum? Covilhã: 1998. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-diar-ios-portugueses1.html>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**: um guia para estudantes de graduação. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SUNKEL, Guillermo. Modos de leer em sectores populares: um caso de recepción. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 175, p. 143-154, 2001. Disponível em: <<http://www.catedras.fsoc.uba.ar/salvia/comunicacion/teoricos/Sunkel.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

SUNKEL, Guillermo. **Razon y pasion en la prensa popular**: un estudio sobre cultura popular, cultura de masas y cultura política. Santiago del Chile: ILET, 1985.

THOMAS, Claudio. **A receita de sucesso do Diário Gaúcho**: do produto às promoções. 2011. Trabalho apresentado ao 5º Congresso de Jornais Populares, Cartagena, Colômbia, 2011. Disponível em: <http://www.institutodeprensa.com/v2/admin/upload/seminario/404_test.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2013.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2008. p. 98-109.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1997.

WASKOW, Denise. O jeito é improvisar: CTG virou sala de aula. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.793, p. 3, 20 jun. 2012a.

WASKOW, Denise. Por que não inaugura logo?. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.796, p. 4, 23 jun. 2012 e 24 jun. 2012b.

WASKOW, Denise. Uma história dos tempos do bonde. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, ano 13, n. 3.795, p. 3, 22 jun. 2012c.

ANEXO A – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 24/09/2013

Kit Cozinha Organizada
10
Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua cartela.

O kit conserva os seus doces gostosos.
O selo conserva a sua cartela atualizada.

Promoção **JUNTE & GANHE**
Patrocínio **Mr. Músculo**
Kit Cozinha Organizada

R\$ 0,90

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 – Nº 4.185 – PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 24/9/2013 – JORNAL DO GRUPO RBS – www.diariogaucha.com.br

Mas afinal, Dunga, qual é a bola do Inter?

Blindado no vestiário, técnico não consegue engrenar no Brasileiro

PÁG. 10

FERNANDO GOMES

CACHOEIRINHA E GRAVATAÍ

Faltam médicos para a criançada

Escassez de pediatras é prejuízo nos postos de saúde dos municípios

ATENÇÃO NÃO TEMOS PEDIATRA

PÁG. 3

Macedo: parceria BM e Civil funciona

Caalo: lugar na tabela é bom, mas...

Kenny: Inter precisa se reinventar

Na última ação, 175kg da droga foram apreendidos em motor-home

POLÍCIA FEDERAL
RIO CRANGI DO SUL

Polícia Federal dobra apreensão de cocaína

PÁG. 31

ROTATÓRIA DA DOR DE CABEÇA NA BR-116

PÁG. 8

Acesso aos bairros Cohab e Jardim Santa Rita, em Guaíba, provoca reclamações de moradores e motoristas

MATEUS BRUXEL

BAHRATO

Mais de **R\$ 850** em cupons de descontos nesta edição

Polícia descobre fraude no SindBancários

PÁG. 32

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 24/9/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

SUS NA REGIÃO METROPOLITANA

Cadê o meu doutor, mamãe?

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

Um cartaz colado na porta do pronto atendimento 24 horas de Cachoeirinha, no Bairro Fátima, expõe um problema crônico no município, que vem sendo enfrentado há mais de um ano: a escassez de pediatras. Faltam 11 para completar o quadro ideal, de 17 profissionais. Situação pior só em Gravataí, onde o déficit é de 19.

O Diário Gaúcho contactou outros municípios da Região Metropolitana e identificou 37 desfalques em pediatria em postos de atendimento do Sus em cinco cidades. Em Sapucaia do Sul e Canoas, uma particularidade: prefeituras contam com clínicos gerais em vagas de pediatras em algumas unidades, especialmente na Estratégia de Saúde da Família (ESF).

Em Porto Alegre, há 55 unidades básicas de saúde e 99 pediatras. Na rede de pronto atendimento são cem. Os números da Capital são considerados satisfatórios pela Secretaria da Saúde.



Eva sente o drama desde que estava grávida de Otávio

MARCELO OLIVEIRA

A falta que o pediatra faz

Para o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Eduardo Vaz, a criação do programa Saúde da Família, que privilegia a figura do generalista, contribuiu para a diminuição da procura pela pediatria. Baixos salários, más condições de trabalho e a necessidade de outras especialidades completam o quadro negativo que durou até 2005.

Desde então, o cenário foi se alterando. Concurso e melhor remuneração poderiam solucionar a carência, diz Eduardo: – A pediatria atende uma fase da vida (de zero a 19 anos) que é a mais importante.

Cenário de contrastes

✓ Conforme a Pesquisa Demografia Médica no Brasil (2013), a pediatria é a especialidade que mais tem médicos no Rio Grande do Sul: 2.458.

✓ No Brasil, há 379 mil médicos. Destes, 51% com especialização. Entre eles, 11,23% são pediatras.

✓ Por ano, concluem especialização em pediatria cerca de 1,5 mil pediatras no país.

✓ A média de idade é de 40 anos e 75% são mulheres.

✓ Por conta da desvalorização, pediatras foram procurando outras áreas.

Informações da Sociedade Brasileira de Pediatria

A peregrinação de Eva e Otávio

Na noite de 12 de setembro, a doméstica Eva Regina Pedrosa, 38 anos, procurou o pronto atendimento 24 horas do Bairro Fátima para levar o filho Otávio Henrique, de quatro meses e meio, e encontrou a mensagem informando que não havia médico pediatra no local.

– Quando eu estava grávida de três meses já estava faltando pediatra – lembra Eva, do Bairro Nova União, que ainda não possui

unidade de saúde. No dia seguinte, a doméstica retornou ao pronto atendimento e novamente constatou que não havia pediatra.

– Ele estava com tosse, fiquei com medo que estivesse com pontada. No final de semana, cansei de esperar e levei ele no Conceição. Eu já precisei de pediatra no 24 horas para o meu outro filho (dez anos) e não tinha – diz a mãe.

Secretário de Saúde de Cachoeirinha, João

Augusto Tardeti reconhece a falta de pediatras na unidade de pronto atendimento e a dificuldade para preenchimento das escalas de trabalho.

– Grande parte dos profissionais não quer trabalhar sozinho (alegam sobrecarga). Temos dias em que há dois pediatras e outros não tem nenhum. Estamos tentando convencê-los a trabalharem sozinhos. Não há demanda para dois pediatras ao

mesmo tempo – esclarece.

● Causas do desinteresse

No mês passado, uma empresa foi contratada para fornecer profissionais. No entanto, ainda há 11 vagas. Segundo João Augusto, entre as causas do desinteresse estão a falta de equipamentos (para exames, por exemplo, necessários para o diagnóstico), difícil

acesso e estrutura: – É um grande problema. Queremos incentivar para volte a ter equilíbrio de mercado.

Conforme o secretário, o salário da área médica para uma jornada de 8 horas semanais é de R\$ 2,4 mil. Ele cita a falta de médicos também nas ESF (clínico e pediatra). O município ainda não foi contatado pelo programa Mais Médicos.

SITUAÇÃO NA REGIÃO METROPOLITANA

CIDADES COM FALTA:

Gravataí

● Faltam 19 pediatras e 20 médicos de família. Um concurso está previsto para 2014.

● Dispõe de 33 pediatras atendendo nas UBSs, serviços especializados e no 24h. Outros 22 médicos de saúde da família realizam o atendimento pediátrico nas unidades de Estratégia de Saúde da Família (ESF).

Cachoeirinha

● Faltam 11 pediatras.

● Neste ano, foram cinco editais, mas não houve interessados. Até o final deste ano, deve ser aberto concurso para a área. O município conta com seis profissionais.

Ahorada

● Faltam quatro pediatras.

● Na rede, há 12 pediatras, mas um está em licença desde 2012 para tratamento de saúde e outro é médico regulador do município. Na ativa, estão dez.

Esteio

● Falta um pediatra (UBS Ezequiel).

● Nos demais postos, há atendimento em turnos e dias específicos. Há casos em que médicos comunitários atendem pediatria também. Desde o desligamento da pediatra na UBS Ezequiel, as outras unidades estão orientadas a atender crianças daquela região.

● A contratação de mais pediatras dependerá de concurso público realizado pela prefeitura (a previsão é que o edital seja lançado até o final do ano). Havia três vagas abertas por RPA (pagamento autônomo) pela Fundação de Saúde Pública São Camilo, mas não houve interessados.

Viamão

● Faltam dois pediatras.

● A secretaria cita a insuficiência de pediatras para o pronto-atendimento durante a semana, no diurno. Os pacientes são atendidos por clínicos ou médicos de família.

● Há 16 UBSs (algumas com ESF) e 19 pediatras.

CIDADES QUE OPTAM POR GENERALISTAS

Canoas

● O município optou pela ESF considerando o pediatra um especialista de referência aos médicos de saúde da família.

● Há 26 UBSs e 13 pediatras. O serviço pediátrico existe só nas unidades que não são ESF.

Sapucaia do Sul

● Os postos têm equipes de ESF que fazem o primeiro atendimento das crianças, encaminhando para médicos especialistas quando necessário. O atendimento ocorre na Unidade Central de Especialidades (UCE), no Posto e no Hospital Getúlio Vargas.

ANEXO C – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 30/09/2013

Kit Cozinha Organizada
15
Um selo, três potes e dezenas de utilidades.

Promoção **JUNTE E GANHE** Kit Cozinha Organizada Patrocínio: **Mr. Músculo**

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua carteira.

R\$ 0,90

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 – Nº 4.190 – PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 30/9/2013 – JORNAL DO GRUPO RBS – WWW.DIARIOGAUCHO.COM.BR

ANTES **DEPOIS**

Marrequinhas ainda incomodam

Plantas aquáticas foram removidas

Mas a limpeza do local ainda não foi concluída no Bairro Agronomia

PÁG. 3

FOTOS: MATEUS BRUXEL

BRASILEIRÃO 2013

COM TRÊS ATACANTES, GRÊMIO CHEGA À VICE-LIDERANÇA

Vargas usa a cabeça e Tricolor decola

0x1
SÃO PAULO GRÊMIO

PÁG. 8

G4 vira sonho distante
PÁG. 7

Kenny: Inter joga cada vez menos

1x2
INTER CRUZEIRO

Damião saiu do banco, porém não ajudou a evitar derrota

Cacalo: mas é bom esse Renato

Matrículas na rede municipal
PÁG. 5

AH, FAZ ISSO NÃO, POR FAVOR! PÁG. 17

Carla Prata quer diminuir medidas do bumbum

DIUSON SILVA/AGÊNCIAS

abdo
Advogados

Direito de Família
Direito Imobiliário
Revisão de Juros
Aposentadoria, INSS e Pensões

st 3582.9000
www.abdo.com.br

CRABRS 172

Capital tem sete homicídios em 40 horas
PÁG. 28

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 30/9/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

UM MÊS DEPOIS

Marrecas se foram, mas ficou a sujeira

RESUMO DA NOTÍCIA

O Diário Gaúcho voltou à Vila dos Herdeiros, no Bairro Agronomia, em Porto Alegre, 30 dias depois das chuvas que alagaram a região. Moradores seguem esperando melhorias.

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

Das montanhas de plantas aquáticas (chamadas de macrófitas e popularmente conhecidas como marrequinhas) que chegavam a quase 8m de altura há um mês no Arroio Dilúvio, na Vila dos Herdeiros, no Bairro Agronomia, em Porto Alegre, restaram montes secos nas margens. Mas o guarda aposentado Manoel de Souza, 66 anos, continua com a passagem para a casa da família interrompida.

Na época das chuvas, uma montanha de plantas isolou a moradia. Apesar da remoção das macrófitas, o aposentado não conseguiu construir uma nova ponte.

– Precisaria de quase R\$ 1 mil para comprar madeira boa e pregos. Não tenho este dinheiro. Por enquanto, continuarei improvisando por dentro da água ou pelo pontilhão construído pelo meu genro – contou.

Com as próprias mãos, os moradores da parte alta da Vila dos Herdeiros, terminavam de construir ontem um dos pontilhões arrastados pela enxurrada ocorrida no final do mês de agosto.

Durante duas semanas, o Departamento de Esgotos Pluviais (Dep) removeu mais de 1,2 mil toneladas da vegetação

que desceram da represa da Lomba do Sabão – onde nasce o Dilúvio. Foram elas as responsáveis por, em agosto, obstruírem o escoamento do canal e destruírem as três pontes de madeira que ligavam as duas margens.

– Ainda estamos isolados. Parte da rua que costeava o arroio continua interrompida por barro e marrecas secas. Ainda estamos esperando a retirada delas. Parece cenário de guerra – disse o cabista em telecomunicações João Carlos de Oliveira, 39 anos, morador da vila há 11 anos.

Foi João Carlos quem carregou por mais de 500m dentro do córrego os troncos de madeiras de uma das pontes destruídas. Eles foram reutilizados para fazer o novo pontilhão.

● Dep segue trabalhando na vila

O Diário Gaúcho tentou contato com o Dep, ontem. A assessoria de imprensa do órgão não conseguiu localizar o engenheiro responsável pelas obras de manutenção na Vila dos Herdeiros, mas garantiu que seguem os trabalhos de limpeza do arroio e das margens do Dilúvio.

Antes: Manoel mostra a montanha em 29 de agosto



Depois: ele no mesmo local, ontem



FOTOS MATEUS BRUXEL

Obra do Dmae e falta d'água

Na próxima quinta-feira, dia 3, o Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae) fará uma intervenção programada numa de suas estações de bombeamento.

Será substituído um registro dentro da Estação de Bombeamento de Água Tratada (Ebat) Morro do Osso I (Rua Dona Paulina, 125, Tristeza). Para realizar o serviço será necessário interromper o abastecimento de água nos bairros Camaquã, Cavalhada e Tristeza na próxima quinta-feira, a partir das 8h. O serviço será realizado com qualquer condição climática.

Informações do Dmae: Fala Porto Alegre Fone 156, escolher opção "2", www.dmae.rs.gov.br, e <http://twitter/DMAEPOA>.

Inversão no trânsito da Zona Norte

A partir de amanhã, será invertido o sentido de circulação do trânsito da Rua Tobias da Silva, no trecho entre as ruas Félix da Cunha e Quintino Bocaiuva, no Bairro Moínhos de Vento, na Capital.

O trecho seguirá sendo sentido único, só que na direção da Félix da Cunha para a Quintino Bocaiuva. A mudança, projetada e implantada pela EPTC tem o objetivo de ampliar a fluidez e segurança da região, desafiando, principalmente, o cruzamento das ruas 24 de outubro com Olavo Barreto Viana.

Você procura ele

para ter as notícias
saber do jogo de ontem
consultar o horóscopo
ler sobre a vida dos famosos
ter o selo Junte & Ganhe
e para ler o seu DG.

30 DE SETEMBRO.

Procure seu jornalista para um abraço.
Uma homenagem do Diário Gaúcho ao
Dia do Jornaleiro.

Grupo RBS
DIÁRIO GAÚCHO

ANEXO E – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013

Kit Cozinha Organizada
16
Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua cartela.

O kit conserva os seus doces gostosos. O selo conserva a sua cartela atualizada.

Promoção **JUNTE & GANHE** Kit Cozinha Organizada Patrocínio **Mr. Músculo**

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 - Nº 4.191 - PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 1º/10/2013 - JORNAL DO GRUPO RBS - WWW.DIARIOGAUCHO.COM.BR

Dica das vovós a gente não esquece

Clube no Geraldo Santana reúne aquelas que são mães duas vezes

PÁG. 3

MATEUS BRUXEL

Ladrões arrombam escola

PÁG. 28

IBGE abre concurso

PÁG. 6

Bebê é agredido e morto

PÁG. 29

BAHRATO Mais de **R\$ 745** em cupons de descontos nesta edição

CATADORES PROIBIDOS EM 31 BAIRROS

Lei que vale aqui,

A partir de hoje, cenas como a de Maria Martins trabalhando com os netos podem gerar multa e apreensão do carrinho

MATEUS BRUXEL

virou mato aqui

PROIBIDO FICAR PROPAGANDA ELEITORAL PROPRIEDADE MUNICIPAL

Na Zona Norte, deveria existir uma unidade de triagem, mas nenhuma das seis prometidas pela prefeitura está pronta

PÁGS. 4 E 5

MATEUS BRUXEL

R\$ 0,90

Kenny: está difícil entender o Inter

Pedro: o Cruzeiro é um fenômeno

Guerra: Otávio e Caio merecem chance

Cacalo: temos de secar a Raposa

ANEXO F – PÁGINA 4 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013

4

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 1º/10/2013

ALÔ, CATADORES DA CAPITAL

Restrição na rua, promessas na gaveta

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

Carroceiros e carrinheiros, agora é para valer. A partir de hoje, vocês estão proibidos de circular em 31 bairros da Capital, identificados como Zona 1: regiões Centro-Sul, Cristal, Centro

(trecho dele), Cruzeiro, Glória, Lomba do Pinheiro (só Agronomia), Partenon e Sul. Quem for flagrado pela EPTC poderá ser multado e perder seu ganha-pão, conforme lei municipal 10.531.

Mas e a prefeitura, cumpriu o prometido até aqui dentro do Programa de Inclusão Produtiva na Reciclagem – Todos Somos Porto Alegre? O Diário revela: nenhuma das seis unidades de triagem saiu do papel. Pelo menos uma, na Zona Norte, deveria estar funcionando, empregando cerca de 80 recicladores.

A estratégia de Maria Elenir

Apesar de anunciada restrição (setembro foi mês de avisos por parte da EPTC), há quem resista a deixar as ruas na Zona 1. A catadora Maria Elenir Rodrigues Martins, 61 anos, moradora do Bairro Cristal, segue recolhendo garrafas pet e papelões pelas ruas da Zona 1. Depois de quase duas décadas trabalhando com o recolhimento de material reciclável, ela até pensa em abandonar a lida. Antes, porém, garante que só desistirá se for flagrada por um fiscal.

Apesar de ter se matriculado no curso de auxiliar de cozinha oferecido pelo Programa de Inclusão Produtiva na Reciclagem, Maria desistiu de se qualificar:

— Quando soube que só teria direito à cesta básica e ao salário no final de outubro, desisti. Afinal, preciso ajudar no sustento dos meus cinco netos.

● Carrinho dela estava repleto

Na manhã da sexta-feira passada, quando

deveria estar na terceira aula do curso, Maria foi encontrada carregando um carrinho de supermercado repleto de material reciclável na Rua Butuí, no Bairro Cristal.

● Artesanato e a outra opção

Ao lado dos netos Ruan, sete anos, e Thamiere, 15 anos, pretendia recolher mais papelão e garrafas pet antes de voltar para casa. O carrinho cheio poderia lhe garantir até R\$ 40 naquele dia. — Sei que estou

liberada até o dia 30 (ontem). Depois, vou fazer artesanato em casa e vender. Se não tiver fiscalização, continuarei juntando material para garantir o pão e o leite da família.

Na próxima etapa da restrição, em março de 2014, será a vez da Zona 2, que contempla as regiões Eixo Baltazar, Leste, Nordeste, Noroeste e Norte. A proibição da circulação dos veículos de tração animal e humana pelas ruas da Capital será concluída em 2015, após quatro etapas (veja ao lado).



Maria cata com a ajuda dos netos Ruan e Thamiere

LÍVIA STUMPP



As cinco zonas

Zona 1 – CIRCULAÇÃO PROIBIDA A PARTIR DE HOJE

- **Região Centro-Sul:** Nonoai, Teresópolis, Cavalhada, Carniaçu, Vila Nova e Campo Novo
- **Região Centro:** Merino Deus, Azenha e Praia de Belas (trechos da Avenida Ipiranga em direção ao Sul)
- **Região Partenon:** Santo Antônio, Partenon, Vila João Pessoa, Coronel Aparício Borges, São José
- **Região Cristal:** Cristal
- **Região Cruzeiro:** Santa Tereza e Medianeira
- **Região Glória:** Glória, Cascata e Belem Velho
- **Região Lomba do Pinheiro:** Agronomia
- **Região Sul:** Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Jardim Isabel, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica

Zona 2 – A partir de março de 2014

- **Região Eixo Baltazar:** Rubem Berta e Passos das Pedras
- **Região Leste:** Três Figueiras, Chácara das Pedras, Vila Jardim, Jardim Sabará, Morro Santana, Jardim Carvalho, Bom Jesus e Jardim do Salso
- **Região Nordeste:** Máio Quintana
- **Região Noroeste:** São João, Santa Maria Goretti, Higienópolis, Boa Vista, Passo D'Areia, Jardim São Pedro, Jardim Floresta, Jardim Lindoia, Cristo Redentor, Vila Ipiranga, São Sebastião e Jardim Itu
- **Região Norte:** Sarandi

Zona 3 – A partir de março de 2015

- **Região Humaitá e Navegantes:** São Geraldo, Navegantes, Farrapos, Humaitá e Anchieta

Zona 4 – A partir de junho de 2015

- **Região Ilhas:** Arquipélago (Ilha do Pavão, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e Ilha da Pintada)
- **Região Centro:** Jardim Botânico, Petrópolis, Bela Vista, Mont' Serrat, Auxiliadora, Moínhos de Vento, Rio Branco, Santa Cecília, Santana, Farrroupilha, Bom Fim, Independência, Floresta, Centro, Cidade Baixa, Praia de Belas*, Merino Deus* e Azenha*

* Trechos da Avenida Ipiranga em direção ao Norte

Locais liberados para circulação

- **Região Lomba do Pinheiro:** Lomba do Pinheiro
- **Região Extremo-Sul:** Ponta Grossa, Chapéu do Sol, Belem Novo, Lagesado e Lami

ANEXO G – PÁGINA 5 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 1º/10/2013

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 1º/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

5

Eis o centro de reciclagem

É num terreno coberto de mato, na Rua Voluntários da Pátria (nos fundos da Rua Frederico Mentz, 11.677), que deveria ter saído do papel há quase um ano a Unidade de Triagem (UT) na qual poderiam estar trabalhando catadores da região das Ilhas – além dessa, está prevista a construção de outras cinco UTs.

Mas, por enquanto, não há qualquer indício de obra no local, o que aumenta a incerteza que cerca a mudança em toda a cidade, na visão de carroceiros e carinhos que atuam na Ilha Grande dos Marinheiros. O prédio da Voluntários será feito pela OAS, em contrapartida à Arena.

Até 2015, será extinta a circulação de veículos de tração animal e humana pelas vias da Capital, exceto no Extremo Sul.

● “Projeto foi feito de trás para frente”

Presidente da Associação dos Moradores, Carroceiros e Papeleiros da Ilha Grande dos Marinheiros (Amapag), Venâncio Francisco de Castro questiona:

– Há uns quatro anos, este terreno está prometido para a unidade de triagem e está virado em mato. Como é que as pessoas vão acreditar nas promessas?

Além da UT da Voluntários, há

a previsão de construção de uma UT na Restinga. As outras quatro ainda não têm local definido.

– Esse projeto foi feito de trás para frente. Primeiro, tinham que nos dar oportunidades de trabalho e renda para depois começar a proibir a circulação das carroças – opina Venâncio.

Ele ressalta que as UTs seriam meios de sobrevivência aos catadores. Lembra ainda que o recurso do programa – R\$ 9 milhões do BNDES, além da contrapartida da prefeitura, no mesmo valor – será usado no melhoramento da estrutura e equipamento das 18 UTs que já existem, de modo a oferecer novos postos de trabalho.



Venâncio olha o mato: cadê a unidade de reciclagem?

MATEUS BRUXEL

Multas de R\$ 20, mais as diárias...

Fernando Mello, coordenador do programa, explica que não está prevista a colocação de placas na Zona 1. Quem for pego, inicialmente, será advertido. Na reincidência, a carroça (ou carrinho) será retida. Para reavê-los, é preciso pagar uma multa de R\$ 20, além da diária de R\$ 2 para o cavalo, e diária de R\$ 0,90 pela carroça ou carrinho, que são levados para uma área da EPTC na Zona Sul.

Quem está matriculado em algum curso, será incentivado a entregar a carroça ou carrinho (entrega não é obrigatória). Quem optar por desfazer-se da carroça e do cavalo ainda neste ano, receberá R\$ 2 mil. Depois, o valor reduzirá para R\$ 1.5 mil. Já pelos caminhos, nos próximos três meses será pago R\$ 300 para cada carrinho. Depois, R\$ 200.

Os cavalos ficarão sob responsabilidade da EPTC. As carroças e carrinhos serão entregues para o Instituto Pão dos Pobres – virarão material de trabalho em oficinas ou obra de arte.

● **COMO PROCEDER** – O interessado deve ir ao Car da região e informar que quer entregar a carroça e o cavalo. Assina um termo declarando ser o dono do bem que vai desfazer-se. Ao deixar a carroça e o cavalo, ou o carrinho, recebe um comprovante. Para receber o valor em dinheiro, terá de informar o número do CPF (quem não tiver CPF ativo, a prefeitura fará a intermediação) numa agência da Caixa. Não é necessário ter conta bancária. Informações pelo 156.

Precisou adaptar e demorou

Coordenador do Programa de Inclusão Produtiva na Reciclagem, Fernando Mello explica que, no caso da UT da Rua Voluntários da Pátria, trata-se de uma obra complexa, em um terreno com duas frentes, o que demandou adaptações no projeto e gerou demora na aprovação. No momento, para a obra ser iniciada, falta uma liberação do V Comar (por ser perto do aeroporto), o que deve ocorrer neste mês. Poderão trabalhar entre 60 e 80 pessoas.

Já a obra da UT na Restinga, que será no Distrito Industrial (Quadra D, lote 5), já foi licitada. Em relação aos locais das quatro outras UTs previstas, Fernando esclarece que carroceiros e carinhos, em reuniões, indicaram locais.

A análise está sendo feita pela ordem das zonas nas quais haverá proibição. Por isso, a

Zona 1 será a primeira a ser avaliada.

Fernando cita as unidades de triagem (entre as 18 em atividade) que já receberam melhorias: UT Lomba do Pinheiro e UT Reciclando a Vida, no Bairro Navegantes, foram reformadas em 2012. UT Paraíba (próxima da Vila Santa Terezinha) deve iniciar a reforma neste mês, abrindo 45 novos postos. Essas melhorias foram feitas com recursos do DMLU, dentro das contrapartidas da prefeitura no programa.

● Educador será contratado

Uma novidade é a contratação de um educador social para cada unidade. Eles atuarão até o final do programa para acompanhar e planejar formas de melhorar a produtividade e dar apoio na organização dos trabalhadores como cooperativa.

SAIBA MAIS

● Atualmente, há 1.524 carroceiros e carinhos cadastrados no programa. As zonas 2 e 3 foram cadastradas, enquanto a 4 (Humaitá e Navegantes) está sendo cadastrada. Já o cadastro da zona 1 está passando por revisão (para verificar quem ainda é morador da área) e também há busca ativa dos catadores. Quem ainda não foi cadastrado e quiser aderir ao programa pode procurar o Centro Administrativo Regional (Car) mais próximo de onde mora.

● O encaminhamento dos participantes do programa para inserção nas UTs também será feito por meio do Car.

● Em dois anos, foram qualificadas 500 pessoas. E empregadas, formalmente, 50.

● No momento, 73 pessoas estão fazendo cursos de carpinteiro de construção civil (20 pessoas das Ilhas, que iniciam o curso hoje, 1º de outubro), além dos que estão passando por qualificações na área de alimentos, no Instituto Pão dos Pobres, e na Cruzeiro, para produção de blocos de concreto sustentáveis.

● Há inscrições abertas para os seguintes cursos (parceria com o Senac Comunidade): garçom (25 vagas, para quem tem ensino fundamental incompleto, até quinta série), camareira (40 vagas, para qualquer escolaridade), manicure (50 vagas, para qualquer

escolaridade), auxiliar administrativo (124 vagas, para quem tem ensino fundamental incompleto, até quinta série), auxiliar de padaria (18 vagas, para qualquer escolaridade), auxiliar de pizzaiolo (18 vagas, para qualquer escolaridade). Interessados devem procurar o Car de sua região.

● Quem está fazendo curso recebe agora, no início da formação, uma cesta básica. Os participantes têm as passagens de ônibus custeadas (com o cartão Ti, a primeira passagem é paga pelo programa e a segunda, aos que precisam pegar mais de uma condução até o curso, é gratuita). Ao final de cada mês, cada participante recebe uma bolsa no valor de R\$ 678 – não é preciso ter conta em banco, apenas CPF ativo, e o aluno recebe um cartão do programa para sacar o benefício. É preciso ter 75% de presença nas aulas.



Aula no Pão dos Pobres

PREFEITURA/DIVULGAÇÃO

Rematrículas começam hoje

Atenção pais, responsáveis ou alunos maiores de 18 anos da rede municipal da Capital: começa hoje e vai até o dia 2 de dezembro o período de rematrícula na rede municipal para o ano letivo de 2014. Devem comparecer à secretaria de sua escola, com carteira de identidade e comprovante de residência.

Devem participar do processo todos os estudantes das escolas de ensino fundamental e médio que pretendem continuar na mesma instituição. Já os responsáveis por alunos de educação infantil que estejam nas turmas de Jardim B, devem informar à secretaria de sua escola atual qual instituição pretendem que seus filhos estudem em 2014.

Crianças com idade para atendimento em escolas de educação infantil (Emeis) terão o período de inscrições de 14 a 31 de outubro. Mais informações pelo e-mail pie@smedj.prepoa.com.br.

Mais dois dias para ser voluntário

Você pretende ser voluntário na Copa do Mundo de 2014? Sim? Então, se apresse: termina amanhã o prazo para fazer o cadastro. Até agora mais de 21 mil registros foram contabilizados de 129 países. Devem trabalhar como voluntários Fifa 15 mil pessoas divididas de acordo com a necessidade de cada uma das 12 cidades-sede. A inscrição é feita no formulário em <https://ems.fifa.com/volunteer/login/brazil>.

Após a inscrição, os escolhidos passarão por dinâmicas de grupo, treinamento online, entrevistas individuais e treinamento específico.

Unidade de saúde interdita

De acordo com o Grupo Hospitalar Conceição, a Unidade de Saúde Divina Providência (Rua Camêlia, na Vila Jardim, Zona Norte de Porto Alegre) foi interdita por medida de segurança na manhã de ontem. O laudo emitido por empresa de engenharia, que apontou riscos aos trabalhadores e usuários em função do comprometimento da estrutura predial.

Os usuários da Unidade de Saúde Divina Providência devem procurar atendimento na Unidade de Saúde Barão de Bagé, na Rua Araruaça, 487, no mesmo bairro, para onde parte da equipe foi transferida temporariamente.

Mantidas greves de Correios e bancos

Funcionários de bancos e dos Correios no Rio Grande do Sul decidiram permanecer em greve após assembleias ontem. Os grevistas não aceitaram as propostas de reajuste oferecidas.

Os trabalhadores dos Correios querem reajuste linear de R\$ 100 além dos 8% de reajuste salarial já proposto. Os bancários estão mais longe do acordo, pois pedem aumento de 11,93%. O patronal acena com 6,1%.

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 1º/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

CORUJAS DE PLANTÃO

Dicas e segredos das vovós

Mas nem tudo é recomendável

RESUMO DA NOTÍCIA

Avós passam para filhos e netos dicas e truques nas áreas de saúde, alimentação e limpeza, que funcionam até hoje. Mas médicos alertam para alguns riscos.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

Sabe aquelas recomendações que as avós dão para filhos apavorados diante do primeiro choro do bebê? Pequenos e antigos truques nas áreas de saúde, alimentação e limpeza aprendidos na infância funcionam até hoje. Se você duvida, pergunte à sua mãe se ela nunca lhe acalmou

com a famosa aguinha com açúcar quando você gritava a ponto de acordar a vizinhança? Hoje, essa é uma das receitas condenadas por pediatras.

● De mãe para filha

Mesmo assim, mães modernas, mas de primeira

viagem, continuam seguindo as dicas dos mais velhos, em vez de dar um google (fazer uma pesquisa no site de buscas da web) para obter respostas imediatas – e nem sempre satisfatórias.

E o que relata, por experiência própria, o grupo de seis vovós do Clube de Mães Geraldo Santana da Capital. Mauren Flores Nunes, 63 anos, Vera Machado Pereira, 58 anos, Ednazaré Manfredini Posselbon, 69 anos, Vera Tavares, 72 anos, Shirlei Madruga Vieira, 62 anos, e Eunície Maria Steudel Portal, 61 anos, lembraram dicas que aprenderam e repassam aos filhos.

Segundo médicos, algumas receitas que passam de geração para geração podem fazer mal à saúde. Pediatra do Hospital da Criança Conceição, Ana Maria Martins é contra, por exemplo, alguns falsos calmantes.

– É importante o apoio que as avós dão com sua experiência, mas a medicina mudou. Não se recomenda mais dar água com açúcar ou chazinhos sem saber o que a criança tem – diz.

● Mitos que se perpetuam

Chefe do Serviço

de Gastroenterologia do Hospital de Clínicas, Carlos Fernando de Magalhães Francesconi está acostumado a derrubar mitos. Entre eles, o que diz que café forte sem açúcar cura ressaca.

– A ressaca pede muita hidratação porque o álcool inibe a produção do hormônio antidiurético, responsável pela conservação de água pelos rins. A melancia, coitada, é 95% de água. Logo, não há problema em consumi-la com vinho. Só vai fazer a pessoa urinar mais – brinca o médico.

AMENIZAR A TOSSE – Vera Machado – Às vezes, a criança tem aquele acesso de tosse, que parece uma coqueluche. Ponha uma compressa umedelecida com álcool em cima dos pezinhos, e depois coloque as meias. Ela ficará calma, irá parar de tossir e dormirá. Porém, a pediatra Ana Martins não recomenda porque o álcool diminui a temperatura do corpo da criança e pode causar queimaduras.

TIRAR O MAU CHEIRO – Mauren Flores Nunes e Vera Tavares – Um pote pequeno com pó de café aberto dentro da geladeira tira o mau cheiro causado por algum alimento. Saquinhos com cravos dentro dos armários e guarda-roupas causam o mesmo efeito e ainda deixam um cheirinho bom.

ELIMINE MANCHAS EM ROUPAS – Shirlei Vieira – Coloque um pouquinho de talco em cima da mancha de gordura na roupa antes de lavá-la. O pó absorverá a gordura e tornará a lavagem e desaparecimento da mancha mais fáceis.

PARA ACALMAR A FERINHA – Ednazaré Manfredini Posselbon – Quando meu neto está agitado, chorando, eu dou chazinho de camomila e ele dorme à noite toda. Tem até travesseiro com flores de camomila e macela para criança dormir melhor.



MATEUS BRUXEL

QUEIMOU O ARROZ. E AGORA? – Jandira Boeira de Moraes – Sim, é com uma faca de cozinha que você resolve esta barbearagem que incomoda donas de casa e cozinheiras de última hora. Para tirar o cheiro de queimado da panela, simplesmente abra a tampa e faça o desenho de uma cruz no arroz. Em alguns minutos, aquele odor sumirá.

AH... O ARROZ SOLTINHO – Vera Tavares – Mais simples que isso, impossível. Para ter aquele arroz soltinho, preste bem atenção à esta dica: assim que ele ficou pronto, simplesmente retire a panela do fogo e coloque-a por alguns minutos em cima de um pano molhado em cima da pia.

FRUTA COM PODER LAXANTE – Eunície Maria Steudel Portal – Coloque uma ameixa preta de molho dentro de um copo água pela metade e depois dá o líquido para criança que está com dificuldade de evacuar (fazer cocô). A pediatra Ana Maria Martins recomenda que a ameixa, rica em fibras, deve ser fervida – e não simplesmente colocada num copo com água.

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO

macedo@diariogaucha.com.br



Excesso de leis

A Lei Maria da Penha não resolveu o problema da violência contra as mulheres. Eficiente contra pequenos delitos, a norma não conseguiu diminuir o número de homicídios contra o sexo feminino. Conforme estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o total de assassinatos nos cinco anos posteriores à edição da lei foi praticamente igual ao verificado nos cinco anos anteriores.

O resultado não surpreende. O país está cheio de normas legais que não conseguem inibir os delitos que pretendem combater. O papel aceita tudo. Junto com a lei, é preciso garantir a infraestrutura material necessária para garantir a sua aplicação. No caso da Lei Maria da Penha, como esperar resultados concretos se o poder público, por exemplo, sequer consegue proteger as mulheres que procuram a polícia e o judiciário, pedindo medida protetiva contra as ameaças sofridas do sexo masculino?

● Sensação de impunidade

Endurecer só no papel não adianta nada. Além disso, o Brasil tem tantas leis que as essenciais acabam sendo negligenciadas. Não pode funcionar direito um sistema que incorpore mais de seis mil leis novas por ano. No meio desse emaranhado jurídico, sempre tem um recurso para inocular ou abrandar a pena dos acusados. No final das contas, a sensação é de impunidade.

Os potenciais infratores não ligam para o anunciado endurecimento das punições porque, na prática, sabem que descumprir a lei vai dar em nada. Assim, mais do que criar novas regras e falsas promessas de rigor nas punições, precisamos é garantir o cumprimento efetivo das regras já existentes. Não só no plano do Judiciário, mas também nas instâncias policiais, onde o inaceitável número de inquéritos inconclusos ou mal feitos são a porta de entrada para a falta de punição.

Canoas: começam as castrações

As castrações de cães e gatos, em Canoas, se iniciaram ontem. O projeto, desenvolvido pela Coordenadora Municipal do Bem-Estar Animal (Cmbea), deverá castrar 2 mil animais até o final do ano.

Coordenador da Cmbea, Cristiano Moraes salienta que esta etapa vai atender famílias que fizeram o cadastramento nas subprefeituras em 2012 e até maio deste ano. O trabalho será feito por quadrante, com esta ordem: Região Nordeste, Região Noroeste, Região Sudoeste e Região Sudeste.

Todas as famílias serão avisadas com antecedência sobre o dia de agendamento da castração. O veterinário do Centro de Bem-Estar Animal, Diego Lucas da Silva, explica que é recomendando jejum de 12 horas antes da cirurgia.

Esteio: carroças com placas

Os carroceiros de Esteio tem um prazo de 30 dias para fazer, gratuitamente, a regularização e emplacamento das carroças ou similar.

A ação será realizada de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, na Secretaria Municipal de Segurança e Mobilidade Urbana (Avenida Porto Alegre, 505 – Jardim Pianalto – junto ao Parque Galvany Guedes). A obrigatoriedade do emplacamento foi aprovada em abril pela Câmara de Vereadores.

A lei prevê também multas para o carroceiro que jogar entulhos em vias públicas ou terrenos baldios e disciplina a atividades, inclusive no que diz respeito ao cuidado com os cavalos. No dia 30 de outubro, será realizada uma capacitação com todos os carroceiros cadastrados.

ANEXO I – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 02/10/2013

Kit Cozinha Organizada
17
Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua cartela.

Organize-se: hoje tem mais um selo.

Promoção **JUNTE E GANHE**
Kit Cozinha Organizada

Patrocínio: **Mr. Músculo**

R\$ 0,90

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 - Nº 4.192 - PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 2/10/2013 - JORNAL DO GRUPO RBS - WWW.DIARIOGAUCHO.COM.BR

Por enquanto, só alerta

EPTC começa a fiscalizar circulação de carroças

MATEUS BRUXEL

PÁG. 3

Beleza na fila do emprego

VAGAS

PÁG. 8

É decisão para ficar no G2

LAURO ALVES

Rhodolfo volta ao time

GREMIO X GABARITO

ARENA - 19H30MIN

PÁG. 10

DG REVELA OS NEGÓCIOS POR TRÁS DAS GRADES

PRESÍDIO S.A.

PÁGS. 36 E 37

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

100 REAIS

Faturamento de facções criminosas que comandam galerias pode chegar a R\$ 500 mil mensais

ANDRÉ ALEXANDRE OLIVEIRA SOBRE FOTO DE RONALDO BENNETT

ANDRÉ SCHILLER/REVISTA SHAPE

FAMÍLIA É COM ELA MESMO

PÁG. 20

Danielle Winitz fala de sua personagem em Amor à Vida

Aves iriam levar aparelhos para dentro do Central

MAURO VIEIRA

MALDADE

Pombo na garrafa levava celular

PÁG. 35

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 2/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

CAÇA A CATADORES

Na primeira BLITZ, só advertência

RESUMO DA NOTÍCIA

Fiscalização no Bairro Cristal interceptou cinco catadores que trabalhavam em área de circulação proibida. EPTC avisou: na próxima, vai multar e recolher a carroça e o cavalo.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

Até as 17h de ontem, primeiro dia de restrição da circulação de carroças e carrinhos de papeléis em 31 bairros da Capital (Zona 1), a EPTC abordou somente cinco condutores de veículos de tração animal e humana. Mas nenhuma carroça, cavalo ou carrinho foi apreendido pela fiscalização na blitz realizada na Zona Sul e em rondas em outros pontos.

A equipe formada por cinco agentes teve o apoio de um veterinário da Secretaria Municipal de Defesa dos Animais

e de dois policiais militares.

A lei municipal tem a intenção de, até 2015, retirar das ruas as carroças e os carrinhos. A alegação: incentivar a reciclagem sustentável e qualificada, por meio de estações adequadas.

● **Carroceiros ficaram revoltados**

Porém, a prefeitura ainda está longe de cumprir sua parte – nenhuma das seis Unidades de Triagem (UT) de Porto Alegre saiu do papel.

Mesmo com a ampla divulgação na imprensa sobre as quatro etapas da restrição e o início da fiscalização marcada para ontem, carroceiros e carrinheiros flagrados pelos agentes afirmaram que precisam trabalhar para sustentar suas famílias.

Antônio Márcio Santos Silva,

34 anos, afirma que não pretende se livrar da carroça nem do animal.

– Eles querem dar R\$ 2 mil de indenização por uma égua, mas é como se ela fosse da família da gente. Não está à venda. Pergunta se eles (agentes) vendem os parentes deles? – reagiu o carroceiro.

Na próxima segunda-feira, um grupo de carroceiros da Zona Sul se reunirá com representantes da prefeitura para tentar achar uma alternativa. Porém, a lei está valendo, avisa a EPTC.



Prefeitura fará fiscalizações rotineiras na zona proibida



FOTOS LIVIA STUMPF

UM DESVIO PARA EVITAR FLAGRANTE

Segundo o chefe de fiscalização de veículos de tração animal da EPTC, Paulo Domeles, os cinco carroceiros parados não tiveram as carroças e cavalos recolhidos porque estão cadastrados nos cursos de capacitação. Todos receberam advertência e cópia do mapa com as áreas onde a circulação está proibida.

Segundo a prefeitura, a intenção é só multar na reincidência. O valor para quem for punido é de R\$ 20, mais as diárias do cavalo

(R\$ 2) e da carroça ou carrinho (R\$ 0,80) no pátio da EPTC.

● **Saída pela direita!**

A presença dos agentes na Avenida Icarai, próximo à Vila do Resval, no Bairro Cristal, onde há cerca de 50 carroceiros, gerou cenas inusitadas. Dois que trafegavam no sentido bairro-Centro saíram da avenida e se embrenharam na vila quando perceberam que seriam parados. – Vamos abordar, mas eles desviaram – lamentou Paulo.



Teve quem não se arriscou

Ezequiel e o filho Kauan ficaram na espreita



Com mulher, dois filhos e um enteado para sustentar, o carroceiro Ezequiel da Silva, 26 anos, preferiu não se arriscar. Deixou o cavalo pastando e as três carroças paradas num beco da Vila do Resval. Ele também está cadastrado para se capacitar, mas não quer fazer o curso sugerido.

– Me ofereceram serviços gerais, mas quero construção civil – disse o carroceiro, que fatura de R\$ 1,5 mil a

R\$ 2 mil por mês catando e vendendo material reciclável.

Quem se deu bem foi o andanilho José Francisco Cruz da Silva, 57 anos. Com quatro sacos cheios de garrafas pet pendurados nos ombros, e uma sacola de roupas em uma das mãos, José passou rindo pela blitz.

– Nunca usei carrinho e nem carroça – disse, antes de ir vender o material que renderia no máximo R\$ 15.

● **QUER TROCAR DE RAMO?** – O catador interessado em entregar a carroça e o cavalo deve ir ao Car da região. Lá, assina um termo declarando ser o dono do bem e recebe um comprovante. Para receber o dinheiro, terá de informar o número do CPF (quem não tiver CPF ativo, a prefeitura fará a intermediação) numa agência da Caixa. Cavalo e carroça valem, juntos, R\$ 2 mil. O carrinho rende R\$ 300.

Circulação proibida

- **Região Centro-Sul:** Nonoi, Teresópolis, Cavalhada, Camaquã, Vila Nova e Campo Novo
- **Região Centro:** Menino Deus, Azenha e Praia de Belas (da Avenida Ipiranga em direção ao Sul)
- **Região Partenon:** Santo Antônio, Partenon, Vila João Pessoa, Coronel Aparício Borges e São José
- **Região Cristal:** Cristal
- **Região Cruzeiro:** Santa Tereza e Medianeira
- **Região Glória:** Glória, Cascata e Belém Velho
- **Região Lomba do Pinheiro:** Agronomia
- **Região Sul:** Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Jardim Isabel, Ipanema, Espírito Santo, Guarujá, Serraria e Hípica

O programa

- **O que é:** o Programa de Inclusão Produtiva na Reciclagem já tem 1.524 catadores cadastrados. Quem tiver interesse pode procurar o Centro Administrativo Regional (Car) de sua região.
- **Qualificação:** a prefeitura oferece cursos para quem quer seguir no ramo ou buscar emprego em outra área. Há bolsas de R\$ 678, além de outros benefícios. Informações pelo telefone 156.

8

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 2/10/2013

ESPAÇO DO TRABALHADOR

CÁREN CECÍLIA BALDO

Informações, sugestões e críticas pelo telefone 3218-1895, pelo fax 3218-1618, pelos e-mails: caren.baldo@diariogaucha.com.br ou empregos@diariogaucha.com.br



Acompanhe o blog:
www.diariogaucha.com.br/trabalhador

TAPA NO VISUAL



Franciele e Maria (D) receberam tratamento de graça

Um banho de autoestima

FOTOS MATEUS BRUXEL

RESUMO DA NOTÍCIA

Parceria que será firmada oficialmente hoje entre o Sine de Porto Alegre e o Senac Moda e Beleza oferece embelezamento de graça para candidatas a empregos.

CÁREN CECÍLIA BALDO
caren.baldo@diariogaucha.com.br

Considerando que boa aparência costuma ser pré-requisito em seleções de emprego, a partir de hoje, desempregados que procurarem o Sine da Capital poderão dar um trato no visual antes de participar de uma entrevista. E o melhor: sem gastar.

A parceria, que será assinada nesta manhã entre o Sine municipal e o Senac Moda e Beleza (Camelódromo), vai permitir a homens e mulheres que estão em busca de um emprego a opção por cortar os cabelos, escová-los ou dar uma caprichada na limpeza das mãos – ou tudo isso junto. São cerca de 25 vagas por dia, ou 30% da capacidade de atendimento da unidade do Senac, destinadas aos

encaminhamentos feitos pelo Sine.

De acordo com o secretário adjunto de Trabalho e Emprego de Porto Alegre e presidente do Sindicato dos Salões de Beleza e Similares do Estado (Sinca-RS), Marcello Chiodo, estudantes dos cursos do Senac serão responsáveis pelo novo visual dos candidatos:

– Os desempregados serão modelos para os alunos do Senac e receberão tratamento especial para reforçar a autoestima na hora de se apresentar aos recrutadores.

Professora do curso de maquiador, Mairisol Nunes enfatizou:

– Ter boa aparência não significa se maquiarem para festa. A maquiagem para o trabalho é discreta.



Antes, muita seriedade



Sorrisos desabrocharam após sessão

Ontem pela manhã, duas candidatas que foram ao Sine Porto Alegre (Avenida Sepúlveda no Centro) toparam receber os cuidados do Senac Moda e Beleza. A equipe do Diário Gaúcho acompanhou o antes e o depois desta transformação.

Maria Angélica Silva da Silva, 50 anos, busca uma vaga para auxiliar de serviços gerais, enquanto Franciele Costa, 18 anos, procura uma oportunidade como operadora de telemarketing. Ambas são moradoras do Bairro Lomba do Pinheiro.

Franciele conta que costuma ir ao salão de beleza uma vez por mês e que nunca tinha feito maquiagem. Maria, mais vaidosa, pintou os cabelos em setembro e estava com as mãos feitas.

Após cerca de duas horas de cuidados com cabelos, mãos e

rostos, o astral era outro. Entraram na agência do Sine tímidas e saíram do Senac sorridentes.

– Destaco mais meu rosto – alegrou-se Franciele, e Maria empolgou-se:

– Gostei muito! Ambas tinham entrevistas marcadas para ontem.



Depois, mais autoconfiantes



SAIBA MAIS

Como vai funcionar

- Os candidatos a vagas oferecidas no Sine de Porto Alegre podem optar por passar por uma sessão de embelezamento antes de ir para a entrevista de emprego.
- Para isso, devem manifestar o interesse ao serem atendidos, diariamente, das 8h às 17h. Pode participar qualquer candidato a emprego, morador da Capital ou da Região Metropolitana, em um número limitado de atendimentos por dia.
- Então, cada um receberá um encaminhamento que dá direito aos serviços de beleza. É preciso ir ao Senac Moda e Beleza, no Camelódromo, apresentar o comprovante do Sine e marcar um horário.
- Serviços como corte, escova e hidratação de cabelos, além de manicure e maquiagem, são gratuitos. No caso de tintura ou alisamento dos cabelos, os candidatos terão orientação sobre os produtos que precisam comprar e levar para a sessão. O serviço segue sendo sem custos.

Cuidado nunca é demais!

- Na entrevista de emprego, cuide de seus cabelos para que estejam bem cortados e penteados. Se forem tingidos, evite se apresentar com a raiz evidente – retoque-a antes de marcar a entrevista.
- Se forem crespos, não vá à entrevista com os cabelos molhados ou empapados de creme.
- As mãos devem estar limpas, bem como as unhas, que também precisam estar bem aparadas. As mulheres podem pintá-las, mas sem exageros: cores fortes, como as neon, nem pensar! Use um vermelho básico ou uma cor clara.
- Quanto aos pés, prefira calçados fechados para encontrar o recrutador.
- O cuidado com a maquiagem é essencial: a pele deve estar bem tratada e sem exageros. O uso de uma base líquida ou um BB Cream (valores entre R\$ 1,5 e R\$ 20) ameniza imperfeições e não pesa. As sombras devem ser neutras, em tons terrosos e sem brilho. O batom, quanto mais cor de boca, melhor. E, para complementar, é possível usar máscara preta nos olhos.

Orientações: instrutoras Ana Cristina Pethoso (cabelos), Silene Kriss Oliveira de Resende (manicure) e Mairisol Nunes (maquiagem) – todas do Senac Moda e Beleza.

34

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 3/10/2013

COM A PALAVRA, O LEITOR

"A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas."

Francis Bacon, filósofo inglês (1561-1626)



O santo do dia

Santa Maria Josefa

FALANDO DE AMOR

ISABELLA FERNANDEZ
isabella.fernandez@diariogaucha.com.br



Melhor amiga

"Ana, minha namorada, confidente, parceira e anjo da guarda. Descobri, vivendo nossa relação, que não existe amor se a base não estiver alicerçada em uma grande amizade.

O amor é exatamente isso: a intimidade levada ao extremo. É como se a gente entregasse ao ser amado a nossa essência. Para mim, acima de tudo, és a melhor amiga que alguém poderia desejar. Um beijo, meu amor."

Rui – Porto Alegre

Estás coberto de razão, meu amigo. Compartilho a tua crença. Não é possível amar, com todas as nuances que a paixão traz, sem gostar do outro como amigo.

Ficamos assim combinados: vais cuidar muito bem da tua amada, tratá-la com todo o zelo do mundo. E ela fará o mesmo por ti.

Vocês têm a condição para alcançar a felicidade. Fizeram por merecer.

Agora, é só cultivar.

Seguir em frente e curtir a vida como ela deve ser curtida.

Um grande abraço.

Escrevam sempre.

✉ Escreva para Falando de Amor, Diário Gaúcho, Avenida Ipiranga, 1075, CEP 90169-900.

FALANDO DE SEXO

ANDRÉA ALVES
LÚCIA PESCA
falandodesexo@diariogaucha.com.br



Impotência

"Venho pedir ajuda. Sofro de problemas de impotência, não consigo manter ereção durante a relação sexual. Tenho 26 anos, e isso está me incomodando muito. Estou tomando medicação, mas mesmo assim tenho dificuldades."

Essa é uma questão que aparece com frequência aqui, caro leitor. Vamos aproveitar esta oportunidade para mostrar os caminhos e descaminhos relativos à disfunção de ereção do homem. Iniciaremos na coluna de hoje e continuaremos amanhã.

O medo da disfunção erétil (também chamada de impotência) ronda a cabeça de homens das mais diferentes idades. Esta dificuldade em manter a ereção pode decorrer de fatores orgânicos e/ou emocionais. Por falta de orientação, muitas vezes, os homens caem em armadilhas que eles criam para si próprios. Por exemplo, o uso sem necessidade dos facilitadores de ereção. Essas medicações podem levar ao risco de dependência psicológica.

Meu sonho é real



www.diariogaucha.com.br/seuproblema

Dona Maria Inês não perde mais as novelas

O simples hábito de pegar o controle remoto, sentar no sofá e ligar a televisão, para a grande maioria, é algo comum e corriqueiro. Mas para dona Maria Inês Ponciano dos Santos, 60 anos, era praticamente impossível. Faltava algo importante para completar o cenário: o aparelho de TV. O dela, junto com outros bens, fora roubado.

● Filha fez o pedido em nome da mãe

Preocupada com a felicidade da mãe, Eliane Ponciano dos Santos, 32 anos, decidiu escrever para a Seção Meu Sonho É... na esperança que seu sonho se realizasse. Na carta, Eliane também aproveitou a oportunidade para pedir uma geladeira.

— A (geladeira) dela é muito antiga e, além de dar choque, consome muita energia — escreveu a operadora de máquinas.

Valeu a pena acreditar!



MARCELO OLIVEIRA

Ela nem imaginava que ambos os desejos seriam atendidos.

Um leitor, que pediu para não ser identificado, trouxe uma televisão até a redação do Diário Gaúcho, que assumiu a missão de levar o aparelho até o Bairro Santo Inácio, em Esteio, onde mora dona Maria

Inês. E assim foi feito. Como ela não sabia da publicação da carta, também não esperava a visita da equipe do jornal. Tudo estava combinado apenas com Eliane, que mora em Sapucaia do Sul.

— A Eliane queria me fazer uma surpresa —

afirmou a pensionista, bastante emocionada.

Portadora do mal de Parkinson, ela fica a maior parte do seu tempo em casa. Adora assistir às novelas.

— Agora vou passar o dia todo com a tevê ligada e olhando as minhas novelas — empolga-se.

Sua filha caçula, Elisa Ponciano, 20 anos, também gostou da novidade, e ficou feliz com o gesto da irmã.

— Ela sempre quer ajudar todo mundo — declara.

Na mesma hora, elas ligaram para os doadores da geladeira e combinaram a entrega.

Pede-se providência

✉ Paciente do Sus, de Canoas, relata: — Está muito difícil agendar consulta pelo 0800. É preciso tentar ligação durante um dia inteiro. Só dá ocupado.

✉ Moradora de Magistério, Bañeirão Pinhal, denuncia:

— Há pelo menos seis anos, aguardamos água encanada na Rua Bento Gonçalves, quadras B e C, porque a água de poço está com coliformes fecais e a prefeitura não toma providências.

✉ Leitora do Bairro Mario Quintana avisa:

— O Parque Chico Mendes, em Porto Alegre, está há sete meses sem luz. Os funcionários do parque não podem nem tomar banho lá. Está perigoso.



✉ Leitor diz: — Na cidade de Cachoeirinha não há traumatologistas. Entrei em contato com a Secretaria de Saúde e foram eles que me informaram. Um funcionário me disse que teria que procurar em Viamão.

✉ Moradora do Bairro Bom Sucesso, em Gravataí alerta:

— Na Rua Juventus, em frente ao 122, foi aberto um buraco para o conserto de vazamento e deixaram aberto. Os responsáveis nunca mais voltaram.



✉ Paciente do Sus informa: — O posto de saúde da Estância Velha, em Canoas, está sem médico. Quando ligava para o 0800 era preciso aguardar pelo menos 50 dias para agendar uma consulta. Agora, é preciso ligar de novo e

aguardar o mesmo prazo.

EXPLICAÇÃO AO POVO

@ O DMLU explica que não há registro de reclamação para a Rua Armando Pedro da Roza, atrás do 30, no Bairro Restinga. Havia reclamação de resíduos no 180. Foi constatado acúmulo de resíduos recicláveis (incluindo garrafas acomodadas com bico para baixo) para uso como fonte de renda e sem lixo orgânico. No entanto, foi aberta uma ordem de serviço e será encaminhada ao fiscal para uma nova avaliação.

@ Já o Dmae realizou vistoria na Rua Paulo Maciel, em frente ao 240, no Bairro Vila Nova, e verificou que a queixa do leitor é problema interno do condomínio. O morador foi orientado quanto ao encaminhamento possível para o caso relatado na coluna.

ANEXO M – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 03/10/2013

Kit Cozinha Organizada **18**

Um selo, três potes e dezenas de utilidades.

Promoção **JUNTE & GANHE** Kit Cozinha Organizada

Patrocínio: **Mr. Músculo**

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua carteira.

Com elas, tudo fica beleza

Concurso Mais Bela Gari mobiliza 43 candidatas

PÁG. 3

MARCELO OLIVEIRA

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 – Nº 4.193 – PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 3/10/2013 – JORNAL DO GRUPO RBS – WWW.DIARIOGAUCHO.COM.BR

BRASILEIRÃO 2013

TRICOLOR DERRUBA RIVAL DIRETO NA LUTA PELO G2

1x0
CRÊMIO ATLETICO-PR

Riveros, em toque de craque, encobre Weverton e garante a vitória

Salto rumo à América

PÁG. 9

R\$ 0,90

Macedo: não há saída para o Central

Guerra: Tricolor fez tudo certinho

Atenção na largada, Colorado

MACAÉ - 21H

PÁG. 10

Buraco tamanho GG

PÁG. 6

Em Alvorada, Leonardo Ribeiro faz protesto contra a buraqueira das ruas

Chance no BBB14

PÁG. 19

AMOR & SEXO ESTÁ DE VOLTA

PÁG. 18

PRESÍDIO S.A.

Dívida é paga com a vida

PÁG. 31

Fernanda Lima retorna à telinha

JACQUES DESQUERES/DIVULGAÇÃO

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 3/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

CONCURSO MAIS BELA GARI

Simpatia das ruas para as passarelas

RESUMO DA NOTÍCIA

Evento marcado para novembro já mobiliza 43 candidatas da Capital. Ontem, foi o primeiro encontro geral das finalistas. Vencedora ganhará muitos prêmios.

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

No dia 9 de novembro, no Ginásio Tesourinha,

43 mulheres trocarão o uniforme laranja pelo vestido de festa. Os cabelos presos, sob o boné, darão espaço a um penteado, que evidenciará o rosto maquiado. No lugar das ruas da Capital, trabalhadoras que atuam na varrição, na capina e na manutenção dos banheiros públicos terão uma passarela para caminhar no concurso que escolherá a Mais Bela Gari de Porto Alegre.

Para buscar a vitória, as candidatas terão de mostrar o mesmo canismo e simpatia com que

desempenham suas atividades para deixar a cidade limpa.

Evento para todas as idades

Ontem, no DMLU, elas participaram de um ensaio, o primeiro compromisso até a final. As candidatas, com idades entre 18 e 60 anos, também receberam a camiseta do concurso e um conjunto de colar, brincos e pulseira, doados por funcionárias de uma loja de acessórios.

— Queremos a gari com aquele brilho nos olhos — destaca o Rei Momo Fábio Vergoza, idealizador e coordenador do concurso.

Fábio explica que a beleza será avaliada pelos jurados, mas não será determinante.

Entre as missões da vencedora estará fazer presença em eventos culturais e ações colaborativas, como ajudar na distribuição de sopão nas capatazas.

Gari desde 1991, Maria Sirley dos Santos, 59 anos, vive a expectativa:

— A mãe acorda todo dia uma hora mais cedo por causa da ansiedade. Estamos adorando — contou a atendente de berçário Elisângela dos Santos Oliveira.

Maria emenda: — No desfile, serei eu mesma, carismática, simpática e alegre.

Uma das mais jovens, a gari Jéssica Vieira Figueiró, 18 anos, foi incentivada pelo marido, Roger, 23 anos, que também é colega de profissão.

— Ele disse “vai, amor, participa, quero te ver ganhar”. Estou adorando.

O concurso é uma iniciativa da Secretaria de Cultura e DMLU.

SAIBA MAIS

- Foram inscritas 119 mulheres no concurso. Elas participaram das semifinais nas nove seções do DMLU. Da grande final, participarão 43 candidatas. Além da Mais Bela Gari serão escolhidas duas princesas e a Miss Simpatia, eleita pelas candidatas.
- A vencedora vai ganhar uma viagem para Gramado com acompanhante, R\$ 1 mil em dinheiro, uma tevê, cursos de Inglês, Informática e Gastronomia, roupa, produtos de beleza, uma fantasia para desfilir no Carnaval de Porto Alegre 2014, entre outros prêmios. Ao final do concurso, a vencedora sairá do ginásio de limusine direto para a suite presidencial do City Hotel, onde terá uma noite de rainha.
- As princesas vão ganhar uma viagem com acompanhante para Gramado e R\$ 500 cada uma, além dos cursos. A Miss Simpatia ganhará a viagem com acompanhante para Gramado e os cursos.
- A final será no Ginásio Tesourinha, no dia 9 de novembro, às 17h. A entrada é franca e o público é convidado a doar um brinquedo para o Natal.

Agenda das candidatas

- **Sábado:** coquetel e baile no Jôquei Club. Para as candidatas, a entrada é gratuita. Demais pagam R\$ 8 (antecipado) e R\$ 10 (na hora).
- **Dia 17/10, às 15h:** passeio no Linha Turismo, roteiro Zona Sul.
- **Dia 23/10, às 15h:** passeio no barco Cisne Branco
- **Dia 26/10:** seminário sobre saúde da mulher, com a doutora Nêmore Mendes, automaquiagem e beleza, no City Hotel, às 9h.
- Quem quiser apadrinhar alguma candidata pode entrar em contato pelo e-mail cortecarnaval@gmail.com ou pelo telefone 3289-8034.



Confira galeria de fotos das candidatas em www.diariogaucha.com.br/fotos

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO
macedo@diariogaucha.com.br



Presídio S.A.

Recomeçar do zero. Não existe outra saída para o Presídio Central. A reportagem “Presídio S.A.”, publicada no Diário Gaúcho pelo repórter Eduardo Torres, é definitiva sobre a falta de controle das autoridades. O pior presídio do Brasil, conforme avaliação da CPJ do Sistema Carcerário, virou um baita negócio para facções criminosas. Tão valioso que o metro quadrado é mais caro que em boa parte dos bairros nobres da Capital.

Uma prova disso é a negociação pela qual o grupo que comanda o tráfico na Vila Conceição está “comprando” uma galeria de 600m² por R\$ 1 milhão. Contando com o serviço e o consumo de 350 homens, o investimento se pagará em dois anos no máximo. Que negócio consegue isso fora da prisão? Nenhum.

Lucro limpo

Drogas, celulares, comida e até segurança são as mercadorias que movimentam o rico mercado atrás das grades. O lucro é limpo, pois não há gastos com impostos, direitos trabalhistas, segurança, luz e água. E sem inadimplência: os “consumidores” se mantêm em dia por saberem que o “SPC” do crime não dá segunda chance para “limpar o nome”.

Quem não paga, morre. Fica claro que não existe recuperação para esse insalubre depósito de gente. O Central é uma vergonha para o Estado e um perigo para os próprios gaúchos. Além de não oferecer qualquer chance de recuperação para os 4,4 mil moradores, virou base de operações das facções criminosas. E dizer que ainda bancamos esse tumor social com o dinheiro dos impostos. Por tudo, só existe uma saída: por tudo abaixo e virar essa página triste da nossa história. Que governante terá a coragem de encarar essa necessidade?

INSCRIÇÕES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Começam no próximo dia 14 as inscrições para educação infantil em 2014 nas 41 escolas municipais de educação infantil e de ensino fundamental que ofertam a pré-escola (quatro e cinco anos). O período vai até o dia 31. A inscrição deverá ser na escola desejada, em horário escolar — todas as crianças têm direito à inscrição, conforme a faixa etária adequada. Os pais ou responsáveis deverão apresentar certidão de nascimento, carteira de vacinação, comprovantes de residência e renda. RG do responsável e cartão do Bolsa Família.

SAIBA MAIS

- As 215 instituições conveniadas à prefeitura também abrirão inscrições. No entanto, não possuem calendário de inscrições unificado. As famílias deverão entrar em contato com as instituições para verificação da data. Para acessar os endereços da rede conveniada, é possível consultar o site do Smed (www.portoalegre.rs.gov.br, clicar em secretarias-educacao-educacao infantil-creches conveniadas).
- Nos últimos meses, seis novas instituições de educação infantil foram entregues: Recanto dos Pequenos, Ana Maltz Knjnik, Gaipózinho, Pisma, Cantinho do Sol e Luza Casagrande Lewandowski. Com isso, neste ano letivo, surgiram 720 novas vagas de zero a cinco anos e 11 meses.
- Até o final do ano, esse número deverá ser superior a 3,4 mil vagas com a entrega de todas as 21 unidades que serão concluídas até dezembro e/ou início de 2014. Atualmente, são 215 escolas/instituições conveniadas à prefeitura, além das 41 escolas municipais de Educação Infantil.



MARCELO OLIVEIRA

Rei Momo
fazero no
meio das
candidatas

6

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 3/10/2013

BURACO PLUS SIZE!

Dá até para se deitar

RESUMO DA NOTÍCIA

Em Alvorada, moradores fizeram protesto para denunciar a falta conservação nas avenidas. Em apenas 100m da Frederico Dihl, há mais de 40 “panelões”.

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

A cratera na Avenida 17 de Setembro tem 1,5m de largura por 2m de comprimento e 20cm de profundidade. Com tamanho para detonar molas, amortecedores e rodas de veículos, o panelão no asfalto serviu de cama, ontem, para o protesto bem-humorado do serralleiro Leonardo Guimarães Rosa Ribeiro, 42 anos. Por alguns segundos, ele se deitou e depois sentou no vão aberto na faixa da avenida do Bairro Intersul.

— É uma buraqueira só, descaso total da prefeitura. Quebrei duas molas e vou gastar R\$ 400 para consertar os estragos no Monza – reclamou Leonardo, antes de puxar o parabéns para a cratera que completará 30 dias no final de semana.

● Trânsito foi interrompido

No final da manhã, os moradores bloquearam o tráfego de veículos entre as ruas Manoel Bernardes e Santa Bárbara devido

Fuscão pagou a conta, né Carlos?



às más condições das avenidas 17 de Setembro e, principalmente, da Frederico Dihl. Somente num trecho de cerca de 100m desta última, na curva ao lado da Lagoa do Cocão, mais de 40 “panelões” fazem o asfalto parecer queijo suíço.

● Roda do Fusca amassou

Para evitar danos aos veículos, motoristas reduzem a velocidade

causando congestionamentos que chegam a 2km na hora de pico, segundo conta a vendedora Julieta Santos, 49 anos.

O vigilante Carlos Heitor da Rosa, 42 anos, desviou de um buraco na Avenida 17 de Setembro, mas não se livrou do prejuízo.

— A roda traseira direita ficou amassada. Vou gastar de R\$ 70 a R\$ 80 para arumar — lamentou o dono do Fusca azul.



"Cama" para Leonardo

Bronca pegando geral

Vários leitores enviaram mensagens e postaram no facebook do jornal reclamações sobre o estado de ruas e avenidas em Alvorada.

José Pacheco - "A cidade está cheia de buracos e a prefeitura não faz nada".

Alcemar Ricardo - "Para passar de carro, só muito devagar e, mesmo assim, não tem como fugir deles (buracos), já que estão em todos os lugares".

Nanda Rodrigues - "Até a pé tem que desviar dos buracos em Alvorada".

facebook

Curta www.facebook.com/diariogaucha

Recuperação da via já começou



Máquinas terão trabalho

FOTOS LIVIA STUMPF

A prefeitura de Alvorada informa que iniciou no dia 25 de setembro as obras de recomposição do pavimento da Avenida Frederico Dihl. Os trabalhos envolvem a retirada das camadas danificadas e a utilização de asfalto quente para recuperação dos trechos críticos,

melhorias que darão maior durabilidade à estrutura da via, que apresenta problemas há vários anos.

Segundo a Secretaria de Obras, a colocação de asfalto quente também será adotada em outras vias do município, começando pelas de maior movimento e circulação de ônibus,

como a Presidente Getúlio Vargas e a Tiradentes.

O prefeito, Sérgio Maciel Bertoldi, tenta obter recursos junto ao governo federal para que seja duplicada a Frederico Dihl, por meio de investimentos do Pac Mobilidade Urbana, em fase de avaliação no Palácio do Planalto.



Buraqueira mobilizou moradores

FEIRA DE MÓVEIS

DECORAÇÃO

ACABAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO

ESPAÇO KIDS

Você e sua casa vão adorar!

CASA SHOW

FEIRA DE MÓVEIS E DECORAÇÃO

Expo Acabamento

7ª FEIRA DE ACABAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO

INAUGURA HOJE!

03 a 06 OUTUBRO

14h às 21h

NA FIERGS

ENTRADA FRANCA

Evite filas: Credenciamento pelo www.expoacabamento.com.br

SUL EVENTOS FEIRAS PROFissionais

ANEXO P – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013

Kit Cozinha Organizada
19

O kit conserva os seus doces gostosos. O selo conserva a sua cartela atualizada.

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua cartela.

Promoção JUNTE & GANHE
Kit Cozinha Organizada

Patrocínio: **MR MÚSCULO**

Sai lixo do valão e fica na frente das casas

Sem local para realizar descarte, Dep enviou pedido a Maria Vicente, moradora do Bairro Hípica



PÁG. 38

MATEUS BRUXEL

É SEXTA!!

Shows para todos os gostos



PÁG. 23

R\$ 0,90

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 - Nº 4.194 - PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 4/10/2013 - JORNAL DO GRUPO RBS - www.diariogaucha.com.br

PRESÍDIO S.A.

O esquema das cantinas piratas

PÁG. 36 E 37

ENTRESSAFRA INFLACIONA PREÇO DO MATE

Chimarrão está pelando o bolso

QUANTO MAIS MELHOR

PÁG. 20

TV Globo estica Amor à Vida e Paolla Oliveira vai ficar mais tempo no ar



EXTRA



Quilo da erva subiu 56% em um ano

LUIZ ARMANDO VAZ

PÁG. 4

BRASILEIRÃO 2013

Time de Dunga em queda livre

PÁG. 10

3x1

VASCO INTER

Colorado perde em Macaé e parte de baixo da tabela começa a assustar



CRISÓVAL VASCONCELOS

CHORA, CAVACO



Renato: olheiros buscam nova Globeleza

4

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 4/10/2013

AINDA MAIS AMARGO

Preços da erva (kg)

No supermercado pesquisado

- ✓ Extremos: de R\$ 7,84 a R\$ 12
- ✓ Média de seis marcas: R\$ 10,30

Mercado Público

- ✓ A granel: média de R\$ 10,50
- ✓ A vácuo: média de R\$ 16,20



"Uma vergonha", diz Francielen, sobre o alto preço

Um mate intragável

RESUMO DA NOTÍCIA

Recuo no plantio e entressafra fazem da erva-mate o produto mais inflacionado de Porto Alegre. Temor é de que o quilo possa chegar a R\$ 20 em dezembro.

ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diariogaucha.com.br

Uma série de fatores fizeram o preço da erva-mate subir 56% nos últimos 12 meses, em Porto Alegre. Temor é de que o quilo possa chegar a R\$ 20 em dezembro.

De amarga, a erva-mate está se tornando intragável no churrasco. Entre os 300 itens que têm os preços pesquisados mensalmente pelo escritório da Fundação Getúlio Vargas (FGV) em Porto Alegre, foi ela a que teve a maior alta nos últimos 12 meses. Entre setembro de 2012 e setembro deste ano, segundo a FGV, o aumento chegou a 56,22%.

No Mercado Público, onde o quilo da erva-mate embalada a vácuo chega a valer R\$ 16,80, é comum ver clientes diminuindo a compra. A granel, porém, a média fica em R\$ 10,50 – praticamente o mesmo valor médio da erva no supermercado consultado pelo Diário.

● "Até R\$ 6 eu aguento!"

O carpinteiro aposentado Miguel Sales, 68 anos, de Alvorada, fez corte no hábito de matear. Há mais de duas décadas comprando até 5kg a granel por mês no Mercado, Miguel

passou a levar 2kg desde junho.

– Até R\$ 6 eu aguento, e seguia comprando a mesma quantidade. Mas quando chegou a R\$ 10, diminuí o churrasco diário. E ainda estou pesquisando para achar erva mais barata – confessou.

● Consumidora tem uma suspeita

A mesma reação dos clientes vem ocorrendo nos supermercados. Na busca pelo menor preço, a operadora de telemarketing Francielen Costa, 19 anos, se surpreendeu ao ver que a erva comprada no final do mês passado subiu de R\$ 5 para R\$ 8.

– Na Semana Farroupilha, achei erva até por R\$ 14. Uma vergonha! Estão querendo que a gente pare de tomar churrasco. No lugar de levar 3kg, vou levar só 1kg – comentou Francielen.

Produção cai, preço sobe

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria do Mate no Rio Grande do Sul (Sindmate), Alfeu Strapasson, o baixo preço pago nos últimos anos aos produtores, aliado à valorização da soja, causou diminuição de 30% na produção da erva no Estado na última década – de 39 mil para 30 mil hectares em 2012.

De acordo com Alfeu, a média hoje das lavouras gaúchas é de cerca de 10 mil kg por hectare, enquanto o ideal seria o dobro. Para piorar a

situação, o período de entressafra começa neste mês e segue até dezembro. O que deve aumentar ainda mais o preço da erva.

– Não posso afirmar que o quilo chegará a R\$ 20, mas dá para dizer que o preço ainda não está estagnado – afirmou Alfeu.

Coordenador do escritório da FGV na Capital, Márcio Fernando da Silva diz que, nos nove primeiros meses do ano, houve aumento de 42,15%: – E continua subindo. No mês passado, subiu 4,49%.

Aperitivo mais caro que o churrasco!

Com 1kg de erva-mate a R\$ 10,30 é possível comprar...



✓ ... 1,2kg de costela

✓ ... 1,4kg de salsichão

✓ ... 2kg de asa de frango

✓ ... 2,5kg de caacotinho

✓ ... 4,5kg de batata



Miguel mudou hábito

FOTOS LUIZ ARMANDO VAZ

Levantamento do FGV

Itens	12 meses	setembro/13
Ervamate	+56,22%	+4,94%
Salsichão	+17,88%	-2,74%
Costela	+0,61%	-3,46%
Paleta	+8,57%	-0,98%
Linguíça	+12,18%	-5,37%
Vinho	-3,21%	+1,32%
Cerveja	-6,75%	+0,35%

CHAMADA DAS RUAS

ANTÔNIO CARLOS MACEDO
macedo@diariogaucha.com.br



Quebrando o silêncio

Toda forma de violência é condenável, mas se torna mais nojenta e inaceitável quando praticada por adultos contra crianças. Nesses casos, a ação é sempre covarde, pois envolve o abuso do poder físico e intelectual do mais forte contra o mais fraco. Nesta semana, foram três ocorrências em Porto Alegre. Crimes que resultaram em morte, abuso sexual e ferimentos graves.

Na segunda, um bebê com cerca de um ano foi morto pelo companheiro da mãe dele. No mesmo dia, uma garota de sete anos foi estuprada e agredida a pauladas pelo ex-namorado de uma tia. Na quarta, dois homens abusaram de um menino de 12 anos na saída da escola.

A violência contra crianças e adolescentes está em alta. Levantamento do Centro de Referência no Atendimento Infância-Juvenil indica aumento de 25% na comparação com 2012. Foram 1.399 ocorrências até setembro.

● Não se omita!

Menos mal que parte do crescimento é creditada à maior conscientização de pais, avós, parentes e vizinhos, que passaram a comunicar as agressões e abusos. Eles já ocorriam antes, mas não entravam na contagem porque eram abafados pelos próprios familiares das vítimas. Quem denuncia faz a coisa certa. A omissão acoberta o agressor. Não permita que o silêncio transforme você em cúmplice da barbárie.

TEU GPS NO BUSÃO



Marlon, Flávio, Thiago e Thales: boa ideia

Um aplicativo gratuito para smartphones e tablets tem ajudado a guiar usuários de ônibus (lotação não) a não se perderem na Capital. O projeto é tocado pelos estudantes Thiago Galbeno (Administração da Pucrs), 20 anos, Flávio Palma (Administração), 20 anos, Thales Sarubbi (Informática), 19 anos e Marlon de Quadros (Computação), 22 anos. O aplicativo NossoBus utiliza GPS e internet 3G

para guiar usuários informando a parada e linha de ônibus que devem pegar.

– O objetivo é fazer a cidade ficar acessível. Como se fosse o GPS do carro – diz Thiago.

Futuramente, o grupo, deve criar uma empresa para registrar a marca. O programa está em constante atualização e o próximo passo é disponibilizar versão em espanhol e em inglês, além da plataforma iOS para iPhone.

COMO FUNCIONA

- O aplicativo é acessado em smartphone ou tablet com sistema Android no mínimo 2.2 e internet 3G.
- O app NossoBus é instalado de graça via Google Play.
- Para pesquisar, abra o app e ative o GPS do celular. No espaço em branco, digite o endereço desejado.
- O aplicativo mostra com um "P" o local da parada e qual linha você deve pegar. Um alerta é emitido quando chega a parada final.
- A EPTC disponibiliza as informações no www.poatransporte.com.br.

38

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 4/10/2013

COM A PALAVRA, O LEITOR

"A gratidão perfuma as grandes almas e azeda nas almas pequenas."

Honoré de Balzac, escritor francês (1799-1850)



O santo do dia

Francisco de Assis

FALANDO DE AMOR

ISABELLA FERNANDEZ
isabella.fernandez@diariogaucha.com.br



Entardecer

"Estamos completando 20 anos juntos. Costumo brincar contigo dizendo que estamos no entardecer de nossas vidas. Nos aproximamos de meio século de existência. Confesso que olho para trás e confirmo que faria tudo de novo. Escolher dividir o caminho contigo foi a coisa mais sensata que eu poderia ter feito. Es garanta de paz, alegria e esperança. Agora, estou um pouco doente. Sempre me dizes que é apenas um detalhe de tantos outros que compartilhamos. Assim, fiquei sabendo que, além de tudo, és uma excelente enfermeira. Do corpo e da alma. Aproveito para dizer ao mundo que tenho ao meu lado uma grande mulher. Estela, és uma estrela. A minha estrela. Beijos."

Ivo – Canoas

É justamente na adversidade que as pessoas costumam revelar seu lado melhor. E quando precisamos de ajuda que descobrimos o valor de quem está por perto. Com certeza, estás vivendo a retribuição do que fizeste na vida. A tua amada é tão especial porque o homem ao seu lado merece. Desejo melhoras.

● Escreva para Falando de Amor, Diário Gaúcho, Avenida Ipiranga, 1075, CEP 90169-900.

FALANDO DE SEXO

ANDRÉA ALVES
LÚCIA PESCA
falandodesexo@diariogaucha.com.br



Manter a ereção

A receita para ter boa saúde sexual é a mesma usada para a saúde física e mental. 1) Não abusar do álcool. 2) Evitar drogas. 3) Cigarro, adeus, qualquer que seja a sua idade. 4) Evitar a obesidade. Com relação a este quesito, ao combater a obesidade, se diminui o risco de impotência sexual e infertilidade masculina. 5) Praticar algum tipo de atividade física. O homem que caminha três vezes por semana, durante 30 minutos, tem mais chance de manter a potência sexual do que aquele que não faz exercício.

A educação sexual é a melhor prevenção contra a disfunção erétil. Todo homem tem medo potencial de ficar impotente. Mas, se entender como funciona a sexualidade, tem menor probabilidade de ter impotência por problemas psicológicos, que é a maior causa. Se falhar, desencana. Durma, no dia seguinte levantará bem e terá uma relação sexual tranquila. Porém, se o problema continuar incomodando, é hora de procurar ajuda profissional.

Seu problema é nosso!



www.diariogaucha.com.br/seuproblema

Assim fica difícil ser caprichoso



MARKEZO OLIVEIRA

"Acham que a gente é porco?"

EDUARDO RODRIGUES

eduardo.rodrigues@diariogaucha.com.br

Quando abriu o ofício timbrado da prefeitura da Capital, enviado pelo Departamento de Esgotos Pluviais (Dep), a dona de casa Maria Dinorá Vicente, 64 anos, imaginou que receberia a solução e não um problema como resposta a uma antiga reivindicação.

Moradores da Rua Dorival Castilhos Machado, no Bairro Hípica, Zona Sul, haviam solicitado a

limpeza de uma vala, que transborda nos dias de chuva alagando a rua e as residências. Mas, para sua surpresa, o documento solicitava autorização dos proprietários para que o Dep fizesse a limpeza, e deixasse a sujeira em frente ao valão.

● **Maria ficou indignada**

Alguns moradores

teriam assinado o documento, Maria Dinorá estranhou e reagiu indignada ao descobrir que não era uma brincadeira.

— Deixar a sujeira na rua é uma provocação, um desafio. Será que a gente é porco? — pergunta Maria, revoltada com a proposta de um órgão que existe para resolver, e não criar problemas.

Segundo a moradora, nas outras vezes em que houve a limpeza do Arroio do

Salso, que passa na região, as retroescavadeiras retiravam e os caminhões levavam toda a sujeira e os dejetos da vala. Se ficarem na rua, irão impregnar as casas com o mau cheiro.

— E esgoto puro correndo. O único limite entre a rua e os valos são os matos que crescem ao redor formando uma barreira. Mas, quando chove, somem as barreiras — desabafa a filha de Maria, Luciane Vicente.

Dep explica, mas não convence

O Dep informa que o material retirado dos arriotes e valas de Porto Alegre está sendo depositado ao lado desses equipamentos de drenagem porque, no momento, não há local licenciado ambientalmente. Trata-se de uma ação paliativa, executada até que seja finalizado o processo de contratação da empresa que fará o manejo. O Dep também avalia a possibilidade de reaproveitar a areia removida dos arriotes e valas após a descontaminação. O órgão afirma que só age com autorização dos moradores.

Devido a não termos local licenciado para realizar o descarte dos materiais a serem retirados, o proprietário ou responsável pelo imóvel autoriza que os detritos sejam deixados ao lado do valo em frente a sua residência, no intuito de viabilizar este sistema deveremos executar, nos próximos dias, esta limpeza.

Trecho do documento

Pede-se providência

☞ Moradora do Centro, em Gravataí, relata:
— Há mais de uma semana, aguardo a instalação de luz na Rua Paulino Coelho de Souza, 26, apartamento 103, e até agora nada. Os responsáveis vieram aqui e disseram que a porta estava fechada.

☞ Moradora do Bairro Navegantes reclama:
— Na esquina da Rua Santos Pedroso com a Avenida Sertório tem um enorme buraco. Está perigoso até para veículos grandes, como ônibus e caminhão, passarem.

☞ Morador de Eldorado do Sul alerta:
— A tampa de um bueiro quebrou e se abriu um enorme buraco na Avenida das Indústrias, próximo ao 1600, próximo ao

posto de gasolina Buffon.

☞ Moradora do Bairro Umbu, em Alvorada, informa:
— A Rua Caramuru, próximo ao 233, está virada em lama. Além disso, o lixeiro não recolhe o lixo quando passa. Já ligamos várias vezes para prefeitura para pedir patrolamento e coleta.



☞ Leitora do Parque dos Maias denuncia:

— A Escola Municipal Ensino Fundamental Jean Piaget está sem professor de matemática, português, ciências, história e geografia para o sexto ano do ensino fundamental.

☞ Moradora do Bairro Protásio Alves avisa:
— O Beco Souza Costa, próximo ao 1240, está igual a um queijo suíço. A rua está perigosa para andar de carro.

☞ Paciente do Sus diz:
— A Upa Assis Brasil está sempre lotada e normalmente é preciso aguardar mais de 11h por atendimento.

EXPLICAÇÃO AO POVO

@ A Seção Sul de Conservação do Dep executou a desobstrução de 90m de redes pluviais por hidroateamento, na Rua David Cherman, em frente ao 4855, no Bairro Restinga.



ANEXO S – PÁGINA 5 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 04/10/2013

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 4/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

5

Projeto pelo cano



ALINE CUSTÓDIO

aline.custodio@diario.gaucho.com.br

O tamanho de um cano está causando impasse entre a prefeitura de Porto Alegre e o Governo do Estado, atrasando em cinco meses a ampliação de 27% para 77% da capacidade de tratamento de esgoto na Capital. Para conceder ao Dmae a licença de operação da Estação de Tratamento de Esgoto (Ete) Serraria, a Fepam exige que seja ampliada em 1km a extensão do emissário (canalização) que conduzirá os dejetos tratados até o Guaíba.

— Desde o início da negociação, o Dmae sabia que deveria largar o esgoto tratado junto ao canal de navegação. Mas não seguiu o projeto inicial e pretende fazer o lançamento na enseada da Ponta Grossa. Nós não aprovaremos isso por pressão pública. O Dmae precisa

apresentar um estudo técnico comprovando que não haverá impacto ambiental — afirmou o diretor-presidente da Fepam, Nilvo Silva.

● Dmae rebate argumento

Nilvo reforçou que se os dejetos, mesmo que tratados, forem deixados na enseada quem sofrerá com o mau cheiro será a população local.

Morando às margens do Guaíba, na Vila dos Sargentos, a catadora Marinês de Alencar Hogando, 45 anos, é uma das

que poderia ser prejudicada, segundo a justificativa da Fepam. Mesmo sem a Ete funcionando, Marinês já reclama do mau cheiro. Vivendo em área irregular, ela despeja o esgoto domiciliar no lago.

— No verão, é quase impossível ficar em casa porque o cheiro que vem das margens do Guaíba entra na vila — contou Marinês.

Demonstrando indignação, o diretor-geral do Dmae, Flávio Presser, afirmou que a Fepam sabia do tamanho do cano. Inclusive, alega que já foram enviados estudos sobre impacto ambiental.



Marinês sofre com mau cheiro

FOTOS: MATEUS BRUNEL

“É desnecessária”

A Ete foi concluída em dezembro do ano passado. Porém, com a insistência da Fepam, o Dmae firmou um acordo com uma empresa do Rio de Janeiro para elaborar um novo relatório. Deverá ser entregue à Fepam na próxima semana.

— É uma exigência desnecessária. Para fazer toda a mudança, precisaria de R\$ 30 milhões. A Fepam não entende que levaríamos mais

dois anos para construir 1km de canalização — desabafou Flávio.

Enquanto a questão não é resolvida, Flávio afirma que continuam sendo jogados diariamente no Guaíba 150 milhões de litros de esgoto sem tratamento.

— Temos uma mancha de 1,3km no lago. Mas está parada uma grande obra que acabaria com esta situação.

SAIBA MAIS

- A Ete faz parte do Projeto Integrado Sociambiental (Pisa), da prefeitura de Porto Alegre.
- O projeto Pisa está aprovado pela Fepam desde 2008 e tem como principal objetivo ampliar a capacidade de tratamento de esgotos da Capital.
- A Ete Serraria custou R\$ 126 milhões.
- Oito tanques para tratamento de esgoto foram construídos em 5,6 hectares, onde serão tratados até quatro mil litros de dejetos por segundo.
- A Ete Serraria receberá o esgoto do Arroio Dilúvio, da área central e dos bairros Restinga, Ponta Grossa, Serraria e Ipanema.

SUS E O DRAMA DA SUPERLOTAÇÃO

O drama das emergências superlotadas virou doença crônica nos principais serviços do Sus em Porto Alegre. Enquanto esperam que as promessas políticas virem realidade, eles operam muito acima da capacidade. Ontem, o que o Conceição e o Clínicas tinham a oferecer para doentes eram cadeiras.

O Conceição, que pela manhã acomodava 129 pacientes em um espaço destinado a receber 50, já acumula três meses operando com, pelo menos, duas vezes mais doentes do que vagas. No Clínicas, a situação era pior ontem: com 49 leitos, acolhia 157 pessoas — mais do que o triplo.

— As condições são

precárias. Não há privacidade. Nossa equipe, mesmo com sobrecarga, consegue atender até 80 pessoas — descreveu o gerente operacional da emergência adulta do Clínicas, José Pedro Prates.

A situação agravou-se por um vazamento na enfermaria, o que fechou 16 dos 30 leitos. O problema deve persistir por pelo menos mais uma semana.

A emergência do Conceição mantém as portas abertas. Mas... Um problema é a falta de conforto. Não conseguimos oferecer o que seria direito das pessoas — relata a coordenadora da emergência do Conceição, Juliana Sommer.



Mai dá para passar pelos corredores

A situação de ontem

- Clínicas — 157 paciente para 49 leitos
- Conceição — 129 internados para 50 vagas
- São Lucas — 24 pessoas para 13 leitos

Ofertas Imperdíveis!

Com até 40 dias para pagar a/ juros

Linha Seca		Bebidas	
Arroz T1 Vivo Maria	6,99	Refrigerante Coca Cola 2Litros	2,99
Caravelas 1kg	1,34	Refrigerante Guaraná Antártica	2,99
Açúcar Refinado Caravelas	1,34	Leite Longa Vida Dália	2,19
Extrato de Tomate Cajamar	1,98	Meionese Hellmann's Sochê	1,49
Café Tradicional	6,99	Refrigerante Tixan YPE	3,98
Café Melitta	6,99	Lava Roupas Tixan YPE	3,98
Leite Longa Vida Dália	2,19	Carveja Skol Loito	2,19

COMO FAZER O SEU CARTÃO MADI?

-Identidade e CPF -Comprovante de Residência
-Comprovante de Renda -Até 40 dias para pagar sem juros

Ofertas Válidas de: 04/10/2013 à 08/10/2013 - enquanto durarem os estoques

Av. Andaraí, 172 - Morada do Vale III - Fone: 3421.2240 - Gravataí - RS

Salvo erro de impressão. Em respeito aos nossos clientes não vendemos por atacado. Alguns produtos podem estar limitados por cliente. - Desempenhamento Cartão: Fone: 3421.1187

ANEXO T – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 05/10/2013 E 06/10/2013

Kit Cozinha Organizada **20**

Organize-se: hoje tem mais um selo.

Promoção **JUNTE & GANHE** Kit Cozinha Organizada

Patrocínio **Mr Músculo**

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua carteira.

Alfabetização é problema para catadores

SEM SABER LER, CLAUDIOMIRO RAMOS NÃO PÔDE SE INSCREVER EM CURSO DE CARPINTEIRO

PÁG. 3

MATEUS BRUXEL

R\$ 1

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 – Nº 4.195 – PORTO ALEGRE, SÁBADO, 5/10/2013, E DOMINGO, 6/10/2013 – JORNAL DO GRUPO RBS – WWW.DIARIOGAUCHO.COM.BR

DIREÇÃO TROCA COMANDO EM BUSCA DE REAÇÃO

Tchau, Dunga. E aí, Abel?

BRASILEIRÃO 2013

Clemer fica na casamata

Campeão do mundo é a bola da vez

DOMINGO - 16H

SÁBADO - 18H30MIN

TRICOLOR EM DUELO DIRETO PELA VICE-LIDERANÇA

PÁGS. 10 E 11

PÁG. 12

A EDUCAÇÃO PRECISA DE RESPOSTAS.

Mestres que dão mais que o exemplo

PÁG. 6

Irmã Pierina é exemplo de que não se ensina só com livros, mas também com atitudes

Olá!

O astro abre o coração

Bullying que afeta os obesos

6

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 5/10/2013, E DOMINGO, 6/10/2013

Ensinando lições para a vida

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

Nem todas as lições que aprendemos na escola estão nos livros. Professores marcam a vida dos estudantes a partir de bons exemplos. Para destacar essa função, o Diário destaca quatro personagens que atuam em projetos voltados à educação de crianças e adolescentes. Eles citam seus mestres inesquecíveis.



O BOI DA CARA PRETA

será o porta-voz da nova fase da campanha A Educação Precisa de Respostas. O monstro e seu filhote vão provocar a discussão sobre a valorização do professor e o espaço da escola como centro de saber e desenvolvimento.

É preocupante que só 2% dos jovens que concluem o ensino médio queiram ser professores. A proposta é dar visibilidade ao papel estratégico do professor no cotidiano escolar e a relevância de sua atuação para a melhoria da qualidade da educação.



Irmã Pierina estende a mão para a gurizada



Educar por atitudes

Para a Irmã Pierina Lozeroni, 70 anos, diretora da Pequena Casa da Criança, na Vila Maria da Conceição, há 11 anos, o professor deve dar o exemplo, educar por atitudes, não só via livros.

– O professor tem que educar por amor. Isso não quer dizer que não seja severo – observa a religiosa. Ela lembra de modo especial de Geni Araújo Rebechi (já falecida), que a alfabetizou, em Passo Fundo: era bondosa, acolhedora,

sabia dar estímulo aos alunos com mais dificuldade:

– Me espelhava nela, gostava de ajudar meus colegas. Ela nos educava no amor e na fraternidade.

Irmã Pierina destaca ainda o professor de Sociologia Religiosa, padre Ernesto Gueth (já falecido), como uma referência:

– As aulas dele nos colocavam com os pés no chão, ensinava a olhar a realidade com os olhos da razão e do coração.

FOTOS LIVIA STUMPF

Encaminhamento para a vida

Quem ouve a história de Marlene Aruda Cardoso dos Santos, 44 anos, coordenadora do Movimento por uma Infância Melhor (Mim), entende como um professor e uma oportunidade podem marcar a vida de um estudante.

Por ser esforçada na infância, Marlene ganhou uma bolsa de

estudos numa instituição particular em Santa Rosa (a 486km da Capital), onde nasceu. Lá, teve a irmã Gilberta (já falecida), como professora. Do jardim à quinta série, ela foi educada pela freira:

– Era rígida. Tinha atitudes que eu não gostava. Mas hoje vejo que me ensinaram muito.

Entre as lições mais importantes estão a honestidade, a disciplina e a ajuda aos outros – valores que ela procura repassar às crianças. Marlene oferece atividades socioeducativas no turno inverso ao da escola a 82 crianças e adolescentes entre seis e 15 anos do Bairro Bom Jesus.



Freira é a inspiração de Marlene

Lolô repassa lições de alegria



LUIZ ARMANDO VAZ

Ter paciência e amar o que se faz

Com lágrimas nos olhos, a educadora Losângela Ferreira Soares, a Tia Lolô, 48 anos, lembra com carinho da professora da terceira série, na Escola Estadual Adonis dos Santos, na Vila Martinica, em Viamão. Conta que o cabelo era branquinho, que a professora tinha um cheirinho bom, de banho tomado, e recorda até da negamaluca que Eva Weingaertner levava para a merenda.

Rua Profª Eva Weingaertner dos Santos
Bairro Florescente
CEP 94.455-340

Além da memória, Lolô conta com uma **placa de endereço** de sua que tem o nome de Eva (já falecida) na Parada 44 de Viamão, para manter viva a lembrança:

– Era querida, faceira. Me ensinou que é preciso ter paciência e amar o que se faz.

A característica maternal da professora foi uma inspiração para Lolô criar a Associação Comunitária Beneficente Tia Lolô, na Vila Orieta, há quase duas décadas. Hoje, atende 80 crianças e adolescentes.

Para ensinar a ser cidadãos

Há 20 anos, Luiz Carlos Leite Bastos, 60 anos, o Tio Boneco, fundou a Associação Atlético Juventus Futebol Clube, na Lomba do Pinheiro. De lá para cá, 2,5 mil guris já passaram pela escolinha (hoje são 120 meninos de seis a 16 anos). São 280 troféus e 300 medalhas em duas décadas.

– A gente ensina para a gurizada ser cidadã. Eles têm de estar bem no colégio para jogar – conta Tio Boneco.

Foi uma sueca, diretora do Instituto Lar Esperança, no Morro Santana, que passou a ele a lição mais importante: – Ela falava que tínhamos de aprender uma profissão. Se não desse certo no futebol, a gente seria chefe de família.



Tio Boneco (C) é o craque da galera

Guia de Ofertas

CURSOS Mecânicos de:

Faça 3 cursos por: 3 x R\$ 390,00 ou Individual 690,00 cada

- AR COND AUTOMOTIVO
- ELÉTRICA AUTOMOTIVA
- SOM - ALARME - TRAVA
- PELICULAS - ADESIVO - ENVELOPP

Acetilamos Master e Visa

AR SPLIT
REFRIGERAÇÃO
LAVADORAS

Pacote Especial OFERTA Consulte!

Plantão Fone: **3019-1563 3084-6229**
www.socursos.br30.com

Av. Farrapos, 1659 - P. Alegre.

Informe Comercial - 5 de outubro de 2013

ANEXO V – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 05/10/2013 E 06/10/2013

PORTO ALEGRE, SÁBADO, 5/10/2013, E DOMINGO, 6/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

FUTURO INCERTO

Sem catar, sem ler e sem sonhar

RESUMO DA NOTÍCIA

Além da restrição da circulação em 31 bairros da Capital, catadores analfabetos têm dificuldade extra: maioria dos cursos de qualificação exige escolaridade.

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

Enquanto a série de ações que pretende reduzir a circulação de carroças e carrinhos na Capital até 2015 é identificada como um programa de inclusão na reciclagem, catadores como Claudiomiro Pereira Ramos, 42 anos, da Ilha Grande dos Marinheiros, se dizem excluídos do programa Todos Somos Porto Alegre.

Por ser analfabeto, há poucos dias ele soube no Car da região em que vive que não

poderia ser inscrito nos cursos de qualificação oferecidos pelo programa. Pelo menos 20% dos carroceiros e carrinheiros que estão no programa não sabe ler nem escrever. — Me senti um lixo. Foi uma humilhação. Estou sendo excluído porque quem não sabe ler não é cadastrado. E isso não é justo.

● Pretensão era cursar carpintaria

Ele se apressa em explicar o motivo da falta de estudo:

— A miséria na época em que eu fui criado era tanta que tive que trabalhar para ajudar a minha mãe.

Miro, como é conhecido, estava interessado em um curso de carpintaria. Na carteira de trabalho, tem experiência registrada em serralheria. A intenção de ser carpinteiro veio a partir das lições que aprendeu com o pai. Miro, inclusive, fez a própria casa de madeira. A mobília veio de doações recebidas nos locais onde busca material reciclável.

● Esposa teve melhor sorte

Como estudou até a quinta série, a esposa dele, Janaina Pires Benites, 32 anos, conseguiu fazer a inscrição no programa. Quería o curso de carpintaria mas só conseguiu vaga no de auxiliar de cozinha.

— Vou continuar com a carroça até quando der (a zona onde ele busca materiais só sofrerá restrição em 2015). Quando mandarem parar, vou ter que achar outro jeito de sobreviver. O que importa é ser honesto — define Miro.



FOTOS MATEUS BRUXEL

Miro não pode fazer o curso desejado

"Dependemos disso"



Sandra está preocupada

Carroceira há dez anos, Sandra Regina Almeida dos Santos, 39 anos, ainda não procurou os cursos de qualificação para encontrar uma nova profissão, mas ficou preocupada por não ser alfabetizada. — Tive paralisia infantil, por isso não consigo subir na carroça. Mas meu filho sai com ela e eu separo o material em casa. Dependemos disso — conta a mãe de sete filhos, que tem uma dívida de R\$ 4 mil da aquisição da carroça e do cavalo.

Presidente da Associação dos Moradores, Carroceiros e Papeiros da Ilha Grande dos Marinheiros, Venâncio Francisco de Castro teme que a colocação no mercado de trabalho não seja fácil: — Como é que vamos competir? Para trabalhar como pintor, por exemplo, exigem até a oitava série. Boa aparência, estudo, nada disso a gente tem. Tem gente que nasceu e se criou em cima de uma carroça e não teve tempo de ir para a escola.

DE OLHO NA LEI

✓ Desde o dia 1º, carroceiros e carroceiros não podem circular em 31 bairros da Capital.

✓ Quem for flagrado pela EPTC, será advertido. Na reincidência, será multado em R\$ 20, além de ter o veículo e/ou o animal recolhidos.

✓ Informações: 156

O assunto já foi notícia no Diário



1/10/2013

Equívoco admitido

Coordenador do Programa de Inclusão Brasi Alfabetizado, mas o interesse foi baixo. Ainda estão abertas as vagas para alfabetização. Segundo ele, 20% dos cadastrados no programa não sabem ler e escrever. Outra intenção é absover os analfabetos nas Unidades de Triagem e buscar alfabetizá-los posteriormente.

Informações nos Car de sua região.

disponibilizados cursos por meio do programa Brasi Alfabetizado, mas o interesse foi baixo. Ainda estão abertas as vagas para alfabetização. Segundo ele, 20% dos cadastrados no programa não sabem ler e escrever. Outra intenção é absover os analfabetos nas Unidades de Triagem e buscar alfabetizá-los posteriormente. Informações nos Car de sua região.



Assina com o dedo

BIG

Preços válidos de 05 a 11/10/2013.

Dia das CRIANÇAS

Simplifica
Vem pro BIG

COBRIMOS O PREÇO

da concorrência direto no caixa. Simples e fácil.

Boneca Meninas

- Mik
- Fala 20 Frases

De R\$ ~~34,90~~

Por R\$ **30,00**

Carro de Fricção

- Yellow
- Iron Man
- Ref.: 5310

De R\$ ~~32,90~~

Por R\$ **29,90**

Bicicleta Aro 12 Caloi

- Barbie/Hot Wheels

à vista R\$ **299,90** cada

10x R\$ **29,99** sem juros

Validade para os Hipermercados BIG Porto Alegre e Grande Porto Alegre, de 05 a 11/10/2013, enquanto durarem os estoques. Em respeito aos nossos clientes, não vendemos por atacado. Fotos meramente ilustrativas. Briqueados em até 10x sem juros nos cartões Hipercard e Walmart, com parcela mínima de R\$ 15,00. Demais cartões, consulte política de pagamento nas lojas.

ANEXO W – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 07/10/2013

Kit Cozinha Organizada
21
Um selo, três potes e dezenas de utilidades.

Promoção **JUNTE E GANHE**
Kit Cozinha Organizada

Patrocínio **Mr. Músculo**

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua carteira.

3.720 vagas para o Natal

Thainá Oliveira vai aproveitar os temporários para ser assistente do Papai Noel

PÁG. 3

ARTE DE ALEXANDRE OLIVEIRA SOBRE FOTO DE LÍVIA STUMPF

DIÁRIO GAÚCHO

RS **0,90**

ANO 14 - Nº 4.196 - PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 7/10/2013 - JORNAL DO GRUPO RBS - www.diariogaucha.com.br

BRASILEIRÃO 2013

CLEMER COMANDA O DOMINGO COLORADO

1x0
INTER FLU

Vitória interina

✓ **Damião volta a marcar**

✓ **Roth é sondado pela direção**

✓ **Abel: "Não esperem por mim"**

0x1
BOTAFOGO GRÊMIO

Com o pé na Libertadores

Tricolor comemora a boa fase

De volta a Caxias, Damião fez o gol contra o Fluminense aos 34 do segundo tempo

WAGNER MEIER/AGF/ESTADÃO CONTEÚDO

POLÍCIA

Colete salva capitã da BM

PÁG. 29

AMOR À VIDA

Sexo na terceira idade

PÁG. 17

VIOLÊNCIA

Três mortes na Restinga

PÁG. 29

Cacalo: bastidores do Rio

Guerrinha: vitória importante

Kenny: força positiva

Pedro: muralha humana

PÁGS. 8 A 12

abdo
Advogados

Direito Bancário
Direito Tributário
Direito Civil/ Penal
Revisional de Juros

S/ 3582.9000
www.abdo.com.br

DAI/RBS 172

ANEXO X – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 07/10/2013

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 7/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

ESPAÇO DO TRABALHADOR

CÁREN CECÍLIA BALDO

Informações, sugestões e críticas pelo telefone 3218-1885, pelo fax 3218-1818, pelos e-mails: caren.baldo@diariogaucha.com.br ou empregos@diariogaucha.com.br



Acompanhe o blog: www.diariogaucha.com.br/trabalhador

TRABALHO TEMPORÁRIO

LIVIA STUMPF



Enxurrada de vagas natalinas

Thainá será Noelete

RESUMO DA NOTÍCIA

Empresas da Capital e Região Metropolitana já oferecem 3.720 oportunidades com prazo determinado, neste período que antecede as festas de final de ano.

CÁREN CECÍLIA BALDO
caren.baldo@diariogaucha.com.br

A experiência de dois anos como trabalhadora temporária colabora para que Thainá Oliveira, 19 anos, moradora do Jardim Itu Sabará, em Porto Alegre, queira manter-se nas oportunidades com prazo determinado. Tanto é que ela aproveitará a enxurrada de vagas que estão sendo abertas agora para o período pré-Natal e será, mais uma vez, Noelete – ou, em outras palavras, assistente do Papai Noel.

A oportunidade que ela já conquistou está entre as funções oferecidas nas 3.720 vagas temporárias atualmente em aberto principalmente na Capital e Região Metropolitana, segundo levantamento feito pelo Diário Gaúcho.

– Minha mãe é supervisora de eventos, comecei com ela. E acho ótimo ser temporária, pois nunca enjoa do que faço, é sempre algo diferente e por um período curto – explica Thainá. Ela mesma faz sua

escala. Costuma tirar férias nos meses de janeiro e fevereiro. Entretanto, de março a dezembro, é praticamente um trabalho atrás do outro:

– A maior folga que terei será do dia 13, quando acaba o temporário que estou agora, até 1º de novembro, quando vou começar como Noelete.

● Crianças entregam bicos

No ano passado, ela já trabalhou com o Bom Velhinho e adorou. Conta que as crianças lhe entregaram bicos e cartinhas, como se a própria fosse o Papai Noel.

Na próxima temporada na função, atuará entre 1º de novembro e 25 de dezembro, com jornada de seis horas diárias. Para isso,

receberá R\$ 80 por dia – ou cerca de R\$ 4,4 mil pelo período.

● Sorriso amarelo para as gracinhas

Thainá diz que a cobrança é grande para conquistar uma vaga – ela mesmo já perdeu algumas em recepção de eventos devido à altura de 1,63m, já que o mínimo deve ser 1,70m.

É preciso estar bonita, falar bem, ter boa postura e simpatia. Mesmo adorando o que faz, reconhece que, por vezes, tem quem abuse.

– O assédio é grande. Mas temos que tratar bem as pessoas e fazer aquele sorriso amarelo para eventuais gracinhas. É preciso saber ter sangue frio para lidar com essas situações – aconselha.

Oferta de qualificação gratuita

Thainá foi contratada como Noelete para atuar no Barra Shopping, em Porto Alegre, por meio da agência Essência Promoções. Além das vagas em promoção de vendas (veja no quadro), a empresa está selecionando mais mulheres para a função de assistente do Papai Noel e, ainda, animadores. Estes devem interagir com as crianças, contando histórias.

Para ambas as atividades, é fundamental ter afinidade com o público mirim.

● Oficina de formação para demonstradoras

Interessados nas demais funções oferecidas pela Essência podem aproveitar, inclusive, para se qualificar: de acordo com a recrutadora Iris Nunes, a agência oferece,

de graça, uma oficina de formação básica para demonstradoras e degustadoras. Será nesta terça-feira, dia 8.

Para se inscrever, é preciso cadastrar-se no site www.essenciapromocoes.com.br/vagas e, após, enviar e-mail para rh@essenciapromocoes.com.br, solicitando a participação no curso.

Confira as oportunidades

Allis

● Vagas: vendedores (100), auxiliares de loja (100), estoquistas (100), operador de caixa (75), auxiliar de depósito (150), promotor repositor (50), demonstradora (50)

● Concorra: currículo para o e-mail recrutamento.poa@allis.com.br

● Informações: 3214-4650.

AST

● Vagas: vendedoras (600), fiscal de loja (300), atendentes (300), operadoras de caixa (250), call center (250), operadores de máquina (100)

● Concorra: currículo para o e-mail vagas@astfacilities.com.br ou vá à Avenida dos Estados, 1383, Capital.

● Informações: 3254-8400.

Chance Master RH

● Vagas: auxiliar carga/descarga (25), auxiliar de estacion. (10), auxiliar de estoque (10), auxiliar de piscina (10), auxiliar de produção (25), atendente (10), conferente (10), fiscal de loja (12), motorista (10), operadora caixa (15), promotora (20), segurança (15), vendedora (20), vendedor para livraria (10).

● Concorra: currículo na Av. Alberto Bins, 982, Porto Alegre, ou na Av. Frederico Ritter, 41, sala 201, em Cachoeirinha.

● Informações: 3225-7233

Cursor RH

● Vagas: auxiliar de loja (5), auxiliar de cobrança (10), auxiliar de almoxarifado (10), marceneiro para estofaria (5), costureira para estofaria (3), bilheteria de cinema (5), subgerente de loja (3)

● Concorra: currículo na Rua Andrade Neves, 90, sala 74, Porto Alegre.

● Informações: 3029-7374.

Essência Promoções

● Vagas: 150 para demonstradoras, promotores e animadores

● Concorra: currículo para o e-mail rh@essenciapromocoes.com.br, mencionando no assunto "natalinos", ou compareça à Rua Alberto Silva, 332, Vila Ipiranga, em Porto Alegre.

● Informações: 3362-6750.

Gope RH

● Vagas: 465 para repostos e demonstradores

● Concorra: envie currículo por e-mail para recrutamento@gope.com.br ou rose@gope.com.br

● Informações: 3029-3144

Hering Store

● Vagas: vendedores – shoppings (20)

● Concorra: currículo na Avenida Mauá, 2011, 13º andar, em Porto Alegre.

Lojas Paqueta

● Vagas: caixas (73), auxiliares de loja (53), vendedores (147)

● Concorra: currículo por e-mail para rh@paqueta.com.br

● Informações: www.paqueta.com.br

Lojas Riachuelo

● Vagas: 50 para assistentes de vendas, assistentes de crédito, fiscais de loja, caixas operadoras, estoquistas, promotores de cartões

● Concorra: seu currículo por e-mail, conforme o local de preferência para trabalhar. São eles: ger058@riachuelo.com.br (Bourbon Country), ger028@riachuelo.com.br (Bourbon Wallig), ger026@riachuelo.com.br (Canoas Shopping), ger203@riachuelo.com.br (Praia de Belas) e gravata@riachuelo.com.br (Gravata)

Planejar RH

● Vagas: ajudante de entregas (20), conferente (10), motorista (8), vendedores (10), promotor de vendas com moto (7), promotor de vendas (5), auxiliar de depósito (12), auxiliar de fábrica (22)

● Concorra: currículo por e-mail para vaga@planejarh.com.br

● Informações: 3471-7083.

O Centro de Pesquisas em Diabetes está selecionado voluntários para participar de estudos clínicos.

Sujeitos com: Glicose no sangue acima 100 mg/dL (glicemia de jejum); Diabetes; Não estar usando medicação para o diabetes.

Interessados entrar em contato pelos telefones: (51) 3268-7464 ou (51) 3268-4276, em horário comercial.

ANEXO Y – CAPA DO DIÁRIO GAÚCHO DE 08/10/2013

Kit Cozinha Organizada
22

O kit conserva os seus doces gostosos. O selo conserva a sua cartela atualizada.

Para ganhar o Kit Cozinha Organizada, recorte os selos e cole na sua cartela.

Promoção **JUNTE E GANHE**
Kit Cozinha Organizada

Patrocínio **Mr. Músculo**

DIÁRIO GAÚCHO

ANO 14 – Nº 4.197 – PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 8/10/2013 – JORNAL DO GRUPO RBS – www.diariogaicho.com.br

Chamando o táxi na ponta do dedo

Luciana Vasconcellos usa o smartphone para receber chamadas

PÁG. 8

R\$ 0,90

Pedestre sofre na ERS-118

PÁG. 34

CANO EM EMPRESAS DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Golpe do tijolo dá prejuízo de **R\$ 500 mil**



Ellen Roche, a Mulher Mangaba, bate um papo com o DG

A FRUTA MAIS LINDA DA FEIRA

PÁG. 19



Clemer ganha tempo no Inter

PÁG. 11

BAHRATO

Mais de **R\$ 660** em cupons de descontos nesta edição

STJ decide sobre pensão para amante

PÁG. 4

ANEXO Z – PÁGINA 3 DO DIÁRIO GAÚCHO DE 08/10/2013

PORTO ALEGRE, TERÇA-FEIRA, 8/10/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3

ÉPOCA DE BIENAL

Uma lida pra lá de cultural

ROBERTA SCHULER

roberta.schuler@diariogaucha.com.br

– É de surpreender! Quem nunca veio, venha: vale a pena!

Empolgada, a segurança Alessandra Rodrigues, 35 anos, do Bairro Rubem Berta, fez o convite para a 9ª Bienal do Mercosul | Porto Alegre. Até o dia 10 de novembro, é possível ver a exposição de arte contemporânea na Usina do Gasômetro, no Museu de Arte (Margs), no Memorial do Rio Grande do Sul e no Santander Cultural. A entrada é gratuita.

Alessandra, o colega Douglas Severo, 22 anos, do Rubem Berta,

e as auxiliares de limpeza Sônia Rosa Domingos, 58 anos, do Navegantes, e Janaina Maria Ferreira, 39 anos, do Partenon, estão perto de algumas das cem obras de 59 artistas de 26 países. Mas não como espectadores: eles ajudam na limpeza e na segurança.

Na sexta-feira, foram convidados pelo Diário a mudar a perspectiva: por duas horas, experimentaram sensações, se emocionaram, se divertiram e saíram a curiosidade. Para entrar no clima, o DG publica o título e uma foto para virar sua cabeça.



Eles se reforcem para ver a obra... e você para ler a legenda

As obras favoritas

Como a Bienal foi inaugurada há quase um mês, os colegas já têm as obras favoritas no Memorial. Sônia escolheu a instalação *Viajante Engolido pelo Espaço*, um grande "tapete" feito de ferrugem criado pela artista mineira Cinthia Marcelle.

– Essa é a obra mais bonita, mas é que dá mais trabalho.

Janaina concordou e acrescentou que é a obra que mais lhe rende preocupação por conta da fragilidade. Antes de ser instalada uma proteção, o receio era que algum visitante pisasse na ferrugem.

Alguns acidentes até aconteceram, mas nada que tirasse o impacto do tapete que a cada dia se modifica

naturalmente por conta do clima e de pequenas marcas feitas por insetos e outros bichinhos que caminham sobre ela.

A obra *O que você está fazendo aqui?*, da chinesa Cao Fei, que tem árvores nas quais são pendurados uniformes de trabalhadores de uma fábrica, provocou uma reflexão para Douglas. Ele se emocionou ao relacionar o espírito da obra com a sua rotina.

– Aqui, a gente aprende que cada obra tem um significado para a nossa vida. Estamos vivendo quase o mesmo momento dessas pessoas, também trabalhamos 12 horas para dar uma vida melhor a nossos filhos – explicou.



Tapete de insetos diverte Sônia

Última parada

Na entrada do Santander Cultural, a *Musa de Lama*, de Robert Rauschenberg (1925–2008), uma espécie de piscina na qual o conteúdo borbulha por efeito de válvulas de ar e também estimulado pela captação de som do local, atraiu a atenção do grupo.

– Para mim, é maravilhoso, muito interessante estar aqui. Amo de paixão – revelou Sônia.

Em seguida, foi a *lula-gigante*, do peruano David Zink Yi, que roubou a cena. Feita de cerâmica, revestida com cobre, chumbo, água, xarope de milho e tinta, impressionou pelo realismo. Os visitantes se impressionaram também com *Fulgurito* (relâmpago petrificado).

O artista americano

Allan McCollum fez a mão dez mil réplicas de fulgurito. Por fim, a obra da mexicana Fritiza Izar impactou o grupo: um pequeno diamante. Mas a joia foi feita em um laboratório que fabrica diamantes usando mechas de cabelo.

● Arte rica, história triste

Para a obra, foi usada a franja de uma mulher da comunidade indígena Tarahumara, que enfrentou a estiagem mais severa de sua história, sofrendo com a fome.

– Como é que pode, né? – disse Sônia. Alessandra emendou:

– Um produto tão rico tem uma história tão triste.

O Gasômetro completa os locais da 9ª Bienal.



Douglas fez relação com sua rotina

A preferida de Alessandra é a obra que tem duas teclas de piano sobre uma espuma. De tanto ouvir os mediadores, ela diz que já poderia ajudar os visitantes:

– De tanto colocarem o dedo, virou um queijo suíço! Mas não pode tocar!

Diversão no Margs

No Margs, a reação da turma foi de encantamento. Alessandra não conhecia a imponência do prédio e achou linda a escadaria. Sônia se alegrou por reencontrar antigos colegas e Douglas registrou tudo o que viu com o celular.

– Adorei a pirâmide de caixas – disse ele diante da *Caverna de Morcego* (foto abaixo, à esquerda), do norte-americano Tony Smith.

O trio espichou o pescoço para alcançar os ângulos da obra dos anos 1960. Alessandra se apegou em

perguntar se era permitido caminhar sob a instalação:

– Eu vejo isso como um labirinto.

Ao chegar próximo à escultura *Transmissão de Dez Minutos*, de Jennifer Allora e Guillermo Calzadilla, formada por centenas de cabides de arame, um rádio amador e um programa de computador, Alessandra disparou:

– Gostei dessa! Quando entrei, achei que fosse um avião. Já o *Balé Magnético*, do grego Takis, fez o grupo se divertir. Eles pararam diante da esfera suspensa e riram a valer (confira foto desta obra na capa do jornal).

– Viram! O nosso magnetismo mudou a bola de lugar – comentou Sônia.

Saiba mais

As obras estão expostas nos seguintes locais

- Memorial do Rio Grande do Sul (Rua Sete de Setembro, 1020), de terça a domingo, das 9h às 19h
- Santander (Rua Sete de Setembro, 1028), de terça a domingo, das 9h às 19h
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado

Malagoli (Praça da Alfândega, s/nº), de terça a domingo, das 9h às 19h

- Santander (Rua Sete de Setembro, 1028), de terça a domingo, das 9h às 19h, quintas, das 9h às 21h

● Gasômetro (Av. Presidente João Goulart, 551), de terça a domingo, das 9h às 21h

- A programação está em 9bienalmercosul.art.br.
- Agendamento de grupos pelo 3212-7007.



Alessandra já poderia ser instrutora